

JOHN PIPER

LENDO A

Bíblia

DE MODO

Sobrenatural

**PROVANDO E VENDENDO A GLÓRIA
DE DEUS NAS ESCRITURAS**





JOHN PIPER

LENDO A

Bíblia

DE MODO

Sobrenatural

**PROVANDO E VENDO A GLÓRIA
DE DEUS NAS ESCRITURAS**



JOHN PIPER

LENDO A

Bíblia

DE MODO

Sobrenatural

**PROVANDO E VENDO A GLÓRIA
DE DEUS NAS ESCRITURAS**



“Poucos livros devem ser recomendados tanto para leitores iniciantes quanto para leitores maduros da Bíblia. No entanto, este é um deles. Com exposições breves e acuradas de versículos frequentemente ignorados, John Piper explica por que devemos ler a Bíblia, a obra do Espírito em nossa leitura bíblica, as capacidades e os hábitos fundamentais de leitura bíblica fiel. Não posso deixar de pensar que todo cristão sério se beneficiará da leitura deste livro.”

D. A. Carson , professor de pesquisa
Novo Testamento, Trinity Evangelical Divinity School;
cofundador, The Gospel Coalition

“Excelente. Profundo. Lendo a Bíblia de Modo Sobrenatural guiará o leitor à adoração fascinada e admirada com o plano divino para a Palavra de Deus, como instrumento para magnificar sua glória incomparável. Ver e provar o Deus das Escrituras é um chamado extraordinariamente elevado que todo crente deve seguir; e nenhum outro homem pode nos levar à realização deste chamado como John Piper. Este livro, escrito em linguagem acessível e profundo em conteúdo, é muito mais do que um manual ou um guia de estudo das Escrituras. Em vez disso, é um convite à experiência que Deus planejou que tenhamos com sua Palavra – uma experiência que é dependente do Espírito, edificante da fé e instigadora de adoração.”

Louie Giglio , pastor, Passion City Church, Atlanta;
fundador, Passion Conferences; autor, The Comeback

“Tenho lido a Bíblia todos os dias por trinta e cinco anos. Este livro mudou meu ânimo, motivos e satisfação. Duvido que lerei as Escrituras da mesma maneira outra vez. Anseio por tempos mais profundos e mais maravilhosos em que ficarei sozinho com a Palavra, nos dias por vir. Esta obra é uma leitura imprescindível para todos que desejam levar a sério o estudo da Bíblia.”

Francis Chan , autor best-seller, Crazy Love e Forgotten God

“O tema aparentemente comum de ler a Bíblia nos introduz em um mundo de graça sobrenatural para pecadores. Com referência constante às Escrituras Sagradas, John Piper nos mostra como

acautelar-nos do fermento dos fariseus e ler pela luz de Cristo. Todavia, Piper não nos recomenda misticismo passivo, e sim estudo diligente no melhor dos livros; ele é metódico, prático e completamente envolvente. Leia-o.”

Joel R. Beeke , presidente,
Puritan Reformed Theological Seminary

“*Lendo a Bíblia de Modo Sobrenatural* nos lembra por que não podemos descansar enquanto cada pessoa na terra não tiver acesso à Bíblia em sua própria língua. Tribos, línguas, povos e nações estão perecendo sem acesso a (ou oportunidade de conhecer) este Deus glorioso por meio deste livro glorioso. John Piper fomenta a urgência de nosso chamado como igreja de Jesus Cristo para aprofundar nossa apreciação pela Palavra que Deus usa para um objetivo missionário – sua glória eterna e mundial.”

Michael Oh , diretor executivo global, Movimento Lausann e

“*Lendo a Bíblia de Modo Sobrenatural* é um alerta franco e convincente para aqueles que leem a Bíblia de maneira passiva, resistente, mecânica e indiferente (o que todos nós somos em um momento ou outro), para nos tornarmos escavadores ávidos, dispostos, inquiridores e diligentemente observantes do tesouro que há no texto – com plena expectativa de que Deus nos leve da morte para a vida, da insensatez para a sabedoria, do desespero condenatório para a gloriosa esperança por meio de sua Palavra.”

Nancy Guthrie , professora de Bíblia; autora da série de estudos bíblicos *Seeing Jesus in the Old Testament*

“Se você desconecta a Bíblia da glória de Deus, perde sua compreensão de ambas. Que coisas terríveis ouvimos as pessoas dizerem sobre estes dois temas, quando entendidos isoladamente. John Piper os une e expõe uma admiravelmente elevada doutrina da Escritura, associada com uma doutrina intimamente experiencial da glória de Deus. Ler a Bíblia de modo sobrenatural não é apenas uma das atividades proveitosas que constituem a vida cristã. Mantido no contexto apropriado, visto na perspectiva plena e aceito em reconhecimento vívido da voz do Deus trino, ler a Bíblia é o ato central da existência cristã. Este livro, um tipo de explanação

ampliada e hedonista do Salmo 119, é um convite ao milagre da leitura bíblica.”

Fred Sanders , professor de teologia,
Torrey Honors Institute, Biola University;
autor, *The Deep Things of God: How the Trinity Changes Everything*
9

“Nenhum outro livro me inspirou tanta expectativa por aproximar-me da Bíblia quanto *Lendo a Bíblia de Modo Sobrenatural* . Leia este livro por sua conta e risco, porque ele inflamará sua vida devocional. Você se verá procurando o tesouro da Bíblia, examinando com atenção cada passagem, orando e confiando que Deus mesmo abrirá seus olhos para ver e provar a glória dele. Não permita que o tamanho deste livro o engane; ele é claro, acessível e inspirador. De fato, é o livro mais prático, empolgante e motivador que já li sobre ler a Bíblia. Leia-o. Aplique-o. Prove-o. Este livro transformará sua maneira de lidar com a Palavra de Deus.”

Vaneetha Rendall Risner , autora,
The Scars That Have Shaped Me

“Depois de haverem lido esta obra, os leitores não se voltarão para a Escritura de maneira desatenta e indiferente, e sim com um apetite renovado e estimulado por encontrarem-se com o Deus de glória que a inspirou e que pode ser achado e desfrutado novamente por meio das páginas da Escritura. O próprio apetite insaciável de John Piper por comunhão com Deus fala de maneira inspiradora.”

Terry Virgo , fundador, Newfrontiers

Lendo a Bíblia de modo sobrenatural: vendo e desfrutando da glória de Deus na escritura
Traduzido do original em inglês:
Reading the Bible supernaturally: seeing and savoring the glory of God in Scripture
Copyright © 2017 by John Piper.

■

Publicado por Crossway Books,
Um ministério de publicações de Good News Publishers
1300 Crescent Street
Wheaton, Illinois 60187, USA.

Copyright © 2018 Editora Fiel
Primeira Edição em Português: 2018

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por Editora Fiel da Missão Evangélica Literária

PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTE LIVRO POR QUAISQUER MEIOS, SEM A PERMISSÃO ESCRITA DOS EDITORES, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE .

■

Diretor: James Richard Denham III
Editor: Tiago J. Santos Filho
Tradução: Franscisco Wellington Ferreira
Revisão: Marilene Lino Paschoal
Diagramação: Rubner Duraís
Capa: Rubner Duraís
Ebook: João Fernandes
ISBN EBOOK: 978-85-8132-451-7

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

P665
1 Piper, John
Lendo a Bíblia de modo sobrenatural: vendo e desfrutando da glória de Deus na escritura/
John Piper. –
São José dos Campos, SP: Fiel, 2018.
2Mb ; ePUB
Tradução de: Reading the Bible Supernaturally: Seeing and Savoring the Glory of God in Scripture.
Inclui referências bibliográficas
ISBN 978-85-8132-451-7
1. Bíblia – Leitura. 2. Bíblia – Uso devocional. 3. Glória de Deus
I. Título.

CDD: 220.6



Caixa Postal, 1601
CEP 12230-971
São José dos Campos-
SP
PABX.: (12) 3919-9999
www.editorafiel.com.br

A
todos que me ajudaram a ver
a luz da glória de Deus na Escritura,
um legado de iluminação compartilhada

SUMÁRIO

[Prefácio](#)

[Introdução](#)

[O Alvo Supremo de Ler a Bíblia](#)

[Introdução à Parte 1 A Proposta](#)

[Lendo a Bíblia com Vistas ao Alvo Supremo de Deus](#)

[Lendo a Bíblia com Vistas à Adoração Fervorosa](#)

[Lendo para Ver Dignidade e Beleza Supremas, Parte 1](#)

[Lendo para Ver Dignidade e Beleza Supremas, Parte 2](#)

[Lendo para Ver Dignidade e Beleza Supremas, Parte 3](#)

[Lendo para desfrutar a excelência de Deus, Parte 1](#)

[Lendo para Desfrutar a Excelência de Deus, Parte 2](#)

[Lendo para Ser Transformado, Parte 1](#)

[Lendo para Ser Transformado, Parte 2](#)

[Lendo com Vistas à Consumação](#)

[O Ato Sobrenatural de Ler a Bíblia](#)

Introdução à Parte 2

A Necessidade e a Possibilidade de Ler a Bíblia de Modo Sobrenatural

Por que os Fariseus Não Podiam Ler

Descrições do Novo Testamento de Ler a Bíblia como um Ato Sobrenatural

O Ato Natural de Ler a Bíblia de Modo Sobrenatural

Introdução à Parte 3

O Lugar Indispensável da Oração em Ler a Bíblia de Modo Sobrenatural: Ver, Desfrutar e Amar com um Coração Não Dividido

Lendo a Bíblia pela Fé nas Promessas de Deus

Lendo a Bíblia pela Fé nas Promessas de Deus para nos Instruir

O Alvo Comum da Leitura: o Significado de Significado

O Alvo Comum da Leitura: Cinco Razões para Definir Significado como Aquilo que o Autor Tencionava Comunicar

O Alvo Comum da Leitura: A Intenção de Deus por Meio da Intenção do Homem

O Poder da Paciência e da Atenção Persistente

Leitura Ativa Significa Fazer Perguntas

Fazendo Perguntas sobre Palavras e Expressões

Questionando o Texto sobre Paradoxos, Deleites e Uma Vida Transformada

Conclusão

Arqueamento

Agradecimentos

Entender espiritualmente a Escritura é ter os olhos da mente abertos; é contemplar a maravilhosa excelência espiritual das coisas gloriosas contidas no verdadeiro significado da Escritura – e que sempre estiveram contidas ali, desde que foi escrita. É contemplar as agradáveis e brilhantes manifestações das perfeições divinas e da excelência e suficiência de Cristo. É contemplar a excelência e a conveniência do caminho de salvação por meio de Cristo, a glória espiritual dos preceitos e das promessas da Escritura, etc. Essas coisas estão e sempre estiveram na Bíblia; e, não fora por causa de cegueira, teriam sido vistas antes, sem terem qualquer sentido novo acrescentado a elas, pelas palavras enviadas por Deus a uma pessoa específica e faladas de novo para a tal pessoa com um novo significado.¹

JONATHAN EDWARDS

1 Jonathan Edwards, *Religious Affections*, ed. John E. Smith e Harry S. Stout, rev. ed., vol. 2, *The Works of Jonathan Edwards* (New Haven, CT: Yale University Press, 2009), 281.

PREFÁCIO

Escrever um livro na esperança de ajudar outras pessoas a verem mais de Deus nas Escrituras cristãs é reconhecer que Deus tem o propósito de que um leitor de sua Palavra a entenda e a desfrute com a ajuda de outros. Escrever livros, ensinar lições, pregar sermões, criar filhos “na admoestação do Senhor” – todas estas atitudes implicam que Deus planejou que entendamos a Bíblia com a ajuda de mestres humanos. Outra maneira de dizer isso é que Deus revela mais de si mesmo por sua Palavra quando a lemos em comunidade do que o faz quando a lemos isoladamente.

O Novo Testamento mostra que Jesus Cristo dá mestres à sua igreja “com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo” (Ef 4.11-12). Esses mestres não tomam o lugar da Bíblia como a Palavra de Deus inspirada. Eles nos ajudam a entendê-la. De fato, o alvo dos mestres humanos é ajudar todos os crentes a crescerem até ao ponto de serem mestres – não necessariamente em uma função oficial, mas, pelo menos, tendo a capacidade de usar a Palavra de Deus tanto para si mesmos quanto para os outros.

Pois, com efeito, quando devíeis ser mestres, atendendo ao tempo decorrido, tendes, novamente, necessidade de alguém que vos ensine, de novo, quais são os princípios elementares dos oráculos de Deus; assim, vos tornastes como necessitados de leite e não de alimento sólido. Ora, todo aquele que se alimenta de leite é inexperiente na palavra da justiça, porque é criança (Hb 5.12-13).

Portanto, vejo a mim mesmo e a este livro como uma pequena parte na insondável e complexa fonte divina de influências que formam a comunidade cristã de descoberta e iluminação. Consequentemente, nada neste livro deve ser entendido como significando que seu alvo é produzir leitores isolados da Bíblia. É uma pedra jogada num mar de pessoas. Seu efeito ondulatório, se houver algum, fluirá pelos relacionamentos. O alvo deste livro é ser

parte do propósito global de Deus para criar uma noiva belíssima para seu Filho – a “igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga... santa e sem defeito” (Ef 5.27). A beleza dessa noiva está na maneira humilde, santa, feliz e amorosa como os cristãos tratam uns aos outros. Se o fim é glória coletiva, não devemos ficar surpresos com o fato de que o meio é crescimento coletivo. Lemos a Palavra juntos; alcançamos o fim juntos.

Deus tem usado inúmeras pessoas para me ajudar a entender e amar a Bíblia. Gostaria de ajudar você – para que ajude outros. É assim que deve ser: um legado de iluminação compartilhada, até que os propósitos de Deus para a igreja e para o mundo sejam completos. Que Deus torne o impulso que você tem numa onda de bênçãos para os poucos que você conhece e os muitos que não conhece. Estou orando por este propósito.

O evangelho do Deus bendito não está mendigando por evidência, como alguns pensam; ele tem sua mais elevada e mais apropriada evidência em si mesmo... A mente ascende à verdade do evangelho por um único passo, ou seja, a glória divina do evangelho.

JONATHAN EDWARDS

Aqueles que estão sob o poder de suas trevas e cegueira naturais... não podem ver nem discernir essa excelência divina na Escritura, sem a compreensão de que ninguém pode crer corretamente que ela é a Palavra de Deus.

JOHN OWEN

INTRODUÇÃO

Este é um livro sobre o que significa ler a Bíblia de modo sobrenatural. Sei que parece estranho. Se há alguma coisa óbvia no que diz respeito a você e a mim, é o fato de que somos naturais, comuns, finitos e mortais. Não somos anjos, nem demônios. E, certamente, não somos Deus. Mas, se a Bíblia é o que afirma ser – ou seja, inspirada por Deus – então, ela tem origem sobrenatural. E procurarei mostrar que um livro como a Bíblia exige mais do que sua capacidade natural de leitura. Não menos, e sim mais. Na verdade, ela exige o melhor da leitura natural. No entanto, ela exige também mais – algo que está além do que é meramente humano.

Como no caso de todas as afirmações que parecem estranhas, há uma história de pano de fundo. Tentei escrever este livro um ano atrás, mas, numa questão de dias, outro livro surgiu em minha mente e exigia ser escrito primeiro. Por isso, adiei este e escrevi *Uma Glória Peculiar: Como a Bíblia se Revela Completamente Verdadeira*.¹ A pergunta “a Bíblia é verdadeira?” implorava por ser respondida primeiro.

Em um sentido, isto é retrógrado. Certamente você precisa ler um livro antes que possa decidir se ele é verdadeiro. Um livro sobre como ler a Bíblia não deveria *preceder* um livro sobre a veracidade da Bíblia? Talvez. Mas, em meu caso, as descobertas que fiz enquanto escrevia *Uma Glória Peculiar* se tornaram essenciais para a maneira como este livro foi escrito. A maneira como a Bíblia se mostra verdadeira e totalmente digna de confiança tem implicações indispensáveis para o modo como a lemos. Isto ficou muito mais claro para mim por escrever primeiro *Uma Glória Peculiar*.

Você não precisa ler primeiro *Uma Glória Peculiar* para entender este livro. Mas esclarecerei o que estou fazendo neste livro, se você sabe como aquele argumenta em favor da verdade da Bíblia. Então, oferecerei um resumo. O argumento naquele primeiro livro, que

modela este por completo, é que a Bíblia revela sua veracidade completa por manifestar uma glória divina, peculiar e autoconfirmadora. Isso também pode parecer estranho. Mas talvez não pareça tão estranho se você comparar esse tipo de argumento com vários outros do mesmo tipo na Bíblia.

A glória de Deus confirma o Criador

Por exemplo, como a Bíblia espera que todos os homens saibam que Deus existe, que ele é todo-poderoso e bondoso e que deve ser reconhecido como digno de nossa gratidão e de ser glorificado? Poucas perguntas são mais importantes do que esta. A resposta é que a Bíblia espera que todos os seres humanos vejam a glória autoconfirmadora de Deus no universo que ele criou. “Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos (Sl 19.1).

Nesta manhã, caminhei para casa, vindo de uma reunião de oração na igreja. Quando atravessava a passarela sobre a rodovia interestadual, vi à minha esquerda que o sol começava a despontar no horizonte. Ele estava branco e com um brilho intenso. Consegui apenas dar uma olhada breve pelo lado do sol. O globo solar estava muito brilhante e não permitia uma contemplação direta. Tudo no horizonte estava luminoso com sua própria cor e forma no céu claríssimo. É maravilhoso como a luz natural – a mais brilhante e mais bela de todas as luzes – pode animar a alma. No entanto, nada daquela beleza, nem deste ânimo natural é a glória de Deus. Está apenas proclamando “a glória de Deus”. Não somos panteístas. Para vermos a glória de *Deus*, precisamos experimentar algo sobrenatural. Mas a glória de Deus precisa ser vista.

Portanto, há uma glória *divina* que resplandece por meio do mundo natural – não somente uma glória natural. Não é a glória de lindas alvoradas, da impressionante complexidade do olho humano ou do sistema solar. É algo inefável, mas real e discernível. Devemos ver não somente a glória natural, mas também a glória *de Deus*.

O apóstolo Paulo entendia que as pessoas não podem ver esta glória divina por si mesmas. Ele explicou por que isto é verdade e

por que nenhum de nós tem desculpa para sua cegueira espiritual. É porque

...o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis; porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças... (Rm 1.19-21).

Isto significa que Deus tem mostrado a todos a glória de seu poder, deidade e generosidade. Se não vemos a glória de Deus, ainda somos responsáveis por vê-la, estimá-la como supremamente gloriosa e dar graças a Deus. Se não a vemos, somos, como disse Paulo, “indesculpáveis”.

A glória de Deus confirma Jesus

Há outro argumento semelhante a respeito de como as pessoas deveriam ter reconhecido a divindade de Jesus. Como Jesus esperava que seus primeiros seguidores soubessem que ele era o divino Filho de Deus? A resposta é que toda a vida de Jesus, o tipo de pessoa que ele era e as obras que realizou revelavam uma glória divina autoconfirmadora. Seu discípulo mais íntimo escreveu: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai ” (Jo 1.14).

No entanto, muitas pessoas não viram esta glória. Judas certamente não a viu, apesar dos três anos de proximidade. Os fariseus não a viram. Até os discípulos de Jesus demoraram a vê-la. Para pessoas assim, Jesus disse: “Há tanto tempo estou convosco, e não me tens conhecido?” (Jo 14.9). Ele lhes mostrara o suficiente. Eles eram responsáveis por verem a glória – e saberem que Jesus era o divino Filho de Deus. Sem dúvida, Jesus era realmente humano. Era natural, comum, finito, mortal. Mas ele era também o Filho de Deus sobrenatural, nascido de uma virgem (Lc 1.35). Havia uma glória que resplandecia nele. Aqueles que ouviram seus ensinamentos e viram seu ministério eram responsáveis por verem essa glória. É assim que eles conheceriam a verdade.

A glória de Deus confirma o evangelho

Considere mais um exemplo de como a glória confirma a verdade. Este exemplo se refere ao próprio evangelho – as boas novas da morte e ressurreição de Jesus por pecadores. Como as pessoas que ouvem as boas novas do evangelho cristão podem saber que ele é de Deus? O apóstolo Paulo respondeu: elas podem saber que o evangelho é de Deus porque veem nele “a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus” (2 Co 4.4). Ou, em palavras um pouco diferentes, elas podem saber porque veem no evangelho a luz “do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo” (2 Co 4.6).

No entanto, muitas pessoas ouvem o evangelho e não veem a glória divina. Por quê? Não é porque a glória de Deus é irreal. Não é porque a glória de Deus não está no evangelho. É porque os seres humanos são, por natureza, “obscurecidos de entendimento... pela dureza do seu coração” (Ef 4.18). Não é principalmente por causa de ignorância, e sim de dureza. Essa dureza é uma profunda antipatia para com a verdade. Eles estão perecendo “porque *não acolheram o amor da verdade* para serem salvos” (2 Ts 2.10). Satanás, o “deus deste século” explora esta dureza. Paulo disse que Satanás “cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo” (2 Co 4.4). Mas a glória está realmente no evangelho. Ouvir o evangelho sendo apresentado fiel e completamente é ser responsável por ver a glória de Deus.

A glória de Deus confirma a Escritura

O argumento de *Uma Glória Peculiar* é que a glória de Deus confirma a Escritura de maneira semelhante a estes três exemplos. Vemos a glória de Deus nas Escrituras e por meio delas. Os apóstolos nos transmitiram por meio das palavras da Escritura o que viram face a face em Jesus Cristo. “O que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros, para que vós, igualmente, mantenhais comunhão conosco. Ora, a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo” (1 Jo 1.3). Podemos ver por meio das palavras deles a glória que viram em Cristo. As palavras humanas da Escritura são a maneira divina pela qual o homem Jesus foi visto

como divino. Nem todos viram isto. Mas, a glória estava lá. E ela está aqui, nas Escrituras.

Todas as pessoas conhecem a Deus

Mais uma ilustração pode ajudar a esclarecer como isto opera realmente na alma humana. Como a glória de Deus é vista? Sem dúvida, os olhos naturais, os ouvidos e o cérebro fazem parte do processo. Sem eles, não podemos ver, nem ouvir, nem considerar as coisas naturais que revelam a glória de Deus – criação, encarnação, evangelho, Escritura. Mas este ver natural não é determinante em ver a glória de Deus. “Vendo, não veem”, disse Jesus (Mt 13.13). Tem de acontecer algo mais do que o uso de olhos, ouvidos e cérebro naturais.

A maneira como o apóstolo Paulo expressa isto é que devemos ter “iluminados os olhos do vosso coração”, para sabermos (Ef 1.18). Isto também é estranho – os olhos do coração! Mas talvez não incompreensível. A maioria das pessoas se sentem à vontade em falar do “coração” como algo mais do que o órgão que bombeia sangue em nosso peito. Essa linguagem não é estranha para nós. Este “coração” é o “nós” real. Intuitivamente, sabemos que em nós há mais do que carne e ossos. Sabemos que não somos meras substâncias químicas num invólucro de pele. Não falaríamos da maneira que falamos sobre assuntos como justiça e amor se não acreditássemos nisso.

Então, é muito estranho acrescentarmos a esta personalidade imaterial a ideia de olhos imateriais – “os olhos do coração”? Esta pessoa interior, o nosso verdadeiro “eu”, vê e sabe coisas que não são idênticas ao que os olhos do corpo podem ver. Pascal disse: “O coração tem suas razões, que a razão desconhece. Sentimos isso em milhares de coisas”. ² Há um ver espiritual por meio e além do ver natural. Há um ouvir espiritual por meio e além do ouvir natural. Há um discernir espiritual por meio e além do raciocinar natural.

Como podemos conceber o que acontece quando o coração vê a glória de Deus? Achei uma indicação disto na maneira como Paulo fala do nosso conhecimento da glória de Deus na natureza. Por um lado, Paulo diz que todos “conhecemos a Deus”. “*Tendo conhecimento* de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe

deram graças” (Rm 1.21). Isto é admirável! Todos conhecem a Deus! Mas, em outras passagens, Paulo diz enfaticamente que, por natureza, as pessoas *não* conhecem a Deus. Por exemplo: “Na sabedoria de Deus, *o mundo não o conheceu* por sua própria sabedoria” (1 Co 1.21). Os gentios “não conhecem a Deus” (1 Ts 4.5). Anteriormente, “não conhecendo a Deus...” (Gl 4.8; ver 2 Ts 1.8; 1 Jo 4.8) .

Então, o que Paulo quer dizer em Romanos 1.21 ao afirmar que todos os seres humanos têm “conhecimento de Deus”? Para responder isto, podemos simplesmente citar Romanos 1.19-20: “O que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas”. Em outras palavras, podemos dizer que ter “conhecimento de Deus”, em Romanos 1.21, significa apenas ter disponível o testemunho da criação e vê-lo claramente pelos olhos naturais.

Mas este é todo o significado que Paulo quer comunicar ao dizer: “Tendo conhecimento de Deus”? Acho que há mais. Em Romanos 2.14-15, Paulo diz que pessoas que nunca ouviram a lei de Deus fazem às vezes coisas que a lei exige. A consciência delas dá testemunho da vontade de Deus. Paulo o expressa nestes termos: “Estes mostram a norma da lei gravada no seu coração”.

O molde da glória divina

Aqui está a minha sugestão. Ter “conhecimento de Deus”, em Romanos 1.21, inclui esta experiência de coração, mais profunda, referida em Romanos 2.15. A analogia que acho proveitosa é pensar no conhecimento inato de Deus e de sua vontade como um tipo de molde no coração humano. Este molde é criado por Deus em cada coração humano com uma forma que corresponde à glória de Deus. Em outras palavras, se a glória de Deus fosse vista com os olhos do coração, se encaixaria tão perfeitamente no molde que saberíamos que a glória é real. Saberíamos que fomos feitos para isto .

Portanto, quando Paulo diz que todos os humanos têm “conhecimento de Deus” ou que todos os humanos têm a norma da

lei “gravada no seu coração”, ele quer dizer que há um molde na forma de glória em cada coração esperando receber a glória de Deus. Todos temos “conhecimento de Deus” no sentido de que temos este testemunho em nosso coração, porque fomos feitos para esta glória. Há uma expectativa e aspiração latente, e a forma dela está inserida no profundo de nossa alma.

Corações abarrotados de amores estranhos

A razão por que não vemos a glória de Deus não é que o molde é defeituoso nem que a glória de Deus não está resplandecendo. A razão é “dureza do coração” (Ef 4.18). Esta dureza é uma profunda aversão a Deus e um correspondente amor à autoexaltação. Paulo disse que a mentalidade da carne é inimizade contra Deus (Rm 8.7). E Jesus disse que “a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz” (Jo 3.19). Nosso problema não é que nos falta a luz, e sim que amamos as trevas. Esta é a dureza de nosso coração.

Assim, em minha analogia do molde, isto significa que o molde, o qual foi perfeitamente formado para a plena satisfação na glória de Deus, está abarrotado de amor por outras coisas. Por isso, quando a glória de Deus brilha no coração – a partir da criação, da encarnação de Jesus ou pelo evangelho – não acha lugar ali. Não é sentida nem percebida como apropriada. Para a mente natural – a mente cujo molde formado para a glória está lotado de ídolos – a glória de Deus é “loucura” (1 Co 2.14). Não se encaixa ali. Como Jesus disse às pessoas de coração endurecido que desejavam matá-lo: “Procurais matar-me, porque *a minha palavra não está em vós* ” (Jo 8.37). É claro, elas podiam raciocinar e lembrar as palavras de Jesus. Mas não podiam vê-las como gloriosas e convicentemente belas. Ouviram as palavras, mas não as amaram. Estas pessoas amavam as trevas que enchiam o molde projetado para o resplendor da glória de Deus.

A escavação sobrenatural do molde

Talvez você possa entender agora por que eu disse que este livro é sobre o que significa ler a Bíblia de modo sobrenatural. Se o que estamos dizendo é correto, a única esperança para vermos a glória

de Deus na Escritura é que ele mesmo pode remover os amores idólatras e empedernidos substitutos da glória de Deus que abarrotam o molde de nosso coração. A Bíblia fala deste ato sobrenatural de várias maneiras. Por exemplo, ela descreve essa invasão sobrenatural como um resplandecer da glória divina em nosso coração (2 Co 4.6), como uma concessão de verdade e arrependimento (2 Tm 2.25), como a doação da fé (Fp 1.29), como o ressuscitar-nos dos mortos (Ef 2.5), como novo nascimento pela Palavra (1 Pe 1.23; Tg 1.18), como a revelação especial do Pai (Mt 16.17) e do Filho (Mt 11.27), como a iluminação dos olhos do coração (Ef 1.18) e como o receber o mistério do reino de Deus (Lc 8.10).

Quando este milagre acontece conosco, a glória de Deus corta, queima, derrete e remove do molde a ligação suicida de amores estranhos e assume o seu devido lugar. Fomos criados para isto. E o testemunho desta glória quanto à autenticidade das Escrituras é irresistível. Onde víamos apenas loucura, agora vemos a beleza plenamente satisfatória de Deus. Deus faz isto – de modo sobrenatural.

Ninguém decide experimentar as Escrituras cristãs como a verdade plenamente satisfatória e convincente de sua vida. Ver é um dom. Por isso, o aceitar espontaneamente a Palavra de Deus é um dom. O Espírito de Deus abre os olhos de nosso coração, e o que antes era monótono, ou absurdo, ou loucura, ou mítico agora é real por si mesmo.

Portanto, o meu argumento em *Uma Glória Peculiar* foi que a glória de Deus, em e por meio das Escrituras, é uma realidade autêntica, objetiva e autoconfirmadora. É um fundamento sólido para uma fé inabalável na verdade da Bíblia. Esta fé não é um salto no escuro. Não é uma adivinhação, nem uma aposta. Se fosse, a nossa fé não seria honra para Deus. Ele não é honrado se é escolhido pelo lançar de uma moeda. Um salto no desconhecido não é uma honra para aquele que se tornou inconfundivelmente conhecido por uma glória peculiar.

É uma glória peculiar

Até esta altura em minha recapitulação de *Uma Glória Peculiar*, não enfatizei a palavra *peculiar*. O que essa palavra sugere? Ela sugere que a maneira pela qual a Escritura revela sua veracidade completa é por meio de uma glória *peculiar*. Em outras palavras, o poder da Escritura para garantir confiança inabalável não é por lógica *genérica*. Não por mero encantamento. Não por pasmar a mente com distinção sobrenatural. Pelo contrário, o que vemos como inescapavelmente divino é uma glória *peculiar*. E o âmago desta glória peculiar é a glória totalmente singular de Jesus Cristo.

Há uma essência, um centro ou uma peculiaridade predominante na maneira como Deus glorifica a si mesmo na Escritura. Essa peculiaridade predominante é a revelação da majestade de Deus em humildade, a sua força em sofrimento e a riqueza da sua glória na profundidade do seu entregar-se a si mesmo. Esta glória *peculiar* é o âmago do evangelho de Jesus Cristo. Juntamente com as suas inúmeras manifestações na Escritura, este é o esplendor central da “luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus” (2 Co 4.4). Isto é o que arde no coração e na mente da pessoa em quem Deus resplandece com a luz “do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo” (2 Co 4.6).

Encontrando a glória em Jesus

Este brilho peculiar resplandece em toda a Bíblia, mas acha sua manifestação mais bela na pessoa e obra de Jesus Cristo. Minha opinião é que a maioria das pessoas que chegam a crer na inspiração divina e na veracidade plena da Bíblia chegam a esta convicção por meio de um encontro irresistível com Jesus Cristo. A glória peculiar que confirma a Bíblia resplandece primeira e mais claramente em Jesus.

Como isso acontece? Às vezes, é uma palavra ou uma obra específica de Jesus que penetra no coração e começa a despedaçar a dureza que obstrui a luz da beleza de Cristo. No entanto, mais cedo ou mais tarde, é todo o retrato bíblico – culminando na crucificação e ressurreição – que nos vence e destrói toda resistência.

Quando as igrejas da Galácia estavam começando a se afastar do evangelho de Jesus, Paulo lhes escreveu e disse: “Ó gálatas insensatos! Quem vos fascinou a vós outros, ante cujos olhos foi

Jesus Cristo exposto como crucificado?” (Gl 3.1). Este “retrato” era constituído de *palavras* e não de imagens. Mas era tão real e tão vívido, que Paulo disse que era um apelo aos *olhos* deles – “ante *cujos olhos* foi Jesus Cristo exposto”. Eles *viram* a glória peculiar de Cristo na pregação do evangelho .

Paulo ficou tão impressionado com o aparente afastamento deles, que o chamou de um tipo de fascinação. “Quem vos *fascinou* ”? Eles haviam sido convertidos por verem a glória peculiar de Jesus, mais vividamente em sua crucificação. A esperança de Paulo era que sua carta dissipasse as névoas demoníacas e restaurasse a visão clara da glória de Cristo. É assim que a maioria das pessoas chegam a uma fé inabalável em Cristo e em sua Palavra.

Um esboço do retrato bíblico de Jesus

Pode ser que você não tenha um entendimento claro do que eu pretendo dizer quando falo “retrato bíblico completo” de Cristo. Talvez você não se empolgue com a ideia de que sua mente e seu coração podem ser levados a uma fé inabalável em Cristo por meio da glória peculiar do retrato bíblico de Cristo. Se isso é verdade, permita-me esboçar uma pequena versão desse retrato. O alvo aqui é ilustrar a brilhante constelação de palavras e obras de Jesus, na esperança de que você veja como a glória divina de Jesus resplandece por meio de sua singularidade cumulativa e multifacetada.

Ninguém amou mais a Deus e o homem

Jesus foi uma pessoa de amor incomparável e inabalável a Deus e aos homens. Ele ficava irado quando Deus era desonrado pela impiedade (Mc 11.15-17) e quando o homem era destruído pela religião (Mc 3.4-5). Jesus nos ensinou – e nos mostrou como – ser pobre de espírito, manso, faminto de justiça, puro de coração, misericordioso e pacificador (Mt 5.3-9). Ele nos exortou a honrar a Deus de todo o coração (Mt 15.8) e despojar-nos de toda hipocrisia (Lc 12.1). E Jesus praticava o que pregava. Ele foi manso e humilde de coração (Mt 11.29). Sua vida se resumiu em “fazer o bem e curar” (At 10.38).

Ele separou tempo para as crianças e as abençoou (Mc 10.13-16). Rompeu barreiras sociais para ajudar mulheres (Jo 4), estrangeiros (Mc 7.24-30), leprosos (Lc 17.11-19), prostitutas (Lc 7.36-50), cobradores de impostos (Mt 9.9-13) e mendigos (Mc 10.46-52). Jesus lavou os pés de seus discípulos, como um escravo, e os ensinou a servir em vez de serem servidos (Jo 13.1-20).

Até quando estava cansado, seu coração sentia compaixão das multidões que insistiam em procurá-lo (Mt 6.31-34). Mesmo quando seus discípulos se mostraram instáveis e prontos a negá-lo e abandoná-lo, Jesus quis estar com eles (Lc 22.15) e orou por eles (Lc 22.32). Ele disse que sua vida era um resgate por muitos (Mc 10.45), e, ao ser executado, rogou perdão para seus assassinos (Lc 23.34).

Ninguém foi mais verdadeiro e autêntico

Jesus é retratado não somente como cheio de amor a Deus e aos homens; é também apresentado como totalmente verdadeiro e autêntico. Ele não agiu em sua própria autoridade para ganhar o louvor do mundo. Ele dirigia os homens a seu Pai celestial. “Quem fala por si mesmo está procurando a sua própria glória; mas o que procura a glória de quem o enviou, esse é verdadeiro, e nele não há injustiça” (Jo 7.18). Jesus não tem o espírito de um egomaniaco ou de um charlatão. Ele parece totalmente em paz consigo mesmo e com Deus. Jesus é autêntico.

Isto é evidente na maneira como ele via além da falsidade (Mt 22.18). Era tão puro, tão sensível, que não podia ser apanhado numa cilada ou intimidado num debate (Mt 22.15-22). Jesus era admiravelmente não sentimental em suas exigências, até mesmo para aqueles pelos quais tinha afeição especial (Mc 10.21). Ele nunca abrandou sua mensagem de justiça para aumentar a quantidade de seguidores ou obter simpatia. Até seus oponentes ficaram impressionados com sua indiferença para com os louvores humanos: “Mestre, sabemos que és verdadeiro e não te importas com quem quer que seja, porque não olhas a aparência dos homens; antes, segundo a verdade, ensinas o caminho de Deus” (Mc 12.14). Jesus nunca teve de retratar-se de uma afirmação e não podia ser convencido de nenhum erro (Jo 8.46).

Ninguém falou com tanta autoridade discreta

Mas o que tornava tudo isto espetacular era a *autoridade* discreta e inconfundível que repercutia em tudo que ele fazia e dizia. Os oficiais dos fariseus falaram para todos nós quando disseram: “Jamais alguém falou como este homem” (Jo 7.46). No que diz respeito a Jesus, havia algo inquestionavelmente diferente. “Ele as ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas” (Mt 7.29). E não sentia qualquer necessidade de ostentá-la. Era natural para ele.

As afirmações de Jesus não eram declarações francas de poder meramente deste mundo que os judeus esperavam do Messias. Mas, apesar disso, eram inconfundíveis. Embora ninguém o tenha entendido no momento em que falou, não houve dúvida de que ele dissera: “Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei” (Jo 2.19; cf. Mt 26.61). Eles pensaram que isso era uma afirmação absurda de que ele reconstruiria sozinho um edifício que levara 46 anos para ser construído. Mas Jesus estava afirmando, em sua maneira tipicamente velada, que ressuscitaria dos mortos. E ressuscitaria por seu próprio poder. Eu “o reconstruirei”.

Em seu último debate com os fariseus, Jesus os silenciou com esta pergunta: “Que pensais vós do Cristo? De quem é filho?” Eles responderam: “De Davi”. Em resposta, Jesus citou o rei Davi com base em Salmo 110.1: “Disse o SENHOR ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés”. Em seguida, com sua autoridade levemente velada, Jesus perguntou: “Davi lhe chama Senhor, e como pode ser ele seu filho?” (Lc 20.44). Em outras palavras, para aqueles que têm olhos para ver, o filho de Davi – e *muito mais do que o filho* – está aqui.

Foi dessa maneira que ele falou mais de uma vez. “Aqui está *quem é maior* que o templo” (Mt 12.6). “Eis aqui está *quem é maior* do que Jonas... Eis aqui está quem é maior do que Salomão” (Mt 12.41-42). Esse tipo de afirmação velada permeia tudo que Jesus disse e fez. Para os que têm olhos para ver e ouvidos para ouvir, alguém inconcebivelmente grande – e glorioso – está aqui.

O véu é levantado

Houve palavras não veladas e, de fato, profanamente autoexaltadoras – se não fossem verdadeiras. Jesus deu ordens a espíritos malignos (Mc 1.27) e a todas as forças da natureza (Mc 4.40), e eles lhe obedeceram. Ele concedeu perdão de pecados (Mc 2.5), o que somente Deus pode fazer (Mc 2.7). Convocou pessoas a deixarem tudo e seguirem-no para terem a vida eterna (Mc 10.17-22; Lc 14.26-33). Jesus disse que se levantará no dia do julgamento e declarará quem entrará no céu e quem não entrará (Mt 7.23). E fez a impressionante afirmação de que “todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus; mas aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus” (Mt 10.32-33). Ele disse que era o árbitro final do universo.

Amor e sacrifício ao máximo

Depois, embora possuísse todo este poder – todo este potencial para ter uma vida de prazer e fama na terra – Jesus o sacrificou em benefício da felicidade eterna de pecadores. Ele disse resolutamente: “O próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mc 10.45). Repetidas vezes, Jesus disse a seus discípulos o que aconteceria – era o plano: “Começou ele a ensinar-lhes que era necessário que o Filho do Homem sofresse muitas coisas, fosse rejeitado pelos anciãos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas, fosse morto e que, depois de três dias, ressuscitasse” (Mc 8.31).

Em toda a sua autorrenúncia, ele estava cumprindo intencionalmente a Escritura. “O Filho do Homem vai, como está escrito a seu respeito” (Mc 14.21). Portanto, Jesus não somente se sujeitou à morte, mas também se sujeitou completamente a seu Pai celestial (Jo 5.19) – e à Palavra de Deus na Escritura. Jesus não foi apanhado numa rede de circunstâncias trágicas. Antes, ele entregou espontaneamente a sua vida. “Eu dou a minha vida para a reassumir. Ninguém a tira de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la” (Jo 10.17-18).

O alvo deste sacrifício, ele disse, era o perdão de pecados. “Isto é o meu sangue, o sangue da [nova] aliança, derramado em favor de

muitos, para remissão de pecados” (Mt 26.28). Este foi o maior amor já mostrado em toda a história, porque a maior pessoa fez o maior sacrifício através do maior dom para benefício do menor merecedor. “Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim” (Jo 13.1).

Ressuscitado, reinando, vindo

Quando Jesus ressuscitou dos mortos no terceiro dia, como disse que faria (Lc 24.6-7), ele apareceu aos seus discípulos por 40 dias, dando-lhes muitas provas de que não era um fantasma, e sim a própria pessoa – corpo e espírito – com quem eles tinham convivido por três anos (Lc 24.39-42; At 1.3). Ele lhes deu um mandamento global de fazerem discípulos de toda nação (Mt 28.19) e prometeu enviar o seu Espírito e estar com eles até ao fim do tempo (Jo 14.26; Mt 28.20). Jesus ascendeu ao céu onde reina sobre o mundo (Ap 17.14; 1 Pe 3.22), à direita de Deus, o Pai (Mt 22.44; 26.64). E prometeu que virá novamente à terra em poder e grande glória (Mt 16.27; 24.30) e levará todo o seu povo ao gozo eterno (Mt 25.21).

Isto é um esboço do retrato bíblico de Jesus. Meu argumento em *Uma Glória Peculiar* é que a glória peculiar de Deus na Escritura tem a sua expressão mais clara neste Jesus. A sua glória resplandece no relato bíblico de sua vida e obra. Esta glória é uma realidade autêntica, objetiva e autoconfirmadora. É um fundamento sólido para uma fé inabalável na verdade da Bíblia.

Respondendo à acusação de circularidade

Alguém pode levantar a objeção de que estou argumentando em círculo. Pode dizer que estou admitindo a confiabilidade do retrato bíblico de Jesus (por citar todos estes textos) enquanto o defendo. Há dois tipos de resposta para esta objeção. Uma é a resposta erudita, que diz não. Ainda que você adotasse a posição mais crítica para com o Novo Testamento, não há qualquer escritor dos evangelhos e (usando a linguagem dos eruditos críticos) nenhuma tradição em que este tipo de retrato não esteja presente. Este é o Jesus que conhecemos da história. Não existe um Jesus agradável e natural que se encaixa em preconcepções. Não há sequer uma

reconstrução de outro Jesus historicamente mais confiável do que esta. ³

A outra resposta à objeção de circularidade é que o retrato de Jesus no Novo Testamento é autoconfirmador. A maioria das pessoas não tem acesso aos argumentos históricos eruditos quanto à confiabilidade dos evangelhos. Meu argumento é que isto não precisa ser um obstáculo para a fé inabalável. A realidade do próprio Jesus, como o Novo Testamento o apresenta, possui em si mesma as marcas suficientes de autenticidade para que tenhamos plena confiança de que este retrato é verdadeiro. A beleza autoconfirmadora que resplandece no retrato de Jesus apresentado no Novo Testamento, eu a chamo de a glória peculiar de Deus.

Fé inabalável para não historiadores

Na verdade, um dos principais impulsos por trás de *Uma Glória Peculiar* é a preocupação de que deve haver uma maneira para as pessoas mais simples terem uma confiança inabalável de que o evangelho é verdadeiro. Por exemplo, o que podemos dizer sobre um membro iletrado de uma tribo que vive nas montanhas de Papua Nova Guiné e acabou de ouvir a história do evangelho apresentada pela primeira vez por um missionário? Ou sobre uma criança de nove ou dez anos de idade que tem ouvido durante anos o evangelho por meio de seus pais? Estas pessoas não têm acesso a argumentos históricos sobre a autenticidade dos documentos do Novo Testamento. Eles podem chegar a uma confiança inabalável (não um salto no escuro) de que o evangelho é verdadeiro e de que as Escrituras são confiáveis?

Jonathan Edwards compartilhou desta preocupação mais de 250 anos atrás. Ele ocupou uma função como missionário para os americanos nativos da Nova Inglaterra. Edwards sabia que, se os índios deviam ter uma confiança inabalável na verdade do evangelho, não seria por meio de argumentação histórica e erudita. Minha abordagem a este problema se fundamenta na resposta de Edwards. Ele disse: “O evangelho do Deus bendito não está mendigando por evidência, como alguns pensam; ele tem sua mais elevada e mais apropriada evidência em si mesmo... A mente ascende à verdade do evangelho por um único passo, ou seja, a

glória divina do evangelho”. ⁴ Estender esse argumento a toda a Escritura – isso é o que tentei explicar e defender em *Uma Glória Peculiar* .

O propósito do todo é dar glória a Deus

Outra maneira de expressar isso é dizer que *Uma Glória Peculiar* é uma investigação e explanação ampliada das palavras do Catecismo Maior de Westminster. A Pergunta 4 indaga: “Como se demonstra que as Escrituras são a Palavra de Deus?” A resposta: “Demonstra-se que as Escrituras são a Palavra de Deus... *pelo propósito do seu conjunto, que é dar toda a glória a Deus* ”. Em outras palavras, toda a Bíblia, entendida corretamente, tem este propósito divino de comunicar e manifestar a glória de Deus. Este alvo abrangente das Escrituras é realizado de tal maneira que Deus mesmo se mostra inconfundivelmente como o autor inerrante que guia os autores humanos da Bíblia.

A Bíblia, o livro de Deus

Portanto, a minha conclusão (com aproximadamente 300 páginas de argumentação e explanação) é que “a Bíblia, formada de 66 livros do Antigo e do Novo Testamento, é a infalível Palavra de Deus, inspirada verbalmente por Deus e sem erros nos manuscritos originais”. ⁵ Isto também implica que as Escrituras são a autoridade suprema e final para provar todas as afirmações sobre o que é verdadeiro, certo e belo. Implica, em assuntos não tratadas explicitamente na Bíblia, que o que é verdadeiro, certo e belo deve ser avaliado por critérios coerentes com os ensinamentos da Escritura. Tudo isto significa que a Bíblia tem autoridade final sobre cada área de nossa vida e que devemos, portanto, tentar colocar todos os nossos pensamentos, sentimentos e ações em harmonia com o que a Bíblia ensina.

Não escrevo estas palavras levianamente. Elas fazem uma afirmação admirável. Impressionante. Se não são verdadeiras, são ultrajantes. A Bíblia não é um documento privado de uma comunidade de fé no meio de outras comunidades de fé. A Bíblia é uma reivindicação de autoridade plena sobre todo o mundo. Deus, o

criador, possuidor e governador do mundo, falou. Suas palavras são válidas e mandatórias para todas as pessoas em todos os lugares. Isso é o que significa ser Deus.

Para nossa admiração, a maneira de Deus falar com autoridade infalível no século XXI é por meio de *um livro* ! Um único livro. Não muitos. Não este livro! E sim a Bíblia. Essa é a declaração impressionante das Escrituras cristãs. As implicações disto são enormes – incluindo as implicações sobre como lemos a Bíblia.

Dois fatos repletos de implicações

Vemos agora que há outro fato espetacular cheio de implicações sobre como devemos ler a Bíblia. Primeiro, houve o fato de que o Criador do universo falou por meio de *um livro* . E, segundo, há o fato de que ele mostra que este livro é completamente verdadeiro por meio da glória divina revelada nele. Ambos os fatos estão carregados de implicações sobre como ler o livro. Por um lado, é um livro composto de linguagem humana comum que precisa ser entendida – afinal de contas, é um livro realmente humano. Por outro lado, ele resplandece com a luz sobrenatural da glória divina. E isso significa, como dissemos no começo, que a Bíblia exige mais do que nosso tipo natural de leitura. Não menos. E sim mais. Natural e sobrenatural. Se um dos dois estiver ausente, não leremos corretamente a Palavra de Deus.

A estrutura deste livro

Este livro contém três partes. A Parte 1 expõe a pergunta sobremodo importante “*O que a Bíblia nos diz sobre o alvo supremo de ler a Bíblia?*” Eu proponho uma resposta com seis implicações e, em seguida, dedico dez capítulos para desenvolver e testar estas implicações. A Parte 2 desenvolve a inferência da parte 1 de que a leitura da Bíblia tem de ser realmente um ato sobrenatural, se os alvos de Deus para a nossa leitura devem ser alcançados. Por fim, a Parte 3 aborda o resultado prático dessa afirmação sobre o ato aparentemente comum de ler – o ato natural de ler a Bíblia de modo sobrenatural.

[1](#) Uma Glória Peculiar: Como a Bíblia se Revela Completamente Verdadeira (São José dos Campos, SP: Fiel, 2017).

[2](#) Blaise Pascal, *Pascal's Pensées.* , no. 227. Kindle ed., loc. 1, 531.

[3](#) Argumentei mais completamente sobre isto em John Piper, *What Jesus Demands from the World* (Wheaton, IL: Crossway, 2006), 29-39.

[4](#) Jonathan Edwards, *A Treatise Concerning Religious Affections*, ed. Paul Ramsey, vol. 2, *The Works of Jonathan Edwards* (New Haven, CT: Yale University Press, 1957), 299, 307.

[5](#) Parágrafo 1.1 da Declaração de Fé do Presbitério da Bethlehem Baptist Church .

Parte 1

O ALVO SUPREMO DE LER A BÍBLIA

... que o infinito valor e beleza de Deus sejam exaltados através da adoração fervorosa e eterna da noiva de Cristo, comprada por sangue, formada de pessoas de todo povo, língua, tribo e nação.

INTRODUÇÃO À PARTE 1

A PROPOSTA

Alguns autores deixam marcas de sua autoria que não têm relação com o ensino de seu livro. Esse parece ser o caso, por exemplo, das cartas do apóstolo Paulo. Ele escreveu: “A saudação é de próprio punho: Paulo. Este é o sinal em cada epístola; assim é que eu assino” (2 Ts 3.17). Outra vez, em Gálatas 6.11, ele escreveu: “Vede com que letras grandes vos escrevi de meu próprio punho”. Em outras palavras, estas marcas de autoria não são o grande interesse das cartas de Paulo. Não são a visão de Deus, de Cristo e da vida cristã que a princípio o levou a escrever. São assinaturas. E, embora assinaturas sejam importantes para autenticação, não são essenciais à mensagem.

Outros autores desenvolveram um estilo de escrever que é tão singular, que funciona como uma marca de sua própria autoria. Pensamos no uso de paradoxos por G. K. Chesterton ou nas sentenças independentes de Ernest Hemingway. Ou nas descrições floridas de Charles Dickens. Ou na brevidade aparentemente simples dos versos de Emily Dickinson. É claro que esses estilos não estão artificialmente desconectados da mensagem ou do propósito dos escritos. Mas também não são o ponto principal. Talvez cada autor diria que os estilos são essenciais ao que estão procurando fazer. Mas duvido que qualquer deles diria: “A coisa mais importante que eu quero é que pessoas se afastem da minha obra, sendo este o meu estilo pessoal”.

O significado de glória é o indicador de divindade

No entanto, as coisas são diferentes quando pensamos no relacionamento de Deus com a Bíblia. Ele não a assinou com uma assinatura distintiva. E, quando a inspirou (2 Tm 3.16), Deus não rejeitou os estilos individuais dos autores humanos, para criar o seu próprio estilo – como um ditado divino, ou um vocabulário celestial, ou uma cadência divina. Quando os oficiais dos fariseus disseram a respeito de Jesus: “Jamais alguém falou como este homem!”, eles não se referiam ao sotaque, ou ao vocabulário, ou à habilidade oratória de Jesus. Estavam se referindo à natureza geral e ao impacto dele quando falava. Os fariseus perceberam o rumo que a conversa estava tomando e disseram: “Será que também vós fostes enganados? Porventura, creu nele alguém dentre as autoridades ou algum dos fariseus?” (Jo 7.47-48). Em outras palavras, eles perceberam que os oficiais se admiraram de ver algo que despertava fé. Mas não era uma assinatura ou um estilo.

A maneira como Deus confirma a Bíblia é diferente porque o fundamento que ele dá para a veracidade da Bíblia é tanto o âmago quanto o alvo da mensagem bíblica. A glória peculiar de Deus é tanto a substância quanto o selo da história que a Bíblia conta. Não é como se Deus falasse em sua Palavra, revelando sua natureza e seus propósitos, e tivesse de acrescentar outro indicador da sua divindade – como uma assinatura ou um estilo. A glória de Deus, em sua Palavra, é tanto a mensagem quanto o indicador divino.

Sem dúvida, muitas vezes Deus confirmou “a palavra da sua graça, concedendo... sinais e prodígios” (At 14.3). Mas os sinais e prodígios não eram decisivos. Podiam ser negados, distorcidos e rejeitados tão completamente quanto a Palavra de Deus – o que sabemos da vida de Judas e de certas pessoas que viram Jesus ressuscitar Lázaro dos mortos e, posteriormente, ajudaram seus assassinos (Jo 11.45-53). Esses milagres foram entretecidos na Palavra de Deus formando uma obra de tapeçaria de revelação da glória peculiar de Deus. Essa glória é o significado supremo da tapeçaria e o indicador decisivo de sua realidade divina.

Implicações para o quadro maior

Se isto é verdadeiro, não devemos ficar surpresos com o fato de que a Bíblia exige uma leitura sobrenatural, porque ver a glória divina em palavras humanas não é a maneira comum de lermos um livro. Mas estamos nos adiantando. É realmente verdadeiro que a glória peculiar de Deus é o significado supremo da obra de tapeçaria da Escritura? Isto é o que devemos almejar ver quando lemos a Bíblia? Esta é a nossa primeira pergunta-chave neste livro. Isso é o conteúdo da Parte 1.

A maneira como eu gostaria de fazer a pergunta é esta: o que a própria Bíblia diz é o alvo supremo de ler a Bíblia? Se a Bíblia deixa claro que o alvo de ler a Bíblia é ver o que só pode ser visto de modo sobrenatural, então as implicações em como lemos a Bíblia serão profundas. Portanto, na Parte 1 perguntamos o que a Bíblia nos diz ser o alvo supremo de ler a Bíblia. Em seguida, na Parte 2, examinamos a implicação de que isto exige uma leitura sobrenatural da Bíblia. E, por fim, na Parte 3, apresentamos as implicações disto para o ato comum de ler.

A proposta

Primeiramente, o que a Bíblia nos diz ser o alvo supremo de ler a Bíblia? O que temos em seguida é a minha proposta de resposta para esta pergunta, com seis implicações. O alvo da Parte 1 deste livro é verificarmos se esta proposta e suas implicações são verdadeiras.

A própria Bíblia mostra que o nosso alvo supremo em ler a Bíblia é que a dignidade e a beleza infinitas de Deus sejam exaltadas através da adoração fervorosa e eterna da noiva de Cristo, comprada por sangue, formada de pessoas procedentes de todo povo, língua, tribo e nação. Em outras palavras, toda vez que pegamos a Bíblia para ler, devemos pretender que a leitura nos leve a este fim. A maneira pela qual, como indivíduos, somos envolvidos neste alvo supremo, à medida que lemos a Bíblia, se torna clara quando definimos as seis implicações que resultam da resposta que propomos à nossa pergunta. Quando afirmamos que o alvo supremo de ler a Bíblia é que a dignidade e a beleza infinitas de Deus sejam exaltadas através da adoração fervorosa e eterna da noiva de Cristo,

comprada por sangue, formada de pessoas procedentes de todo povo, língua, tribo e nação, isto significa que :

1. a dignidade e a beleza infinitas de Deus são *o valor e excelência supremos* do universo;

2. *a adoração supremamente autêntica e intensa* da dignidade e da beleza de Deus é o alvo supremo de toda obra e palavra de Deus;

3. devemos sempre ler a Palavra de Deus para *ver* esta dignidade e beleza supremas;

4. em todo o nosso ver, nosso alvo deve ser *o desfrutar* a excelência de Deus acima de todas as coisas;

5. devemos almejar ser *transformados* , por meio deste ver e desfrutar, na semelhança da beleza divina,

6. para que mais e mais pessoas sejam atraídas à família adoradora de Deus, até que a noiva de Cristo – através de todos os séculos e culturas – esteja completa em número e beleza.

Os capítulos seguintes da Parte 1 se focalizam nas partes desta proposta e as coloca à prova: o que a própria Bíblia diz sobre este alvo de ler e suas implicações?

O grande fim das obras de Deus, *expresso de maneiras diferentes na Escritura, é realmente apenas um; e este único fim é chamado mais apropriada e inclusivamente de a glória de Deus .*

JONATHAN EDWARDS

[Ele] faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade... para louvor da sua glória.

EFÉSIOS 1:11-12

LENDO A BÍBLIA COM VISTAS AO ALVO SUPREMO DE DEUS

“Fazei tudo para a glória de Deus.”

A PROPOSTA

Nosso alvo supremo em ler a Bíblia é que a dignidade e a beleza infinitas de Deus sejam exaltadas através da adoração fervorosa e eterna da noiva de Cristo, comprada por sangue, formada de pessoas procedentes de todo povo, língua, tribo e nação. Isto significa que:

1.a dignidade e a beleza infinitas de Deus são o valor e excelência supremos do universo;

2.a adoração supremamente autêntica e intensa da dignidade e da beleza de Deus é o alvo supremo de toda obra e palavra de Deus;

3. devemos sempre ler a Palavra de Deus para ver esta dignidade e beleza supremas;

4. em todo o nosso ver, nosso alvo deve ser o desfrutar a excelência de Deus acima de todas as coisas;

5. devemos almejar ser transformados, por meio deste ver e desfrutar, na semelhança da beleza divina,

6. para que mais e mais pessoas sejam atraídas à família adoradora de Deus, até que a noiva de Cristo – através de todos os séculos e culturas – esteja completa em número e beleza .

Nossa proposta exalta a dignidade e a beleza de Deus ao lugar mais elevado possível. O alvo supremo de toda leitura da Bíblia, eu

argumento, é que *a dignidade e a beleza infinitas de Deus sejam exaltadas em adoração fervorosa e eterna* . Não há nada mais elevado do que a dignidade e a beleza de Deus. Isso é o que a primeira implicação expressa: a dignidade e a beleza infinitas de Deus são o valor e a excelência supremos do universo .

Portanto, a primeira coisa que precisamos fazer, com base na Escritura, é esclarecer o significado e, depois, a supremacia da *glória* de Deus. Isso pode parecer estranho porque não usei a palavra *glória* em minha proposta e suas implicações. Apesar disso, a realidade está lá, sendo a mais importante. Usei outras palavras para expressá-la, ou seja, os pares “dignidade e beleza” e “valor e excelência”.

Achando palavras para a glória de Deus

Lembro-me de um dia, quando eu estudava na faculdade, em que Clyde Kilby, meu professor de inglês favorito, disse algo com este sentido: “Uma das maiores tragédias da queda é que ficamos entediados de glórias costumeiras”. Essa afirmação simples penetrou em minha consciência. Deixou-me triste, porque percebi quão superficial e insensível eu era para com muitas maravilhas ao meu redor. Encheu-me de um anseio por não ser mais assim. Eu não queria chegar nos Alpes, ser cheio de admiração por alguns dias e, no final da semana, ficar assistindo à televisão no chalé. Lamentei minha capacidade de bocejar durante o “Aleluia” de Handel.

Isso significa que abomino o pensamento de falar sobre a glória de Deus de uma maneira que seja tão familiar, tão monótona ou tão padronizada, que enfraqueça o senso de admiração. Evidentemente, eu compreendo que somente Deus pode despertar verdadeira admiração da sua glória. Kilby estava certo. A queda nos deixou profundamente disfuncionais em nossas emoções. Somos empolgados pelo trivial e nos entediamos com a grandeza. Coamos um mosquito para admirar e absorver um camelo de glória imperceptível. Apesar disso, quero tentar usar uma linguagem que nos ajude a perceber o que é a glória de Deus, se eu puder. Essa é a razão do esforço para achar outras palavras além de glória – palavras como *dignidade* , *beleza* , *valor* e *excelência* .

O que é a glória de Deus?

Meu entendimento da glória de Deus tem sido moldado profundamente por sua relação com a santidade de Deus. Tenho em mente a maneira como esta relação se expressa em Isaías 6.1-3:

No ano da morte do rei Uzias, eu vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono, e as abas de suas vestes enchiam o templo. Serafins estavam por cima dele; cada um tinha seis asas: com duas cobria o rosto, com duas cobria os seus pés e com duas voava. E clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, santo, santo é o SENHOR dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória.

Por que o profeta não disse: “Santo, santo, santo é o SENHOR dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua *santidade*”? Minha sugestão é que a glória de Deus é a santidade de Deus colocada em exibição. Quando a santidade de Deus brilha na criação, é chamada “glória de Deus”.

A santidade de Deus

Isso leva a questão do significado de *glória* à santidade de Deus. O que é isso? ¹ O significado fundamental da palavra *santo* no Antigo Testamento (hebr., *chad o sh*) é a ideia de ser separado – diferente e separado de algo. Quando aplicado a Deus, isso significa que a santidade de Deus é sua separação de tudo que não é Deus. Isto significa, então, que ele é uma classe isolada. E, como todas as coisas boas que são raras, quanto mais rara ela for, tanto mais valiosa ela é. Portanto, Deus é supremamente valioso.

Podemos ver este significado da santidade de Deus nas duas ilustrações seguintes. Primeira, quando Moisés feriu a rocha, em vez de falar à rocha como Deus o instruíra, Deus lhe disse: “Visto que não crestes em mim, para me *santificardes* diante dos filhos de Israel, por isso, não fareis entrar este povo na terra que lhe dei” (Nm 20.12; ver 27.14). Em outras palavras, quando Moisés não creu em Deus, não o tratou como sendo em si mesmo uma classe única e magnífica de poder e confiança. Moisés o tratou como se fosse outra pessoa comum e desconfiável, indisposta e incapaz de fazer o que dissera. Mas Deus não é comum. Ele não é como os outros. Deus é santo.

Segunda, em Isaías 8.12-13, Deus falou a Isaías: “Não chameis conjuração a tudo quanto este povo chama conjuração; não temais o

que ele teme, nem tomeis isso por temível. Ao SENHOR dos Exércitos, a ele *santificai* ; seja ele o vosso temor, seja ele o vosso espanto”. Em outras palavras, não coloquem a Deus no mesmo grupo de todos os seus outros temores e espantos. Tratem-no como um temor e espanto totalmente único. Separem-no de todos os temores e espantos comuns.

Eis aqui, portanto, como eu concebo a santidade de Deus. Deus é tão separado, tão acima, tão distinto de tudo mais – tudo que não é Deus – que é autoexistente, autossustentável e autossuficiente. Portanto, ele é infinitamente completo, pleno e perfeito em si mesmo. Deus é separado e transcendente acima de tudo que não é Deus. Ele não foi trazido à existência por qualquer coisa fora dele mesmo. Deus é, portanto, autoexistente. Ele não depende de nada para sua existência permanente, sendo, por isso, autossustentável. E, por conseguinte, ele é totalmente autossuficiente. Completo, pleno, perfeito.

A Bíblia deixa claro que este Deus autoexistente, autossustentável, autossuficiente existe como três pessoas em uma essência divina. O Pai conhece e ama perfeita, completa e infinitamente o Filho; e o Filho conhece e ama perfeita, completa e infinitamente o Pai; e o Espírito Santo é a expressão perfeita, completa e infinita do amor mútuo entre o Pai e o Filho. Esta comunhão trinitária perfeita é essencial à plenitude e perfeição de Deus. Não há nenhuma carência, nenhuma deficiência, nenhuma necessidade – apenas plenitude, completude e autossuficiência perfeitas.

A dimensão moral da santidade de Deus

Isto é a santidade de Deus: sua completude e autossuficiência transcendente. Há, porém, uma dimensão ausente na descrição de santidade. É a dimensão que mencionei antes e que resulta da absoluta raridade de Deus – ser de um único tipo em sua perfeição. Isso implica que ele é de valor infinito. Uma das razões por que é crucial focalizarmos este aspecto da santidade de Deus é que ele nos ajuda a entender por que a Bíblia trata a santidade de Deus não apenas como *ser* transcendente, mas também como *pureza* ou *bondade* transcendentais.

Em outras palavras, introduzir o infinito valor de Deus nos ajuda a conceber a santidade de Deus em categorias morais. Aceitamos isto com tanta naturalidade que não pensamos em como isto pode ser. Como Deus pode ser pensado como infinitamente bom, correto ou puro, se não há padrões fora dele mesmo pelos quais pode ser medido? Antes da criação, tudo que havia era Deus. Então, quando só há Deus, como definimos o bem? Como a santidade pode significar mais do que transcendência? Como pode haver santidade com uma dimensão *moral* ?

Minha resposta é esta: a dimensão moral da santidade de Deus é que toda afeição, todo pensamento e todo ato de Deus é coerente com o infinito valor de sua plenitude transcendente. Em outras palavras, a santidade é não somente o valor infinito da plenitude transcendente de Deus, mas também a harmonia que existe entre o valor dessa plenitude transcendente e todas as afeições, pensamentos e atos de Deus. Esta harmonia dos atos de Deus com seu valor infinito, podemos chamá-la “a beleza da santidade de Deus”. Stephen Charnock (1628-1680) usou uma frase incomum para expressar o que estou tentando dizer. A santidade de Deus, disse Charnock, é que ele “trabalha com uma conveniência à sua própria excelência”. ² A palavra *conveniência* significa “adequabilidade, consonância, propriedade, harmonia”. É assim que um ato de Deus é bom, ou puro, ou perfeito. É consonante com – perfeitamente expressivo de, em harmonia com – o valor de Deus .

A glória de Deus como a beleza da santidade de Deus

Isto nos leva de volta à relação entre a santidade de Deus e a sua glória. Experimentamos a beleza da santidade de Deus como a glória de Deus. Quando a santidade de Deus se torna expressiva – criando e penetrando o mundo – nós a chamamos de a “glória de Deus”. ³ A glória de Deus é a torrente que flui de sua santidade para o mundo ver e admirar. O extenso artigo de Gerhard Kittel sobre glória no *Theological Dictionary of the New Testament* (O Dicionário Teológico do Novo Testamento) conclui que a glória de

Deus denota resplendor divino e celestial... que torna Deus impressionante ao homem, a força de sua automanifestação”. ⁴

Devemos nos lembrar constantemente de que estamos falando de uma glória que está acima de qualquer comparação criada. “A glória de Deus” é a maneira como designamos a beleza e a grandeza infinitas da pessoa que estava lá antes que houvesse qualquer outra coisa. Em outras palavras, estamos falando do valor, beleza e grandeza que existem sem origem, sem comparação, sem analogia, incapaz de serem julgados ou avaliados por qualquer critério exterior. Estamos falando do valor, grandeza e beleza originais que definem tudo. Todo valor, beleza e grandeza criados procedem desta glória e apontam para ela, mas não a reproduzem de maneira abrangente e adequada.

“A glória de Deus” é uma maneira de dizer que há realidade absoluta e objetiva para a qual toda admiração, maravilha, temor, veneração, louvor, honra, aclamação e adoração humanos apontam. Fomos criados para achar nosso prazer mais profundo em admirar o que é infinitamente admirável, ou seja, a glória de Deus. A glória de Deus não é a projeção psicológica do anseio humano sobre a realidade. Pelo contrário, o anseio humano inconsolável é a evidência de que fomos criados para a glória de Deus.

A suprema importância da glória de Deus

Portanto, quando a Bíblia exhibe a glória de Deus como o alvo de tudo que Deus faz, esta é outra maneira de dizer que o infinito valor e beleza de Deus – ou seu valor e excelência supremos – são a realidade suprema no universo. E isso é, de fato, o que achamos na Bíblia. Do começo ao fim, Deus nos diz e nos mostra que seu alvo supremo em tudo que ele faz é comunicar sua glória para o mundo ver e para seu povo admirar, desfrutar e louvar.

Podemos mostrar isto por referir-nos aos seis estágios da redenção, começando na eternidade passada e movendo-nos, pela criação e pela história, para a eternidade futura. Em cada um destes estágios, Deus fala explicitamente que seu propósito é que sua glória seja conhecida e louvada – ou seja, admirada com alegria, desfrutada abundantemente, valorizada de coração.

Predestinação

Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda bênção espiritual nos lugares celestiais em Cristo, assim como nos escolheu nele, antes da fundação do mundo, para que sejamos santos e inculpáveis diante dele. Em amor, ele nos predestinou para adoção por meio de Jesus Cristo, de acordo com o propósito de sua vontade, *para o louvor da glória de sua graça* (Ef 1.3-6, tradução do autor).

A redenção começa na eternidade passada, no coração de Deus. Ele predestina um povo “para a adoção por meio de Jesus Cristo”. Paulo nos mostra a mais profunda raiz e o mais elevado alvo desta predestinação. Ele diz que ela está enraizada no “propósito da vontade” de Deus (Ef 1.5). Diz também que o alvo final da predestinação é o louvor da glória de sua graça” (Ef 1.6).

Quão rapidamente passamos por esta última afirmação! De quem é o propósito que está sendo expresso nas palavras “ele nos predestinou para adoção... para o louvor da glória de sua graça”? É o propósito *de Deus*. E qual é este propósito? Que louvemos. Louvemos o quê? A glória de Deus. A glória peculiar de sua graça. Desde toda a eternidade, o plano de Deus era ter uma família adotada “por meio de Jesus Cristo” que louvaria sua glória por toda a eternidade. Há poucas coisas que precisamos saber que são mais importantes do que isso. Poucas coisas moldarão a sua vida mais do que isso – se penetrar no âmago de sua alma.

O plano existente desde a eternidade passada era louvor pela eternidade futura. Aquele que fez o plano e que deve ser louvado é a mesma pessoa – Deus. E o foco do louvor é a glória peculiar de Deus – que brilha mais intensamente como a glória da graça na pessoa e obra de Jesus.

Criação

Direi ao Norte: entrega! E ao Sul: não retenhas!
Trazei meus filhos de longe e minhas filhas,
das extremidades da terra, a todos os que são chamados pelo meu nome,
e os que criei *para minha glória*, e que formei, e fiz (Is 43.6-7).

O que “para minha glória” significa? Não significa que a criação trará a glória de Deus à existência. Ele já tem glória. A criação transborda essa glória. Significa que a criação mostrará, exhibirá ou comunicará a glória de Deus. Essa é a razão por que Israel foi

criado. E a razão por que nós fomos criados. Este é o objetivo de Gênesis 1.27-28:

Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra.

Se você fosse muito grande e enchesse a terra com sete bilhões de imagens de si mesmo, qual seria o seu alvo? Seu alvo é ser conhecido e admirado por sua grandeza. Mas, é claro, visto que o pecado entrou no mundo, os seres humanos preferiram viver para sua própria glória e não para a glória de Deus. É por isso que Deus planejou a história de redenção – para que todos aqueles que têm sua esperança em Cristo sejam “para louvor da sua glória” (Ef 1.12). Em nosso primeiro nascimento, fomos criados para a glória de Deus. E, por meio de Cristo, somos nascidos de novo – feitos novos, como novas criações – para a glória de Deus. *A existência humana é para a glória de Deus*. Foi por isso que Deus criou o mundo (Sl 19.1), a raça humana (Gn 1.27-28) e a nova raça em Cristo (Ef 1.12).

Encarnação

E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai (Jo 1.14).

A encarnação do eterno Filho de Deus – o Verbo que “estava com Deus, e... era Deus” (Jo 1.1) – colocou a glória de Deus em exibição como nunca antes. “Vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai.” Esta foi a razão por que o Pai o enviou e por que ele veio.

Paulo enfatizou isto em Filipenses 2.6-11, descrevendo assim a encarnação:

Ele, subsistindo em forma de Deus... tornou-se em semelhança de homens; e, reconhecido em forma humana... tornou-se obediente até à morte... Pelo que também Deus o exaltou... para que ao nome de Jesus... toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai (tradução do autor).

Se você seguir atentamente a linha de pensamento, verá que Deus exaltou a Cristo porque ele assumiu a forma humana e foi obediente até à morte. Ele foi um ser humano obediente; por isso, Deus o exaltou. E o alvo da encarnação e da consequente exaltação era *a glorificação de Deus*. “Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira... para glória de Deus Pai.” Portanto, o alvo de Deus

na encarnação do Filho era a manifestação da glória peculiar do Pai na encarnação e na obra de Cristo.

Propiciação

Agora, está angustiada a minha alma, e que direi eu? Pai, salva-me desta hora? Mas precisamente com este propósito vim para esta hora. *Pai, glorifica o teu nome*. Então, veio uma voz do céu:

Eu já o glorifiquei e ainda o glorificarei (Jo 12.27-28).

Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti (Jo 17.1).

A hora sobre a qual Jesus estava falando era a hora de sua morte. Ele viera para morrer. “E dou a minha vida pelas ovelhas” (Jo 10.15). A razão por que isso precisava ser feito é que todos os seres humanos estão sob a ira de Deus. Não há esperança para nenhum de nós sem a propiciação – ou seja, um sacrifício que remove a ira de Deus. Jesus se deu como esse sacrifício. O resultado é: “Quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus” (Jo 3.36). Há apenas duas opções. Crer e escapar da ira de Deus. Ou desobedecer ao mandamento de crer e permanecer sob a ira. Jesus disse que viera para prover este escape, para a glória do Pai. “Mas precisamente com este propósito vim para esta hora. Pai, *glorifica o teu nome*” (Jo 12.27-28).

O apóstolo Paulo explicou mais completamente como este aspecto da morte de Cristo opera realmente. Em Romanos 3.25-26:

A quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para *manifestar a sua justiça*, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos; *tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente*, para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus.

Duas vezes Paulo diz que Deus enviou Cristo como propiciação “para *manifestar a sua justiça*”. Ele também diz que o propósito é “para ele mesmo *ser justo*”. Portanto, três vezes Paulo descreve a morte de Jesus como a vindicação da justiça de Deus.

Cristo morreu por nós ou por Deus? Em certa ocasião, numa reunião de alunos chamada Paixão preguei um sermão sob o título “Cristo morreu por nós ou por Deus?” Esta passagem, Romanos 3.25-26, foi o meu texto. A resposta à pergunta foi que *Cristo morreu pela glória de Deus*, a fim de que sua morte fosse contada

para a nossa salvação. Por que Cristo precisou morrer para mostrar que Deus é justo? Na verdade, por que ele precisou morrer para que Deus, ao declarar pecadores justos, pudesse *ser* justo? A resposta é dada claramente: porque em “sua tolerância” Deus havia “deixado impunes os pecados anteriormente cometidos”. Deus não havia punido os pecados dos santos do Antigo Testamento. Ele os deixou impunes. Assim também ele deixou impunes os pecados de todos os que creem em Jesus.

No entanto, Paulo acabara de dizer, em Romanos 3.23, que estes pecados menosprezavam a glória de Deus. “Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus.” Quando uma pessoa peca, ela está expressando uma preferência por algo acima de Deus. Está dizendo que Deus e seu caminho são menos satisfatórios do que o caminho do pecado. Isto é um insulto ultrajante para Deus. Estamos mudando a glória de Deus por outra glória (Rm 1.23).

Portanto, *pecar é uma depreciação do valor da glória de Deus*. Se Deus ignora esta atitude e comportamento, como se a sua glória não possuísse valor infinito, está agindo de modo injusto. Está concordando com o fato de que as coisas são mais desejáveis do que ele mesmo. Isso é injustiça. É uma mentira.

No entanto, isso foi o que Deus fez. Deixou impunes pecados anteriores. Ele pareceu injusto. E isto, Paulo disse, foi a razão por que Deus propôs Cristo como propiciação por meio de seu sangue. Em sua morte pela glória de Deus (Jo 12.27), Cristo mostrou ao mundo que Deus não ignora o menosprezo de sua glória. Ele não varre para debaixo do tapete do universo pecados que o degradam. Na morte de Cristo, Deus mostra que sua glória é de valor infinito. Deus não é injusto; não trata a sua glória como algo sem valor. Quando ele não pune pecados por causa de Cristo, toda a criação pode ver que isto acontece não por que a glória de Deus é insignificante, e sim pelo fato que em Cristo houve uma infinita exibição do valor da glória de Deus. “Precisamente com este propósito vim para esta hora. Pai, *glorifica o teu nome*” (Jo 12.27-28).

Portanto, sabemos que Cristo morreu por causa da glória de Deus. Cristo se entregou como uma propiciação da ira de Deus, para vindicar a justiça de Deus em deixar impunes pecados que o

desprezam. E, no fazê-lo, Cristo se tornou, em sua morte e ressurreição, parte da magnífica exibição divina da glória peculiar de Deus.

Santificação

E também faço esta oração: que o vosso amor aumente mais e mais em pleno conhecimento e toda a percepção, para aprovardes as coisas excelentes e serdes sinceros e inculpáveis para o Dia de Cristo, cheios do fruto de justiça, o qual é mediante Jesus Cristo, *para a glória e louvor de Deus* (Fp 1.9-11).

Também não cessamos de orar por vós, para que o nosso Deus vos torne dignos da sua vocação e cumpra com poder todo propósito de bondade e obra de fé, *a fim de que o nome de nosso Senhor Jesus seja glorificado em vós* (2 Ts 1.11-12).

Deus torna o seu povo santo – ele os santifica – a fim de colocar sua própria glória em exibição. Ele age em nós para encher-nos “do fruto de justiça”. Por quê? “Para a glória e louvor de Deus.” Podemos ignorar facilmente que em Filipenses 1.9-11 Paulo está orando a Deus. Ou seja, está pedindo que *Deus* seja glorificado na justiça de seu povo. Este é o propósito e o fazer de Deus, não de Paulo.

De modo semelhante, em 2 Tessalonicenses 1.11-12 Paulo ora para que os crentes sejam capazes de realizar toda boa obra “a fim de que o nome de nosso Senhor Jesus seja glorificado em vós”. *As boas obras são para a glória de Cristo*. E, por meio dele, para a glória de Deus. Isto é o que devemos esperar se Deus nos *predestinou* para sua glória, nos *criou* para sua glória e *morreu para nos salvar* para sua glória. Passo a passo na história de redenção, Deus está operando todas as coisas a fim de comunicar sua glória para o desfrute de seu povo.

Consumação

Estes sofrerão penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder, quando vier para *ser glorificado* nos seus santos e *ser admirado* em todos os que creram, naquele dia (2 Ts 1.9-10).

No último dia – o fim da história, como sabemos – Jesus voltará a esta terra. Por quê? A razão dada aqui é que ele seja “glorificado nos seus santos e... admirado em todos os que creram”. A palavra *glorificar* não significa “tornar glorioso”. Significa *mostrar* como glorioso – ou aclamar, louvar, exaltar ou magnificar como glorioso.

Magnificar . Sim, esta é uma boa palavra que expressa *glorificar* . Mas é ambígua. Não magnificamos a Jesus à maneira de um microscópio. Nós o magnificamos à maneira de um telescópio. Um microscópio faz coisas pequenas parecerem maiores do que realmente são. Os telescópios fazem coisas enormes, que parecem pequenas, parecerem mais com o que realmente são. Esta é a razão por que Cristo voltará: para ser finalmente mostrado, visto e desfrutado pelo que ele realmente é.

Para nossa adoração fervorosa

De eternidade a eternidade – na predestinação, criação, encarnação, propiciação, santificação e consumação – a Bíblia deixa claro que o alvo supremo de Deus é a revelação e a exaltação de sua glória. Com base nisto, fica evidente que a glória de Deus é o tesouro supremo sobre todas as coisas que existem. Ou seja (como afirma a primeira implicação da proposta), *a dignidade e a beleza infinitas de Deus são o valor e a excelência supremos do universo* .

No entanto, a proposta que estou fazendo sobre o alvo supremo de ler a Bíblia é não somente que a glória de Deus – a dignidade e a beleza de Deus – seja revelada e mostrada para ser uma glória exaltada. A proposta é que *a dignidade e a beleza infinitas de Deus sejam exaltadas na adoração fervorosa* . E isto implica que o alvo supremo de toda a obra e toda a Palavra de Deus é a adoração supremamente intensa e autêntica de sua dignidade e beleza. Em outras palavras, como procurarei mostrar no capítulo seguinte, o alvo supremo de ler a Bíblia é não somente a exaltação universal do valor de Deus, mas também a exultação fervorosa de seu povo em adoração. Essa exultação jubilosa em adoração é a maneira como Deus planejou a mais elevada exaltação de sua glória.

¹ No que segue, estou adaptando algumas coisas que escrevi sobre santidade em *Acting the Miracle: God's Work and Ours in the Mystery of Sanctification* , ed. John Piper e David Mathis (Wheaton, IL: Crossway, 2013), 29-41, 127-38.

² Stephen Charnock, *The Existence and Attributes of God*, vol. 2 (Grand Rapids, MI: Baker, 1979), 115).

[3](#) Não pretendo dar a entender uma limitação da palavra *glória* restrita à manifestação da santidade de Deus *no mundo* . Por exemplo, Jesus orou: “Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo os que me deste, para que vejam *a minha glória que me conferiste, porque me amaste antes da fundação do mundo* ” (Jo 17.24). Mas, em geral, isto afirma que a glória de Deus é o resplendor de Deus – que brilha de sua essência.

[4](#) Theological Dictionary of the New Testament, ed. Gerhard Kittel, Geoffrey W. Bromiley e Gerhard Friedrich (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1964-), 237-38.

"No qual, não vendo agora, mas crendo, exultais com alegria indizível e cheia de glória.

1 PEDRO 1.8

Ó Deus, tu és o meu Deus forte; eu te busco ansiosamente; a minha alma tem sede de ti; meu corpo te almeja, como terra árida, exausta, sem água.

SALMO 63.1

LENDO A BÍBLIA COM VISTAS À ADORAÇÃO FERVOROSA

“Nem és frio nem quente... estou a ponto de vomitar-te da minha boca.”

A PROPOSTA

Nosso alvo supremo em ler a Bíblia é que a dignidade e a beleza infinitas de Deus sejam exaltadas através da adoração fervorosa e eterna da noiva de Cristo, comprada por sangue, formada de pessoas procedentes de todo povo, língua, tribo e nação. Isto significa que:

1. a dignidade e a beleza infinitas de Deus são *o valor e excelência supremos* do universo;

2. a adoração supremamente autêntica e intensa da dignidade e da beleza de Deus é o alvo supremo de toda obra e palavra de Deus;

3. devemos sempre ler a Palavra de Deus para *ver* esta dignidade e beleza supremas;

4. em todo o nosso ver, nosso alvo deve ser *o desfrutar* a excelência de Deus acima de todas as coisas;

5. devemos almejar ser *transformados* , por meio deste ver e desfrutar, na semelhança da beleza divina,

6. para que mais e mais pessoas sejam atraídas à família adoradora de Deus, até que a noiva de Cristo – através de todos os séculos e culturas – esteja completa em número e beleza .

Estamos perguntando na Parte 1: qual é o nosso alvo supremo em ler a Bíblia? E a resposta que propomos é que *a dignidade e a beleza infinitas de Deus sejam exaltadas através da adoração fervorosa e eterna da noiva de Cristo, comprada por sangue, formada de pessoas procedentes de todo povo, língua, tribo e nação*.

Nosso primeiro passo em estabelecer isto foi mostrar no capítulo anterior, com base na Escritura, que *a dignidade e a beleza infinitas de Deus são o valor e excelência supremos do universo*. Vimos que, desde o começo até ao fim, Deus enaltece sua glória como o alvo supremo de todas as coisas. Se houvesse algo de maior valor ou excelência, Deus pareceria um idólatra. Estaria nos levando a glorificar muito aquilo que não é muito glorioso. Mas Deus não é um idólatra. Ele é justo. Portanto (afirmando a primeira implicação), a dignidade e a beleza de Deus são realmente o valor e a excelência supremos no universo. Nada é mais valioso ou mais belo.

A adoração de Deus é o alvo da exaltação de seu valor

A segunda implicação de nossa proposta resulta da primeira. *A adoração supremamente autêntica e intensa da dignidade e da beleza de Deus é o alvo supremo de toda obra e palavra de Deus*. Isto está subentendido na primeira implicação. Está também explícito na Bíblia. Se Deus se revela como o valor e excelência supremos no universo, isso significa que devemos adorá-lo por seu supremo valor e beleza – e não apenas de maneira casual, mas com devoção fervorosa. Nossa adoração segue nossos valores. Porque isso, é o que a adoração é. A adoração é a experiência de valorizar, apreciar e entesourar aquilo que percebemos ser nosso maior tesouro.

Esta segunda implicação está também explícita na Bíblia. Jesus diz claramente que Deus está procurando *adoradores*. “Mas vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque *são estes que o Pai procura para seus adoradores* (Jo 4.23). Não surpreendentemente, a Bíblia nos ordena adorar a Deus de acordo com seu valor supremo.

Tributai ao SENHOR , filhos de Deus, tributai ao SENHOR glória e força.
Tributai ao SENHOR a glória devida ao seu nome, adorai o SENHOR na
beleza da santidade (Sl 29.1-2).

Há uma glória que pertence ao nome de Deus. É a glória “devida ao seu nome”. Isto é o que vemos no zelo de Deus em exaltar sua glória como o alvo de todas as coisas. Aqui fica claro que há uma *resposta* de nossa parte – adoração – que se harmoniza com a glória de Deus. Esta é a razão por que Deus está exaltando a sua glória – para que possamos adorar. A autoexaltação *de* Deus tem como alvo a nossa exultação *em* Deus.

Adoração é o alvo de cada etapa da redenção

A Bíblia deixa isto claro em relação a todas as seis etapas da história de redenção que vimos no capítulo anterior. O alvo é adoração.

- Em relação à *predestinação* , Deus “nos predestinou... para louvor da sua glória” (Ef 1.5, 12). Não somente para a glória ser conhecida, mas também para ser louvada. O alvo é adoração.

- Em relação à *criação* , os seres celestiais clamam: “Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas tu criaste” (Ap 4.11). Adoração eterna no céu acontece exatamente em resposta a todas as coisas haverem sido criadas por Deus.

- Em relação à *encarnação* e à morte salvífica de Cristo, os anjos do céu clamam: “Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor” (Ap 5.12). A glória da obra salvífica de Cristo será adorada para sempre.

- Em relação à *propiciação* e à grande obra do resgate anulador de ira que Cristo realizou, o céu adora com uma nova canção, dizendo: “Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação” (Ap 5.9).

- Em relação à *santificação* do povo de Deus, Paulo nos diz que o alvo supremo de sermos “cheios do fruto de justiça” é que esta transformação seja “para a glória e louvor de Deus” (Fp 1.11). Não

apenas glória, mas também *louvor* . Isso deixa evidente que o alvo da santidade na vida cristã é que Deus seja adorado.

- Em relação à *consumação* de todas as coisas e à segunda vinda de Cristo, o alvo não é somente que a sua glória seja vista, mas também que seja admirada entre “todos os que creram” (2 Ts 1.10).

Portanto, a Bíblia é explícita em afirmar que o alvo de todos os atos de Deus é que o louvemos e o adoremos por sua dignidade e beleza supremas.

Duas perguntas importantes

Duas perguntas insistem por respostas de nossa parte neste ponto :

Primeira, o que é a adoração que a Bíblia diz ser o alvo supremo de toda obra e palavra de Deus?

Segunda, por que Deus não é um megalomaniaco que exige este tipo de adoração para si mesmo?

Apresento estas perguntas juntas porque a resposta da primeira é a chave para respondermos a segunda.

C. S. Lewis sobre a consumação de louvor

Foi com a ajuda de C. S. Lewis que vi pela primeira vez a relação entre estas duas perguntas. Antes de ser um cristão, a exigência de Deus por adoração era grande obstáculo para a fé de Lewis. Ele disse que tal exigência lhe parecia como “uma mulher vaidosa que deseja elogios”. Mas, depois, quando ele descobriu a natureza da adoração, a pergunta sobre a aparente vaidade (ou megalomania) de Deus foi também respondida. Ele escreveu:

Entretanto, o fato mais óbvio sobre louvor – de Deus ou de qualquer outra coisa – me escapou estranhamente. Eu pensava no louvor como elogio, aprovação ou dar honra. Nunca havia observado que todo gozo transborda espontaneamente em louvor... O mundo vibra com louvor – amantes louvam suas amadas; os leitores, o seu poeta favorito; os andarilhos, a região campestre; os jogadores, os seus jogos favoritos – louvor do clima, vinhas, louças, atores, cavalos, faculdades, campos, personagens históricos, filhos, flores, montanhas, selos raros, besouros raros e, às vezes, até políticos e eruditos.

Toda a minha dificuldade mais geral quanto ao louvor de Deus dependia de eu negar absurdamente a nós, em referência às coisas supremamente valiosas, aquilo que nos deleitamos em fazer, aquilo que não podemos deixar de fazer, em relação a tudo mais que valorizamos.

Penso que apreciamos louvar aquilo que nos causa deleite porque o louvor não somente expressa, mas também completa o deleite; é a sua consumação designada. Não é para se completarem que os amantes continuam dizendo um ao outro quão belos são; o deleite é incompleto até que seja expresso. ¹

Em outras palavras, o louvor genuíno, de coração, não é acrescentado artificialmente ao deleite. É a consumação do próprio deleite. O deleite que temos em algo belo ou precioso não é completo até que seja expresso em algum tipo de louvor.

A resposta a aparente megalomania de Deus

Lewis viu a implicação disto no aparentemente vaidoso mandamento de Deus para que o adoremos. Ora, ele percebeu que isto não era vaidade ou megalomania. Era amor. Era Deus buscando a consumação de nosso deleite naquilo que é supremamente deleitável – ele mesmo.

Se Deus rebaixasse seu valor supremo em nome de humildade, nós seríamos os perdedores, não Deus. Deus é o único ser no universo para o qual a autoexaltação é a virtude mais elevada. Pois só existe um ser supremamente belo no universo. Só existe uma pessoa todo-satisfatória no universo. Assim, por causa da suprema beleza e grandeza de Deus, aquilo que o salmista diz no Salmo 16.11 é verdadeiro: “Na tua presença há plenitude de alegria, na tua destra, delícias perpetuamente”. Se Deus ocultasse ou negasse isso, para parecer humilde, estaria ocultando de nós a própria coisa que nos tornaria completamente felizes para sempre .

No entanto, se Deus ama da maneira como a Bíblia diz que ele ama, então, ele nos dará o que é melhor para nós. E o melhor para nós é ele mesmo. Portanto, se Deus nos ama plenamente, ele nos dará a si mesmo para nosso deleite, e nada menos. Mas, se o nosso deleite não é completo até que chegue à completude em louvor, então, Deus não estaria amando se fosse indiferente ao nosso louvor. Se ele não buscasse o nosso louvor em tudo que faz (como vimos!), não estaria buscando a plenitude de nossa satisfação. Não estaria amando.

Portanto, o que resulta é que a autoexaltação de Deus em toda a Bíblia – seu fazer tudo para manifestar sua glória e ganhar nossa

adoração – não é egoísmo; é a maneira como um Deus infinitamente todo-glorioso ama. Seu grande dom de amor é dar-nos uma participação na satisfação que ele tem em sua própria excelência e, depois, levar essa satisfação à consumação plena em louvor. Esta é a razão por que eu sustento que a adoração supremamente autêntica e intensa da dignidade e beleza de Deus é o alvo supremo de toda sua obra e palavra.

Supremamente autêntica e intensa

E o que significam as palavras “supremamente autêntica e intensa”? E a expressão “adoração fervorosa”? Nosso alvo supremo em ler a Bíblia, estou argumentando, é que a dignidade e a beleza infinitas de Deus sejam exaltadas em adoração *fervorosa* e eterna. Quando uso a expressão “adoração fervorosa”, estou evocando as implicações inatas das palavras “supremamente autêntica e intensa”. A razão por que palavras como estas são importantes é que há uma correlação entre a medida de nossa intensidade de adoração e o grau em que exibimos o valor da glória de Deus. Afeição morna por Deus dá a impressão de que ele é moderadamente agradável. Mas Deus não é moderadamente agradável. Ele é infinitamente agradável. Se não estamos intensamente satisfeitos com Deus, precisamos de perdão e cura.

Sabemos disto porque Jesus disse à igreja de Laodiceia: “Porque és morno... estou a ponto de vomitar-te da minha boca” (Ap 3.16). O oposto de sermos mornos em nossas afeições por Jesus é o que Paulo ordena em Romanos 12.11: “No zelo, não sejais remissos; sede *fervorosos de espírito* ...” A palavra *fervorosos* significa no original (gr. ζέοντες, *zeontes*) “ferventes”. A intensidade de nossa adoração é importante. Jesus acusou os hipócritas de seus dias por dizer: “Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim” (Mt 15.8). Adoração autêntica procede do coração, não apenas dos lábios.

Não dividida e fervorosa

Uma medida crucial de adoração que procede do coração é se ela é autêntica e intensa ou dividida e tépida. Autêntica significa não

dividida, genuína, real, sincera, inalterável. Intensidade implica energia, vigor, ardor, fervor, paixão, zelo.

A Bíblia não nos deixa em dúvida quanto ao tipo de adoração que Deus almeja em toda sua obra e palavra. Repetidas vezes, Deus exige que nosso coração seja autêntico e não dividido em nossa adoração. “Amarás o Senhor, teu Deus, de *toda* o teu coração, de *toda* a tua alma, de *todas* as tuas forças e de *toda* o teu entendimento” (Lc 10.27). Tu “buscarás ao SENHOR ... de *toda* o teu coração e de *toda* a tua alma” (Dt 4.29); e servirás “ao SENHOR , teu Deus, de *toda* o teu coração” (Dt 10.12); e de *toda* o coração te voltarás ao Senhor (1 Sm 7.3); e confiarás “no SENHOR de *toda* o teu coração” (Pv 3.5); e te regozijarás e exultarás “de *toda* o coração” (Sf 3.14); e de *toda* o coração darás graças ao Senhor (Sl 9.1). Não há competidores. Nenhuma afeição dividida.

E a Bíblia deixa claro o nível de intensidade de adoração que Deus está buscando. Quando Pedro escreveu para as igrejas da Ásia Menor, ele não considerou a alegria *indizível* como algo excepcional, e sim característico: “A quem, não havendo visto, amais; no qual, não vendo agora, mas crendo, exultais com alegria *indizível* e cheia de glória” (1 Pe 1.8). O salmista provava este tipo de alegria e a transformara no anseio permanente de sua vida: “Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por ti, ó Deus, suspira a minha alma. A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo” (Sl 42.1-2). “Ó Deus, tu és o meu Deus forte; eu te busco ansiosamente; a minha alma tem sede de ti; meu corpo te almeja, como terra árida, exausta, sem água” (Sl 63.1).

De modo semelhante, os primeiros cristãos haviam provado a alegria que lhes fora proposta e, quando foram chamados a sofrer com amigos aprisionados, mostraram quão intensamente apreciavam seu tesouro celestial, pela maneira como reagiram à perda de seu tesouro terreno: “Porque não somente vos compadecestes dos encarcerados, como também aceitastes *com alegria* o espólio dos vossos bens, tendo ciência de possuídes vós mesmos patrimônio superior e durável” (Hb 10.34; cf. 11.24-26; 12.2).

Deus não está buscando adoração morna, e sim adoração que é supremamente autêntica e intensa – adoração *fervorosa* e *eterna* .

Ela nunca acaba. “Àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro, seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos” (Ap 5.13). Fervorosa e sem fim. Esse é o alvo da criação e da redenção .

A tristeza de nosso fracasso

É claro que uma das grandes tristezas desta época degenerada é que cada dia estamos aquém dessa medida de autenticidade e intensidade. Deus conhece a nossa estrutura e sabe que somos pó (Sl 103.14). Conhece seus próprios filhos. E não nos deixará para sempre neste quebrantamento frustrado. Quando Jesus orou que vissemos a sua glória além da opacidade e disfunção deste mundo (Jo 17.24), também orou que nosso amor por ele fosse purificado e tornado inconcebivelmente intenso. “[Pai, eu rogo] que o amor com que me amaste esteja neles, e eu neles esteja” (Jo 17.26).

Um dia, amaremos a Jesus com o próprio amor que Deus, o Pai, tem por Deus, o Filho. Isto é literalmente inimaginável. O Pai ama o Filho com amor infinito – um amor cuja autenticidade e intensidade não podem ser medidas. Portanto, não desanime em todas as suas lutas para amá-lo como deveria. Está chegando o dia em que nós o veremos como ele é. Seremos transformados. Nós o amaremos com um amor além da imaginação. Será supremamente autêntico e supremamente intenso.

Adoração em espírito e em verdade

Deus criou e governa o mundo a fim de colocar em exibição sua glória todo-satisfatória para o desfrute de suas criaturas. E o alvo dessa exibição é a adoração fervorosa de seu povo. Enfatizei a autenticidade e a intensidade desta adoração. Mas, é claro, verdade e sentimento são ambos essenciais. Doutrina e deleite são indispensáveis. “Os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade” (Jo 4.23). A verdade é importante. Não há adoração genuína sem a verdade. Afeições intensas por Deus, quando não o conhecemos, não são verdadeiramente afeições por Deus. São afeições por uma distorção de Deus em nossa imaginação.

De acordo com Paulo, isto não poderia ser mais sério. Ele disse que é possível ter zelo (intensidade!) por Deus e não ser salvo: “Irmãos, a boa vontade do meu coração e a minha súplica a Deus a favor deles são para que sejam salvos. Porque lhes dou testemunho de que eles *têm zelo por Deus*, porém *não com entendimento*” (Rm 10.1-2). Paixão por Deus que não está baseada numa verdadeira visão de Deus não é paixão salvadora. Portanto, estamos brincando com fogo em ambas as situações: afeições tépidas e falsa doutrina são ambas mortais. Deus não quer que morramos. Por isso, ele exalta sua glória para nosso deleite e satisfação plena em tudo que faz.

Sem visão, nenhum cântico

Esta é a ênfase deste capítulo: *adoração supremamente autêntica e intensa da dignidade e da beleza de Deus é o alvo supremo de toda obra e palavra de Deus*. E, se este é o alvo supremo de toda sua obra e palavra, é também o alvo supremo da Bíblia – e da leitura da Bíblia. Em toda a nossa leitura, almejamos, esperamos e oramos que Deus use sua Palavra para nos tornar uma parte vital da adoração fervorosa e eterna de sua dignidade e beleza infinitas. Como isso acontece na leitura da Bíblia? Isso é o que veremos em seguida. Acontece por *vermos* na Escritura a suprema dignidade e beleza de Deus. Sem uma *visão* das maravilhas de Deus, não há sequer um cântico na adoração.

¹ C. S. Lewis, *Reflections on Psalms* (New York: Harcourt, Brace & World, 1958), 93-95.

O que... temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos e... se manifestou... anunciamos também a vós outros.

1 JOÃO 1.1-3

Quando ledes, podeis compreender o meu discernimento do mistério de Cristo... as insondáveis riquezas de Cristo.

EFÉSIOS 3.4, 8

LENDO PARA VER DIGNIDADE E BELEZA SUPREMAS, PARTE 1

“Quando ledes, podeis compreender o meu discernimento do mistério de Cristo.”

A PROPOSTA

Nosso alvo supremo em ler a Bíblia é que a dignidade e a beleza infinitas de Deus sejam exaltadas através da adoração fervorosa e eterna da noiva de Cristo, comprada por sangue, formada de pessoas procedentes de todo povo, língua, tribo e nação. Isto significa que:

1. a dignidade e a beleza infinitas de Deus são *o valor e excelência supremos* do universo;
2. *a adoração supremamente autêntica e intensa* da dignidade e da beleza de Deus é o alvo supremo de toda obra e palavra de Deus;
3. **devemos sempre ler a Palavra de Deus para ver esta dignidade e beleza supremas;**
4. em todo o nosso ver, nosso alvo deve ser *o desfrutar* a excelência de Deus acima de todas as coisas;
5. devemos almejar ser *transformados* , por meio deste ver e desfrutar, na semelhança da beleza divina,
6. para que mais e mais pessoas sejam atraídas à família adoradora de Deus, até que a noiva de Cristo – através de todos os séculos e culturas – esteja completa em número e beleza .

Se o alvo supremo de Deus na criação e na redenção é ter uma família que o adore com afeição fervorosa, por causa de sua beleza todo-satisfatória, então fazer parte dessa família tem de implicar que temos olhos para ver essa beleza. Não os olhos localizados em nossa cabeça, e sim o que Paulo chamou de “os olhos do... coração” (Ef 1.18). Uma pessoa que nasceu cega no sentido físico pode ver milhares de vezes mais glória no evangelho de Jesus do que uma pessoa que tem olhos perfeitos. Isso foi realmente verdadeiro em Fanny Crosby, a compositora cristã que era cega desde a infância e escreveu mais de 5.000 canções para celebrar a glória que via em Jesus. Sem olhos físicos, ela via as “grandes coisas” de Deus.

A Deus seja a *glória*, grandes coisas tem feito;
Amou tanto ao mundo que seu Filho nos deu,
O qual deu sua vida como expiação do pecado
E abriu as portas da vida para que todos entrem.
Louvem o Senhor, louvem o Senhor,
Que toda a terra ouça a sua voz!
Louvem o Senhor, louvem o Senhor,
Regozijem-se os povos!
Ó vinde ao Pai por meio de Jesus, o Filho,
E a *glória* lhe dai, grandes coisas tem feito. ¹

O alvo de ler – sempre

Nos três capítulos seguintes, focalizaremos este alvo todo-importante da vida: ver a glória de Deus. E o que estamos procurando entender e estabelecer é expresso na terceira implicação de nossa proposta: devemos sempre ler a Palavra de Deus para *ver* esta dignidade e beleza supremas – *a sua glória*. Em outras palavras, não estou apenas dizendo que ver a glória de Deus acontece na leitura da Palavra de Deus; estou dizendo também que este deve ser sempre o nosso alvo ao ler a Bíblia. Pode haver muitas razões práticas – e boas razões – para que leiamos a Palavra de Deus. Este alvo deve vir em, sob e acima de todas as razões – sempre.

Para ver isto, consideraremos primeiro o testemunho dos apóstolos João e Paulo. João é explícito em seu interesse de que gerações posteriores vejam a glória de Cristo. E Paulo é explícito

em que pela leitura do que escreveu, nós podemos ver a glória que ele viu.

Colocando a glória de Cristo à frente e no centro

O apóstolo João deixou claro que viu a sua função como um meio de ajudar as gerações posteriores. Ele sabia que os cristãos de gerações posteriores se maravilhariam de ter a mesma visão da glória de Deus que as primeiras testemunhas oculares tiveram; e isto aconteceria por meio do que ele escreveu. Ele colocou a glória do Filho de Deus na frente e no centro quando escreveu seu evangelho. O evangelho começa: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai” (Jo 1.14). João mostrou como os sinais que Jesus fez tinham como alvo revelar a sua glória e que esta glória era o alicerce da fé.

Por exemplo, quando Jesus transformou água em vinho, João escreveu: “Com este, deu Jesus princípio a seus *sinais* em Caná da Galileia; manifestou a sua *glória*, e os seus discípulos creram nele” (Jo 2.11). E, outra vez, a ressurreição de Lázaro foi descrita como uma manifestação da glória de Deus: “Respondeu-lhe Jesus: Não te disse eu que, se creres, verás a *glória* de Deus?” (Jo 11.40).

Ver a glória de Jesus sem ver o seu corpo

E o que se pode dizer sobre as gerações seguintes que não viram o Senhor pessoalmente? Como eles veriam “a glória de Deus” e creriam? A resposta de João é que o Espírito Santo viria e capacitaria tanto a ele quanto a outras testemunhas oculares para colocarem em palavras o que viram (Jo 14.26; 16.13), a fim de que pessoas pudessem ver a glória de Cristo por *lerem* e, assim, crerem e terem a vida eterna. Através de sua forma de escrever, podemos ver como João pensava nisto pela maneira como ele conecta o crer sem ver. Gerações posteriores não “veem” a forma física de Jesus da maneira como as testemunhas oculares viram. Mas, apesar disso, eles podem crer e ter a vida eterna. Por quê? Por causa do que acontece quando leem o testemunho dos apóstolos. Eles veem a glória de Cristo.

Bem-aventurados os que não viram e creram. Na verdade, fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes [sinais reveladores de glória], porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome (Jo 20.29-31).

Portanto, a vida eterna vem por crer em Jesus. E crer vem por ler o que está escrito, porque ler o que está escrito é uma janela para a glória de Cristo .

O Espírito Santo guiou a escrita dos apóstolos com o alvo específico de tornar evidente a glória de Jesus. Em João 16.13-14, vemos que isto foi sugerido por Jesus: “Quando vier, porém, o Espírito da verdade... *Ele me glorificará* , porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar”. A obra do Espírito nos escritos do Novo Testamento é *revelar a glória de Cristo* . Esta glória é vista por ler.

O que temos visto anunciamos

Em sua primeira epístola, João tornou esta conexão ainda mais clara – a conexão entre o que ele viu como testemunha ocular da glória de Cristo e o que escreveu para aqueles que não haviam sido testemunhas oculares. Sua epístola começa assim:

O que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos próprios olhos, o que *contemplamos* , e as nossas mãos apalparam, com respeito ao Verbo da vida (e a vida *se manifestou* , e nós a temos visto , e dela damos testemunho, e vo-la anunciamos, a vida eterna, a qual estava com o Pai e nos *foi manifestada*), o que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros, para que vós, igualmente, mantenhai comunhão conosco. Ora, a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo. Estas coisas, pois, vos escrevemos para que a nossa alegria seja completa (1 Jo 1.1-4).

Seis vezes João se refere ao que foi “visto” ou “manifestado”. E quatro vezes ele diz que o que tinha visto está sendo agora transformado no que testifica, proclama e escreve. A intenção é que a fé e a vida que ele recebeu por ver a glória de Cristo sejam também recebidas por seus leitores por verem o que ele viu – a glória de Cristo que brilha através do escrito inspirado .

Por lerem vocês podem ver o que eu vejo

Voltando-nos do testemunho de João para o de Paulo, vemos a mesma convicção. Ouvimos um apóstolo falar explicitamente sobre a leitura de seu próprio escrito. Em Efésios 3.4, o apóstolo Paulo faz uma referência crucial e rara ao alvo de ler a sua própria epístola:

Segundo uma revelação, me foi dado conhecer o mistério, conforme escrevi há pouco, resumidamente; pelo que, *quando ledes, podeis compreender o meu discernimento do mistério de Cristo*, o qual, em outras gerações, não foi dado a conhecer aos filhos dos homens, como, agora, foi revelado aos seus santos apóstolos e profetas, no Espírito, a saber, que os gentios são coerdeiros, membros do mesmo corpo e coparticipantes da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho; do qual fui constituído ministro conforme o dom da graça de Deus a mim concedida segundo a força operante do seu poder. A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça de pregar aos gentios o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo (Ef 3.3-8).

Quando Paulo considera como os efésios leriam a sua carta, focaliza a atenção deles no seu próprio “discernimento do mistério de Cristo”. Paulo diz: “Segundo uma revelação, me foi dado conhecer o mistério, conforme escrevi... resumidamente; pelo que, *quando ledes, podeis compreender o meu discernimento do mistério de Cristo*”. Este é o grande padrão da Escritura.

O padrão de revelação

Primeiramente, há um mistério – não algo ininteligível, e sim algo desconhecido, guardado na mente de Deus. Em segundo, há a revelação desse mistério para um porta-voz escolhido por Deus. Em terceiro, o porta-voz coloca a revelação do mistério em forma escrita – neste caso, a Epístola aos Efésios. Em quarto, há a leitura do escrito inspirado. E, por meio desta leitura, os leitores podem “*compreender o meu discernimento*” (gr., νοσαι τὴν σύνεσίν μου) quanto ao mistério revelado. Ou seja, por lerem, eles podem “ver”, ou ter um vislumbre, do que Deus mostrou a Paulo. E disto resulta tudo mais na vida cristã – fé, esperança, amor, relacionamentos transformados, nova comunidade, impacto no mundo.

Portanto, se ver acontece por ler, a pergunta é: o que Paulo estava dizendo para os leitores efésios verem? Ele disse que, por lerem, poderiam compreender o seu discernimento quanto ao “mistério de Cristo” (Ef 3.4). Que riquezas Paulo via nesta expressão!

As insondáveis riquezas de Cristo

Ele define a expressão “mistério de Cristo” no versículo 6: “A saber, que os gentios são coerdeiros, membros do mesmo corpo e coparticipantes da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho”. Os leitores de Paulo são os gentios (Ef 2.11 – “vós, gentios...”). Portanto, isto era notícia espetacular para eles. A parede de separação entre judeus e gentios fora derribada pela morte de Cristo em favor de pecadores. Ele derribou “a parede da separação... na sua carne” (Ef 2.14, 15). Por isso, os gentios não são mais “estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos, e sois da família de Deus” (Ef 2.19). O mistério que Paulo revela é que as promessas feitas a Israel e seu Messias são contadas agora em favor dos gentios que estão “em Cristo” (Ef 2.13). Eles são agora “concidadãos dos santos” e “membros da família de Deus”. Herdarão o que o membro da família herda .

Essa é a primeira resposta para a pergunta sobre o que Paulo queria que eles vissem através da leitura: o mistério de que gentios são agora coerdeiros plenos com Israel em Cristo. Agora, a pergunta se torna: “Como Paulo resume os benefícios maravilhosos que isto trouxe para os gentios?” Em Efésios 3.8, ele diz o seguinte: “A mim... me foi dada esta graça de pregar aos gentios o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo”. Quando ele diz que os leitores podem compreender seu discernimento quanto ao mistério de Cristo, Paulo está pensando nestas insondáveis riquezas de Cristo.

As riquezas da glória de Deus

Qual é a conexão entre o mistério e as riquezas de Cristo? Paulo dissera que o mistério é que eles são “coerdeiros”. Observe a palavra *herdeiros* . Em Efésios 1.18, Paulo já havia orado para que Deus iluminasse “os olhos do coração” deles, para que vissem (com olhos do coração) “a riqueza da glória da sua *herança* ”. Por isso, podemos inferir com certeza que “as insondáveis riquezas de Cristo” (referidas em Efésios 3.8) são primariamente o que Paulo tinha em mente quando disse que os gentios eram coerdeiros de Cristo. E notamos que estas riquezas de Cristo são chamadas (em Efésios 1.18) “a riqueza da glória” – a glória de Deus.

As riquezas da glória deste mistério

Em outras palavras, o mistério que os leitores poderiam “compreender” por lerem a Escritura era a revelação das riquezas da glória de Deus, ou seja, “as insondáveis riquezas de Cristo”. Esta conexão entre as riquezas da glória de Deus e o mistério das insondáveis riquezas de Cristo é confirmada pela passagem correspondente em Colossenses 1.27. Ali, Paulo diz: “Deus quis dar a conhecer qual seja a riqueza da glória deste mistério entre os gentios”. O mistério, que em Efésios é o desfrute das “riquezas de Cristo” pelos gentios, em Colossenses é o desfrute da “riqueza da glória” pelos gentios. A “riqueza da glória” e as “insondáveis riquezas de Cristo” são as mesmas riquezas. Estas são expressões que abrangem tudo que Deus é em Cristo por amor aos gentios que são agora coerdeiros.

Uma onda de alegria me domina

Para mim, é simplesmente maravilhoso que Deus tenha levado Paulo, em Efésios 3.4, a tornar inconfundivelmente explícito este fato impressionante sobre ler, ou seja, que *as riquezas da glória de Deus são compreendidas por meio de ler*. É maravilhoso porque ler é algo tão comum, mas as insondáveis riquezas de Cristo são tão extraordinárias. É como se Paulo dissesse que podemos voar ao ficar sentado. Ou que podemos estar no topo do monte Everest somente por respirar. Por ler, podemos ver a glória divina! Pelo ato mais comum, podemos ver a realidade mais maravilhosa. Uma onda de alegria me invade quando penso nisto. Na Bíblia, pelo ato de ler, posso ver a glória de Deus. Ó Senhor, inclina meu coração a este livro e não à vaidade! Essa é a minha oração – por mim mesmo e por você.

No entanto, não posso perder de vista o argumento que estou tentando afirmar: que devemos ler a Palavra de Deus para ver seu valor e beleza supremos. O mínimo que podemos dizer neste ponto, com base em Efésios 3.4-8, é que Paulo nos deu um grande impulso naquela direção. Você quer ter acesso às riquezas da glória de Deus em Cristo? Quer “compreender” essas riquezas (Ef 3.4)? Quer conhecê-las (Ef 1.18)? Quer ser capacitado por elas a “compreender... a largura, e o comprimento, e a altura, e a

profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento” (Ef 3.16-19)? Então, diz Paulo, leia! Leia o que escrevi. Ou, podemos dizer, leia a Bíblia.

Nunca veja qualquer coisa em separado da glória de Cristo

É claro que alguém pode dizer: “Mas o livro de Efésios contém tantas outras coisas para serem vistas! Você está dizendo que negligenciamos essas coisas e nos focalizemos apenas nas riquezas da glória de Deus?” É realmente verdade que Efésios aborda muitas coisas importantes para nossa vida diária: humildade, gentileza, paciência, tolerância (4.2), batismo (4.5), oficiais de igreja (4.11), amor (4.16), dureza de coração (4.18), engano (4.22), justiça e retidão (4.24), ira (4.26, 31), trabalho honesto (4.28), avareza (5.5), o Espírito Santo (5.18), casamento (5.22-33), guerra espiritual (6.10-20) e mais.

Quando digo que devemos ler – *sempre* ler – para ver a glória de Deus, não estou querendo dizer que ler para ver a glória de Deus significa *não* ver as questões da vida que estão diante de nós. Pelo contrário, quero dizer que devemos vê-las por todos os modos! Vê-las todas. Vê-las com clareza minuciosa em todos os seus relacionamentos, como Paulo tencionava. Mas nunca vê-las em separado da glória de Deus. Nunca vê-las em separado das insondáveis riquezas de Cristo.

A glória do Deus trino não é um item que vemos ao longo do caminho, distinto dos outros itens. É uma realidade que abrange e envolve tudo. Está acima de tudo, em tudo e abaixo de tudo. Se houvesse uma lista de questões da vida, a glória de Deus não seria uma delas. Pelo contrário, a glória de Deus é o papel, a tinta, a luz incidente no papel e o significado das palavras. Portanto, o ponto é nunca ver a glória de Deus *sem* ver as outras coisas. O ponto é sempre ver a glória de Deus *em* e *por meio de* todas as coisas.

Quando Paulo disse: “Quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus” (1 Co 10.31), ele queria dizer: vejam *todas as coisas* em relação à glória de Deus – começando com as coisas mais corriqueiras, como bebida e comida. Em seguida, tratem todas as coisas de tal maneira que mostre como

essas coisas acham seu verdadeiro significado em relação à glória de Deus. Tratem-nas, lidem com elas, de uma maneira que mostre o supremo valor da glória de Deus em e acima de todas elas.

Portanto, eu concluo de Efésios 3.4-8 que ler é um meio designado por Deus para vermos as riquezas da glória de Deus, as insondáveis riquezas de Cristo. Esta é a razão por que Deus inspirou Paulo a escrever a Escritura. É a razão por que ele escreveu. E isto é o que devemos ver quando lemos.

Ver a Deus por meio de ler

Tanto João quanto Paulo colocaram a glória de Cristo (que é a *imagem* de Deus!) no primeiro plano de seus escritos inspirados. E ambos nos mostram a grande importância que colocaram em ler as palavras que escreveram. Ambos acreditavam e ensinaram que, por meio dessa leitura, os seguidores de Jesus mesmo não sendo testemunhas oculares poderiam realmente ver a glória de Cristo e ter a vida eterna. Esta é a maravilha da Escritura. A visão da glória de Deus que os apóstolos tiveram na presença de Jesus nós também podemos ter por meio do que eles escreveram. Esta é, de fato, a principal coisa que eles querem que vejamos. É a coisa mais importante para ser vista. “A luz do evangelho da glória de Cristo” (2 Co 4.4). Isto é o que devemos *almejar* ver em toda a nossa leitura da Palavra de Deus.

¹ Fanny J. Crosby, “To God Be the Glory, Great Things He Has Done” (1875); ênfase acrescentada.

Até ao dia de hoje, quando fazem a leitura da antiga aliança, o mesmo véu permanece, não lhes sendo revelado que, em Cristo, é removido. Mas até hoje, quando é lido Moisés, o véu está posto sobre o coração deles. Quando, porém, algum deles se converte ao Senhor, o véu lhe é retirado.

2 Coríntios 3.14-16

LENDO PARA VER DIGNIDADE E BELEZA SUPREMAS, PARTE 2

“Quando... algum deles se converte ao Senhor, o véu lhe é retirado.”

A PROPOSTA

Nosso alvo supremo em ler a Bíblia é que a dignidade e a beleza infinitas de Deus sejam exaltadas através da adoração fervorosa e eterna da noiva de Cristo, comprada por sangue, formada de pessoas procedentes de todo povo, língua, tribo e nação. Isto significa que:

1. a dignidade e a beleza infinitas de Deus são *o valor e excelência supremos* do universo;
2. *a adoração supremamente autêntica e intensa* da dignidade e da beleza de Deus é o alvo supremo de toda obra e palavra de Deus;
3. **devemos sempre ler a Palavra de Deus para ver esta dignidade e beleza supremas;**
4. em todo o nosso ver, nosso alvo deve ser *o desfrutar* a excelência de Deus acima de todas as coisas;
5. devemos almejar ser *transformados* , por meio deste ver e desfrutar, na semelhança da beleza divina,
6. para que mais e mais pessoas sejam atraídas à família adoradora de Deus, até que a noiva de Cristo – através de todos os séculos e culturas – esteja completa em número e beleza .

Traze os livros, especialmente os pergaminhos

O apóstolo Paulo respirava o ar de livros. Quando esteve preso em Roma, escreveu a Timóteo e lhe pediu seus livros: “Quando vieres, traze a capa que deixei em Trôade, em casa de Carpo, bem como os livros, especialmente os pergaminhos” (2 Tm 4.13). É claro que, ao dizer “livros”, Paulo não tinha em mente os livros de papel fino, trezentas páginas e bem encadernados nos quais pensamos. Ele vivia no século I. Os livros mais antigos, como pensamos neles, eram chamados “códices” – folhas empilhadas de pergaminho, ou papiro, ou pele, ou madeira costuradas ou amarradas para formar um “livro”. Antes disso, os documentos mais extensos eram enrolados em rolos. Ninguém sabe quando o primeiro código foi introduzido na história. Não eram incomuns entre os cristãos no século II AD. ¹ Então, é possível que Paulo possuísse livros costurados como o código. Não importando a forma dos livros, ele os queria consigo na prisão em Roma.

Antes de sua conversão, Paulo era um fariseu (Fp 3.5). Isso significa que ele era um perito na lei de Moisés escrita. Paulo usou a palavra *livro* para se referir à lei mosaica: “Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas escritas no *Livro* da lei, para praticá-las” (Gl 3.10). Uma vez ele se identificou como um estudante rigoroso desta lei, que tivera o melhor treinamento disponível: “Eu sou judeu, nasci em Tarso da Cilícia, mas criei-me nesta cidade e aqui fui instruído aos pés de Gamaliel, segundo a exatidão da lei de nossos antepassados, sendo zeloso para com Deus” (At 22.3).

A estratégia evangelística de Paulo era ir para um centro urbano e começar na sinagoga judaica. Isto era estratégico não somente porque os judeus tinham um lugar especial no plano redentor de Deus (At 3.26; Rm 1.16), mas também porque a sinagoga tinha os livros sagrados que Paulo amava e nos quais confiava. A sinagoga era um território comum. Todo sábado as Escrituras eram lidas publicamente. Em Atos 15.21, Pedro disse ao Concílio de Jerusalém: “Moisés tem, em cada cidade, desde tempos antigos, os que o pregam *nas sinagogas, onde é lido todos os sábados*”. Paulo contava com isso quando entrava nas sinagogas. Eles leriam dos

livros que ele conhecia muito bem, porque antes havia sido um fariseu.

Esta experiência de tratar com pessoas judias que liam os livros da Escritura toda semana levou Paulo a pensar profundamente em ler. Eles liam os mesmos livros que ele lia, mas não viam o que ele via. Os judeus não viam a glória de Deus que Paulo via na leitura. E, quando lhes mostrava as conexões entre a antiga e a nova aliança, eles não podiam ver a maravilha disso como Paulo via. Nesta altura, seria esclarecedor perguntar: “O que o entendimento de Paulo sobre esta tragédia nos diz a respeito sobre os alvos de ler a Escritura?”

Um texto abrangente e específico

Uma das passagens mais abrangentes, porém enfáticas, sobre ver a glória de Deus por ler a Escritura é 2 Coríntios 3.7-4.6. É *abrangente* porque retorna até à entrega da lei no monte Sinai, passando por toda a era da antiga aliança, e avança pelos longos séculos de leitura de Moisés até, finalmente, relacionar tudo isso à nova aliança e ao evangelho de Cristo. Poucas passagens incluem tanta história da obra de Deus. Mas não é apenas abrangente. É também *enfática*. Lida especificamente com a glória de Deus em ambas alianças, antiga e nova.

Sei que a passagem é extensa. Mas eu a citarei para que, ao me referir a versículos específicos, você seja capaz de verificar mais facilmente meu pensamento:

E, se o ministério da morte, gravado com letras em pedras, se revestiu de *glória*, a ponto de os filhos de Israel não poderem fitar a face de Moisés, por causa da *glória* do seu rosto, ainda que desvanecente, como não será de maior *glória* o ministério do Espírito! Porque, se o ministério da condenação foi *glória*, em muito maior proporção será *glorioso* o ministério da justiça. Porquanto, na verdade, o que, outrora, foi *glorificado*, neste respeito, já não resplandece, diante da atual sobre-excelente *glória*. Porque, se o que se desvanecia teve sua *glória*, muito mais *glória* tem o que é permanente.

Tendo, pois, tal esperança, servimo-nos de muita ousadia no falar. E não somos como Moisés, que punha véu sobre a face, para que os filhos de Israel não atentassem na terminação do que se desvanecia. Mas os sentidos deles se embotaram. Pois até ao dia de hoje, quando fazem a leitura da antiga aliança, o mesmo véu permanece, não lhes sendo revelado que, em Cristo, é removido. Mas até hoje, quando é lido Moisés, o véu está posto sobre o coração deles. Quando, porém, algum deles se

converte ao Senhor, o véu lhe é retirado. Ora, o Senhor é o Espírito; e, onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade. E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a *glória* do Senhor, somos transformados, de *glória* em *glória*, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito.

Pelo que, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos; pelo contrário, rejeitamos as coisas que, por vergonhosas, se ocultam, não andando com astúcia, nem adulterando a palavra de Deus; antes, nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade. Mas, se o nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que está encoberto, nos quais o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da *glória* de Cristo, o qual é a imagem de Deus. Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor e a nós mesmos como vossos servos, por amor de Jesus. Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da *glória* de Deus, na face de Cristo (2 Co 3.7-4.6).

A glória desvanecente da antiga aliança

Paulo usa a palavra glória 14 vezes em 2 Coríntios 3.7-4.6. E ficará claro que a glória de Deus – em relação, primeiro, à lei de Moisés e, depois, ao evangelho de Cristo – é a principal preocupação de Paulo. Em referência a Moisés, o ponto principal é que a glória da antiga aliança desvanece ao ser comparada com a glória da nova aliança. A luz de velas desvanece quando os raios do sol penetram pelas janelas. Este desvanecimento é expresso mais claramente em 2 Coríntios 3.10: “Porquanto, na verdade, o que, outrora, foi glorificado, neste respeito, já não resplandece, diante da atual sobre-excelente glória”.

Essa é uma afirmação admirável porque Paulo acabara de dizer: “E, se o ministério da morte, gravado com letras em pedras, se revestiu de glória, a ponto de os filhos de Israel não poderem fitar a face de Moisés, por causa da glória do seu rosto” (3.7; cf. Êx 34.30). Havia *glória* na antiga aliança. Era a glória *de Deus*. Não era para ser desprezada. Nem naquele tempo, nem agora. Não vê-la e não valorizá-la pelo que ela é significa não compreender o significado da antiga aliança – e o valor excepcional da nova aliança. Entretanto, de acordo com o próprio desígnio de Deus, a glória da

antiga aliança era temporária, não permanente. “Se o que se desvanecia teve sua glória, muito mais glória tem o que é permanente [o evangelho, a nova aliança]” (2 Co 3.11).

Deus revela um pouco mais ou um pouco menos de sua glória em diferentes tempos e contextos. Mas é sempre a sua *glória* ! Nunca é de menor valor. Nunca é insignificante. Nunca é trivial. É sempre alguma medida da excelência infinita. É sempre digna de ser vista, conhecida e amada.

Supernovas desvanecem diante do evangelho

No entanto, em comparação com a glória do evangelho, a glória da aliança mosaica quase desapareceu. Em comparação com o brilho de entretenimento, de contas bancárias e de sucesso vocacional, a glória da aliança mosaica – sim, a aliança *mosaica* – brilha como uma supernova. Cuidado para não diminuir a glória do evangelho por diminuir a glória do Sinai, que desvanece em relação à glória do evangelho. Diante do evangelho, as supernovas desvanecem como se fossem velas. Elas não são nada. Quando lemos o Antigo Testamento, talvez devamos colocar óculos de sol – a menos que sejamos cegos .

A ligação entre glória e leitura

Tragicamente, a maioria dos leitores judeus nos dias de Paulo era apenas isso – espiritualmente cegos. É aqui que Paulo faz a conexão entre a glória de Deus e a leitura. Paulo compara os leitores judeus de seus dias com a geração que esteve ao pé do monte Sinai. Ele adapta a situação do Sinai à sua própria situação em duas maneiras diferentes. Paulo estava lendo Êxodo 34.34-35:

Porém, vindo Moisés perante o SENHOR para falar-lhe, removia o véu até sair; e, saindo, dizia aos filhos de Israel tudo o que lhe tinha sido ordenado. Assim, pois, viam os filhos de Israel o rosto de Moisés, viam que a pele do seu rosto resplandecia; porém Moisés cobria de novo o rosto com o véu até entrar a falar com ele.

Por um lado, Paulo compara com o povo no Sinai os leitores judeus de seus dias que eram impedidos de ver a glória: “Até ao dia de hoje, quando fazem a leitura da antiga aliança, o mesmo véu permanece” (2 Co 3.14). Mas, por outro lado, estes mesmos leitores

são também comparados com Moisés, que levantava o véu quando voltava ao Senhor na tenda de encontro: “Quando, porém, algum deles se converte ao Senhor, o véu lhe é retirado” (3.15-16).

O que desejo enfatizar é que a ocasião para ver a glória de Deus – ou não vê-la – é o ato de *ler* as Escrituras. Versículo 14: “Quando *fazem a leitura* da antiga aliança...” Versículo 15: “Quando *é lido* Moisés...” Neste momento específico da vida – *a leitura* de Moisés – a glória de Deus deveria ser vista. A razão por que ela não era vista era que “os sentidos deles se embotaram” (3.14). Era como se um véu caísse sobre eles. Certamente, esse véu permitia que muitos fatos sobre Deus e sua lei brilhassem através dele. É por isso que os fariseus possuíam tanto conhecimento do Antigo Testamento, mas não podiam ver a verdadeira glória de Deus. “Vendo, não veem” (Mt 13.13). O véu, o endurecimento, mantinha fora a glória de Deus.

O endurecimento e a grande necessidade de leitura correta

Em seus próprios dias, Moisés estava ciente deste endurecimento, apesar das grandes manifestações da glória de Deus. Por exemplo, em Deuteronômio 29.2-4 lemos:

Chamou Moisés a todo o Israel e disse-lhe: Tendes visto tudo quanto o SENHOR fez na terra do Egito, perante vós, a Faraó, e a todos os seus servos, e a toda a sua terra; as grandes provas que os vossos olhos viram, os sinais e grandes maravilhas; *porém o SENHOR não vos deu coração para entender, nem olhos para ver, nem ouvidos para ouvir, até ao dia de hoje* .

Em toda a história de Israel (Is 6.9-10; 63.17; Jo 8.43; At 28.26; Rm 11.8-10), houve um remanescente que viu e creu. Mas houve também uma predominante inclinação para a cegueira espiritual, um fato que Deus ordenou, a fim de abrir uma porta de salvação para as nações gentias, um mistério que Paulo explica em Romanos 11.11-32: “Pela sua [de Israel] transgressão, veio a salvação aos gentios” (v. 11). “Veio endurecimento em parte a Israel, até que haja entrado a plenitude dos gentios” (v. 25).

Oh! Como deveríamos nos unir sincera e fervorosamente a Paulo em oração por seus patrícios, o povo judeu! “Irmãos, a boa vontade do meu coração e a minha súplica a Deus a favor deles são para que

sejam salvos” (Rm 10.1). A esperança de Paulo era que suas orações e seu ministério pudessem, de algum modo, “incitar à emulação os do meu povo e salvar alguns deles” (Rm 11.14). Ele também prometeu que, ao entrar a plenitude dos gentios, “todo o Israel será salvo” (Rm 11.26).

Em outras palavras, o véu que está sobre os olhos de Israel e o endurecimento que os impedia de ver a verdadeira natureza da glória peculiar de Deus (2 Co 3.14-15) não eram exclusivos aos dias de Paulo. Já eram verdadeiros em Deuteronômio 4.29. Eram verdadeiros no tempo de Paulo (2 Co 3.15). E são verdadeiros hoje (Rm 11.25). E isto coloca em acentuado destaque qual é a grande necessidade – para judeus e gentios. Precisamos ler as Escrituras de tal maneira que vejamos a glória de Deus.

O desvelamento sobrenatural quando os cristãos leem

Paulo prossegue e contrasta seu ministério com a experiência de Moisés: “Servimo-nos de muita ousadia no falar. E *não* somos como Moisés, que punha véu sobre a face” (2 Co 3.12-13). A palavra grega traduzida por ousadia (parrjes^o) denota abertura, franqueza e clareza, não apenas ousadia. O contraste é que no ministério de Moisés a glória de Deus estava sendo velada, e no ministério de Paulo a glória de Deus está sendo desvelada.

Em seguida, Paulo traça uma comparação entre Moisés e todos os cristãos. Um cristão é uma pessoa que se voltou para o Senhor Jesus e, portanto, tem visto sem véu a glória do Senhor. “Quando, porém, algum deles se converte ao Senhor, o véu lhe é retirado... E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando... a glória do Senhor” (2 Co 3.16-18). Em outras palavras, todos os crentes se voltaram para o Senhor, como Moisés quando entrava na tenda.

Esta experiência de todo cristão é sobrenatural. Não vem de poderes meramente humanos. No converterem-se a Jesus, os crentes experimentam a obra do Espírito Santo. Isso está implícito nas palavras de Paulo: “Ora, o Senhor é o Espírito; e, onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade” (2 Co 3.17). Ou seja, o Espírito nos liberta da escravidão de cegueira e dureza.

Converter-se ao Senhor e ver o Senhor são uma só coisa. Abrir os olhos e ver a luz não são sequenciais. São simultâneos. Voltar-se para a luz e ver a luz são uma só coisa. E este grande milagre singular de libertação da cegueira espiritual é um dom. “Todos nós... somos transformados... pelo Senhor, o Espírito” (2 Co 3.18).

“Contemplando... a glória do Senhor” – por ler

Assim, Paulo mudou nosso foco da antiga aliança para a nova aliança – da lei de Moisés para o evangelho de Cristo. Da glória velada e temporária para a glória desvelada e permanente. E o ensino central de Paulo é que, ao ser removido o véu – quando o endurecimento e a cegueira são removidos – vemos a glória do Senhor. “E todos nós, com o rosto desvendado, *contemplando ... a glória do Senhor*, somos transformados” (2 Co 3.18). Contemplar a glória era a experiência parcial e desvanecente da antiga aliança, mas agora, com o véu removido, é a experiência maior e mais brilhante da nova aliança. Ver a glória de Deus era e continua sendo preeminente.

Lembre que o ponto de contato com a glória de Deus deveria ser a *leitura* de Moisés (2 Co 3.14-15). Ler. Esta deveria ser a maneira pela qual a glória de Deus seria vista. Isso mudou? Não. Não tem havido contestação nem abandono desta janela que chamamos “ler”. Portanto, podemos supor que o valor desta janela permanece.

A diferença é que antes havia a leitura com um véu. Agora, há a leitura sem véu algum. Antes, havia uma janela com uma cortina, agora a cortina foi puxada para o lado. Mas a janela de leitura permanece, como vimos em Efésios 3.4. Este continua sendo o plano de Deus para a revelação de sua glória. No passado, a glória do Senhor estava velada no ler. Agora, a glória do Senhor está desvelada no ler. Contemplar “com o rosto desvendado... a glória do Senhor” (2 Co 3.18) acontece por meio de ler. Isto é verdadeiro tanto para um novo ler, iluminado pelo Espírito, a antiga aliança quanto para o ler (ou ouvir) o evangelho de Cristo.

“A luz do evangelho da glória de Cristo”

Em 2 Coríntios, Paulo focaliza não a antiga aliança, e sim o ver a glória de Deus *no evangelho*. Mas ele admite que nem todos veem

a glória do Senhor no evangelho. “Nós somos para com Deus o bom perfume de Cristo, tanto nos que são salvos como nos que se perdem. Para com estes, cheiro de morte para morte; para com aqueles, aroma de vida para vida” (2 Co 2.15-16). Ou, como ele diz em 2 Coríntios 4.3-4: “Mas, se o nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que está encoberto, nos quais o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos” (2 Co 4.3-4).

Eles estão cegos para o quê? Para a glória de Deus – a glória de Cristo – *no evangelho* . Satanás “cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça *a luz do evangelho da glória de Cristo* , o qual é a imagem de Deus”. Em outras palavras, a mesma cegueira que impedia Israel de ver a glória peculiar de Deus na aliança mosaica ainda está em operação, cegando pessoas para a glória de Cristo no evangelho.

O resplandecer soberano de Deus

O remédio para esta cegueira é apresentado no versículo 6: “Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo”. Deus mesmo, proferindo uma palavra onipotente, como no tempo da criação, dá ao cego a luz “do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo”. Deus cria o ver da glória divina no evangelho. Remove o endurecimento. Retira a cegueira. Levanta o véu.

Para vermos o quê? Observe as expressões semelhantes nos versículos 4 e 6:

Versículo 4: “A luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus”.

Versículo 6: “Iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo”.

O versículo 4 se refere à glória de Cristo. O versículo 6 se refere à glória de Deus. Mas, ao ser mencionada a glória de Cristo, ele é chamado “a imagem de Deus”. E, quando a glória de Deus é mencionada, a sua glória é vista “na face de Cristo”. Portanto, estas *não* são duas glórias, mas uma só. É a glória de Cristo e, também, a glória de Deus. Mas são uma única glória. E Deus é conhecido na face de Cristo .

Vendo glória por ler e ouvir

Esta glória é vista (2 Co 4.4) como um tipo de luz espiritual que brilha no evangelho. Por isso ela é chamada “a luz do evangelho da glória de Cristo”. E este evangelho – estas notícias da morte e ressurreição de Cristo pelo pecado (1 Co 15.3-5) – é *proclamado* (1 Co 9.14; Gl 2.2) e *escrito*. É ouvido e lido.

Sabemos que Paulo pensava no evangelho como *escrito para ser lido* – não somente proclamado para ser ouvido –, porque ele usou a palavra *evangelho*, como vimos, em Efésios 3.6 para descrever o que os efésios poderiam *ler*. Paulo disse: “Pelo que, quando *ledes*, podeis compreender o meu discernimento do mistério de Cristo” (Ef 3.4). E, em seguida, ele disse: “Os gentios são coerdeiros... *por meio do evangelho*”. Por isso, em Efésios 6.19, Paulo o chama “o mistério do *evangelho*”.

Portanto, quando Paulo diz em 2 Coríntios 4.4-6 que Deus capacita os crentes para verem “a luz do evangelho da glória de Cristo”, sabemos que este ver acontece por ler o evangelho, bem como por ouvir. E sabemos que isso também se aplica a 2 Coríntios 3.18. Quando Paulo diz: “Todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor”, sabemos que este contemplar acontece não somente por meio de ouvir, mas também de ler o evangelho.

Todo o testemunho apostólico revela a glória

Isto significa que nossa janela para a glória de Deus é não somente a leitura de uma porção dos escritos de Paulo chamada “o evangelho”, mas também a leitura de todos os seus escritos inspirados? Não seria artificial dizer que o apóstolo Paulo tencionava apenas que *parte* de suas cartas revelassem a luz “do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo” (2 Co 4.6)? Ele não limitou a origem e o impacto sobrenatural de suas cartas dessa maneira. Pelo contrário, Paulo falou de todo o seu ensino apostólico como tendo este desígnio sobrenatural.

Expomos sabedoria entre os experimentados; não, porém, a sabedoria deste século... falamos a sabedoria de Deus em mistério, outrora oculta... temos recebido... o Espírito que vem de Deus... Disto também falamos, não em palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas ensinadas pelo Espírito (1 Co 2.6-13).

Era assim que Paulo via todos os seus escritos como apóstolo. Isto era a base de sua autoridade. E o levou a dizer até mesmo sobre as questões não essenciais: “Se alguém se considera profeta ou espiritual, reconheça ser mandamento do Senhor o que vos escrevo. E, se alguém o ignorar, será ignorado (1 Co 14.37-38). Todas as cartas de Paulo – de fato, todo o testemunho dos apóstolos do Novo Testamento – possuem as marcas de autoridade divina. Todos estes escritos, e não apenas a parte dele chamada “evangelho”, são a nossa janela para a glória de Deus. E, por meio desta janela, vemos a glória peculiar de Deus *por lermos* .

1 O primeiro registro do uso dos códices pelos romanos para obras literárias data de final do século I AD, quando Marcial experimentou o formato. Naquele tempo, o rolo era o instrumento predominante para obras literárias e seria predominante para obras seculares até ao século IV. Júlio César, em viagem pela Gália, achou útil dobrar seus rolos no estilo sanfonado para referência mais rápida, como os chineses também fizeram mais tarde. Já no início do século II, há evidência de que o códice – geralmente de papiro – era o formato preferido entre os cristãos. Na biblioteca de Vila dos Papiros, em Herculano (soterrada em 79 AD), todos os textos (literatura grega) são rolos; na biblioteca de Nag Hammadi, escondida em aproximadamente 390 AD, todos os textos (cristãos gnósticos) são códices. Acesso em 12 de março de 2016, <http://newworld-encyclopedia.org/entry/Codex>.

Em conhecer a Deus, estimá-lo, amá-lo, regozijar-se nele e louvá-lo, há para a criatura tanto a exibição quanto o reconhecimento da glória de Deus. A plenitude de Deus é recebida e retornada. Aqui há uma *emanação* e um *retorno da emanação*. A refulgência brilha em e para a criatura, sendo refletida de volta ao astro. Os raios de glória vêm de Deus, são algo de Deus e são retornados à sua origem. Para que tudo seja *de* Deus, *em* Deus e *para* Deus. Ele é o começo, o meio e o fim deste relacionamento.

JONATHAN EDWARDS

LENDO PARA VER DIGNIDADE E BELEZA SUPREMAS, PARTE 3

“Meus olhos viram o Rei, o SENHOR dos Exércitos!”

A PROPOSTA

Nosso alvo supremo em ler a Bíblia é que a dignidade e a beleza infinitas de Deus sejam exaltadas através da adoração fervorosa e eterna da noiva de Cristo, comprada por sangue, formada de pessoas procedentes de todo povo, língua, tribo e nação. Isto significa que:

1. a dignidade e a beleza infinitas de Deus são *o valor e excelência supremos* do universo;
2. *a adoração supremamente autêntica e intensa* da dignidade e da beleza de Deus é o alvo supremo de toda obra e palavra de Deus;
3. **devemos sempre ler a Palavra de Deus para ver esta dignidade e beleza supremas;**
4. em todo o nosso ver, nosso alvo deve ser *o desfrutar* a excelência de Deus acima de todas as coisas;
5. devemos almejar ser *transformados* , por meio deste ver e desfrutar, na semelhança da beleza divina,
6. para que mais e mais pessoas sejam atraídas à família adoradora de Deus, até que a noiva de Cristo – através de todos os séculos e culturas – esteja completa em número e beleza .

Leia sempre para ver a glória de Deus

Neste capítulo, focalizamos a palavra *sempre* na terceira implicação de nossa proposta: devemos *sempre* ler a Palavra de Deus para *ver* esta dignidade e beleza supremas. Nos dois capítulos anteriores, examinamos Efésios 3.4-8; 2 Coríntios 3.7-4.6 e os escritos de João. Estas passagens nos mostraram que devemos ler as Escrituras inspiradas com o alvo de ver a glória de Deus. Mas nenhuma destas passagens deixaram claro que este deve *sempre* ser o alvo de nossa leitura. Acho que isso estava implícito. Mas há um argumento que confirma esta verdade por arraigá-la na própria natureza do desígnio de Deus para todas as coisas.

Nada entendido corretamente, exceto em relação a Deus

Para mim, o argumento que resolve a questão é a relação entre Deus e todas as coisas. O argumento é este: *a relação entre Deus e todas as coisas é tal que nada pode ser entendido corretamente sem a sua conexão com Deus*. E, visto que Deus tenciona que a Escritura seja entendida corretamente, devemos *sempre* almejar ver tudo na Escritura em sua relação com Deus.

Além disso, vimos nos capítulos 1 e 2 que o alvo supremo de Deus é ser conhecido e desfrutado como tendo o maior valor e beleza no universo. Inferimos disto que um entendimento correto de tudo que está na Bíblia incluirá sua relação com a dignidade e a beleza de Deus – a glória de Deus. Nenhum autor bíblico diria: “Se você entender o conteúdo de meu livro em relação à dignidade e à beleza de Deus, você distorcerá o que estou tentando comunicar”. Ver essa relação nunca é uma distorção do significado de um texto, e sim uma complementação.

Por que, então, eu acho que nada na Escritura pode ser entendido corretamente sem levarmos em conta a sua relação com a glória de Deus? Eis a minha resposta :

Deus é a origem e o fundamento de todas as coisas.

- Dele, por meio dele e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém! (Rm 11.36).
- Por quem [ele] todas as coisas existem (Hb 2.10).

- Tudo vem de ti (1 Cr 29.14).
- Todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas (Ap 4.11).

Deus possui todas as coisas.

- Teus são os céus, tua, a terra; o mundo e a sua plenitude, tu os fundaste (Sl 89.11).
- Ao SENHOR pertence a terra e tudo o que nela se contém, o mundo e os que nele habitam (Sl 24.1).

Deus sustenta todas as coisas em existência.

- Ele sustenta todas as coisas pela palavra do seu poder (Hb 1.3).
- Ele é antes de todas as coisas. Nele [em Cristo], tudo subsiste (Cl 1.17).
- Nele vivemos, e nos movemos, e existimos (At 17.28).

Deus forma o propósito de todas as coisas.

- O SENHOR fez todas as coisas para determinados fins (Pv 16.4).

Deus governa todas as coisas de acordo com sua vontade.

- [Ele] faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade (Ef 1.11).
- Ao teu dispor estão todas as coisas (Sl 119.91).

O propósito de Deus na criação é fazer novas todas as coisas.

- Eis que faço novas todas as coisas (Ap 21.5) .

Deus constituiu seu Filho herdeiro de todas as coisas.

- Nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas (Hb 1.2).

Deus é o fim e o alvo de todas as coisas.

- Por cuja causa e por quem todas as coisas existem (Hb 2.10).
- Dele, por meio dele e *para ele* são todas as coisas (Rm 11.36).

Um ponto de vista pateticamente restrito

Em vista destes fatos, eu diria que o suposto entendimento de qualquer coisa – na Bíblia ou em qualquer outro ambiente – *sem levar em conta* sua relação com Deus é um entendimento *falho* .

Vivemos numa cultura amplamente secular cujo ar que respiramos é sem Deus. Deus não faz parte da consciência social. Os cristãos, infelizmente precisamos dizer, absorvem isto. Combina com a nossa inclinação para autoexaltação, e somos tardios para ver o óbvio: Deus é milhões de vezes mais importante do que o homem, e sua glória é o significado final de todas as coisas.

O mundo pensa que, por sermos capazes de colocar o homem na lua, curar doenças, construir arranha-céus e estabelecer universidades, podemos entender as coisas sem referência a Deus. Entretanto, isto é um ponto de vista pateticamente restrito. É restrito porque supõe que o mundo material é enorme e Deus é pequeno. É restrito porque acha que ser capaz de fazer coisas com a matéria, enquanto permanece cego para Deus, é brilhante. Mas, na verdade, um momento de reflexão na atmosfera envolvente do teocentrismo bíblico nos lembra que, quando Deus é levado em conta, o universo material é “uma parte infinitamente pequena da existência universal”.¹

Essas são palavras chocantes de Jonathan Edwards. Ser impressionado com o universo material e não ser impressionado com Deus é como ficar admirado com o monte Buck, em Minnesota, e entediado com as Montanhas Rochosas do Colorado. Se Deus vestisse um casaco com bolsos, ele levaria o universo em um dos bolsos, como um amendoim. Pensar no significado desse amendoim, sem referência à majestade de Deus, é a obra de um tolo.

Portanto, o retrato de Deus na Bíblia exige que sempre leiamos a Bíblia com o alvo de ver a glória de Deus. Quando Paulo disse que “dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas” (Rm 11.36), não estava querendo dizer “todas as coisas exceto as que estão na Bíblia”. Ele queria dizer realmente todas as coisas. E, em seguida, acrescentou: “A ele, pois, a glória eternamente”. Isso significa: a glória de Deus é o começo, o meio e o fim de todas as coisas. A glória de Deus é a origem, o fundamento e o alvo de todas as coisas. A glória de Deus é o alfa e o ômega de todas as coisas – e cada letra entre elas. E, portanto, a glória de Deus dá significado a todas as coisas. E não estaríamos blasfemando em dizer que este Deus glorioso é algo menos do que o significado supremo de todas as coisas?

Devemos almejar ver a glória trinitária

Quando Deus nos chama, na Bíblia, a ler sua palavra a fim de vermos sua dignidade e beleza supremas, ele quer dizer a dignidade e a beleza de Deus, o Pai, Deus, o Filho, e Deus, o Espírito Santo. E, visto que a obra suprema do Espírito Santo é glorificar o Filho (Jo 16.14); visto que o Pai e o Filho estão comprometidos em glorificar um ao outro (Jo 17.1, 4-5), o nosso alvo em ler a Bíblia deve ser que vejamos, pelo poder do Espírito Santo, a glória do Pai e a glória do Filho, que são uma única glória .

Já vimos a unicidade desta glória na relação entre 2 Coríntios 4.4 e 4.6. ² A glória peculiar de Deus brilha mais intensamente no evangelho – a grande obra do Pai e do Filho em realizar a nossa salvação por meio da morte e ressurreição de Cristo. Em 2 Coríntios 4.4, esta glória é chamada “a luz do evangelho da *glória de Cristo* , o qual é a imagem de Deus”. Em 2 Coríntios 4.6, ela é chamada “iluminação do conhecimento da *glória de Deus* , na face de Cristo”. A glória de Deus que resplandece na face de Cristo e a glória de Cristo que brilha como a imagem de Deus são uma única glória. Essa é a glória que almejamos ver quando lemos a Bíblia. E este ver, diz Paulo, vem do “Senhor, o Espírito” (2 Co 3.18).

Isto significa que a glória divina, manifestada na Escritura do começo ao fim, é a glória do Deus trino – a glória do Pai e do Filho, personificada em e revelada pelo Espírito divino. Portanto, onde a glória de Deus brilha na história bíblica de criação e redenção, é a glória do Filho, bem como a glória do Pai.

Isaías viu a glória de Jesus

Isto é a razão por que João diz que a glória de Deus revelada, (por exemplo em Isaías 6) era, de fato, a glória de Jesus. Primeiramente, João ressalta a incredulidade da multidão que se reunira para ouvir Jesus (Jo 12.29). Ainda que tivessem visto os sinais, não creram. “Embora tivesse feito tantos sinais na sua presença, não creram nele” (Jo 12.37). Em seguida, João diz que esta incredulidade era o cumprimento da profecia de Isaías. “Porque Isaías disse ainda: Cegou-lhes os olhos e endureceu-lhes o coração, para que não vejam com os olhos, nem entendam com o coração, e se convertam,

e sejam por mim curados” (Jo 12.39-40). Depois, João fala estas palavras admiráveis: “Isto disse Isaías porque viu a glória dele e falou a seu respeito” (Jo 12.41). Em outras palavras, João aplica as palavras de Isaías sobre a cegueira do povo nos dias de Isaías (Is 6.9-10) às pessoas que não puderam reconhecer Jesus, o eterno Filho de Deus.

Isaías disse que viu “o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono” e que ouviu os serafins dizerem: “Toda a terra está cheia da sua glória”. Depois, Isaías clamou: “Os meus olhos viram o Rei, o SENHOR dos Exércitos!” (Is 6.1-5). O que ele viu foi a glória do Filho de Deus. Henry Alford comenta: “De fato, estritamente considerada, a glória que Isaías viu *só podia* ser a glória do Filho, que é o ὁ παλάσματος τῆς δόξης [“o resplendor da glória” – Hb 1.3] do Pai, a quem nenhum olho jamais viu”.³ Portanto, o que esta passagem em João 12.36-43 sugere é que, onde a glória de Deus brilha na Bíblia, não é apenas a glória do Pai, mas também a glória do Filho, porque elas são uma única glória.

A glória de Jeová é a glória de Cristo

Outro exemplo de como a Bíblia apresenta a unidade da glória do Pai e da glória do Filho se acha em Filipenses 2.5-11. Paulo descreve a condescendência do Filho em vir do céu, por amor, e a plenitude da glória divina que ele desfrutava ali. “Ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou” (Fp 2.6-7). Neste autoesvaziamento, o Filho desceu espontaneamente às profundezas de desonra em sua crucificação como um criminoso.

Isto é a razão por que Jesus orou, nos dias de seu autoesvaziamento: “E, agora, glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo” (Jo 17.5). Ele deixara de lado uma grande glória. E Paulo diz algo admirável sobre a glória de Cristo, depois de haver ele realizado a grande obra de nossa salvação por sua “morte de cruz” (Fp 2.8). Em essência, Paulo diz que a glória de Cristo e a glória de Deus, o Pai, são uma só glória:

Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho,

nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, *para glória de Deus Pai* (Fp 2.9-11).

A princípio, talvez pareça que a relação entre a exaltação de Jesus “acima de todo nome” seja apenas um meio pelo qual o Pai recebe glória – versículo 11: “Para glória de Deus Pai”. Mas não é tão simples assim. As palavras que Paulo usa para descrever a honra prestada a Jesus pelo dobrar-se de todo joelho e pela confissão de toda língua são palavras de Isaías 45.23, que se referem ao próprio Jeová, o Deus de Israel: “Por mim mesmo tenho jurado; da minha boca saiu o que é justo, e a minha palavra não tornará atrás. Diante de mim se dobrará todo joelho, e jurará toda língua”.

N. R. Wright mostra que Isaías 45.23, citado por Paulo em referência a Jesus, ocorre num contexto em que o ensino principal “é que o único Deus verdadeiro não compartilha, não pode e não compartilhará sua glória com ninguém mais. É somente ele. No entanto, Paulo declara que este Deus único compartilha sua glória com Jesus. Como pode ser isto?” Esta é a resposta de Wright: “É claro que isto esgotará todas as nossas descrições. Mas, se permitirmos que Paulo fale em suas próprias palavras, não podemos evitar isto. Para ele, o significado da palavra ‘Deus’ inclui não somente Jesus, mas especificamente o Jesus crucificado”. ⁴

Leia para ver a glória de Deus, a glória de Cristo

Para nossos objetivos, há uma implicação importante no fato de que Isaías 45.23 não é uma profecia explícita sobre Jesus, mas, apesar disso, aplicada a Jesus. Não há nenhuma referência explícita ao Messias neste versículo. É uma das muitas grandes afirmações do Antigo Testamento sobre a centralidade de Deus. “Por mim mesmo tenho jurado... Diante de mim se dobrará todo joelho, e jurará toda língua”. O fato de que Paulo pode aplicar esta afirmação a Jesus mostra que a glória de Deus e a glória de Jesus são uma única glória. Isto é verdadeiro não somente onde a Bíblia o deixa explícito, mas também, como neste versículo, onde não há uma referência explícita a Jesus. Portanto, se devemos ler a Bíblia para ver a glória de Deus, isto inclui – *sempre e em todas as passagens* – ver a glória de Cristo.

Onde a glória de Deus é vista, a glória de Cristo é vista

E não pode ser diferente, em vista do que o Novo Testamento afirma sobre a divindade de Cristo:

- No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus... E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória” (Jo 1.1, 14).
- Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade eu vos digo: antes que Abraão existisse, EU SOU (Jo 8.58).
- Mas acerca do Filho: O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre” (Hb 1.8).
- Nós aguardamos “a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus” (Tt 2.13).
- Ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou (Fp 2.6-7) .
- A Israel pertencem “os patriarcas, e também deles descende o Cristo, segundo a carne, o qual é sobre todos, Deus bendito para todo o sempre. Amém!” (Rm 9.5).

Quando Jesus disse: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10.30), as implicações eram amplas no que diz respeito a lermos a Bíblia. Implica que a presença e a glória do Filho de Deus são tão abrangentes quanto Deus mesmo em todos os seus relacionamentos. Implica que, onde a glória de Deus é vista, a glória de Cristo é vista. Implica que a identidade de Deus que exalta sua glória na providência de toda a criação é sempre o Deus trino, Pai, Filho e Espírito Santo.

Isto não é um convite a abandonarmos as distinções nas pessoas da Trindade ou os seus papéis distintos na história de redenção. O Pai não é o Filho. Nem o Filho é o Pai. E o Espírito não é o Pai nem o Filho. Eles são três pessoas que têm uma natureza divina singular e, portanto, são um só Deus. Apesar disso, a unicidade deles – o compartilharem uma única natureza divina – significa que, quando vemos e amamos verdadeiramente uma destas pessoas divinas, também vemos e amamos as outras. Quando o Espírito nos permite ver a glória do Pai ou do Filho, vemos também a glória do outro. Portanto, quando lemos a Bíblia, para ver a dignidade e a beleza de

Deus, estamos sempre cientes de que ver esta glória significa ver a glória do Pai e do Filho unidas perfeitamente no Espírito Santo.

Toda a criação é para o Pai – e o Filho

Por um lado, o apóstolo Paulo podia distinguir os papéis do Pai e do Filho, por exemplo, na criação: “Há um só Deus, o Pai, de quem são todas as coisas e *para quem existimos* ; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós também, por ele” (1 Co 8.6). Mas, por outro lado, ele podia mudar a ideia e, por um ângulo diferente, ver no Filho o mesmo papel do Pai:

Este [Cristo] é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e *para ele* . Ele é antes de todas as coisas. Nele, tudo subsiste (Cl 1.15-17).

Portanto, o Pai cria todas as coisas por meio do Filho *para* o Pai e o Filho. Nas palavras “para ele” (iv aÇtèn, Cristo) em Colossenses 1.16 e “para quem” (iv aÇton, o Pai) em 1 Coríntios 8.6, temos uma afirmação explícita do que estou tentando mostrar. O propósito de todas as coisas é exaltar o Pai e o Filho – glorificá-los. E, para exaltar e magnificar a glória do Pai e do Filho, devemos vê-la. Isso significa que o alvo de ler a Bíblia inclui *sempre* o alvo de ver a glória do Deus trino.

O objetivo deste capítulo

O objetivo deste capítulo não é guiar o leitor a maneiras distintas pelas quais o Novo Testamento acha Cristo no Antigo Testamento. Este capítulo não diz respeito a como ver Jesus em profecias explícitas (Mq 5.2 = Mt 2.6; Is 53.7-8 = At 8.32-33), figuras (Hb 8.5; 10.1), tipos (Rm 5.14; 1 Co 10.6), transições de alianças (Jr 31.31; Lc 22.20; 2 Co 3.6; Hb 8.8), profecias subentendidas por implicações contextuais (Sl 16.8-11 = At 2.25-31) e mais. Isso é um aspecto crucial do estudo da Bíblia. Ler bem a Escritura sempre nos deixará alertas para ver Cristo dessa maneira .

Jesus disse: “Examinai as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim” (Jo 5.39). Depois de sua ressurreição, Jesus disse aos discípulos na estrada

para Emaús: “Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram... E, começando por *Moisés, percorrendo por todos os Profetas*, expunha-lhes o que a seu respeito constava *em todas as Escrituras*” (Lc 24.24-27). E o apóstolo Paulo fez uma das mais admiráveis e impressionantes afirmações: “Porque quantas são as promessas de Deus, tantas têm nele o sim” (2 Co 1.20). Em outras palavras, se estamos em Cristo – independentemente de nossa etnicidade – somos herdeiros de todos os benefícios prometidos no Antigo Testamento. Cristo é a totalidade destes benefícios, e o preço pago, para que os desfrutemos. Ou, mais precisamente, Cristo pagou o preço para que, em e acima de todos os seus benefícios, desfrutemos do próprio Cristo!

Glória nos detalhes

Este não é um capítulo sobre as maneiras específicas pelas quais Cristo foi profetizado ou prefigurado no Antigo Testamento. Em vez disso, o argumento deste capítulo é a afirmação mais abrangente de que, em todos os detalhes e particularidades do que achamos na Bíblia – Antigo e Novo Testamento – o alvo de ler a Bíblia é sempre ver a dignidade e a beleza de Deus. Observe que eu disse “*em todos os detalhes e particularidades*”. Não há outra maneira de ver a glória.

A grandeza de Deus não flutua pela Bíblia como um gás. Não espreita em lugares secretos, separada do significado de palavras e sentenças. É vista em e por meio do significado dos textos. Temos mais a dizer sobre isto na Parte 3. Mas o argumento aqui é este: em todo o nosso ler – em toda a nossa atenção necessária às palavras, à gramática, à lógica e ao contexto – não veremos o que é supremamente importante se não virmos a glória de Deus e todas as outras coisas em relação a ela. Portanto, devemos almejar ver isto em *todo* o nosso ler.

Não há verdadeiro desfrutar sem verdadeiro ver

Há uma razão para nos demorarmos tanto (capítulos 3 a 5) em falar sobre a necessidade de ler a Bíblia a fim de *vermos* a glória de Deus. A razão é que toda resposta emocional à Bíblia que não resulta de uma verdadeira visão da dignidade e beleza de Deus é, em

última análise, sem valor. “Tudo o que não provém de fé é pecado” (Rm 14.23). Emoções para com Deus que não resultam de ver a Deus não podem honrá-lo. Paulo advertiu de que há um “zelo por Deus, porém não com entendimento” (Rm 10.2). Ou seja, há emoções e afeições que parecem espirituais. Mas não o são, porque a sua origem não é uma verdadeira visão da glória de Deus em Cristo.

Portanto, nestes três capítulos lançamos o fundamento para a resposta emocional a Deus que chamarei de *desfrutar*. Se não há *verdadeiro* ver da glória de Deus, não pode haver verdadeiro *desfrutar* da glória de Deus. E, sem este desfrutar – deleitar-se, apreciar, usufruir e entesourar – não haverá verdadeira transformação na imagem de Deus. e, se o povo de Deus não é transformado na imagem de Cristo – de glória em glória – o propósito supremo da vontade de Deus falhará. Isso não pode acontecer. Deus não falhará em seu propósito supremo. Por conseguinte, se devemos ser parte da família de Deus que exalta e reflete a Cristo, temos de ler a Bíblia para ver a glória de Deus – e, depois, desfrutar dele acima de todas as coisas. Isso é o que abordaremos em seguida.

¹ Jonathan Edwards, *Ethical Writings*, ed. Paulo Ramsey e John E. Smith, vol. 8, *The Works of Jonathan Edwards* (New Haven, CT: Yale University Press, 1989), 601.

² Ver capítulo 4.

³ Henry Alford, *Alford Greek Testament: An Exegetical and Critical Commentary*, vol. 1 (Grand Rapids, MI: Guardian Press, 1976), 838 – ênfase acrescentada.

⁴ N. T. Wright, *What Saint Paul Really Said: Was Paul of Tarsus the Real Founder of Christianity?* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1997), 68-69.

O desígnio de toda a Escritura e de todas as partes dela tem uma marca de sabedoria e autoridade divina. E, por isso, contém duas partes: primeira, revelar Deus aos homens; e, segunda, guiar os homens para chegarem ao gozo de Deus.

JOHN OWEN

Agrada-te do Senhor,
e ele satisfará os desejos do teu coração.

SALMO 37.4

Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo: alegrai-vos.

FILIPENSES 4.4

LENDO PARA DESFRUTAR A EXCELÊNCIA DE DEUS, PARTE 1

“Tendes a experiência de que o Senhor é bondoso.”

A PROPOSTA

Nosso alvo supremo em ler a Bíblia é que a dignidade e a beleza infinitas de Deus sejam exaltadas através da adoração fervorosa e eterna da noiva de Cristo, comprada por sangue, formada de pessoas procedentes de todo povo, língua, tribo e nação. Isto significa que:

1. a dignidade e a beleza infinitas de Deus são o *valor e excelência supremos do universo*;
2. a *adoração supremamente autêntica e intensa* da dignidade e da beleza de Deus é o alvo supremo de toda obra e palavra de Deus;
3. devemos sempre ler a Palavra de Deus para *ver* esta dignidade e beleza supremas;
4. **em todo o nosso ver, nosso alvo deve ser o *desfrutar a excelência de Deus acima de todas as coisas*;**
5. devemos almejar ser *transformados* , por meio deste ver e desfrutar, na semelhança da beleza divina,
6. para que mais e mais pessoas sejam atraídas à família adoradora de Deus, até que a noiva de Cristo – através de todos os

Um chamado para a vida

Tenho passado quase toda a minha vida adulta incentivando pessoas a buscarem suprema satisfação em Deus.¹ Tenho argumentado que a fé salvadora em Jesus Cristo não produz somente o FRUTO de alegria, mas também é, ainda mais profundamente, ELA MESMA uma espécie de alegria. A fé salvadora significa ser satisfeito com tudo que Deus é por nós em Jesus.² Tenho apreciado a maneira como George Müller³ – o grande soldado de oração e protetor de órfãos – disse que se aproximava da Bíblia: “Percebi mais claramente do que antes que o primeiro e fundamental negócio ao qual eu deveria atender cada dia era ter a minha alma feliz no Senhor”.⁴ Embora fosse um homem completamente conhecedor das doutrinas e tivesse um forte compromisso com a teologia reformada,⁵ Müller nunca se contentava em achar doutrina na Bíblia. A menos que algum obstáculo incomum o impedisse, ele não se levantaria de seus joelhos enquanto VER não se tornasse DESFRUTAR .

Verdadeira iluminação antes de afeições apropriadas

Sem dúvida, Müller concordava com seu contemporâneo e amigo Charles Spurgeon em que o ver precede o desfrutar. E devemos ler a Bíblia com uma busca diligente do entendimento correto antes que existam emoções corretas .

Certamente, o benefício de ler tem de vir à alma pelo caminho do entendimento... A mente precisa ter iluminação antes que as afeições possam se levantar apropriadamente em direção a seu objeto divino... Tem de haver conhecimento de Deus antes que possa haver amor a Deus. Tem de haver um conhecimento das coisas divinas, conforme elas são reveladas, antes que possa haver um gozo delas.⁶

Sim, a iluminação precede, fundamenta e molda as afeições. Entretanto, George Müller concordava também com John Owen em que as “fascinantes alegrias e exultações do espírito que inúmeros mártires fiéis do passado” provaram, vieram “por meio de visão da

glória de Cristo”.⁷ Portanto, nem Owen, nem Spurgeon, nem Müller eram satisfeitos com “meras noções” sobre a glória de Cristo. Eles liam sua Bíblia não somente para ver, mas também para desfrutar. Owen disse o seguinte:

Se nos satisfazemos em meras noções e especulações sobre a glória de Cristo revelada doutrinariamente para nós, não acharemos nenhum poder transformador ou eficácia comunicada a nós por tais doutrinas... Onde a luz deixa as afeições para trás, ela termina em ateísmo e formalidade; e, onde as afeições excedem a luz, elas afundam no nevoeiro de superstição, deleitando-se em imagens, figuras ou coisas semelhantes. ⁸

Os perigos de intelectualismo e emocionalismo

Estes homens entenderam – e devemos entender – os perigos de intelectualismo e emocionalismo. O intelectualismo enfatiza o uso do intelecto e suas descobertas sem o correspondente despertar de todas as emoções que essas descobertas tencionam desencadear. O emocionalismo enfatiza o estímulo vigoroso das emoções que estão desligadas da verdade como seu fundamento e guia. John Owen nos dá conselho sábio a respeito de como as emoções do coração devem ser arraigadas em e moldadas pela verdade que a mente vê na Escritura.

Quando o coração é lançado realmente no molde da doutrina que a mente abraça; quando a evidência e a necessidade da verdade permanecem em nós; quando não somente o sentido das palavras ficam em nossa mente, mas também o sentido das coisas permanece em nosso coração; quando temos comunhão com Deus na doutrina pela qual contendemos, então somos protegidos pela graça de Deus contra todos os ataques dos homens.⁹

Eu amo esta visão de como buscamos e contendemos pela verdade. “Ter comunhão com Deus na doutrina pela qual contendemos” não é uma linda perspectiva?” Quão diferentes seriam a nossa leitura da Bíblia e nossas discussões, se nos recusássemos a falar de nossos discernimentos até que fossem adocicados pela comunhão de nossa alma com Deus.

O alvo deste capítulo: a busca do desfrutar

O objetivo deste capítulo é que, em todo o nosso esforço para ver mais e mais da glória de Deus, ESTEJAMOS SEMPRE ALMEJANDO, POR MEIO DESSE VER, O DESFRUTAR O DEUS QUE VEMOS . Ou seja, estamos sempre almejando experimentar em nosso coração afeições espirituais despertadas pela visão espiritual da verdade em nossa mente. Adotamos para a nossa leitura da Bíblia o mesmo alvo que Jonathan Edwards tinham para a sua pregação, quando disse:

Acho que tenho o dever de elevar as afeições de meus ouvintes tão altamente quanto eu puder, contanto que não sejam afetados com nada menos do que a verdade e com afeições que não sejam discordes à natureza daquilo com que são afetados.¹⁰

Lemos nossa Bíblia para “elevar as afeições”. Sim, mas almejamos ser afetados pela verdade. E almejamos que nossas afeições se harmonizem com a natureza da verdade que vemos.

Tenho proposto que nosso alvo supremo em ler a Bíblia – de acordo com a própria Bíblia – é que a dignidade e a beleza infinitas de Deus sejam exaltadas através da adoração fervorosa e eterna da noiva de Cristo, comprada por sangue, formada de pessoas procedentes de todo povo, língua, tribo e nação. Para explicar e testar esta proposta pela Escritura, estamos focalizando seis de suas implicações (ver o quadro no começo do capítulo). O foco deste capítulo e do seguinte é a quarta implicação: em todo o nosso ver, nosso alvo deve ser DESFRUTAR a excelência de Deus acima de todas as coisas. O ensino desta quarta implicação é que ver a glória de Deus, quando lemos a Bíblia, nunca deveria ser um fim em si mesmo. Lemos para ver, e vemos para desfrutar. Buscamos discernimento a fim de gozar. Buscamos conhecimento a fim de amar. Buscamos doutrina para termos deleite. Os olhos do coração servem às afeições do coração.

Desfrutar o amargo com o doce

Uma correção é necessária imediatamente para esclarecer o significado de DESFRUTAR . Tenho tratado DESFRUTAR como se fosse algo totalmente positivo – gozar, amar e deleitar. A razão é que esta é a maneira como a glória peculiar de Deus faz a sua obra transformadora mais profunda. Nós a vemos. Ficamos

profundamente satisfeitos com ela. E, por esta satisfação, somos mudados na raiz de nosso ser.

Mas também é claro, com base na Escritura, que Deus usa não somente emoções prazerosas em resposta a vermos a sua glória, mas também emoções DOLOROSAS . Estas procedem também de vermos a glória de Deus na Escritura. E têm igualmente o propósito de transformar, à sua própria maneira. São destinadas a realizar mudança de uma maneira mais indireta, afastando-nos de pecados destrutivos, na esperança de que sejamos atraídos positivamente pela satisfação superior da santidade de Deus.

Deus não cessa de ser glorioso quando disciplina seus filhos. No entanto, esta glória nos leva primeiramente à tristeza. E, depois, por meio de tristeza e arrependimento, a alegria.

O Senhor corrige a quem ama e açoita a todo filho a quem recebe...

Toda disciplina, com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; ao depois, entretanto, produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça (Hb 12.6, 11) .

O alvo de Deus é o “fruto pacífico de justiça” e não tristeza. Entretanto, ele pode causar tristeza por causa da prazerosa experiência de paz.

Deus não cessa de ser glorioso quando diz àqueles que estão enredados no pecado: “Afligi-vos, lamentai e chorai. Converta-se o vosso riso em pranto, e a vossa alegria, em tristeza. Humilhai-vos na presença do Senhor, e ele vos exaltará” (Tg 4.9-10). O alvo de Deus é que desfrutemos da experiência de “ele vos exaltará”. Mas, no caminho para isso, a estratégia de Deus pode ser repreensão. É conveniente. Juntamente com todos os caminhos e propósitos de Deus, isso também faz parte da sua glória peculiar. Pode exceder a nossa compreensão, mas isto é algo que também devemos “desfrutar”. “Tende por motivo de toda alegria o passardes por várias provações, sabendo que a provação da vossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança” (Tg 1.2-3). Há comidas que misturam de tal maneira o amargor e a doçura que tornam a doçura mais rica.

O que isto significa para a nossa leitura das Escrituras é que ver a glória de Deus pode não despertar, a princípio, a doçura de seu valor e beleza. Pode despertar as tristezas de pecado não esquecido e da corrupção remanescente em nosso coração. “Desfrutar” esta verdade

dolorosa significa aceitá-la, em vez de negá-la ou distorcê-la. Significa ser grato e permitir que a repreensão e a correção tenham seu efeito completo em contrição e humildade. Significa também permitir que nos levem às misericórdias de Deus e ao doce alívio que vem de sua graça salvadora em Cristo.

Lemos sempre em busca de paixão

O princípio permanece: nunca lemos a Bíblia apenas para VER a glória de Deus. Nunca lemos apenas para APRENDER , SABER ou ACUMULAR VERDADE DOUTRINÁRIA . Sempre vemos, aprendemos e sabemos na busca de afeições, sentimentos, emoções e paixões que são apropriados à verdade que vemos. O conjunto de emoções em resposta a lermos a Bíblia é tão amplo quanto os tipos de verdade revelada. A verdade pode ser horrível, como os infantes assassinados em Belém (Mt 2.16), e nossas emoções devem incluir repugnância, ira e pesar. A verdade pode ser indescritivelmente preciosa, como as palavras dirigidas a um ladrão vitalício, antes de morrer: “Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso” (Lc 23.43). Neste caso, as nossas emoções podem incluir admiração, gratidão e esperança. Os dedos divinos da Escritura têm o propósito de dedilhar cada corda na harpa de nossa alma. Nunca lemos apenas para saber.

Como a Bíblia ensina isto?

Como a própria Bíblia deixa claro que em toda a nossa leitura da Bíblia devemos nos mover do ato de ver a glória de Deus para o de desfrutar a glória de Deus? A resposta pode ser dada em dois passos: (1) Escrituras que nos encorajam, de maneira geral, a buscar alegria em Deus e (2) Escrituras que conectam explicitamente essa busca com as próprias Escrituras. Neste capítulo, lidaremos com a primeira resposta; e, no capítulo seguinte, lidaremos com a segunda.

Embora eu tenha procurado mostrar que Deus produz emoções dolorosas em seu povo, quando precisamos delas, agora eu me focalizarei nas emoções positivas. A razão é que isto é, de fato, o alvo supremo para nossas emoções. Deus criou a emoção humana para o propósito supremo de adoração fervorosa de sua dignidade e beleza. Nesta experiência suprema, nós ficaremos plenamente

satisfeitos, e Deus será plenamente glorificado. Por isso, eu me focalizo no desfrutar de Deus que eu chamo de “alegria”. Isto pode incluir muitas emoções positivas – como gratidão, admiração, esperança e prazer. Então, quando eu falo de alegria no que digo em seguida, pense no imenso, positivo e abrangente desfrutar de tudo que Deus é para nós em Jesus.

1. Somos ordenados a ser jubilosos em Deus

Na Escritura, o fundamento mais óbvio para buscar alegria em Deus é que somos ordenados a fazer isso. Certa vez, fui exortado por um amigo de que devemos buscar a OBEDIÊNCIA a Deus e não ALEGRIA em Deus. Minha resposta foi algo assim: “Devemos buscar frutos e não maçãs”. Maçãs SÃO fruto. E a busca de alegria em Deus É a busca de obediência a Deus, porque somos ordenados a buscar alegria em Deus. E fazer o que somos ordenados é obediência.

Por exemplo, os Salmos nos dizem: “AGRADA-TE DO Senhor , e ele satisfará os desejos do teu coração” (Sl 37.4). “ALEGRAI-VOS NO Senhor E REGOZIJAI-VOS ; ó justos; exultai, vós todos que sois retos de coração” (Sl 32.11). “CELEBRAI COM JÚBILO AO Senhor , todas as terras. Servi ao Senhor com alegria, apresentai-vos diante dele com cântico” (Sl 100.1-2). De modo semelhante, no Novo Testamento, o mandamento para alegrar-se não é infrequente: “ALEGRAI-VOS SEMPRE NO SENHOR ; outra vez digo: alegrai-vos” (Fp 4.4; cf. Mt 5.12; Rm 12.12; Fp 3.1; 1 Ts 5.16). Nenhuma destas passagens nos dizem explicitamente que devemos ler a Bíblia para nos alegrarmos no Senhor. Mas o fato de que deveríamos se tornará evidente em breve.

Por enquanto, o fato maravilhoso é que Deus não nos deixa opção. Ele almeja que sejamos felizes. Para mim, é admirável quantos bons cristãos têm uma reação impulsiva contra essa afirmação. Na semana passada, fui repreendido por um bom homem por dizer que Deus busca a nossa felicidade. O homem disse: “Isso não é bíblico. Deus busca a nossa santidade”. E repliquei: “Ouça-me. Concordo com você. É claro que Deus busca a nossa santidade. Mas pessoas espirituais acham que a santidade é a sua alegria”. De fato, o que é santidade, senão, primeiramente, ESTIMAR TÃO ALTAMENTE A

DIGNIDADE E A BELEZA DE DEUS QUE TODO O MUNDANISMO PERDE SUA ATRAÇÃO ? Eu diria que não existe santidade onde o coração não acha que Deus é sua maior felicidade.

Suponho que alguns dos que têm esta reação impulsiva contra a afirmação de que Deus busca a nossa felicidade, pensam desta maneira porque acham que a palavra SANTIDADE é superficial e circunstancial – como preferir chocolate a baunilha; e, se não o temos, não somos “felizes”. Se isso é o que elas querem dizer, concordo com elas. Deus não trabalha para assegurar-nos de que sempre teremos chocolate. Amém.

No entanto, a Bíblia não usa a palavra FELIZ dessa maneira – como se FELIZ fosse superficial e mundana, e ALEGRIA fosse profunda e espiritual. O livro HAPPINESS (Felicidade), de Randy Alcorn, é a consideração mais abrangente que conheço sobre o tema de felicidade na Bíblia. Alcorn dedica uma seção inteira (caps. 20-29) ao tópico “As Palavras da Bíblia que Significam Felicidade”. Ele mostra que as palavras da Bíblia que significam felicidade são impressionantemente diversificadas e tocam em cada dimensão da experiência positiva do coração em conhecer Deus e a vida:

Examinei todas as ocorrências desta palavra na ENGLISH STANDARD VERSION : felicidade, alegria, gozo, regozijo, contentamento, alegre, prazer, deleite, celebração, animado, agradar, agradável, rir, risada, sorriso, jubiloso, jubileu, relaxar, descanso, festa, festival e exultar. Estas e suas palavras relacionadas aparecem mais de 1.700 vezes. Quando acrescentamos as vezes em que a palavra bendito é usada para traduzir palavras que significam “feliz”, o total chega a cerca de 2.000 vezes.¹¹

Acho, portanto, que seria bom meus amigos, que têm esta reação impulsiva contra Deus buscar a nossa felicidade plena e eterna, se imergirem na vasta linguagem da Bíblia concernente à felicidade do povo de Deus. E, se eles querem se opor ao fato de que Deus nos ordena buscar felicidade, devem deixar claro que estão falando de felicidade idólatra em coisas e não de felicidade em Deus.

Quando digo que Deus nos ordena buscar felicidade, o que estou focalizando é a felicidade em Deus mesmo e não em sua criação. Há uma felicidade apropriada nos dons de Deus (1 Tm 4.4; 6.17). No entanto, o meu foco está na felicidade em DEUS MESMO , que

experimentamos em e acima do gozo das coisas e impede que o gozo das coisas se torne idolatria. “Irei ao altar de Deus, de Deus, que é A MINHA GRANDE ALEGRIA (Sl 43.4). “Todavia, EU ME ALEGRO NO Senhor , exulto no Deus da minha salvação” (Hc 3.18). Esta é a razão por que o cristão floresce até no sofrimento – porque Deus mesmo é a nossa alegria, não principalmente os seus dons ou as nossas circunstâncias. “Também nos gloriamos nas próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança” – ou seja, esperança na eterna presença da glória de Deus, onde não há sofrimento (Rm 5.3-4). “Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a GLÓRIA a ser revelada em nós” (Rm 8.18) .

2. Deus ameaça coisas terríveis se eu não for uma pessoa feliz

Deus nos ameaça com dificuldades, se não buscarmos a satisfação nele: “Porquanto não serviste ao Senhor , teu Deus, com alegria e bondade de coração, não obstante a abundância de tudo. Assim... servirás aos inimigos que o Senhor enviará contra ti” (Dt 28.47-48). Deus não quer serviço ressentido. Ele quer serviço com alegria. Foi por isso que Paulo disse: “Deus ama a quem dá com alegria” (2 Co 9.7), e Pedro disse aos presbíteros que realizem sua obra com espontaneidade e boa vontade, ou seja, com alegria. “Pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas ESPONTANEAMENTE , como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de BOA VONTADE ” (1 Pe 5.2). Salmo 100.2 já havia dito: “Servi ao Senhor com alegria”, e o mandamento não foi revogado.

3. A fé salvadora contém alegria em Deus

A natureza e a necessidade da fé salvadora mostram que devemos buscar nossa alegria em Deus. O apóstolo João deixa claro que a fé salvadora é essencialmente RECEBER . Ele diz. “[Jesus] veio para o que era seu, e os seus não o RECEBERAM (Jo 1.11-12). Mas, a todos quantos o RECEBERAM , deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que CREEM no seu nome”. João coloca

“creem no seu nome” em oposição a “o receberam”. São essencialmente a mesma coisa.

Então, a pergunta se torna: receber o quê? A resposta evangélica comum – que é gloriosamente verdadeira – é: receber a Cristo como seu SENHOR e SALVADOR pessoal! Mas a Escritura quer dizer realmente que a fé salvadora recebe a Cristo como menos do que TESOIRO SUPREMO ? A Bíblia quer dizer: receba a Cristo como Senhor, mas não como SENHOR VALORIZADO ? A Bíblia quer dizer: receba a Cristo como Salvador, mas não como SALVADOR VALORIZADO ?

Não. Receber a Cristo COMO ELE É significa recebê-lo como o tesouro supremo que ele é. A parábola de Jesus sobre o tesouro não tencionava descrever a verdadeira natureza de entrar em contato com o Rei? “O reino dos céus é semelhante a um tesouro oculto no campo, o qual certo homem, tendo-o achado, escondeu. E, transbordante de alegria, vai, vende tudo o que tem e compra aquele campo” (Mt 13.44). O ensino desta parábola de um versículo não é que o reino pode ser comprado, e sim que não há tesouro maior do que estar no reino – onde o Rei está.

Portanto, a fé salvadora recebe a Jesus como ele verdadeiramente é. Ele é o tesouro supremo de todos os que o recebem. Jesus mostra quão essencial é este tipo de recebimento, quando diz: “Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim” (Mt 10.37). Você não pode ser salvo se Jesus ocupa o segundo lugar em seu coração. Porque a fé salvadora inclui receber a Jesus como ele realmente é, ou seja, o supremo tesouro do universo.

Este ponto de vista sobre a fé se mostra também nas palavras de Jesus em João 6.35: “Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede”. Observe que vir a Jesus para satisfazer a fome da alma é correspondente a CRER em Jesus para satisfazer a sede da alma. Acho que estas são duas maneiras de afirmar a mesma coisa, visto que a fome e a sede da alma são indistinguíveis. Portanto, CRER é descrito como vir a Jesus para a satisfação dos mais profundos anseios da alma. A fé salvadora pode ser mais, porém não menos, do que buscar e achar satisfação em Jesus .

O escritor da Epístola aos Hebreus aponta na mesma direção. A fé salvadora crê em Deus como um recompensador plenamente satisfatório: “Sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam” (Hb 11.6). A fé não se aproxima de Deus motivada por alguma benevolência desinteressada, pensando estar fazendo um favor para Deus com a nossa presença. A fé se aproxima de Deus cheia de fome por Deus e o acha como a grande recompensa da fé.

Concluo, portanto, que a fé salvadora, por sua natureza e necessidade, nos ensina a buscar nossa satisfação em Deus. A fé salvadora é NECESSÁRIA para a vida eterna (Jo 3.15), e a NATUREZA da fé salvadora inclui descansar em Jesus como a final e suprema satisfação da alma. Isso significa que a fé salvadora chama todos a buscarem alegria em Deus.

4. O mal é abandonar a felicidade em Deus

A natureza do mal nos ensina a buscar nossa satisfação em Deus. Jeremias descreve duas características do mal que esclarecem isto:

Espantai-vos disto, ó céus, e horrorizai-vos! Ficai estupefatos, diz o Senhor . Porque dois males cometeu o meu povo: a mim me deixaram, o manancial de águas vivas, e cavaram cisternas, cisternas rotas, que não retêm as águas (Jr 2.12-13).

Quais são os dois males? Um é que eles abandonaram a Deus como a fonte de água que dá vida e satisfaz plenamente. O outro é que eles tentaram desesperadamente substituir Deus por escavarem na sujeira. Estes são dois lados da mesma moeda. A essência do mal é afastar-nos de Deus como nosso tesouro plenamente satisfatório na esperança de acharmos algo melhor. Como Paulo diz em Romanos 1.22-23: “Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível”. Esta troca é a essência de todo o mal. Todo tipo de pecado procede desta raiz: preferir qualquer coisa a Deus. Portanto, se devemos evitar o mal, a tarefa central de nossa vida é buscar nossa maior satisfação em Deus e não em outras coisas.

5. Negar todo conforto pessoal que diminui a alegria em Cristo

O chamado de Jesus para negarmos a nós mesmos nos ensina a buscarmos nossa satisfação em Deus. Isso pode parecer contrário ao senso comum. De fato, no passar dos anos, uma das objeções mais comuns ao argumento que estou apresentando – a Bíblia nos ensina a buscar nossa alegria em Deus – é que Jesus nos ensina a negarmos a nós mesmos. Mas, quando observamos como Jesus argumenta realmente em favor da autorrenúncia, vemos que ele está, de fato, nos chamando a achar em Deus e não neste mundo o supremo deleite de nossa alma. Eis o que Jesus diz:

Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me. Quem quiser, pois, salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por causa de mim e do evangelho salvá-la-á. Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? (Mc 8.34-36) .

Em vez de repudiar o que eu chamo hedonismo cristão,¹² Jesus o torna a base de seu argumento. A suposição de Jesus é que ninguém quer perder sua alma. Seria uma desonra para Jesus se não quiséssemos estar no gozo da sua presença para sempre. Por isso, Jesus nos diz como não perder nossa vida. “Quem quiser... salvar a sua vida perdê-la-á”. E nos diz como salvar nossa vida: “Quem perder a vida por causa de mim e do evangelho salvá-la-á”.

A base do argumento de Jesus é sua aprovação de nosso desejo de não perder nossa vida. Certamente, há uma autonegação real. Garantir nossa vida eterna pode custar-nos a vida terrena. Como Jesus diz em João 12.25: “Quem ama a sua vida perde-a; mas aquele que odeia a sua vida NESTE MUNDO preservá-la-á para a vida eterna”. Observe as palavras “neste mundo”. A autorrenúncia pode trazer muitas perdas neste mundo, como no caso de Moisés:

[Ele preferiu] ser maltratado junto com o povo de Deus a usufruir prazeres transitórios do pecado; porquanto considerou o opróbrio de Cristo por maiores riquezas do que os tesouros do Egito, porque contemplava o galardão (Hb 11.25-26).

O próprio Jesus foi sustentado por esta maneira de pensar: “Olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, EM TROCA DA ALEGRIA QUE LHE ESTAVA PROPOSTA , suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus” (Hb 12.2). É precisamente a grandeza da alegria futura que nos dá a capacidade de negarmos a nós mesmos

alegrias menores nesta vida. Entretanto, a Bíblia nunca nos diz que devemos sacrificar nosso prazer supremo em Deus.

A medida de nosso anseio pela verdadeira vida com Cristo é a quantidade de conforto mundano que estamos dispostos a renunciar para tê-la. O dom da vida eterna na presença de Deus é magnificado, se estamos dispostos a “odiar” nossa “vida neste mundo” para tê-lo (Jo 12.25). Nisso está o valor teocêntrico da autorrenúncia.

C. S. Lewis viu as coisas acuradamente. Ele disse:

O Novo Testamento tem muito a dizer sobre autorrenúncia, mas não sobre autorrenúncia como um fim em si mesmo. Somos instruídos a negar a nós mesmos e a tomar a cruz para que possamos seguir a Cristo. E quase toda descrição do que acharemos no final, se fizermos isso, contém um apelo ao desejo.¹³

A razão por que algumas pessoas pensam que o ensino de Jesus sobre a autorrenúncia contradiz a busca por alegria é que falham em pensar profundamente no paradoxo das palavras de Jesus. Santo Agostinho expressou o paradoxo nestes termos:

Se você ama a sua alma, há o perigo de ela ser destruída. Portanto, você não pode amá-la, porque você não quer que ela seja destruída. Mas, em não querer que ela seja destruída, você a ama.

Tudo gira em torno de como amamos nossa alma. Se você ama sua alma no querer que ela desfrute, neste mundo, de todos os confortos possíveis, então a autorrenúncia será um obstáculo insuperável. Mas, se você ama sua alma no querer que ela seja suprema e eternamente feliz em Deus, então a autorrenúncia não é um impedimento e sim um caminho. Portanto, o ensino de Jesus sobre a autorrenúncia nos impele a prosseguir na busca de alegria máxima em Deus.

6. Amar as pessoas nos impele a buscar alegria em Deus

A exigência de amar as pessoas nos ensina a buscar satisfação em Deus. Esta afirmação é o fundamento dos capítulos 8 e 9, de que provar a glória de Cristo nos transforma em sua semelhança. Mas alguns comentários aqui podem ser proveitosos. Assim como para algumas pessoas a autorrenúncia parece um obstáculo na busca de nossa alegria, assim também o mandamento de amar os outros lhes parece um obstáculo semelhante na busca de nossa própria alegria. Eles citam 1 Coríntios 13.5, em sua tradução literal: “[O amor] não

busca suas próprias coisas”. E perguntam: “Como podemos amar outras pessoas se, em amá-las, estamos buscando nossa própria alegria? Isso não é usá-las?”

A solução para este problema aparente é que Paulo não está mostrando claramente que buscar o nosso próprio interesse é errado em TODO sentido. Sabemos disto por causa da maneira como ele argumenta sobre o amor em 1 Coríntios 13.3. Ele diz: “E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, NADA DISSO ME APROVEITARÁ ”. Se o amor genuíno não ousa contemplar o seu próprio PROVEITO , não é estranho que Paulo nos advirta de que não ter amor nos priva de proveito? Mas isto é, em essência, o que diz no versículo 3: “Se você não tem amor verdadeiro, não terá proveito verdadeiro” .

Então, o que Paulo está querendo dizer em “o amor não busca suas próprias coisas” é que o amor não procura o seu benefício privado em prejuízo dos outros. Se o buscar seu próprio bem em Deus o leva a dar a própria vida pelos outros, como aconteceu com Jesus em Hebreus 12.2, a busca de sua própria alegria não é contrária ao amor; antes, é o poder do amor.

Numa passagem como Atos 20.35, podemos ver o amor nos impelindo em direção à busca de nossa alegria. Paulo está falando com os presbíteros de Éfeso e lhes diz:

Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é mister socorrer os necessitados e recordar as palavras do próprio Senhor Jesus: MAIS BEM-AVENTURADO É DAR QUE RECEBER .

O que é especialmente poderoso neste versículo é a palavra RECORDAR . Jesus não está dizendo: “No que diz respeito a motivar o amor na generosidade e espontaneidade, assegure-se de ESQUECER as minhas palavras sobre quão recompensador isso é. Assegure-se de tirar de sua mente qualquer pensamento de buscar bênção em seu ato de dar”. Pelo contrário, Paulo diz realmente: “Recorde!” Enquanto você luta para saber se deve ser generoso e amável em nossos dias, lembre a recompensa. Recorde a bênção. Lembre: “Mais bem-aventurado é dar que receber”.

Portanto, Jesus não pensa que a busca de nossa alegria, de nossa recompensa, de nossa bênção contamina o amor. Ele acha que amar é essencial. Por quê? Duas razões. Uma é que pessoas não se sentem

amadas quando lhes fazemos o bem COM MÁ VONTADE . Elas se sentem amadas quando nossos atos de amor são praticados COM ALEGRIA . Isto é a razão por que Paulo diz: “Deus ama a quem dá com alegria” (2 Co 9.7). Logo, o amor verdadeiro depende, em parte, de acharmos alegria em e por meio de amar.

A outra razão por que buscar alegria é essencial em amar é que nosso alvo em amar é que as pessoas amadas SE JUNTEM A NÓS NA RECOMPENSA TODO-SATISFATÓRIA QUE BUSCAMOS . Se alguém me acusasse de explorar as pessoas que afirmo amar por lhes fazer o bem tendo em vista meu desfrute maior de Deus, eu responderia: “Não, não as estou explorando; meu alvo e minha oração são que, por causa de minhas boas obras, elas SE UNAM a mim no gozo eterno da presença de Deus”. De fato, eu diria que, se não buscase a “bem-aventurança” que Jesus promete àqueles que amam, não estaria amando verdadeiramente, porque não estou buscando a alegria de atrair a outra pessoa ao maior gozo imaginável.

Portanto, o mandamento bíblico de que amemos nosso próximo não é um obstáculo ao argumento que estamos apresentando, e sim um apoio. Amor genuíno é o esforço FELIZ de fazer os outros felizes em Deus para sempre. Amor genuíno é sermos dispostos a sofrer e morrer para atrair tantas pessoas quantas pudermos à busca e ao desfrute de Deus.

7. Deus é glorificado em nós quando somos satisfeitos nele

A exigência bíblica de glorificar a Deus em todas as coisas nos ensina a buscarmos nossa satisfação em Deus. Este é o mais importante de todos os argumentos. E nos leva de volta à conexão com os capítulos 3 a 5. Ali, argumentamos que toda leitura bíblica deve ter como alvo VER a glória de Deus. Agora estou argumentando que nunca devemos nos contentar com o ver, mas sempre experimentar o ver como DESFRUTAR . Devemos sempre querer ver a fim de desfrutar. Isso é o que estou tentando mostrar. A busca de alegria em Deus em toda a nossa leitura bíblica é o que a Bíblia reivindica.

Nesta altura, o argumento é que DEUS É MAIS GLORIFICADO EM NÓS QUANDO SOMOS MAIS SATISFEITOS NELE . Este é um dos discernimentos mais fundamentais que a Bíblia tem para nos dar. Podemos vê-lo em Filipenses 1.20-21, onde Paulo diz:

Segundo a minha ardente expectativa e esperança de que em nada serei envergonhado; antes, com toda a ousadia, como sempre, também agora, será Cristo engrandecido no meu corpo, quer pela vida, quer pela morte. Porquanto, para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro.

O que desejo que vejamos é como Paulo crê que Cristo será engrandecido ou glorificado, em seu corpo. Observe que Paulo diz que está confiante de que Cristo será engrandecido em seu corpo, pela vida ou pela morte. Em seguida, há a explicação do motivo: “Para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro”. Ora, coloque juntas as duas frases correspondentes, “Cristo será engrandecido... quer pela vida, quer pela morte” e “o viver é Cristo, e o morrer é lucro”. O que vemos é que viver para Cristo corresponde a engrandecer a Cristo pela vida. E experimentar a morte como lucro corresponde a engrandecer a Cristo pela morte.

Pense comigo sobre essa última frase: engrandecer a Cristo pela vida e experimentar a morte como lucro. Como isso funciona? Por que Cristo é ENGRANDECIDO quando Paulo experimenta a morte como LUCRO ? A resposta é dada parcialmente no versículo 23, onde Paulo diz: “Estou constrangido, tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente MELHOR ”. Morrer é lucro porque significa partir e estar COM CRISTO , o que, conforme Paulo diz, é “incomparavelmente melhor” do que viver aqui.

Isto é o que vemos: Cristo é engrandecido na morte de Paulo porque em morrer Paulo experimenta a presença de Cristo como grande lucro. E o que isto significa, senão a suprema satisfação de Paulo em Cristo? Cristo é muito melhor do que a vida. Isto, diz Paulo, é o que engrandece a Cristo. Portanto, eu concluo: Cristo é mais glorificado em Paulo porque Paulo é mais satisfeito em Cristo. O que faz Cristo parecer magnificante é a evidente atitude de Paulo em valorizar Cristo acima da própria vida.

Digo novamente: a principal razão por que devemos ler a Bíblia na busca de suprema satisfação em Deus é que Deus é mais glorificado em nós quando somos mais satisfeitos nele. Mover-se de

ver a glória de Deus para provar a glória de Deus é uma das grandes maneiras pelas quais Deus é glorificado em nós.

Jonathan Edwards escreveu mais profunda e convincentemente do que qualquer pessoa que conheço. Ele argumentou que esta maneira de glorificar a Deus está profundamente arraigada na própria natureza de Deus. A conclusão de Edwards é esta:

Deus glorifica-se a si mesmo para as suas criaturas também em duas maneiras: 1. Por aparecer ao... entendimento delas. 2. Em comunicar-se a si mesmo ao coração delas e por elas se regozijarem, se deleitarem em e desfrutarem as manifestações que ele faz de si mesmo... DEUS É GLORIFICADO NÃO SOMENTE EM SUA GLÓRIA SER VISTA, MAS TAMBÉM POR NOS REGOZIJARMOS NELA . Quando aqueles que veem a glória de Deus se deleitam nela, Deus é mais glorificado do que se eles apenas vissem-na... Aquele que dá testemunho de suas ideias sobre a glória de Deus [não] glorifica tanto a Deus quanto aquele que dá testemunho de sua aprovação da glória de Deus e se deleita nela.¹⁴

Leia esta sentença mais uma vez: “DEUS É GLORIFICADO NÃO SOMENTE EM SUA GLÓRIA SER VISTA, MAS TAMBÉM POR NOS REGOZIJARMOS NELA” . Eu creio que isso é o que Paulo quis dar a entender em Filipenses 1.20-21. E isso é a razão por que é essencial ler a Bíblia tanto para VER a glória de Deus quanto para DESFRUTÁ -la. A glória de Deus brilha de modo mais intenso não apenas na alma que o VÊ , mas também na alma que o vê verdadeiramente e o DESFRUTA devidamente.

Busque alegria em tudo que você faz

Eu concluo que a própria Bíblia nos encoraja a buscar alegria em Deus, para provarmos sua glória onde quer que a vejamos. Em tudo que pensamos e fazemos, devemos esperar, almejar e orar que Deus não somente nos revele sua glória, mas também desperte nosso coração para seu valor e beleza, a fim de que provemos sua glória acima de todos os outros tesouros no mundo. As Escrituras que examinamos até aqui nos ensinam a buscar nossa felicidade em Deus, em tudo que fizermos. Mas não fazem uma conexão explícita entre nossa busca de alegria e nossa leitura da Bíblia. Isso é o que abordaremos em seguida.

1 Ver esp. John Piper, *Desiring God: Meditations of a Christian Hedonist*, rev. ed. (Colorado Springs: Multnomah, 2011).

2 John Piper, *Future Grace: The Purifying Power of the Promises of God* (Colorado Springs: Multnomah, 2012). Quanto a um breve argumento sobre este ponto, ver <http://desiringgod.org/articles/love-is-the-main-thing-in-saving-faith> (acesso em 1o de março de 2016).

3 Quanto à minha análise e apreciação da vida e ministério de Müller, ver John Piper, *A Camaraderie of Confidence: The Fruit of Unfailing Faith in the Lives of Charles Spurgeon, George Müller, and Hudson Taylor* (Wheaton, IL: Crossway, 2016), 63-83.

4 George Müller, *Autobiography of George Müller: A Million and a Half in Answer to Prayer* (London: J. Nisbet, 1914), 152.

5 George Müller, *A Narrative of Some of the Lord's Dealings with George Müller*, vol. 1 (London: J. Nisbet, 1860), 45-48.

6 C. H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit Sermons*, vol. 25 (London: Passmore & Alabaster, 1879), 627.

7 John Owen, *The Works of John Owen*, ed. William H. Goold, vol. 1 (Edinburgh: T&T Clark, n.d.), 399.

8 Ibid., 400-401.

9 Ibid., lxiii-lxiv.

10 Jonathan Edwards, *The Great Awakening*, rev. ed., ed. Harry S. Stout e C. C. Goen, vol. 4, *The Works of Jonathan Edwards* (New Haven, CT: Yale University Press, 2009), 387.

11 Randy Alcorn, *Happiness* (Carol Stream, IL: Tyndale, 2015), 179.

12 Esta expressão é explicada e defendida no livro mencionado antes: Piper, *Desiring God*. O ensino-chave do hedonismo cristão é que Deus é mais glorificado em nós quando somos mais satisfeitos nele.

13 C. S. Lewis, *The Weight of Glory and Other Addresses* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1965), 1.

14 Jonathan Edwards, *The "Miscellanies"*: (Entry Nos. A-z, Aa-zz, 1-500), corrected ed., ed. Thomas A. Schafer e Harry S. Stout, vol. 13, *The Works of Jonathan Edwards* (New Haven, CT: Yale University Press, 2002), 495 – ênfase acrescentada.

A lei do SENHOR é perfeita
e restaura a alma;
o testemunho do SENHOR é fiel
e dá sabedoria aos símplices.
Os preceitos do SENHOR são retos
e alegram o coração;
o mandamento do SENHOR é puro
e ilumina os olhos.
O temor do SENHOR é límpido
e permanece para sempre;
os juízos do SENHOR são verdadeiros
e todos igualmente, justos.
São mais desejáveis do que ouro,
mais do que muito ouro depurado;
e são mais doces do que o mel
e o destilar dos favos.
Além disso, por eles se admoesta o teu servo;
em os guardar, há grande recompensa.
SALMO 19.7-11

Tenho-vos dito estas coisas para que o meu gozo esteja em vós, e
o vosso gozo seja completo.

JOÃO 15.11

Desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno
leite espiritual, para que, por ele, vos seja dado crescimento para
salvação, se é que já tendes a experiência de que o Senhor é
bondoso.

1 Pedro 2.2-3

LENDO PARA DESFRUTAR A EXCELÊNCIA DE DEUS, PARTE 2

“Tenho-vos dito estas coisas... o meu gozo esteja em vós.”

A PROPOSTA

Nosso alvo supremo em ler a Bíblia é que a dignidade e a beleza infinitas de Deus sejam exaltadas através da adoração fervorosa e eterna da noiva de Cristo, comprada por sangue, formada de pessoas procedentes de todo povo, língua, tribo e nação. Isto significa que:

1. a dignidade e a beleza infinitas de Deus são *o valor e excelência supremos* do universo;
2. *a adoração supremamente autêntica e intensa* da dignidade e da beleza de Deus é o alvo supremo de toda obra e palavra de Deus;
3. devemos sempre ler a Palavra de Deus para *ver* esta dignidade e beleza supremas;
4. **em todo o nosso ver, nosso alvo deve ser o *desfrutar a excelência de Deus acima de todas as coisas*;**
5. devemos almejar ser *transformados* , por meio deste ver e desfrutar, na semelhança da beleza divina,
6. para que mais e mais pessoas sejam atraídas à família adoradora de Deus, até que a noiva de Cristo – através de todos os

A tristeza de ler sem desfrutar

Neste capítulo, continuaremos a testar biblicamente a afirmação de que, em toda a nossa leitura da Bíblia, devemos buscar “*desfrutar* a excelência de Deus acima de todas as coisas” (ver a quarta implicação no quadro da proposta). Ou seja, devemos orar, esperar e labutar para sermos despertados emocionalmente pelas Escrituras. De modo específico, devemos almejar experimentar afeições do coração que correspondam à realidade do que vemos na Bíblia. A convicção por trás deste alvo é que ver sem desfrutar “acaba em formalidade ou ateísmo” e “não tem nenhuma eficácia transformadora”.¹ Portanto, ver sem desfrutar não conduz ao supremo propósito de Deus para seu povo – *a adoração fervorosa e eterna da infinita dignidade e beleza de Deus* .

Afeições espirituais não são físicas

No capítulo anterior, esclareci que há todo um conjunto de emoções implícito na palavra *desfrutar* . A emoção de *desfrutar a ira de Deus* não é idêntica à emoção de *desfrutar a misericordiosa ternura de Deus* . Agora, talvez seja proveitoso fazermos mais dois esclarecimentos neste ponto.

Primeiramente, quando falo de “emoções”, “afeições” ou “sentimentos” – implícitos em “desfrutar” o que vemos na Escritura – não estou me referindo a experiências físicas como mãos suadas, joelhos que se chocam, coração acelerado, lábios trêmulos ou olhos lacrimejantes. Essas são reações corporais. Podem ser reações a verdadeiras afeições do coração – e, portanto, podem ser verdadeiramente preciosas. Ou podem ser reações à música, ao fervor da comunhão, às circunstâncias aflitivas ou a várias outras coisas que não são geradas do Espírito. Não estou falando sobre essas experiências físicas.

Por “afeições”, quero dizer emoções como gratidão, esperança, alegria, contentamento, paz, desejo, compaixão, temor, ódio, ira e tristeza. Nenhuma destas é meramente física. Anjos, demônios e

santos falecidos podem ter estes “sentimentos”. Deus mesmo experimenta o que a Bíblia chama ira (Jr 15.14), tristeza (Ef 4.30), ódio (Sl 5.5), compaixão (Os 11.8), desejo (Tg 4.5) e alegria (Sf 3.17). Não são eventos físicos. Quando são despertadas e formadas pelo Espírito Santo, a Bíblia as chama de “espirituais” (1 Co 2.13). Não precisamos de um corpo físico para experimentá-las.

Jonathan Edwards escreveu o que pode ser, não considerando a Bíblia, o livro mais importante sobre essas *afeições* na vida cristã. O livro se chama *Religious Affections* (Afeições Religiosas). Sua definição destas afeições é “os mais vigorosos e sensíveis² exercícios da inclinação e da vontade da alma”.³ Em outras palavras, os sentimentos que são realmente importantes não são meras sensações físicas. São o estimular da alma com algum tesouro recebido ou ameaçado. Quando a vontade abraça ou rejeita vigorosamente alguma coisa, isso é o que Edwards quer dizer por *afeição*.

É claro que há uma conexão entre os sentimentos da alma e as sensações do corpo. Isto se deve, afirma Edwards, “às leis de união que o Criador fixou entre a alma e o corpo”. Em outras palavras, gratidão de coração pode fazer você chorar. Temor a Deus pode fazer você tremer. O choro e o tremor, como movimentos físicos do corpo, são insignificantes. Mas a gratidão e o temor são essenciais na vida cristã. E, se são espirituais, o chorar e o tremer compartilham do verdadeiro valor que a gratidão e o temor possuem. É por isso que Deus pode dizer: “O homem para quem olharei é este: o aflito e abatido de espírito e que *treme da minha palavra*” (Is 66.2).

Afeições são essenciais

Eu uso com cuidado a palavra *essencial* quando digo que gratidão e temor são essenciais na vida cristã. A Bíblia coloca muito mais importância em nossas emoções do que muitas pessoas admitem. Negativamente, o apóstolo Paulo diz que as pessoas que seguem o velho caminho de “porfias”, “inveja”, “iras” e “ciúme” não “herdarão o reino de Deus” (Gl 5.20-21). Todas estas são afeições. É essencial que elas mudem. Positivamente, os cristãos são ordenados

a terem afeições que honram a Deus, como alegria (Fp 4.4), esperança (Sl 42.5), temor (Lc 12.5), paz (Cl 3.15), zelo (Rm 12.11), tristeza (Rm 12.15), desejo (1 Pe 2.2), compaixão (Ef 4.32), tristeza e contrição (Tg 4.9). Estas afeições não são a cereja no bolo do viver cristão. São essenciais.

A grande lição dos fariseus é que limpar o lado exterior e visível de nossa vida, enquanto as afeições interiores permanecem inalteradas, é mortal.

Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque limpais o exterior do copo e do prato, mas estes, por dentro, estão cheios de *rapina e intemperança* ! Fariseu cego, limpa primeiro o interior do copo, para que também o seu exterior fique limpo! (Mt 23.25-26) .

“Rapina e intemperança” têm de ser substituídas por contentamento (Hb 13.5-6) e pela valorização de Cristo acima dos confortos deste mundo (Fp 3.8). Isto é essencial. E os fariseus não podiam vê-lo.

Portanto, quando falamos de mover-nos de *ver* a glória de Deus na Bíblia para *desfrutar* essa glória, não estamos falando de algo periférico. Essa é a razão por que sustento a quarta implicação: *em todo o nosso ver, nosso alvo deve ser o desfrutar a excelência de Deus acima de todas as coisas* .

A realidade por trás das palavras da Escritura

Há um segundo esclarecimento que precisamos fazer antes de prosseguir em nossa defesa da quarta implicação. Quando eu falo de mover-nos de *ver* para *desfrutar* ou de *ver* a verdade na Escritura para desfrutar o que vemos, quero dizer desfrutar *a realidade por trás das palavras* e não apenas as palavras em si mesmas. Talvez isto seja óbvio. Mas conheço por experiência própria o perigo de ser extasiado meramente com a estrutura de um texto que acabei de descobrir. Já provei o perigo de encantar-me apenas com a lógica de uma passagem que finalmente compreendi ou, ainda pior, com o fato de que agora sou capaz de vencer uma argumentação com este novo discernimento. Em outras palavras, há maneiras superficiais e até erradas de experimentar emoções felizes quando leio a Bíblia.

Isto não é o que estou defendendo. Quando digo, na quarta implicação, que, *em todo o nosso ver, nosso alvo deve ser o desfrutar a excelência de Deus acima de todas as coisas* , quero

dizer a própria excelência de Deus mesmo, não meramente a excelência de palavras sobre a excelência de Deus. É claro que não há nada errado em apreciar beleza literária ou clareza lógica. O perigo sutil existe quando esse tipo de experiência nos engana e nos faz pensar que estamos realmente desfrutando a realidade divina por trás das palavras. Incrédulos podem desfrutar a Bíblia como literatura. Não há nada necessariamente espiritual nisso.

Em Isaías 29.13, Deus nos adverte sobre este tipo de desfrutar:

Este povo se aproxima de mim e com a sua boca e com os seus lábios me honra, mas o seu coração está longe de mim, e o seu temor para comigo consiste só em mandamentos de homens...

Este tipo de coisa pode acontecer quando estamos “adorando” e pode acontecer quando estamos lendo a Bíblia. Uma emoção real pode surgir – até mesmo um tipo de “temor a Deus”, como Isaías o chama – e não ser mais do que uma resposta a um mandamento bíblico. Você pode talvez sentir a importância disto – e a dificuldade. Há glórias de Deus que só podemos ver pela leitura da Bíblia; por isso, palavras, estruturas linguísticas e arranjos lógicos de proposições são cruciais. Mas podemos nos perder na própria ponte que Deus designou para levar-nos à realidade. Ou, mudando a imagem, podemos nos tornar como o cachorro que, ao lhe apontarmos sua comida, apenas abana sua cauda com deleite diante de nosso dedo. Ou, mudando a imagem mais uma vez, podemos admirar a forma, a posição e a nitidez da janela e ignorarmos as montanhas além.

Onde estamos no argumento?

Foi muito para dois esclarecimentos. Agora, retomamos o argumento principal. Perguntamos no capítulo anterior como a Bíblia nos ensina que, *em todo o nosso ver, nosso alvo deve ser o desfrutar a excelência de Deus acima de todas as coisas*. Como a Bíblia deixa claro que, em toda a sua leitura, devemos nos mover do ato de ver a glória de Deus para o de desfrutar a glória de Deus? Sugeri que há duas maneiras. Abordamos a primeira no capítulo 6 – as Escrituras nos encorajam a buscar alegria em Deus e, por implicação, na leitura da Bíblia. Neste capítulo, abordaremos a

segunda maneira: a Escritura conecta explicitamente o desfrutar a glória de Deus com a leitura das próprias Escrituras.

O dom do gozo de Jesus por meio de palavras

Duas vezes Jesus disse que nos deu suas palavras para que compartilhemos de seu gozo – uma vez em seu ensino, uma vez em sua oração: “Tenho-vos dito estas coisas *para que o meu gozo esteja em vós* , e o vosso gozo seja completo” (Jo 15.11). “Mas, agora, vou para junto de ti [Pai] e isto falo no mundo *para que eles tenham o meu gozo completo em si mesmos* ” (Jo 17.13).

Resposta 1

Como devemos responder a afirmação e à oração de Jesus de que a razão por que nos deu suas palavras é que compartilhemos de seu gozo? A primeira resposta é dizermos sim à intenção de Jesus para suas palavras – sua intenção para nossa leitura! “Sim, Senhor, sim! Eu me regozijarei em tua palavra. Quando eu ler tuas palavras, não ignorarei o que disseste. Não tentarei simplesmente *aprender* tua verdade, sem tentar *sentir* teu gozo. Tu me deste tuas palavras para minha alegria. Portanto, não analisarei sem buscar ser afetado com alegria por tua palavra. ”

Resposta 2

A segunda resposta é compreender que o gozo que Jesus disse devemos buscar em ler suas palavras é o seu próprio gozo: “Tenho-vos dito estas coisas *para que o meu gozo esteja em vós* ”. Isto é muito mais do que se ele tivesse apenas dito: “Eu vos disse estas coisas para que vocês tenham alegria”. Isto seria muito bom. No entanto, ele disse que seu alvo em falar é que experimentemos, *por meio da leitura* , um gozo que é o gozo do próprio Filho de Deus. Cristo habita em nós pelo Espírito. Esta foi sua promessa e oração: “Eu neles, e tu [Pai] em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim” (Jo 17.23). Cristo mesmo está em nós pelo seu Espírito: o Pai “vos dará outro Consolador... o Espírito da verdade... vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em

vós” (Jo 14.16-17). Este Espírito produz o fruto de alegria (Gl 5.22), e essa alegria é a alegria do Espírito de Cristo.

Resposta 3

A terceira resposta que devemos ter para as palavras de Jesus em João 15.11 e 17.13 é admiração do fato de que o gozo do Filho de Deus seja, em última análise, o gozo em Deus, o Pai. Quando Jesus disse: “Eu amo o Pai” (Jo 14.31) e que sua comida era fazer a vontade do Pai (Jo 4.34), ele não quis dizer que amava o Pai com um amor desinteressado, como se o Pai fosse difícil de amar. Jesus quis dizer que seu deleite supremo estava no Pai – como se estivesse na comunhão da Trindade desde toda a eternidade. O pensamento de que este amor e este deleite entre o Filho e o Pai deve estar em nós pelo Espírito e que nosso amor e nossa alegria devem ser agora mesmo, em alguma medida, uma participação no amor do Filho pelo Pai – este pensamento deve nos impressionar. Deve nos tornar desejosos de ter tanto quanto possível desta alegria.

Resposta 4

E isso nos leva à quarta resposta às palavras de Jesus, ou seja, a maravilha de que este gozo divino é mediado a nós *por meio das palavras de Jesus*, ou seja, *por meio de lermos as Escrituras*. Alegria sobrenatural é criada em nós por meio do ato natural de leitura. Não, não é automático. Veremos depois que milagre é este e como devemos buscá-lo. Mas, por enquanto, assimilemos a maravilha. Por meio de suas palavras: “Tenho-vos dito estas coisas para que o meu gozo esteja em vós”, Jesus nos oferece uma das maiores experiências no mundo – regozijar-nos em Deus com o gozo do próprio Filho de Deus. E nos oferece *por meio da leitura*.

Resposta 5

Uma quinta resposta às palavras de Jesus deveria ser que ficamos ainda mais admirados com a palavra “completo”. “Tenho-vos dito estas coisas para que o meu gozo esteja em vós, e o vosso gozo seja completo” (Jo 15.11). O alvo divino da Escritura não é que pela leitura sejamos moderadamente alegres. O alvo é que nosso gozo – o gozo de Cristo em nós – seja *completo*. Completo significa, pelo menos, tão forte que remove de nosso coração quaisquer prazeres

idólatras competitivos. Significa que o egoísmo chegou a um fim. Não devemos mais ser um poço de carência, e sim uma fonte de vida – doadores e não tomadores. Isso é o que Jesus quis dizer quando falou: “A água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna” (Jo 4.14). Essa água é bebida por meio da palavra de Jesus. E a alegria transbordante que ele promete vem *pela leitura* . Tenho certeza de que há uma plenitude de alegria divina que não atingiremos até que vejamos a glória pessoal de Jesus (Jo 17.24-26; 1 Jo 3.1-2). Mas quem pode dizer que medidas de alegria em Deus são possíveis, mesmo neste mundo caído, se nos dedicarmos totalmente à Palavra de Deus?

A resposta final às palavras de Jesus, que eu mencionarei, resulta destas cinco respostas; ou seja, que devemos ler as Escrituras com grande expectativa, e, em toda a nossa leitura, *o nosso alvo deve ser o desfrutar a dignidade e a beleza de Deus acima de todas as coisas* .

A fé, que inclui desfrutar, vem por ouvir a Palavra

No capítulo 6, argumentei que a fé salvadora é mais, porém não menos, do que ser satisfeito com tudo que Deus é para nós. Em outras palavras, a fé autêntica nunca é uma mera decisão humana que pode ser feita pelo poder da vontade sem um coração transformado. É o abrir dos olhos do coração (Ef 1.18) para ver a Jesus como mais precioso do que qualquer outra coisa. Portanto, a fé abrange o que estamos falando neste capítulo – o alvo de desfrutar a dignidade e a beleza de Deus acima de todas as coisas. Esse desfrutar é parte do que a fé salvadora é.

Portanto, aquilo que traz a fé salvadora à existência, e a sustenta, e a fortalece deve ser buscado de todo o nosso coração. O apóstolo Paulo nos diz o que gera a fé. É a palavra de Cristo:

Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados?... E, assim, *a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo* (Rm 10.13-17).

Esta “pregação” pode ser a pregação audível ou pode acontecer por meio de leitura. Independentemente de como a “palavra de Cristo” vem, o ensino é o mesmo: a fé é trazida à existência e

sustentada “pela palavra”. E, visto que a fé inclui ser satisfeito em tudo que Deus é para nós em Jesus, sabemos que esta satisfação – este desfrutar da glória de Deus no evangelho e na pessoa de Cristo – vem “pela palavra”. Portanto, devemos nos dedicar a esta palavra, não de modo indiferente, mas com uma paixão para ver e desfrutar a própria beleza de Cristo que a Palavra se destina a comunicar.

Escritos para que você (leia, veja, desfrute) creia

João expõe o mesmo ensino de Paulo, mas referindo-se explicitamente a livros e escritos, enquanto Paulo se refere à pregação:

Na verdade, fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro . Estes , porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome (Jo 20.30-31).

Ora, isto é claro: as Escrituras foram escritas para nos ajudar a crer. E crer significa receber a Jesus como a água viva e o pão da vida, para que o anseio de nossa alma por gozo seja satisfeito (Jo 6.35). E, portanto, *as Escrituras foram escritas para criar em nós um desfrutar das glórias de Cristo* . Por que, então, sempre nos achegamos às Escrituras como se o único alvo fosse orientação prática e esclarecimento doutrinário? Não. Devemos nos aproximar das Escrituras como “a corça” que “suspira pelas correntes das águas” (Sl 42.1). Vamos às Escrituras para beber e comer. Vamos para ver e desfrutar as glórias de tudo que Deus é para nós em Jesus; ou seja, vamos às Escrituras para o fortalecimento de nossa fé .

Anseie provar o leite da bondade de Deus – na Palavra

O apóstolo Pedro manda todo crente sentir forte desejo pela Palavra de Deus, porque nela provamos a bondade do Senhor. Ou seja, na Palavra, achamos leite nas glórias da bondade de Deus. Em outras palavras, Pedro torna uma questão de obediência o ver e o desfrutar, na Palavra, a glória da bondade de Deus. A passagem-chave é 1 Pedro 1.23-2.3:

Fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente. Pois toda carne é como a erva, e toda a sua glória, como a flor da erva; seca-se a erva, e cai

a sua flor; a palavra do Senhor, porém, permanece eternamente. Ora, esta é a palavra que vos foi evangelizada... desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual, para que, por ele, vos seja dado crescimento para salvação, se é que já tendes a experiência de que o Senhor é bondoso.

Observe o fluxo do pensamento. Pedro começa por lembrar a seus leitores que eles eram nascidos de novo “mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente”. Em seguida, Pedro diz que “esta é a palavra que vos foi evangelizada”. Depois, ele lhes diz – lhes *manda* : “Desejai... o genuíno leite espiritual”. No fluxo do pensamento, avançamos de um *regenerado* , em 1.23, para um bebê *faminto* , em 2.2. As pessoas regeneradas chegaram a esta condição pela “palavra de Deus”. E os bebês são instruídos a desejarem “o genuíno leite espiritual”. Não há dúvida de que o “leite” é a Palavra.

Não somente a Palavra. Porque, logo que nos manda desejarmos este leite que nos dá crescimento para salvação, Pedro acrescenta “se é que já *tendes a experiência* de que o *Senhor* é bondoso”. Ele não diz: “Se vocês já provaram o leite”. Certamente, a expressão “tendes a experiência” se conecta com o leite, mas o que nós experimentamos não é apenas o leite da Palavra, mas também a bondade do Senhor em e por trás da Palavra.

Logo, Pedro está dizendo a todo cristão: em sua grande misericórdia e bondade, Deus (1.3, 23) nos trouxe à existência pelo novo nascimento. Deus estendeu sua bondade que operou o milagre em nós “mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente”. Então, por meio dessa Palavra, já provamos a bondade do Senhor. Ora, a maneira de mantermos a nova vida e crescermos “para salvação” é nunca perdermos nosso desejo por esta bondade que vem por meio do leite da Palavra.

Uma expressão-chave é “desejai ardentemente”. “Desejai ardentemente... o genuíno leite espiritual”. Pedro não está simplesmente dizendo que devemos desenvolver a *disciplina* de ler a Bíblia. Está dizendo que devemos desenvolver um *anseio* pela Palavra. Ter fome da Palavra. Anelar pela Palavra. Desejá-la. Esta é a linguagem de desfrutar. E o objeto de nosso desfrutar é a beleza e o valor da bondade de Deus que são oferecidos a nós *na Palavra de Deus* . Portanto, Pedro está nos dizendo – nos mandando – que leiamos as Escrituras não somente para termos doutrina e

orientação, mas também para provarmos e vermos “que o SENHOR é bom” (Sl 34.8). Pedro deseja que nossa experiência com a Palavra seja tal que avancemos de testar para *experimental*. De conhecer para *amar* . De doutrina para *deleite* . De ver para *desfrutar* .

Alegria indizível e cheia de glória

Podemos sentir a paixão que Pedro tinha em mente ao falar de *ter a experiência* se retornarmos a 1 Pedro 1.8: “A quem, não havendo visto, amais; no qual, não vendo agora, mas crendo, exultais com *alegria indizível e cheia de glória* ”. Pedro admite que, num sentido, não vemos Jesus Cristo agora. Ele ressuscitou dos mortos e ascendeu à direita de Deus (1 Pe 3.22). “No qual, *não vendo agora...*” Apesar disso, eles desfrutaram a dignidade e a beleza de Jesus.

Como eles desfrutaram isto? Pedro diz: “Nisso exultais” (1.6). Ele está se referindo ao que acabara de escrever nos versículos 3 a 5 – que, de acordo com a grande misericórdia de Deus, eles haviam sido gerados de novo pela ressurreição de Jesus e que possuíam uma herança indestrutível que os aguardava na vinda de Cristo. “Nisso ” eles se regozijavam. Nisso eles haviam desfrutado a dignidade e a beleza de Cristo. De fato, a palavra *desfrutar* fica aquém do que eles experimentaram. Pedro usa palavras que não têm correspondentes no Novo Testamento. Pedro diz que, embora não pudessem ver Jesus com os olhos físicos, eles o amavam e se regozijavam com “alegria indizível e cheia de glória” (1.8).

Por que esta alegria é chamada “cheia de glória”? Minha sugestão retrocede ao que dissemos sobre alegria em João 15.11. Jesus nos comunicou sua palavra para que *seu gozo* esteja em nós. Jesus é glorioso. E agora ele está na glória que tinha com o Pai antes de o mundo ser criado (Jo 17.24). Nossa alegria é a alegria de Jesus. Portanto, em alguma medida, nossa alegria é a própria alegria do Jesus glorificado.

Vejamos isso de outra maneira. Paulo disse em 2 Coríntios 3.18: “E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito”. Isto poderia sugerir que, enquanto os cristãos *contemplavam a glória de*

Jesus nas palavras inspiradas de 1 Pedro, eles mesmos eram em alguma medida *glorificados* – “transformados, de *glória* em *glória* , na própria imagem” do Senhor. Por isso, a alegria deles era, em algum grau, uma alegria cheia de glória. Ou seja, ela refletia a glória de Cristo.

Em 1 Pedro 1.8, o apóstolo descreve a experiência daqueles cristãos sem qualquer sugestão de que isto era exclusivo deles. Isto é o que os *cristãos* experimentam. Isto é o que nós somos. Somos aqueles que se achegam à Palavra – neste caso, 1 Pedro 1.3-7 – e provamos nela a bondade do Senhor. Vemos, com os olhos do coração, a glória de Cristo e experimentamos a resposta de “alegria indizível e cheia de glória”.

Isto é o que eu quero dizer quando falo em desfrutar a dignidade e a beleza de Deus na Escritura. Também é claro que Pedro tencionava que isso acontecesse por meio do que ele escrevera. “Nisso exultais” (1 Pe 1.6). Portanto, quando vamos à Escritura, *em todo o nosso ver, devemos, sim, ter o desejo de, desfrutar a excelência de Deus acima de todas as coisas* .

Os salmos modelam o desfrutar

É difícil escaparmos da impressão de que os salmos foram escritos para nos mostrar que, ao nos achegarmos à Bíblia, devemos fazer isso com o alvo sincero de desfrutar a Deus e sua Palavra. Talvez a Palavra tenha de nos devastar antes de podermos desfrutá-la plenamente. Mas será que podemos realmente deixar de ver que os salmos são para nós modelos de como desfrutar e celebrar a glória de Deus – o que os próprios salmistas viram na Palavra de Deus?

Seu prazer está na lei do Senhor

Uma das maiores evidências neste sentido é que o primeiro salmo e o salmo mais extenso (119) são ambos dedicados explicitamente a este desfrutar a Palavra de Deus. É como se aqueles que compilaram o Saltério tivessem dito: “Vamos fazer do primeiro salmo e do salmo mais extenso um chamado retumbante à valorização, ao deleite e à meditação da Palavra de Deus escrita”. O Salmo 1 começa dizendo:

Bem-aventurado o homem que não anda no conselho dos ímpios, não se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores. Antes, o seu prazer está na lei do SENHOR, e na sua lei medita de dia e de noite. Ele é como árvore plantada junto a corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha; e tudo quanto ele faz será bem sucedido (vv. 1-3).

A palavra *lei* vem de uma palavra hebraica que significa “ensinar” (*torah* ; ver Sl 119.33). É muito ampla. Refere-se não somente à legislação, da maneira como a palavra *lei* geralmente o faz em português. *Pode* se referir a isso. Mas pode se referir também a toda a revelação de Deus – todo o seu “ensino” para a humanidade. Por exemplo, no Novo Testamento, a palavra correspondente a *lei* (gr., νόμος, *nomos*) pode se referir aos próprios Salmos (Jo 15.25) ou aos Profetas (1 Co 14.21). Portanto, quando Salmo 1.2 diz: “Seu prazer está na *lei* do SENHOR, e na sua *lei* medita de dia e de noite”, a palavra não deve ser limitada a “legislação”. Este deleite é em relação a toda a revelação de Deus – toda a sua instrução.

Portanto, a primeira coisa que esta coleção de 150 salmos tenciona comunicar para nós é que há uma profunda diferença entre o justo e o ímpio. “Pois o SENHOR conhece o caminho dos *justos*, mas o caminho dos ímpios perecerá” (Sl 1.6). E a principal coisa sobre esta diferença entre o justo e o ímpio é que a pessoa justa *tem o seu prazer na lei do SENHOR e nela medita de dia e de noite*.

Este é o principal convite de todo o Saltério – o *banner* acima de todos os salmos. Isto é muito importante. Drapeja como uma bandeira acima de toda a coleção. À medida que entramos pela porta do Salmo 1 a todo o Saltério, o chamado para todos nós é: Venham, vejam (por meditação⁴) e desfrutem (por deleite) as maravilhas de Deus reveladas nesta grande e divina instrução. Este deve ser o nosso alvo, a nossa oração, quando nos achegamos à Palavra de Deus: “Desvenda os meus olhos, para que eu contemple as maravilhas da tua lei” (Sl 119.18).

O gigante entre os salmos

Sobressaindo-se como um gigante entre os outros 149 salmos, está o mais extenso de todos, o Salmo 119. É duas vezes mais extenso do que seu competidor mais próximo (Salmo 78, que tem 72 versículos; o Salmo 119 tem 176 versículos). A extensão notável

se deve à sua estrutura. O Salmo 119 é um acróstico. Cada grupo de oito versículos começa com uma letra diferente do alfabeto hebraico. Há 22 letras no alfabeto hebraico; por isso, $22 \times 8 = 176$.

Não há dúvida quanto ao que o salmista está fazendo. Está celebrando a Deus por celebrar a Palavra de Deus. Está provando com seus olhos espirituais cada faceta do diamante da revelação de Deus. O salmista se refere a esta revelação de Deus como “lei”, “testemunhos”, “preceitos”, “estatutos”, “mandamentos”, “palavra” e “promessa”. Mas a evidência inconfundível do que ele está fazendo procede principalmente não destas palavras referentes à revelação de Deus, e sim das palavras que o salmista usa para se referir à sua *jubilosa experiência* desta revelação. Ele quer nos levar a isso. Observe estes exemplos de linguagem de amor pela lei de Deus:

Mais *me regozijo* com o caminho dos teus testemunhos do que com todas as riquezas (v. 14).

Terei prazer nos teus decretos; não *me esquecerei* da tua palavra (v. 16).

Consumida está a minha alma por *desejar*, incessantemente, os teus juízos (v. 20).

Com efeito, os teus testemunhos são o meu *prazer*, são os meus conselheiros (v. 24).

Guia-me pela vereda dos teus mandamentos, pois nela *me comprazo* (v. 35).

Eis que *tenho suspirado* pelos teus preceitos; vivifica-me por tua justiça (v. 40).

Terei prazer nos teus mandamentos, os quais eu amo (v. 47).

Para os teus mandamentos, que *amo*, levantarei as mãos e meditarei nos teus decretos (v. 48).

Tornou-se-lhes o coração insensível, como se fosse de sebo; mas eu *me comprazo* na tua lei (v. 70).

Alegraram-se os que te temem quando me viram, porque na tua palavra *tenho esperado* (v. 74).

Baixem sobre mim as tuas misericórdias, para que eu viva; pois na tua lei está o meu *prazer* (v. 77).

Não fosse a tua lei ter sido o meu *prazer*, há muito já teria eu perecido na minha angústia (v. 92).

Quanto *amo* a tua lei! É a minha meditação, todo o dia (v. 97).

Quão *doces* são as tuas palavras ao meu paladar! *Mais que o mel* à minha boca (v. 103).

Os teus testemunhos, recebi-os por legado perpétuo, porque me constituem o *prazer* do coração (v. 111).

Aborreço a duplicidade, porém *amo* a tua lei (v. 113) .

Rejeitas, como escória, todos os ímpios da terra; por isso, *amo* os teus testemunhos (v. 119).

Amo os teus mandamentos mais do que o ouro, mais do que o ouro refinado (v. 127).

Abro a boca e aspiro, porque *anelo* os teus mandamentos (v. 131).

Puríssima é a tua palavra; por isso, o teu servo a *estima* (v. 140).

Sobre mim vieram tribulação e angústia; todavia, os teus mandamentos são o meu *prazer* (v. 143).

Considera em como *amo* os teus preceitos; vivifica-me, ó SENHOR , segundo a tua bondade (v. 159).

Príncipes me perseguem sem causa, porém o que o meu coração *teme* é a tua palavra (v. 161).

Alegro-me nas tuas promessas, como quem acha grandes despojos (v. 162).

Abomino e detesto a mentira; porém *amo* a tua lei (v. 163).

Grande paz têm os que *amam* a tua lei; para eles não há tropeço (v. 165).

A minha alma tem observado os teus testemunhos; eu os *amo* ardentemente (v. 167) .

Suspiro, SENHOR , por tua salvação; a tua lei é todo o meu *prazer* (v. 174).

Suponho que poderia comprovar meu argumento baseando-me apenas no Salmo 119. Sim, *em todo o nosso ver (em toda a nossa meditação na Palavra de Deus), o nosso alvo deve ser desfrutar a excelência de Deus acima de todas as coisas* . Sim, *desfrutar* é indispensável. É a razão do ver.

Deleitar-se na Palavra ou em Deus pela Palavra?

Se alguém é propenso a objetar que o Salmo 119 é apenas sobre deleitar-se na Palavra e não nas glórias de Deus reveladas na Palavra, Derek Kidner oferece a resposta correta:

Esta ênfase contínua [do salmista em amar a Palavra] tem levado alguns a acusarem o salmista de adorar a Palavra e não o Senhor. Entretanto, já se observou muito bem que neste salmo toda referência à Escritura, sem exceção, se relaciona explicitamente ao seu Autor. De fato, cada versículo, desde o versículo 4 até ao fim, é uma oração ou afirmação dirigida a ele. Isto é a verdadeira piedade: um amor a Deus não dissecado por estudo, e sim revigorado, instruído e alimentado por estudo...

O versículo 132 chega ao âmago da questão na expressão “os que amam o teu nome”. É por causa de Deus que amamos os escritos que o revelam. O anseio do salmista (20, 40), que ele retrata ora como apetite prazeroso (“as tuas palavras... Mais [doces] que o mel à minha boca” – 103), ora como suspirando urgência (“Abro a boca e aspiro” – 131), é por Deus mesmo, como o contexto mostra. Note o enfático *tu* imediatamente antes do versículo 103 e a oração “Volta-te para mim.” que segue o versículo 131. Cf. o buscar a Deus no versículo 2, o enfático “Tu” no versículo 4 e, acima de tudo, o versículo 151: “Tu estás perto, SENHOR ”.⁵

Em toda a Bíblia não há sugestão de que a Palavra de Deus seja buscada e desfrutada principalmente por causa de algum efeito estético que a torna prazerosa. Esses efeitos são reais. E a Bíblia está cheia de características literárias admiráveis. Mas isso não é o que os autores bíblicos celebram com grande prazer. A excelência literária é um meio para um fim: a revelação das radiantes glórias de Deus e seus caminhos. Quando a Palavra de Deus vinha, o que emocionava seus receptores era o fato de que Deus mesmo “aparecera” por meio da Palavra. “Continuou o *SENHOR* a aparecer em Siló, enquanto *por sua palavra* o *SENHOR* se manifestava ali a Samuel” (1 Sm 3.21). Esta era a grande maravilha e a grande alegria. Em todo o nosso “ver”, almejamos “desfrutar”, porque isto é o que vemos.

O Salmo 119 merece milhares de páginas de meditação. Ele inspira meditação extensa, profunda e jubilosa na Palavra de Deus. Charles Bridges escreveu 500 páginas sobre este salmo.⁶ Thomas Manton pregou 190 sermões sobre este salmo, publicados em três volumes que totalizaram 1.677 páginas.⁷ E o salmo é digno de tudo isso. No entanto, para meu propósito restrito aqui, o ensino é este: o mais longo capítulo na Palavra de Deus escrita é dedicado a ser

modelo para nós de como desfrutar a Palavra de Deus escrita. Em nossa leitura, ficamos aquém se não seguimos este modelo .

Deleite-se na excelência de Deus

Se, como o Salmo 19 afirma, os mandamentos do Senhor dão luz, e os preceitos do Senhor dão alegria (v. 8), não seria contrário ao desígnio de Deus para sua Palavra não buscarmos, em toda a nossa leitura da Bíblia, *ver* essa luz e *desfrutar* essa alegria? Se a Palavra de Deus deve ser mais desejada do que o ouro, e se é mais doce para a alma do que o mel ao paladar (v. 10), então é claro que o chamado de todo cristão é procurar em cada linha das Escrituras o ouro da glória de Deus e experimentar cada visão com um prazer na alma maior do que o de mel nos lábios. Eu concluo, portanto, que a quarta implicação de nossa proposta (ver o quadro no início) é verdadeira: *em toda a nossa leitura da Bíblia, devemos almejar, e não somente ver, mas também desfrutar a excelência de Deus acima de todas as coisas.*

1 John Owen, *The Works of John Owen*, ed. William H. Goold, vol. 1 (Edinburgh: T&T Clark, n.d.), 401.

2 Aqui, *sensível* tem o significado de “capaz de ser sentido”.

3 Jonathan Edwards, *Religious Affections*, rev. ed., ed. John E. Smith e Harry S. Stout, vol. 2, *The Works of Jonathan Edwards* (New Haven, CT: Yale University Press, 2009), 96.

4 No restante deste livro, ficará mais claro o que quero dizer por “meditação”. Isso é, de fato, o assunto deste livro – como meditar fielmente na Escritura. Não é uma tentativa de esvaziar a mente de pensamentos, tendo em vista um enchimento divino. Pelo contrário, é um dirigir intencional da mente para pensar os pensamentos de Deus, com oração sincera de que ele nos dê todos os efeitos espirituais que essa comunicação sagrada pode oferecer.

5 Derek Kidner, *Psalms 73-150: An Introduction and Commentary*, vol. 16, *Tyndale Old Testament Commentaries* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1975), 453-55.

6 Charles Bridges, *Psalm 119: An Exposition* (1827; repr. Edinburgh: Banner of Truth, 1974).

7 Thomas Manton, Psalm 119 (1680; repr. Edinburgh: Banner of Truth, 1990).

Nenhum homem pode ter a menor base de segurança de que viu, pela fé, a Cristo e sua glória sem alguns efeitos disso em mudá-lo na semelhança dele.

JOHN OWEN

E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito.

2 CORÍNTIOS 3.18

LENDO PARA SER TRANSFORMADO, PARTE 1

“Todos nós... contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória.”

A PROPOSTA

Nosso alvo supremo em ler a Bíblia é que a dignidade e a beleza infinitas de Deus sejam exaltadas através da adoração fervorosa e eterna da noiva de Cristo, comprada por sangue, formada de pessoas procedentes de todo povo, língua, tribo e nação. Isto significa que:

1. a dignidade e a beleza infinitas de Deus são *o valor e excelência supremos* do universo;
2. *a adoração supremamente autêntica e intensa* da dignidade e da beleza de Deus é o alvo supremo de toda obra e palavra de Deus;
3. devemos sempre ler a Palavra de Deus para *ver* esta dignidade e beleza supremas;
4. em todo o nosso ver, nosso alvo deve ser *o desfrutar* a excelência de Deus acima de todas as coisas;
5. **devemos almejar ser transformados , por meio deste ver e desfrutar, na semelhança da beleza divina,**
6. para que mais e mais pessoas sejam atraídas à família adoradora de Deus, até que a noiva de Cristo – através de todos os séculos e culturas – esteja completa em número e beleza .

Deus é mais glorificado em nós quando somos mais satisfeitos nele?

O propósito de Deus na Escritura não termina em vermos e provarmos sua glória. Eu afirmo que saber isso pode parecer uma contradição de meu slogan favorito: “Deus é mais glorificado em nós quando somos mais satisfeitos nele”. Alguém pode pensar corretamente que, se Deus é *mais* glorificado quando somos mais satisfeitos nele – ou seja, quando estamos *desfrutando* plenamente sua glória – então, por que isto não seria o ponto final dos propósitos de Deus?

Aqui está o problema. Dizer: “Deus é mais glorificado em nós *quando* somos mais satisfeitos nele” não é o mesmo que dizer “Deus é mais glorificado em nós *somente porque* somos mais satisfeitos nele”. Pode haver *outros fatos* em nós que também precisam ser verdadeiros para Deus ser “mais glorificado” em nós.

O objetivo de dizer “Deus é mais glorificado em nós *quando* somos mais satisfeitos nele” é enfatizar quão indispensável é que busquemos satisfação em Deus. Essa busca *nunca* é insignificante. É sempre essencial. Sempre ficamos aquém em nosso alvo de glorificar “mais” a Deus, se não buscamos em Deus a satisfação de nosso coração. Se atingirmos qualquer outra coisa, e o nosso coração for *mais* satisfeito em qualquer outra pessoa ou coisa, e não em Deus, não teremos atingido o nosso alvo de glorificar mais a Deus. Sempre estaremos dizendo, em essência: “Deus não me satisfaz”. Isto o rouba da glória que deveria receber de nós – por mais decente que seja o nosso comportamento exterior.

Deus não criou a realidade visível para que seu valor permaneça invisível

Portanto, direi novamente: o propósito de Deus na Escritura não termina em nosso ver e nosso desfrutar a sua glória. E a razão para isso é que o desfrutar Deus que acontece no coração (que é o único lugar onde acontece o desfrutar espiritual) é *invisível* para os outros seres humanos. Somente Deus vê o coração (1 Sm 16.7). Deus se deleita com o coração que é satisfeito nele. No entanto, ninguém mais pode ver isto. Não obstante, o propósito de Deus em criar um

universo material, e não somente um mundo de espíritos invisíveis, é que sua glória seja exibida visivelmente em milhões de maneiras. Ele diz não somente: “Os céus proclamam a glória de Deus” (Sl 19.1), mas também: “Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que *vejam as vossas boas obras* e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus” (Mt 5.16).

Deus não criou o mundo para manter sua glória invisível, nem recriou os cristãos para guardarmos nossa paixão por sua glória invisível. Todas as coisas – incluindo os seres humanos – foram criadas pela primeira vez para a glória de Deus (Is 43.6-7). E todos os cristãos foram criados, pela segunda vez, para um tipo de vida exterior que chama atenção para a glória de Deus: “Somos feitura dele, criados em Cristo Jesus *para boas obras*, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas” (Ef 2.10). Estas são as “boas obras” que pessoas “veem” e que as fazem glorificar “vosso Pai que está nos céus” (Mt 5.16).

A quinta implicação: transformação

Este capítulo e o seguinte são uma explicação e justificativa de como as Escrituras funcionam para nos conduzir do *vermos* a glória de Deus para o *desfrutarmos* a glória de Deus e para o *sermos transformados* – interior e exteriormente – na semelhança de Cristo. A quinta implicação de nossa proposta (no quadro no início do capítulo) diz: “*Devemos almejar ser transformados, por meio deste ver e desfrutar, na semelhança da beleza divina*”. O que estamos vendo agora é que o propósito de Deus para a criação e a redenção é a exibição *exterior, visível e manifesta* de sua glória – não somente o glorificar que acontece quando somos mais satisfeitos com ele em nosso coração.

Santidade exterior só é boa quando é o fruto do deleite interior

Portanto, o propósito de Deus para nós em lermos a Escritura é não somente que *vejamos* sua glória e que *desfrutemos* sua glória, mas também que *sejamos transformados* por este ver e desfrutar, para que nossa vida palpável, visível e audível manifeste a

dignidade e a beleza de Deus. Sem dúvida, isto é muito diferente de apenas tentar fazer as coisas moralmente melhores. Jesus sabia e ensinou que a árvore é conhecida por seus frutos. Ou seja, a vida interior se torna conhecida pela vida exterior:

Ou fazei a árvore boa e o seu fruto bom ou a árvore má e o seu fruto mau; porque pelo fruto se conhece a árvore. Raça de víboras, como podeis falar coisas boas, sendo maus? Porque a boca fala do que está cheio o coração. O homem bom tira do tesouro bom coisas boas; mas o homem mau do mau tesouro tira coisas más (Mt 12.33-35).

No entanto, muitas pessoas ignoram metade do ensino. Ouvem somente a metade de que o alvo da vida interior é uma *vida exterior melhor*. Assim, elas acham que ter uma vida exterior moralmente renovada é o que realmente importa. Negligenciam o coração e trabalham na aparência. Jesus foi severo em sua crítica daqueles que tentam manter uma boa moral exterior, enquanto seu coração não se deleita em Deus:

Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque limpais o exterior do copo e do prato, mas estes, por dentro, estão cheios de rapina e intemperança! Fariseu cego, limpa primeiro o interior do copo, para que também o seu exterior fique limpo (Mt 23.25-26).

Deus planejou que as Escrituras operem desta maneira. Elas revelam a glória de Deus para que, primeiramente, essa glória seja vista. Este ver é o primeiro ato do novo coração, que, depois, *desfruta* a glória de Deus acima de todas as coisas. Esta é uma experiência real que precede todo o comportamento exterior que exalta a Deus. O alvo da Bíblia não é criar hipócritas – “sepulcros caiados, que, por fora, se mostram belos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda imundícia” (Mt 23.27). O alvo da Bíblia é criar pessoas autênticas que se mostram tão satisfeitas em Deus, que seu comportamento exterior mostra que Deus é o seu maior tesouro – não o dinheiro, o poder, a fama, o prazer sexual, a família, a igreja ou mesmo o céu, onde não há doenças. Deus é o valor supremo no coração, e isto mudou tudo.

Moralidade exterior não impressiona o mundo

Moralidade exterior que apenas evita pecados notórios não impressiona o mundo. Raramente incrédulos – ou mesmo crentes – reagem com louvores a Deus pelo fato de que eu, por ser cristão,

não matei alguém, nem fraudei, nem cometi adultério. Então, o que Jesus (em Mt 5.16) e Pedro (em 1 Pe 2.12) tinham em mente, quando disseram que devemos fazer boas obras *para que os outros glorifiquem a Deus quando veem essas obras* ? A resposta para esta pergunta mostra quão essencial é que desfrutar a glória de Deus seja o fundamento de nossa transformação exterior. A resposta mostrará, primeiro, que Deus tem de se tornar o tesouro e a satisfação supremos de nosso coração. Depois, como fruto da árvore deste gozo profundo e inabalável em Deus, desenvolvem-se os tipos de comportamento que fazem as pessoas verem a dignidade e a beleza de Deus.

Para Jesus, a resposta está no fluxo de pensamento de Mateus 5.11-16; para Pedro, a resposta está no fluxo de pensamento em 1 Pedro 3.13-17. Consideremos cada um destes textos. Lembre, o que estamos procurando é o segredo do tipo de “boas obras” que atrai pessoas a glorificarem a Deus.

Que tipo de boas obras obtêm glória para Deus?

Comecemos com Mateus 5.11-16:

Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós. Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte; nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos os que se encontram na casa. Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus .

Imediatamente antes de dizer que seus discípulos são o sal da terra (v. 13) e a luz do mundo (v. 16), Jesus lhes diz que se regozijem e exultem quando forem injuriados, perseguidos e caluniados (vv. 11-12). O fundamento deste regozijo em meio a sofrimento é o “grande... galardão nos céus” (v. 12). Em outras palavras, os discípulos devem ser tão felizes com o que Deus será para eles na era vindoura, que nenhuma tristeza neste mundo pode remover a felicidade deles em Deus. Jesus orou que seus discípulos vejam a glória dele no céu (Jo 17.24). Disse-lhes que os receberá em seu

próprio gozo no céu – “Entra no gozo do teu senhor” (Mt 25.21). Eles sabem que morrer será lucro porque estarão “com Cristo” (Fp 1.23). E sabem que na presença de Deus haverá “plenitude de alegria” e, “delícias perpetuamente” (Sl 16.11).

Com base nesta indestrutível alegria em Deus, Jesus ordena os discípulos fazerem o que é totalmente contrário à experiência humana comum. Se pudessem fazer isto, seria inexplicável a pessoas comuns. Seria impressionante, admirável e maravilhoso. Seria como transformar uma vida insípida, monótona e trivial numa vida admirável, atraente e prazerosa. Seria como colocar sal num pedaço de carne sem sabor. Seria como acender uma luz num cômodo sombrio para que tudo parecesse bonito. Esta coisa totalmente contraintuitiva é “regozijai-vos e exultai” quando pessoas “vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós”. Seja feliz quando pessoas lhe fizerem o pior.

Isso, penso, é o que Jesus quer dizer por “sal” e “luz”. Logo depois de nos dizer que façamos a coisa humanamente impossível e totalmente contraintuitiva (regozijar-nos em nossa perseguição), Jesus diz: “Vós sois o sal da terra... Vós sois a luz do mundo”. O que ele quer dizer é que as boas obras que fazemos, neste totalmente inexplicável espírito de alegria indestrutível em Deus, terá em si um sabor que fará as pessoas procurarem a explicação de nossa alegria. E a explicação será que nossa alegria não vem das coisas que produzem alegria para elas, e sim de Deus. E, se Deus agir com graça, elas verão as nossas “boas obras” e glorificarão a nosso “Pai que está nos céus” (Mt 5.16). O nosso desfrutar de Deus acima de todas as coisas será o segredo de como nossas boas obras dão glória a Deus.

Se sofremos, somos bem-aventurados

Essa é a minha resposta à pergunta: qual é o segredo do tipo de “boas obras” que leva pessoas a glorificarem a Deus? É o desfrutar da glória que vemos acima de tudo que este mundo pode oferecer. A mesma resposta se acha no fluxo de pensamento em 1 Pedro 3.13-17:

Ora, quem é que vos há de maltratar, se fordes zelosos do que é bom?
Mas, ainda que venhais a sofrer por causa da justiça, bem-aventurados

sois. Não vos amedronteis, portanto, com as suas ameaças, nem fiquéis alarmados; antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós, fazendo-o, todavia, com mansidão e temor, com boa consciência, de modo que, naquilo em que falam contra vós outros, fiquem envergonhados os que difamam o vosso bom procedimento em Cristo, porque, se for da vontade de Deus, é melhor que sofraís por praticardes o que é bom do que praticando o mal .

No versículo 15, Pedro diz que devemos estar sempre “preparados para responder a todo aquele que” nos “pedir razão da esperança que há” em nós. Note que a pergunta que as pessoas nos fazem está relacionada explicitamente à nossa *esperança* . Por quê? Deve ser porque nosso comportamento dá, em alguma maneira, a impressão de que não esperamos as mesmas coisas que os nossos inquiridores esperam. Quando agimos como todas as outras pessoas, elas não perguntam: “Que esperança motivou isso?”

Evidentemente, devemos agir de uma maneira que mostre que nosso tesouro não está na terra, e sim no céu. Nossa esperança de segurança e satisfação duradoura não está no dinheiro, ou em sistemas de alarme, ou numa boa vizinhança, ou num trabalho importante, ou num seguro de saúde substancial, ou num casamento sólido, ou numa boa reputação, ou em qualquer outra coisa deste mundo. A chave está no versículo 14: “Mas, ainda que venhais a sofrer por causa da justiça, bem-aventurados sois”. Esta é exatamente a mesma promessa que Jesus fez em Mateus 5.12. Pedro foi mais explícito em 1 Pedro 4.13: “Pelo contrário, alegrai-vos na medida em que sois coparticipantes dos sofrimentos de Cristo, *para que também, na revelação de sua glória, vos alegreis exultando* ”.

Tanto para Jesus quanto para Pedro, haverá uma grande recompensa “na revelação de sua glória” . Esta recompensa de glória é tão satisfatória – indizivelmente satisfatória de acordo com 1 Pedro 1.8 – que nossa esperança e nossa alegria são inabaláveis. Esta transformação das afeições de nosso coração é tão profunda e tão abrangente que leva aos tipos de escolhas e riscos sacrificiais que podem fazer as pessoas perguntarem: “O que vocês estão realmente esperando? Por qual recompensa estão vivendo?” Por isso, oramos para que, “observando-vos em vossas boas obras, glorifiquem a Deus no dia da visitação” (1 Pe 2.12). Portanto, o

segredo do tipo de boas obras que obtêm glória para Deus é uma satisfação profunda na promessa de Deus da bem-aventurança que nos liberta para assumirmos riscos na causa de amor que o mundo acha inexplicável. Em outras palavras, deleitar-se em Deus acima de tudo leva a transformação radical.

Como as Escrituras contribuem para a transformação

Esta é a maneira como Deus planejou que as Escrituras trabalhem para a transformação humana e para a glória dele mesmo: as Escrituras *revelam* a glória de Deus. Esta glória, segundo a vontade de Deus, *é vista* por aqueles que leem a Bíblia. Este ver faz surgir, pela graça de Deus, o *desfrutar* Deus acima de todas as coisas – valorizá-lo, esperar nele, senti-lo como nossa maior recompensa, conhecê-lo como o bem que nos satisfaz plenamente. E este desfrutar *transforma* nossa vida – libertando-nos da escravidão ao egoísmo e transbordando em amor aos outros. Esta transformação de amor sustentada por alegria e exaltadora de Deus é, então, *vista pelos outros*, que, pela graça de Deus, glorificam a Deus por causa da transformação. Este movimento aumenta e diminui no decorrer da história por meio da fidelidade do povo de Cristo e da renovação das misericórdias de Deus.

O texto mais esclarecedor sobre a transformação

A passagem da Escritura que conecta mais explicitamente o ver a glória de Deus com o ser transformado na semelhança de Cristo é 2 Coríntios 3.18-4.6. Em minha própria experiência, esta tem sido uma das passagens mais importantes em toda a Bíblia :

E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito. Pelo que, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos; pelo contrário, rejeitamos as coisas que, por vergonhosas, se ocultam, não andando com astúcia, nem adulterando a palavra de Deus; antes, nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade. Mas, se o nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que está encoberto, nos quais o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz

do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus. Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor e a nós mesmos como vossos servos, por amor de Jesus. Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo.

Já vimos a importância de 2 Coríntios 4.4-6 em mostrar-nos que a glória de Cristo é revelada no evangelho. Paulo diz que, quando Deus realiza sua obra recriadora de abrir nossos olhos e nos salvar, nós vemos a luz “do conhecimento da *glória de Deus* , na face de Cristo” (v. 6), ou, como Paulo a chama no versículo 4, “a luz do evangelho da *glória de Cristo* , o qual é a imagem de Deus”. A absoluta importância da “glória de Cristo” se destaca nesta passagem porque o evangelho é chamado “o evangelho da glória de Cristo”. Em outras palavras, a morte e a ressurreição de Cristo foram uma manifestação brutal e bela da glória de Cristo. Não somente isso: pelo próprio ato de manifestar essa glória, Cristo comprou nosso gozo eterno nela .

Este foi o alvo de Cristo em morrer por nós: “Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, *para conduzir-vos a Deus* ” (1 Pe 3.18). Todos os incontáveis benefícios da cruz levam a isto como sua essência e alvo: conduzir-nos a Deus. Porque em sua presença “há plenitude de alegria” e “delícias perpetuamente” (Sl 16.11). Assim, Paulo chama as boas-novas de “evangelho da glória” *tanto* porque Cristo é supremamente glorioso em sua obra de redenção, *quanto* porque o alvo dessa redenção é que nos achemos a Deus e desfrutemos dessa glória para sempre. É um “evangelho de glória” porque o meio é glorioso e o fim é glória.

A visão salvadora (4.6) e a visão transformadora (3.18)

A divisão em capítulos entre 2 Coríntios 3 e 4 pode obscurecer algo que é muito importante – a conexão entre 2 Coríntios 3.18 e 4.6.

E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito (3.18).

Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da

glória de Deus, na face de Cristo (4.6).

Esta contemplação da “glória do Senhor”, em 3.18, acontece por causa do milagre que Deus realiza em 4.6. No versículo 4, Satanás cega os incrédulos. O que os impede de ver é “a luz do evangelho da *glória de Cristo*”. Depois, no versículo 6, a cegueira realizada por Satanás é vencida pelo poder de Deus como o Criador. Aquele que disse: “Haja luz!” resplandeceu em nosso coração.

O resultado do ato de Deus em nosso coração é que ele dá a “iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo”. Esta “iluminação” não é física ou natural. Nas palavras de Jonathan Edwards, é “uma luz divina e sobrenatural”.¹ Como ele disse em um de seus sermões mais famosos: “Existe realmente uma luz divina e espiritual comunicada imediatamente à alma por Deus, de uma natureza diferente de qualquer luz obtida por meios naturais”.²

Deus ilumina a mente com luz espiritual

Isto foi o que Paulo suplicou em Efésios 1: que *os olhos de nosso coração sejam iluminados*. Não os olhos de nossa cabeça. Por isso, o ver não é um ver natural, e sim um ver “divino e sobrenatural”. Paulo orou:

... iluminados os olhos do vosso coração, para saberdes qual é a esperança do seu chamamento, qual a riqueza da glória da sua herança nos santos e qual a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos (Ef 1.18-19).

Este ver “iluminado” com “os olhos do coração” é o que Satanás impedia em 2 Coríntios 4.4 e o que Deus concedeu em 2 Coríntios 4.6. Este milagre de ver a glória divina com os olhos do coração é o mesmo que a regeneração ou o novo nascimento. Oh! Como é crucial compreendermos o que Deus faz neste momento de iluminação divina! “Ele ilumina a mente”, como disse John Owen, “com luz espiritual, pela qual a mente é capacitada a discernir a glória das coisas espirituais”.³ Este milagre é absolutamente decisivo em tudo mais que acontece na vida cristã.

É a criação de um novo senso, consciência ou discernimento espiritual – uma nova capacidade de conhecer e ser encantado pela beleza divina que não é visível ao olho humano físico. Edwards descreveu a criação referida em 2 Coríntios 4.6 nestes termos: “O

primeiro efeito do poder de Deus no coração, no ato de regenerar, é dar ao coração um gosto ou senso divino; fazê-lo ter uma apreciação pela amabilidade e doçura da suprema excelência da natureza divina”.⁴

A conexão

Agora estamos prontos para examinar a conexão entre 2 Coríntios 4.6 e 3.18. A glória que agora somos sobrenaturalmente capazes de ver (4.6) é a glória do Senhor referida em 2 Coríntios 3.18, que nos transforma de glória em glória. “E todos nós, com o rosto desvendado, *contemplando*, como por espelho, *a glória do Senhor*, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem.” O que é claro agora é que este contemplar da glória do Senhor não é uma mera visão natural, como se olhássemos acidental ou casualmente para uma grande pessoa. De fato, é dessa maneira que os incrédulos olham para Cristo e seu evangelho, antes do milagre de 2 Coríntios 4.6. Mas, *depois* do milagre, a luz da glória de Cristo resplandece através do evangelho como por uma janela. Antes, o evangelho era uma pintura desinteressante numa parede. Então, de repente, nós vemos pela primeira vez, com admiração, que não é realmente uma pintura, e sim uma janela para os Himalaias das glórias de Cristo. Através da janela do evangelho, brilha “a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus” (2 Co 4.4).

É o ver acompanhado do desfrutar que transforma

Quando o milagre de 2 Coríntios 4.6 acontece, ninguém olha com neutralidade para a glória de Deus, por meio da janela do evangelho. Este novo ver não é como o antigo ver. É um ver acompanhado de desfrutar. Como Edwards disse, o coração tem agora um novo gosto (lembre 1 Pe 2.3), um novo senso, uma nova “apreciação pela amabilidade e doçura da suprema excelência” de Cristo. É assim que contemplamos “a glória do Senhor” em 2 Coríntios 3.18. E *isto é a razão por que contemplar a glória leva a tornar-se glorioso*. Vislumbres de glória casuais e desinteressados não transformam. Mas *este* contemplar transforma. “E todos nós, com o rosto

desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, *somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem*”. Somos transformados porque este ver se tornou um ver acompanhado de desfrutar. Um discernir acompanhado de deleite. Um olhar acompanhado de amor. Um sentir acompanhado de satisfação. A beleza de Cristo – e de tudo que Deus é para nós em Cristo – não permanece mais em nossa mente como uma noção religiosa irrelevante, nem mesmo como uma simples verdade doutrinária, e sim como nosso tesouro supremo. Vemos a glória como glória. Beleza como beleza. Valor supremo como valor supremo. E este ver é agora concomitante a desfrutar. Esta é a razão por que contemplar nos transforma .

Contemplando a glória e tornando-se glorioso

É também a razão por que Paulo fala em *nossa própria* glória. “E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, *de glória em glória* , na sua própria imagem.” Por vermos a Cristo desta nova maneira – valorizando-o acima de todas as coisas – estamos *agora* nos tornando gloriosos. Entretanto, esta não é a glória que teremos plenamente quando formos “glorificados” na vinda do Senhor (Rm 8.17; 2 Ts 1.12), com novos corpos de ressurreição (1 Co 15.43), em uma nova e gloriosa criação (Rm 8.18-25), completamente livres do pecado e totalmente conformados ao Cristo ressurreto (1 Jo 3.2). Apesar disso, é uma glória real. Algo está mudando agora. A glória de Cristo nos está sendo comunicada, de alguma maneira, por meio da contemplação da glória do Senhor. Como isso acontece?

Podemos achar a resposta, se perguntarmos: “O que é carecer de glória?” Se deixarmos de lado, por um momento, a fraqueza de nosso corpo e faculdades mentais, qual é a nossa carência? Qual é a feiura que precisa se tornar gloriosa? Paulo nos dá a resposta em Romanos 3.23: “Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus”. A palavra traduzida por “carecem” (gr. ἄσπερονται, *husterountai*) significa “faltar” ou “estar em necessidade de”. A ideia não é tanto de que tínhamos um alvo e o erramos, e sim a de que tínhamos um tesouro e o perdemos – e o desperdiçamos.

É exatamente desta maneira que Paulo fala sobre a nossa perda da glória de Deus em Romanos 1.23, porque valorizamos outras coisas – apreciamos a glória da criação mais do que a glória de Deus: “Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível” (Rm 1.22-23). Portanto, a essência de nossa carência de glória é a nossa ultrajante preferência pela glória do mundo – incluindo a nossa própria – em lugar da glória de Deus. Isto é a essência de todo pecado. Na raiz de todo mal está a desvalorização de Deus, em nossa preferência por outras coisas. Isto é a perda do esplendor divino que deveríamos refletir. Nossa glória interior, nossa beleza moral e espiritual, é um coração que vê a Deus com tanta clareza e sente seu valor tão plenamente, que ele é nosso tesouro supremo. Onde isso é verdade, a mudança de Romanos 1.23 foi revertida.

Deleitar-se em Deus é a nossa glória

Isso é o que 2 Coríntios 3.18 diz que acontece quando contemplamos “a glória do Senhor”. Isso é o que significa ser “transformado de glória em glória”. Significa que, gradualmente, o nosso deleite no supremo valor e beleza de Deus está expelindo de nosso coração todos os desejos rivais. *A glória de um cristão é que Jesus Cristo é a nossa glória*. A nossa glória não está em nós mesmos, e sim em nossa capacidade renovada de vermos e desfrutarmos a glória de nosso Criador e Redentor. Portanto, ser transformado de “glória em glória” é ser controlado, cada vez mais, por alegria abundante na glória de Cristo que nos satisfaz plenamente.

O espírito da mente

Em Efésios 4.22, Paulo diz que nosso velho homem era corrompido “segundo as concupiscências do engano”. Em outras palavras, éramos enganados a ponto de achar que outras coisas eram mais desejáveis do que Deus. O remédio, diz Paulo, é ser renovado “no espírito do vosso entendimento” (Ef 4.23) – renovados não apenas na mente, mas também no *espírito* de nosso entendimento. A novidade de vida de um cristão não é apenas uma nova maneira de

pensar. Um novo espírito, um novo deleite, um novo amor, um novo tesouro enche o nosso pensamento.

Eu menciono isto em relação a 2 Coríntios 3.18 porque me preocupo com o fato de que outros cristãos podem usar Romanos 12.2 como uma descrição de como somos transformados, sem qualquer referência à transformação emocional que procede de contemplarmos a glória de Cristo. Paulo diz:

E não vos conformeis com este século, mas *transformai-vos pela renovação da vossa mente*, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus (Rm 12.2).

Sem um conhecimento de como Paulo descreve o processo de transformação em 2 Coríntios 3.18, pode-se pensar com base em Romanos 12.2 que a transformação é um assunto do intelecto. Tenha uma nova maneira de pensar, teste comportamentos e escolha o melhor. Que engano sobre a vida cristã! A “*renovação da vossa mente*” a que Paulo se refere em Romanos 12.2 inclui o que ele chama, em Efésios 4.23, a renovação do “*espírito do vosso entendimento*”. E este espírito do entendimento renovado é o remédio para as “*concupiscências do engano*” (Ef 4.22). A mente velha e não renovada era a mente cujo “espírito” trocava a glória de Deus por imagens: “*Antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato*. Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível” (Rm 1.21-23).

Portanto, quando Paulo exige a renovação da mente em Romanos 12.2, ele quer dizer muito mais do que mera mudança intelectual. Quer dizer uma renovação da capacidade da alma para sentir e pensar – uma renovação *do espírito da mente*. Paulo quer dizer que a nulidade, o obscurecimento e a insensatez que tornavam as imagens mais desejáveis do que Deus têm de ser abandonados. A mente tem de ser renovada continuamente em sua capacidade de discernir qual é “a vontade de Deus” pelos miraculosos ver e deleitar do coração.

Ver, desfrutar, ser mudado

Portanto, a coisa mais fundamental que nos transforma é o contemplarmos a glória do Senhor como nosso tesouro supremo e plenamente satisfatório. Renovar a mente significa colocar todo o nosso pensamento – constantemente – em harmonia com esta visão sobrenatural da dignidade e da beleza de Jesus. É assim que avançamos de glória em glória. É assim que exibimos a beleza de Cristo. É assim que boas obras são feitas de uma maneira que o mundo acha inexplicável, porque brotam de um profundo contentamento em Deus, um contentamento que o mundo não conhece e não pode sentir – até que o milagre de 2 Coríntios 4.6 aconteça neles. Esta é a oração e o alvo de todos que estão sendo transformados na imagem de Cristo.

Esta é a primeira parte de nossa explicação e justificativa da quinta implicação destacada no quadro no início deste capítulo: *devemos almejar ser transformados, por meio deste ver e desfrutar, na semelhança da beleza de Cristo, por vermos e desfrutarmos a glória do Senhor*. Essa glória resplandece na Palavra. Portanto, o alvo de toda a nossa leitura da Bíblia é vermos, desfrutarmos e sermos mudados por esta glória revelada.

1 Jonathan Edwards, “A Divine and Supernatural Light”, em *Sermons and Discourses, 1730-1733*, ed. Mark Valeri e Harry S. Stout, vol. 17, *The Works of Jonathan Edwards* (New Haven, CT: Yale University Press, 1999), 405-26.

2 Ibid., 410.

3 John Owen, *The Works of John Owen*, ed. William H. Goold, vol. 4 (Edinburgh: T&T Clark, n.d.), 57.

4 Jonathan Edwards, *Treatise on Grace*, ed. Paul Helm (Cambridge, UK: James Clarke, 1971), 48-49.

No meio de muita prova de tribulação, manifestaram abundância de alegria, e a profunda pobreza deles superabundou em grande riqueza da sua generosidade.

2 CORÍNTIOS 8.2

A única maneira de despojar o coração de uma velha afeição é pelo poder expulsivo de uma nova afeição.

THOMAS CHALMERS

Ninguém que vive pecando tem visto a Deus.

1 João 3.6 (tradução do autor)

LENDO PARA SER TRANSFORMADO, PARTE 2

*“Manifestaram abundância de alegria...
superabundou em... generosidade.”*

A PROPOSTA

Nosso alvo supremo em ler a Bíblia é que a dignidade e a beleza infinitas de Deus sejam exaltadas através da adoração fervorosa e eterna da noiva de Cristo, comprada por sangue, formada de pessoas procedentes de todo povo, língua, tribo e nação. Isto significa que:

1. a dignidade e a beleza infinitas de Deus são *o valor e excelência supremos* do universo;
2. *a adoração supremamente autêntica e intensa* da dignidade e da beleza de Deus é o alvo supremo de toda obra e palavra de Deus;
3. devemos sempre ler a Palavra de Deus para *ver* esta dignidade e beleza supremas;
4. em todo o nosso ver, nosso alvo deve ser *o desfrutar* a excelência de Deus acima de todas as coisas;
5. **devemos almejar ser transformados , por meio deste ver e desfrutar, na semelhança da beleza divina,**
6. para que mais e mais pessoas sejam atraídas à família adoradora de Deus, até que a noiva de Cristo – através de todos os séculos e culturas – esteja completa em número e beleza .

Jesus, Pedro e Paulo unidos em como os cristãos mudam

No capítulo anterior, vimos a maneira notoriamente similar pela qual Jesus, Pedro e Paulo explicam como os cristãos são transformados “de glória em glória”. Jesus ligou esta transformação à inabalável alegria do grande “galardão” que nos livra da vingança e desencadeia os riscos do amor em boas obras que glorificam a Deus (Mt 5.11-16). Pedro vinculou-a à alegria inabalável na bênção prometida por Deus que vence a nossa inclinação de pagar mal com mal e nos capacita a fazer o bem, mesmo quando estamos sofrendo, de modo que outros nos peçam a “razão da esperança” que há em nós (1 Pe 3.9, 13-17; 4.13). E Paulo ligou esta transformação a contemplar a “glória do Senhor” com um novo deleite de sua dignidade e beleza que nos transforma “de glória em glória” (2 Pe 3.18).

Tudo começa no dom de ver, outorgado por Deus. Este ver faz surgir o desfrutar. E este desfrutar expulsa as “concupiscências do engano” que nos enredavam e nos faziam julgar qualquer coisa como mais satisfatória do que Deus. E esse ver todo-importante acontece quando lemos a Palavra de Deus. Em essência, Jesus, Pedro e Paulo ligam a mudança autêntica a vermos e desfrutarmos a glória de Cristo como o tesouro supremo de nossa vida – quando lemos às Escrituras inspiradas.

Um exemplo admirável de transformação pela alegria

Essa unidade é impressionante. É parte da glória da Escritura que estimula a fé. No entanto, ainda mais estimulante, para mim, é ver este processo em operação na vida dos coríntios como Paulo o descreve em 2 Coríntios 8.1-2. A cena de transformação cristã que veremos em seguida é admirável. Ela nos dá um vislumbre de como o ser supremamente satisfeito em Deus produz o fruto de amor radical. E nos mostra o tipo de “boas obras” (Mt 5.16; 1 Pe 2.12) que poderiam levar realmente alguém a ser convertido e glorificar a Deus.

A situação é que Paulo estava tentando motivar os coríntios a serem participantes generosos na coleta que era feita para os santos pobres de Jerusalém (Rm 15.25-33; 1 Co 16.3; 2 Co 8.18-19). À medida que Paulo ia de uma igreja para outra entre os gentios, ele argumentava que, “se os gentios têm sido participantes dos valores espirituais dos judeus, devem também servi-los com bens materiais” (Rm 15.27).

Agora, em 2 Coríntios 8, Paulo estava escrevendo aos coríntios e usando o exemplo dos macedônios (na parte norte da Grécia, onde ficavam Filipos e Tessalônica) para encorajar os coríntios a serem igualmente generosos. É o exemplo destes macedônios que serve como ilustração de como a alegria na gloriosa graça de Deus corta a raiz do egoísmo e nos liberta para os riscos radicais e os sacrifícios de amor:

Também, irmãos, vos fazemos conhecer a graça de Deus concedida às igrejas da Macedônia; porque, no meio de muita prova de tribulação, manifestaram abundância de alegria, e a profunda pobreza deles superabundou em grande riqueza da sua generosidade (vv. 1-2).

Uma ilustração viva de ser transformado de glória em glória

Aqui temos uma ilustração viva da transformação sobre a qual lemos alguns capítulos antes, em 2 Coríntios 3.18. Paulo fora à Macedônia e pregara o evangelho. Ele diz no versículo 1 que Deus concedera graça – “a graça de Deus concedida às igrejas da Macedônia”. Entendo que isto significa, pelo menos, que Deus realizara em favor deles o milagre de 2 Coríntios 4.6, e eles foram convertidos a Cristo. Deus “resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo”. Eles viram e experimentaram a glória da graça de Deus.

O efeito foi simplesmente admirável – acima de toda explicação humana. É descrito em 2 Coríntios 8.2: “No meio de muita prova de tribulação, manifestaram abundância de alegria, e a profunda pobreza deles superabundou em grande riqueza da sua generosidade”. O efeito visível e prático desta experiência da graça foi uma “grande riqueza da sua generosidade”. Eles responderam ao apelo de Paulo em favor dos pobres de Jerusalém com liberalidade

extraordinária. Digo que foi extraordinária primeiramente por causa de sua quantidade sacrificial e sua prontidão. Você pode ver isso nos versículos 3 e 4: “Porque eles, testemunho eu, na medida de suas posses e *mesmo acima delas*, se mostraram voluntários, *pedindo-nos, com muitos rogos, a graça de participarem* da assistência aos santos”. Eles rogaram que lhes fosse permitido dar mais e deram acima do que eram materialmente capazes de dar. Como diz o versículo 2, foi uma “*riqueza de generosidade*”.

Alegria libertadora em aflição e pobreza

No entanto, essas não são as principais razões por que o dar foi extraordinário. As principais razões estão no versículo 2. O dar aconteceu “no meio de muita prova de tribulação” e foi a partir da “profunda pobreza deles”. Eles tinham boas razões humanas para não darem nada. E, certamente, para não darem liberalmente. Eram muito pobres e, no momento, suportavam aflições por causa de sua nova fé em Cristo. Embora muitas pessoas, como você pode imaginar, possam estar lamentando que Deus não cuida delas – permitindo que sejam perseguidas e pobres – estes cristãos foram admiravelmente diferentes. Não há nenhum indício de autocompaixão. Pelo contrário, há uma “riqueza de generosidade”. O nome desta generosidade, conforme Paulo deixa claro nos versículos 7 e 8, é *amor*. Ele diz: “Como, porém, em tudo, manifestais superabundância, tanto na fé e na palavra como no saber, e em todo cuidado, e em nosso amor para convosco, assim também abundeis nesta graça. Não vos falo na forma de mandamento, mas para provar, pela diligência de outros, a sinceridade do vosso *amor*”.

A origem do sacrifício inexplicável

Ora, a pergunta decisiva é: o que havia nestes macedônios que fez surgir este sacrifício humanamente inexplicável de generosidade em meio a aflição e pobreza? A resposta é bastante clara: sua “*abundância de alegria ... superabundou em grande riqueza da sua generosidade*”. Paulo não poderia ter sido mais claro em relação ao que transformou estes macedônios em pessoas radicalmente generosas e amorosas. Foi a sua alegria. Observe atentamente. Não

foi apenas o fato de que eles tinham alegria *ao mesmo tempo* que tinham generosidade. Não. A alegria foi a causa. A própria alegria “superabundou em... generosidade”. A alegria era a fonte; a generosidade, o riacho. A alegria era a raiz; a generosidade, o fruto.

Observe também que esta alegria não era moderada. Era uma “*abundância de alegria*” (gr., Ó perisse^o a tÒv car,v). Era imensa. Não era, de maneira alguma, baseada em circunstâncias exteriores. Eles estavam “no meio de muita prova de tribulação” (gr., n poll^o dokim^o ql^ofewv). Paulo está usando esta linguagem para deixar bastante claro que a alegria deles não era suscitada nem sustentada por qualquer parte de suas circunstâncias exteriores. Por que, então, estes macedônios estavam tão felizes nestas circunstâncias terríveis?

A fonte da invencível alegria dos macedônios

A resposta está no versículo 1: “A graça de Deus concedida às igrejas da Macedônia”. Se a nossa resposta à graça não é este tipo de alegria, ainda não conhecemos o pecado, nem a ira, nem o inferno, nem a cruz, nem a ressurreição, nem o perdão, nem a Cristo, nem a esperança de glória da maneira como deveríamos conhecer. Mas, para os macedônios, a glória da graça de Deus (Ef 1.6) era mais bela, mais valiosa, mais satisfatória do que qualquer riqueza ou conforto. Deus anulava os efeitos cegantes de Satanás e abria os olhos do coração destes macedônios para verem a brilhante “luz do evangelho da glória de Cristo”. Deus “mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo”. Nada, nada poderia superar o valor do que viram e receberam em Jesus Cristo. Nenhuma aflição, nenhuma pobreza poderia remover a alegria deles.

Eles tinham visto a “glória do Senhor” e estavam sendo transformados de glória em glória, à medida que eram libertos de egoísmo e procuravam estender sua alegria para a vida de outros. Essa é a natureza da alegria na glória de um Cristo infinitamente belo e infinitamente cheio de recursos. Essa alegria não tinha nenhum impulso exterior. Sua natureza é expandir-se. Procura se ampliar com a alegria que outros têm em Deus. Em outras palavras, a busca de alegria na glória de Deus, em vez de nos tornar focalizados em nós mesmos, nos coloca na busca de fazer outros

eternamente felizes em Deus. A alegria *deles* em Deus é a expansão e a complementação da *nossa* alegria.

O poder expulsivo de uma nova afeição

O que é maravilhosamente claro e estimulante nos macedônios é esta verdade: achar alegria suprema em Jesus corta a raiz do pecado com o poder de uma satisfação superior. Ou, como diz Thomas Chalmers, nosso egoísmo é banido com “o poder expulsivo de uma nova afeição”.

Há duas maneiras pelas quais um moralista prático pode tentar substituir no coração humano seu amor pelo mundo – ou por uma demonstração da vaidade do mundo, para que o coração seja persuadido simplesmente a evitar sua estima de um objeto que não é digno dele; ou pela manifestação de outro objeto, o próprio Deus, como mais digno do seu apego, para que o coração seja persuadido não a renunciar uma velha afeição, o que não será bem-sucedido, e sim a trocar uma velha afeição por uma nova. Meu propósito é mostrar que, com base na constituição de nossa natureza, o primeiro método é totalmente incapaz e ineficiente; e que apenas o segundo método será suficiente para resgatar e livrar o coração da afeição errônea que o domina.¹

O lugar da advertência e do temor

Sem dúvida, parte do caminho de Deus em operar nossa transformação é usar abundantes advertências de coisas horríveis que virão se prosseguirmos em nosso caminho de desobediência. “A respeito das quais eu vos declaro, como já, outrora, vos preveni, que não herdarão o reino de Deus os que tais coisas praticam” (Gl 5.21). Mas o papel do temor é sempre secundário. Somos filhos de Deus, não escravos:

Não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai. O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus (Rm 8.15-16).

A função do temor é despertar-nos para a insanidade de abandonarmos a fonte da vida para cavarmos cisternas inúteis (Jr 2.12-13). O meio decisivo de transformação não é pavor e sim deleite. Até mesmo a predominância do chamado “temor do Senhor”, em toda a Bíblia, não contradiz isto, porque, quando tememos corretamente o Senhor, temer o Senhor é a nossa alegria!

“Ah! Senhor, estejam, pois, atentos os teus ouvidos à oração do teu servo e à dos teus servos *que se agradam de temer o teu nome*” (Ne 1.11; cf. Is 11.3).

Nós lemos para sermos transformados

Nestes dois últimos capítulos, focalizamos a quinta implicação de nossa proposta (ver o quadro no início do capítulo). No capítulo 8, vimos que Jesus, Pedro e Paulo ligam a transformação cristã ao ver e ao deleitar-se em tudo que Deus é para nós em Jesus. Por este ver e este deleitar, estamos sendo transformados de glória em glória.

Neste capítulo, vimos até agora um exemplo real de como isso se desenvolveu na vida dos cristãos macedônios. A sua “abundância de alegria” na graça de Deus – ou seja, o desfrutarem a glória da graça de Deus – teve um impulso expansivo. Esse desfrutar nos transforma de pessoas egocêntricas, protetoras de si mesmas e autoexaltadoras em servos semelhantes a Cristo que anseiam pelo bem temporal e eterno dos outros.

Isso significa, portanto, que a nossa leitura bíblica nunca é apenas para vermos, nunca é apenas para obtermos aprendizado e doutrina. Não é nem mesmo apenas para desfrutarmos, se esse desfrutar for considerado de uma maneira particular, que não nos muda em nosso relacionamento com os outros. Não. Nós lemos a Bíblia – *sempre* lemos a Bíblia – para o tipo de ver e deleitar-nos em Cristo que nos transforma em sua semelhança.

Tudo que temos visto a respeito de ser transformado, nós o temos visto *na Escritura*. Digo o óbvio para que não percamos o objetivo deste livro. Estou escrevendo a respeito de como Deus realiza seu propósito supremo *por meio de um livro, a Bíblia*. E o que a Bíblia nos mostra é que ela mesma é indispensável no propósito de Deus.

Um esclarecimento

Talvez haja um esclarecimento que precisamos fazer antes de terminarmos este capítulo. O que podemos dizer sobre as centenas de passagens bíblicas que nos ajudam em nossa busca de transformação, mas não mencionam a glória de Deus? Ao dizer que valorizar a Deus acima de todas as coisas é o meio decisivo de transformação que exalta a Cristo, não tenciono anular, minimizar

ou mudar qualquer dessas passagens. Já escrevi livros inteiros para mostrar como acolher com seriedade essas motivações como elas são, sem diluição ou alteração. ²

Nenhuma dessas afirmações motivacionais deve ser isolada, como se expressasse algo importante num único ato motivador. Cada parte da Escritura tem algo a contribuir para o todo. E há tipos de revelações na Escritura que são tão centrais e tão abrangentes que lançam luz sobre todo o resto. Acho que 2 Coríntios 3.18-4.6 é esse tipo de revelação. A necessidade do milagre de 2 Coríntios 4.6 é universalmente relevante para cada pessoa, em cada parte do mundo.

Este milagre universalmente necessário e indispensável capacita o milagre permanente de 2 Coríntios 3.18 – “Contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória”. Esta não é uma verdade apenas para uma parte da igreja. Não é uma verdade somente para uma época da igreja. É uma verdade para todos os cristãos em todos os lugares, em todos os tempos. É relevante para cada aspecto da transformação cristã. E está relacionada a cada aspecto de motivação bíblica.

Cada motivação tem a ver com o deleite em Deus mesmo

Portanto, quando a Bíblia exhibe uma promessa ou faz uma advertência como motivação para algum ato de amor, nunca devemos pensar que a coisa prometida ou o juízo ameaçado deve ser efetivo em nosso coração sem referência à glória de Deus. Se somos atraídos pela agradabilidade de algo que Deus promete e esperamos desfrutar isso, sem o deleite em Deus por meio da coisa prometida, estamos transformando a promessa de Deus num convite a idolatria

Uma promessa de provisão é uma promessa para conhecermos mais de Deus

Por exemplo, quando Paulo promete aos filipenses: “E o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades” (Fp 4.19), seria contrário à

intenção de Paulo se os filipenses achassem contentamento no puro fato de que haveria dinheiro suficiente para pagar as contas. Paulo não tencionava que esta promessa de recursos suficientes fosse separada de tudo mais que ele dissera sobre a grandeza plenamente satisfatória de Deus. Ele havia dito: “Considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor” (Fp 3.8). Dissera também: “Tanto sei estar humilhado como também ser honrado; de tudo e em todas as circunstâncias, já tenho experiência, tanto de fartura como de fome; assim de abundância como de escassez” (Fp 4.12).

Em outras palavras, quando Paulo lhes prometeu recursos suficientes, ele tencionava que em e por meio dessa provisão os cristãos filipenses vissem algo de seu Deus, seu tesouro. Paulo tencionava que eles valorizassem a promessa por causa de Deus. Como Agostinho orou: “Ama muito pouco a Ti quem te ama juntamente com qualquer outra coisa e não a ama por causa de Ti”.³

A glória em toda a criação e em toda motivação

Deus nos promete muitas coisas boas e não apenas a si mesmo – coisas boas que ele criou para nosso uso e gozo (1 Tm 4.1-4; 6.17). Deus não criou o mundo material só para nos testar com possíveis ídolos. O mundo deve ser usado e desfrutado com gratidão e com uma consciência de que toda coisa boa que Deus fez comunica algo de Deus. Podemos ser motivados corretamente pelas coisas boas quando vemos a Deus nelas e por meio delas.

Portanto, quando digo que devemos sempre ler a Bíblia para vermos e nos deleitarmos na glória de Deus, não estou me referindo à glória de Deus como uma “coisa” separada de todas as coisas criadas na Bíblia e de todas as centenas de motivos na Bíblia. Pelo contrário, a glória de Deus é o esplendor de Deus, a beleza de Deus, a grandeza de Deus em e por meio de todas as realidades criadas e em todas as motivações bíblicas. De fato, o que temos visto é que a glória de Deus é a principal coisa em todas essas realidades. Quando a Bíblia diz que os céus estão expressando a glória *de Deus*, isso é a principal coisa sobre os céus. Há milhares de coisas a estudarmos sobre os céus, mas essa é a principal. E isto se aplica a toda realidade criada e a cada motivo bíblico para a santidade e o amor.

A transformação de Agostinho

Visto que citei Agostinho, pode ser conveniente terminar este capítulo com a história de sua própria transformação por meio de provar a glória de Deus na Escritura. Agostinho é um dos maiores teólogos na história (354-430 AD). Mas ele esteve em escravidão, como ele mesmo admitiu, ao pecado sexual até à idade de 31 anos. Ele teve uma concubina por 15 anos. Depois, num jardim em Milão (Itália), tudo mudou. Eis a narrativa de Agostinho sobre suas lutas e sua transformação:

Eu fazia a mim mesmo estas perguntas, enquanto chorava amargamente em meu coração, quando, de repente, ouvi uma voz de uma criança que entoava uma canção numa casa vizinha. Se era a voz de um menino ou de uma menina, não consigo dizer. Mas, vez após vez, ela repetia o refrão: “Pega-o e lê”. “Pega-o e lê.” Diante disto, levantei os olhos, pensando seriamente se aquilo era algum tipo de jogo em que as crianças costumavam cantar palavras como aquelas, mas não posso me lembrar de ter ouvido antes. Cessei minha torrente de lágrimas e me levantei, dizendo a mim mesmo que aquilo só podia ser uma ordem divina para que eu abrisse meu livro da Escritura e lesse a primeira página em que meus olhos caíssem...

Assim, voltei depressa ao lugar em que Alípio estava sentado, pois, quando me levantara para afastar-me um pouco, havia deixado ali o livro que continha as Epístolas de Paulo. Eu o peguei, e o abri, e li em silêncio a primeira passagem em que meus olhos caíram: *Não em orgias e bebedices, não em impudicícias e dissoluções, não em contendas e ciúmes; mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e nada disponhais para a carne no tocante às suas concupiscências*.

Não tive desejo de ler mais, nem necessidade de fazer isso. Porque, num instante, quando cheguei ao final da sentença, foi como se a luz da confiança inundasse meu coração, e todas as trevas de dúvidas se dissipassem.⁴

A experiência de banimento das trevas de Agostinho com a Palavra de Deus não estava baseada superficialmente em mera *coincidência* de ler algo tão relevante sobre o seu pecado sexual. Sabemos que foi mais profunda do que isso por causa do seu efeito duradouro e do próprio discernimento de Agostinho quanto ao que acontecera realmente. Ele nos diz posteriormente o que começou naquele momento e continuou pelo resto de sua vida:

Quão agradável foi para mim ser livre daquelas alegrias fúteis que antes eu temia perder!... *Tu as removeste de mim, tu que és a alegria verdadeira*

e soberana . Tu as removeste de mim e ocupaste o lugar delas... Ó

Senhor, meu deus, minha luz, minha riqueza e minha salvação.⁵

Essa é a maneira como Deus planeja que as Escrituras transformem seu povo. A glória de Cristo é revelada. Os olhos são abertos. Cristo é visto e provado como “minha luz, minha riqueza e minha salvação”. E, nessa visão, a “alegria soberana” remove as “alegrias fúteis” e ocupa o lugar delas. Contemplando a glória do Senhor, pela leitura da Palavra do Senhor, Agostinho foi mudado de glória em glória.

1 “The Expulsive Power of a New Affection”, em *The Protestant Pulpit: An Anthology of Master Sermons from the Reformation to Our Own Day*, comp. Andrew Blackwood (Grand Rapids, MI: Baker, 1947), 50.

2 John Piper, *Future Grace: The Purifying Power of the Promises of God* (Colorado Springs: Multnomah, 2012); John Piper, *Battling Unbelief: Defeating Sin with Superior Pleasure* (Colorado Springs: Multnomah, 2007).

3 Augustine, “The Confessions of St. Augustine”, em *The Confessions and Letters of St. Augustin with a Sketch of His Life and Work*, ed. Philip Schaff, trans. J. G. Pilkington, vol. 1, *A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church, First Series* (Buffalo, NY: Christian Literature Co., 1886), 153.

4 Aurelius Augustine, *Confessions*, trans. R. S. Pine-Coffin (New York: Penguin, 1961), bk. 8, chap. 12; ênfase acrescentada.

5 Ibid., bk. 9, chap. 1; ênfase acrescentada.

A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus... a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus.

ROMANOS 8.19-21

Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação.

APOCALIPSE 5.9

LENDO COM VISTAS À CONSUMAÇÃO

“Compraste para Deus os que procedem de toda tribo.”

A PROPOSTA

Nosso alvo supremo em ler a Bíblia é que a dignidade e a beleza infinitas de Deus sejam exaltadas através da adoração fervorosa e eterna da noiva de Cristo, comprada por sangue, formada de pessoas procedentes de todo povo, língua, tribo e nação. Isto significa que:

1. a dignidade e a beleza infinitas de Deus são *o valor e excelência supremos* do universo;

2. *a adoração supremamente autêntica e intensa* da dignidade e da beleza de Deus é o alvo supremo de toda obra e palavra de Deus;

3. devemos sempre ler a Palavra de Deus para *ver* esta dignidade e beleza supremas;

4. em todo o nosso ver, nosso alvo deve ser *o desfrutar* a excelência de Deus acima de todas as coisas;

5. devemos almejar ser *transformados* , por meio deste ver e desfrutar, na semelhança da beleza divina,

6. **para que mais e mais pessoas sejam atraídas à família adoradora de Deus, até que a noiva de Cristo – através de todos os séculos e culturas – esteja completa em número e beleza .**

Das palavras da Escritura para a família de adoradores

A glória de Deus emana das Escrituras cristãs para todos aqueles que têm olhos para ver. Há uma luz divina e sobrenatural que permeia todo o testemunho inspirado da Escritura. Em qualquer passagem que lemos na Bíblia, se vemos o que está realmente lá, vemos a glória do que Deus é por nós em Jesus. Este tipo de ver causa um desfrutar. Não há verdadeiro ver sem deleite, pois Jesus identificou esse ver como um “não ver”. “Vendo, não veem” (Mt 13.13). O verdadeiro ver percebe a glória de Deus como bela, preciosa, satisfatória e um tesouro supremo. É um milagre. E vem do “Senhor, o Espírito” (2 Co 3.18).

Nos capítulos 8 e 9, consideramos que este ver e este desfrutar são profundamente transformadores. “Contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados” (2 Co 3.18). Estabelecer a Deus mesmo na alma humana como seu tesouro supremo anula as “concupiscências do engano” do pecado que nos levam a crer que qualquer coisa é mais desejável do que Deus. Desta maneira, a glória de Deus vista e experimentada corta a raiz do egoísmo e nos coloca livres na vereda do amor.

Deus cumpre seu propósito supremo por meio das Escrituras inspiradas. Por meio delas, Deus revela seu plano para o universo, sua obra de salvação em Cristo e a glória de todos os seus caminhos. Por meio desta revelação, Deus cria, reúne, transforma e, por fim, aperfeiçoa a família de adoradores para encher a nova terra vindoura com a glória do Senhor.

A sexta implicação

A proposta que estou procurando esclarecer e justificar é que nosso alvo supremo em ler a Bíblia é que a dignidade e a beleza infinitas de Deus sejam exaltadas através da adoração fervorosa e eterna da noiva de Cristo, comprada por sangue, formada de pessoas procedentes de todo povo, língua, tribo e nação.

Chegamos agora à sexta implicação desta proposta: por meio da transformação de um povo pela glória de Deus vista e desfrutada, que mais e mais pessoas sejam atraídas à família adoradora de Deus,

até que a noiva de Cristo – através de todos os séculos e culturas – esteja completa em número e beleza.

Uma noiva gloriosa para o Filho de Deus

É admirável que o supremo propósito de Deus inclua a criação de um novo povo transformado para ser uma noiva belíssima para o Filho de Deus. Certamente, ao revelar isto nas Escrituras, Deus pretende que nos deleitemos nas implicações empolgantes deste tipo de intimidade familiar com o Pai e com o Filho. O que isto significa para nossa glória e nossa alegria está além da imaginação. Mas isto é a razão por que nos detemos e meditamos na Palavra de Deus, e por que escrevemos canções e poemas, e por que adoramos e nos reunimos para estimular uns aos outros com vislumbres de glória.

Sabemos que a preparação de uma noiva para o Filho de Deus era o plano de Deus desde o início. Paulo deixa isto claro por conectar a relação entre Cristo e a igreja com o casamento de Adão e Eva. Primeiramente, ele diz que os maridos devem amar sua mulher “como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela” (Ef 5.25). Depois, Paulo descreve como a obra salvífica de Cristo, na cruz, tinha o desígnio de criar uma noiva gloriosa:

...para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra, *para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa*, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito (Ef 5.26-27).

Esta é a obra de transformação que focalizamos nos capítulos 8 e 9. Cristo a realiza pelo seu Espírito por meio da Palavra.

Em seguida, Paulo conecta o casamento entre Cristo e a igreja com o casamento de Adão e Eva. Ele cita Gênesis 2.24: “Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne”. Por fim, Paulo torna explícita a aplicação de Gênesis 2.24: “Grande é este mistério, mas eu me refiro a Cristo e à igreja” (Ef 5.25-32). Em outras palavras, quando Deus planejou o casamento para Adão e Eva como uma aliança recíproca em uma nova unidade familiar, ele estava modelando o casamento humano pelo casamento divino que já tinha em mente para Cristo.

A maneira indireta de Deus preparar uma noiva

Então, Deus colocou em andamento um plano para ter uma noiva para seu Filho constituída de pessoas redimidas e transformadas, procedentes de cada grupo étnico da terra. Ele realizou isso de uma maneira que é tão indireta e desconcertante às expectativas humanas normais, que Paulo terminou de contar a história dizendo: “Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!” (Rm 11.33).

Em vez de iniciar a Grande Comissão em Gênesis e reunir todas as nações, Deus escolheu um único grupo étnico para ser o foco de sua obra salvadora – os judeus. “Porque tu és povo santo ao SENHOR, teu Deus; o SENHOR, teu Deus, te escolheu, para que lhe fosses o seu povo próprio, de todos os povos que há sobre a terra” (Dt 7.6). E, em escolher a Israel para ser “seu povo próprio”, Deus falou de si mesmo como um marido. “Porque o teu Criador é o teu marido; o SENHOR dos Exércitos é o seu nome; e o Santo de Israel é o teu Redentor; ele é chamado o Deus de toda a terra” (Is 54.5). Em algumas das mais vívidas palavras do Antigo Testamento, Deus descreveu sua eleição de Israel como seu noivado com uma criança enjeitada que se revolvía em sangue:

Passando eu por junto de ti, vi-te a revolver-te no teu sangue e te disse: Ainda que estás no teu sangue, vive; sim, ainda que estás no teu sangue, vive. Eu te fiz multiplicar como o renovo do campo; crescestes, e te engrandeceste, e chegaste a grande formosura; formaram-se os teus seios, e te cresceram cabelos; no entanto, estavas nua e descoberta. Passando eu por junto de ti, vi-te, e eis que o teu tempo era tempo de amores; estendi sobre ti as abas do meu manto e cobri a tua nudez; dei-te juramento e entrei em aliança contigo, diz o SENHOR Deus; e passaste a ser minha (Ez 16.6-8).

Com algumas exceções (como as histórias de Rute, Ester, Jonas e alguns salmos que chamavam as nações), Deus focalizou sua revelação especial em um único grupo étnico – Israel. No entanto, desde o começo, de uma maneira estranha (que Paulo chama mistério em Ef 3.6), o propósito de Deus era que este foco em Israel fosse estruturado para incluir, no devido tempo, todas as nações do mundo. O foco em Israel começou com Abrão (depois chamado Abraão). E a promessa feita a Abraão incluía estas palavras: “Em ti serão benditas todas as famílias da terra” (Gn 12.3) .

Deus se move de Israel para as nações

Na verdade, Israel não foi obediente a Deus de uma maneira que os condicionasse para a consumação dos propósitos de Deus. Sem dúvida, sempre houve em Israel um remanescente que era fiel a Deus (Is 10.22-23; Rm 9.27). Mas, em sua maior parte, Israel foi rebelde. Quando o Messias, Jesus, veio e proclamou o reino de Deus, somente um pequeno número de Israel aceitou o seu Rei. Para a maioria, um Messias crucificado foi uma pedra de tropeço (1 Co 1.23).

Por isso, Jesus contou uma parábola sobre sua rejeição e a interpretou com estas palavras terríveis para Israel: “O reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos” (Mt 21.43). Ele pronunciou o mesmo julgamento em Mateus 8.11-12: “Muitos virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus. Ao passo que os filhos do reino serão lançados para fora, nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes”.

Portanto, Deus removeu de Israel seu foco direto e especial de revelação e transformação e focalizou sua obra salvadora na criação de uma família de todas as nações. Paulo enfatizou que, pela fé em Jesus, um gentio poderia ser unido ao “descendente” de Abraão e, assim, tornar-se um beneficiário pleno de todas as promessas feitas ao Israel fiel. Eis a grande explicação de Paulo a respeito de como há somente um povo de Deus – de judeus e gentios:

Todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus; porque todos quantos fostes batizados em Cristo de Cristo vos revestistes. Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus. E, se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa (Gl 3.26-29).

O futuro de Israel no povo do Messias

Quando eu digo que Deus afastou de Israel seu foco direto e especial de revelação e transformação, não estou dizendo que este novo foco em reunir um povo de todas as nações excluiu os judeus. De fato, Paulo seguiu em seu ministério o padrão de que o evangelho deveria ser pregado ao judeu primeiro e depois ao grego (Rm 1.16). Paulo orou fervorosamente para que seus compatriotas

judeus fossem salvos (Rm 10.1). E disse: “Glorifico o meu ministério, para ver se, de algum modo, posso incitar à emulação os do meu povo e salvar alguns deles” (Rm 11.13-14). Mas a resposta a esta evangelização entre Israel não foi grande (semelhante à resposta dada a Jesus), e, assim como Jesus chorou por Jerusalém (Lc 19.41-44), Paulo tinha “grande tristeza e incessante dor” pelo fato de que a maioria de seus compatriotas judeus era anátema e separada de Cristo (Rm 9.2-3).

Paulo viu esta falha de Israel em relação a seu Messias como uma parte misteriosa do plano de Deus para trazer salvação a todas as nações do mundo. E entendeu que o ajuntamento dos gentios, durante o tempo que Jesus chamou “os tempos dos gentios” (Lc 21.24), levaria, por fim, à remoção do endurecimento de Israel, para que uma grande conversão a Cristo aconteça a Israel.

Por isso, Paulo disse: “Se o fato de terem sido eles [os judeus] rejeitados trouxe reconciliação ao mundo, que será o seu restabelecimento, senão vida dentre os mortos?” (Rm 11.15). Pouco depois, ele disse: “Não quero, irmãos, que ignoreis este mistério (para que não sejais presumidos em vós mesmos): que veio endurecimento em parte a Israel, até que haja entrado a plenitude dos gentios” (Rm 11.25). Depois, quando o número pleno das nações houver chegado, “todo o Israel será salvo” (Rm 11.26).¹ Em seguida, pouco antes de clamar: “Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!” (Rm 11.33), Paulo resume a maneira misteriosa e indireta de Deus reunir um povo:

Porque assim como vós [gentios] também, outrora, fostes desobedientes a Deus, mas, agora, alcançastes misericórdia, à vista da desobediência deles [judeus], assim também estes [Israel], agora, foram desobedientes, para que, igualmente, eles alcancem misericórdia, à vista da que vos [gentios] foi concedida. Porque Deus a todos [judeus e gentios] encerrou na desobediência, a fim de usar de misericórdia para com todos (Rm 11.30-32).

Os tempos dos gentios

Vivemos no período da história que Deus designou para o ajuntamento de seu povo redimido de todos os povos do mundo.

Durante sua vida terrena, Jesus ainda se focalizava em Israel. Ele disse: “Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 15.24). Mas, depois que sua rejeição se mostrou decisiva, Jesus terminou sua estadia terrena com estas palavras solenes :

Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de *todas as nações* , batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século (Mt 28.18-20).

Esta Grande Comissão – que conhecemos apenas das Escritura – define o nosso tempo. Toda a autoridade. Todas as nações. Todas as coisas que ele ordenou. Esta é a nossa tarefa. Com a autoridade de Cristo, pregamos a todas as nações. Pela Escrituras e com o Espírito, buscamos o ajuntamento e a transformação de um povo que *guarda todas as coisas que ele ordenou* .

Jesus está preparando sua noiva

Quando afirmamos que fazemos isto “pela autoridade de Cristo”, não queremos dizer apenas que Jesus autorizou a missão. Queremos dizer que ele é, agora, a força decisiva na missão. Jesus comprou sua noiva com seu próprio sangue e a está reunindo de todos os povos. Ele disse: “Edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16.18). *Jesus* está edificando – hoje! Ele também disse: “Tenho outras ovelhas, não deste aprisco; *a mim me convém conduzi-las* ; elas *ouvirão* a minha voz; então, *haverá* um rebanho e um pastor” (Jo 10.16). Observe a autoridade do envolvimento de Jesus na missão hoje: “*A mim me convém conduzi-las*”; “*Elas ouvirão a minha voz*”; “*haverá* um rebanho”.

Jesus morreu “não somente pela nação [de Israel], mas também para reunir em um só corpo os filhos de Deus, que andam dispersos” (Jo 11.52). “Andam dispersos” significa que estão espalhados entre todos os povos do mundo. Sabemos disto porque o mesmo autor (João) celebrou com estas palavras a extensão e a diversidade da aquisição de Cristo: “Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus *os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação* ” (Ap 5.9).

Não há dúvida de que esta compra será totalmente eficaz em seu propósito. João diz que estas pessoas compradas habitarão, de fato,

o mundo futuro com Deus. Ele viu isso numa visão: “Depois destas coisas, vi, e eis grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestiduras brancas” (Ap 7.9).

Este povo redimido de todas as nações do mundo é a noiva do Cordeiro, Jesus Cristo:

Alegremo-nos, exultemos e demos-lhe a glória, porque são chegadas as bodas do Cordeiro, cuja esposa a si mesma já se ataviou, pois lhe foi dado vestir-se de linho finíssimo, resplandecente e puro. Porque o linho finíssimo são os atos de justiça dos santos (Ap 19.7-8).

Chegará o tempo em que o número da igreja será completo. Há uma “plenitude”, como Paulo diz. A segunda vinda de Cristo está sendo demorada até que o número completo chegue ao arrependimento (2 Pe 3.9). A noiva será perfeita, pelo cômputo de Deus, tanto em número quanto em beleza.

O plano de Deus para a história vem por meio da Escritura

O número e a beleza da noiva são realizados pelas Escrituras. Sem a Bíblia, não haveria o ajuntamento do povo de Deus. E, sem a Bíblia, não haveria embelezamento da noiva. “A fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (Rm 10.17). Portanto, todo aquele que entra no povo de Deus pela fé chega a isso por meio da Palavra. E, como vimos nos capítulos 8 e 9, isso também acontece no embelezamento (ou seja, na transformação) do povo de Deus. A noiva é embelezada por contemplar a glória do Senhor (2 Co 3.18) na Palavra do Senhor (2 Co 4.4). E essa transformação se torna o meio de mais e mais pessoas verem a glória de Deus e despertarem para sua realidade salvadora.

O processo de transformação (ou embelezamento) mantido pela Palavra, que focalizamos nos capítulos 8 e 9, continua até à sua conclusão na vinda de Cristo. Naquele momento, na vinda do Senhor, a noiva será perfeita em número e beleza. Esta conclusão é tão certa quanto o propósito supremo de Deus – o propósito de *que a dignidade e a beleza infinitas de Deus sejam exaltadas através da adoração fervorosa e eterna da noiva de Cristo, comprada por*

sangue, formada de pessoas procedentes de todo povo, língua, tribo e nação.

A obra de Deus é decisiva, a nossa é necessária

No entanto, esta certeza permanece lado a lado com a condicionalidade. Ou seja, é *certo* que Deus concluirá o número e a beleza de sua noiva por causa de sua adoração, e esta conclusão também depende de meios *humanos*, incluindo o uso da Escritura. O propósito de Deus não será bem-sucedido sem a Palavra de Deus. Foi assim que Deus o planejou.

Por um lado, Paulo proclama a certeza da conclusão do embelezamento do povo de Deus – a certeza de sua santificação, irrepreensibilidade e amor final :

O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é o que vos chama, *o qual também o fará* . (1 Ts 5.23-24).

Aguardando vós a revelação de nosso Senhor Jesus Cristo, *o qual também vos confirmará até ao fim, para serdes irrepreensíveis no Dia de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é Deus* , pelo qual fostes chamados à comunhão de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor (1 Co 1.7-9).

Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós *há de completá-la* até ao Dia de Cristo Jesus (Fp 1.6).

No entanto, por outro lado, Paulo também deixa claro que esta conclusão de nossa santidade é dependente de atos humanos. É *certa* porque *Deus* cuidará que aconteça. É *dependente* porque o *homem* também precisa cuidar em fazê-la. A ação de Deus é *decisiva* . Mas a nossa é *real* . Isto é possível porque Deus opera em e por meio de nossa ação. “*Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade*” (Fp 2.13). Ele nos capacita para cumprirmos “sua vontade, *operando em*” nós “*o que é agradável diante dele* ” (Hb 13.21).

Nossa parte na transformação é real

Nossa parte em buscar o propósito de Deus em ter um povo glorioso é real: Cristo “vos reconciliou no corpo da sua carne, mediante a sua morte, para apresentar-vos perante ele santos, inculpáveis e irrepreensíveis, *se é que permaneceis na fé* ” (Cl 1.22-

23). A conclusão de nossa santidade e irrepreensibilidade é *dependente* . Seremos apresentados completos *se permanecermos na fé* . Mas também é certa porque Deus *é fiel e a fará* (1 Ts 5.24).

O “se” é real. Você permanecerá “na fé”? Perseverará até ao fim? “Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo” (Mt 24.13). “Porque a seu tempo ceifaremos, *se não desfalecermos* ” (Gl 6.9). “Cristo, porém, como Filho, em sua casa; a qual casa somos nós, *se guardarmos firme, até ao fim, a ousadia e a exultação da esperança* ” (Hb 3.6).

Usaremos as Escrituras para buscar o grande alvo de Deus?

Isto suscita uma pergunta relacionada: nos esforçaremos pela “santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12.14)? Ou seja, usaremos o meio que Deus designou no processo de embelezamento da noiva de seu Filho? Especificamente, leremos e ouviremos a Palavra de Deus? Voltaremos, repetidas vezes, às Escrituras para contemplar a glória do Senhor a fim de sermos mudados por vermos e nos deleitarmos no Senhor (2 Co 3.18)? E, visto que o ver acontece por meio da Palavra, guardaremos a Palavra em nosso coração (Sl 119.11)? Rogaremos a Deus que incline nosso coração aos seus testemunhos (Sl 119.36)? Meditaremos na instrução do Senhor dia e noite (Sl 1.2)?

O supremo propósito de Deus – ser adorado com afeições fervorosas por um povo redimido e completo em número e beleza – *será* realizado por aquele que “faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade” (Ef 1.11). Não há dúvida quanto a isso. Deus não pode falhar. E fará isso pelo seu Espírito, *por meio de sua Palavra* . Por meio da leitura de sua Palavra .

Os novos céus e a nova terra

Suponha que alguém faça esta boa pergunta: “Por que você expressa o supremo propósito de Deus sem referência aos novos céus e à nova terra”? Eu certamente a fiz quando formulei minha proposta: ... *nosso alvo supremo em ler a Bíblia é que a dignidade e a beleza infinitas de Deus sejam exaltadas através da adoração*

fervorosa e eterna da noiva de Cristo, comprada por sangue, formada de pessoas procedentes de todo povo, língua, tribo e nação. Pensei nesta proposta em relação à implicação final: a transformação do povo de Deus é para que mais e mais pessoas sejam atraídas à família adoradora de Deus, até que a noiva de Cristo – através de todos os séculos e culturas – esteja completa em número e beleza.

Minha resposta é que a Escritura não nos ensina que a Palavra de Deus escrita é o instrumento pelo qual Deus cria os novos céus e a nova terra; e sim que esta Palavra escrita é o instrumento pelo qual um povo é recriado, reunido, transformado e preparado para encher a nova terra com a glória do Senhor. Este é um livro sobre como usar a Escritura na busca do que as Escrituras foram designadas a realizar. As Escrituras não foram designadas a criar os novos céus e a nova terra. Mas foram designadas para criar, reunir, transformar e preparar um povo para encher a nova terra. Foi por isso que afirmei o propósito de Deus da maneira como o fiz.

O povo adorador acima do lugar glorioso

Para não dar a impressão de que esta adoração fervorosa de um povo redimido é um coro etéreo e imaterial, sem corpo ou lugar, permita-me terminar este capítulo com uma correção. Mas, até na correção, mantereí a prioridade do povo adorador sobre o universo espetacular da nova criação. A passagem crucial aqui é Romanos 8.18-23. Observe as palavras em *itálico* :

Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós. *A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus* . Pois a criação está sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, *para a liberdade da glória dos filhos de Deus* . Porque sabemos que toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora. E não somente ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo.

Desde a queda de Adão e Eva no pecado, a criação material tem estado sujeita à “vaidade” (v. 20) e ao “cativeiro da corrupção” (v. 21). Isso inclui nosso corpo (v. 23), bem como o gemer de “toda a criação” (v. 22). Mas este gemer é intencionado por Deus não como

os suspiros de morte de um paciente terminal, e sim como as dores de parto de uma nova criação (v. 22). A criação foi subjugada à destruição *na esperança* de que será liberta da corrupção (v. 21). Portanto, os novos céus e a nova terra estão vindo (Is 65.17; 2 Pe 3.13).

No entanto, a coisa impressionante é que a grande transformação da ordem natural “*aguarda a revelação dos filhos de Deus*” (Rm 8.19). Quando chegar o tempo dessa transformação, diz Paulo, a criação obterá a “*liberdade da glória dos filhos de Deus*” (v. 21). Ambas as afirmações implicam que os novos céus e a nova terra são *a herança dos filhos*. O universo – novo e velho – não é importante em si mesmo. É importante como o lugar de habitação e gozo dos filhos de Deus. Deus não criou seus filhos para o universo. Ele criou o universo para seus filhos. Isto tem sido verdadeiro desde o princípio e será verdadeiro também no final.

Portanto, eu afirmo sinceramente, com alegria e expectativa, o escopo cósmico da obra redentora de Cristo. O alvo supremo de Deus na criação e redenção abrange a plenitude e a beleza da noiva, bem como a plenitude e a beleza do lugar – os novos céus e a nova terra. Mas o cosmos renovado existe por causa da noiva, e não vice-versa. E o cosmos atingirá seu propósito final quando os santos desfrutarem a Deus *em*, *por meio de* e *acima* desse cosmos, com admiração ardente pelo Criador e Redentor.

Conclusão à Parte 1

Isto não acontecerá sem as Escrituras. Deus tornou a Palavra *escrita* tão indispensável quanto a Palavra *encarnada*. Para a realização de seu propósito supremo, Deus tornou Cristo essencial e a Bíblia essencial. A Bíblia não é tão gloriosa, tão suprema, tão fundamental quanto Cristo. Mas ambos são indispensáveis.

Ambos são essenciais, mas não da mesma maneira. Não há perdão de pecados, nem justiça diante de Deus, nem novo nascimento, nem ver, nem desfrutar, nem transformação sem Cristo e sua morte e ressurreição. Ele comprou estas coisas e se tornou o fundamento de nossa salvação de uma maneira que as Escrituras não puderam, nem poderão. Não estamos tornando Cristo e as Escrituras

intercambiáveis. Cristo é o fundamento das Escrituras, e não vice-versa.

No entanto, Deus tornou as Escrituras indispensáveis à consumação de todas as coisas. Ele ordenou que sem a Palavra escrita – explicando e preservando quem é Deus e o que ele fez – não haja conhecimento salvífico de Deus, nem novo nascimento, nem fé, nem ver, nem desfrutar, nem experiência de perdão, nem transformação e, no final, nem uma noiva completa e gloriosa para o Filho e, por consequência, nem uma família de adoradores fervorosos para o Pai.

Mas agradecemos a Deus, de todo o nosso coração, pelo fato de que Cristo veio, morreu e ressuscitou; bem como pelo fato de que as Escrituras foram inspiradas e preservadas. E, portanto, o supremo propósito de Deus para todas as coisas está avançando como planejado. Por causa da graciosa soberania de Deus, de sua obra redentora em Cristo, de seu Espírito vivificador e de sua Palavra escrita, é certo que, em seu tempo, *a dignidade e a beleza infinitas de Deus sejam exaltadas através da adoração fervorosa e eterna da noiva de Cristo, comprada por sangue, formada de pessoas procedentes de todo povo, língua, tribo e nação.*

1 Nem todos interpretam a expressão “todo o Israel” da maneira como o faço. Alguns entendem-na como referência apenas aos eleitos dos judeus e dos gentios – o verdadeiro Israel, sem referência a etnicidade. Quanto a uma explicação mais completa de meu ponto de vista, ver <http://www.desiringgod.org/scripture/romans/11/messages>.

Parte 2

O ATO SOBRENATURAL DE LER A BÍBLIA

Falamos a sabedoria de Deus em mistério, outrora oculta, a qual Deus preordenou desde a eternidade para a nossa glória... Disto também falamos, não em palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas ensinadas pelo Espírito, conferindo coisas espirituais com espirituais.

1 Coríntios 2.7, 13

INTRODUÇÃO À PARTE

2

Uma das implicações da parte 1 não foi listada nas seis implicações da proposta principal. Ela resulta de todas as seis e permanece como o principal argumento deste livro – ou veremos agora se realmente permanece. A implicação é esta: *uma leitura apropriada da Bíblia é um ato sobrenatural*. O que isso significa? E o que a própria Bíblia realmente ensina? Mas, primeiramente, vamos reafirmar a proposta da parte 1 e como ela dá origem a estas perguntas. A proposta da parte 1 foi que

a própria Bíblia mostra que o nosso alvo supremo em ler a Bíblia é que a dignidade e a beleza infinitas de Deus sejam exaltadas através da adoração fervorosa e eterna da noiva de Cristo, comprada por sangue, formada de pessoas procedentes de todo povo, língua, tribo e nação.

Em outras palavras, Deus planejou que a Bíblia – ler a Bíblia – seja um meio indispensável para realizar o propósito supremo de criação e redenção. Traçando o nosso caminho em ordem regressa, podemos descrever o plano desta maneira:

- Visto que o supremo propósito de Deus é ser desfrutado e exaltado na *adoração* de uma noiva gloriosa, o povo de Deus tem de ser *transformado* de glória em glória na imagem de Cristo.
- Esta transformação acontece por meio de *desfrutarmos* a glória do Senhor Jesus – ou seja, sermos satisfeitos por Cristo e valorizarmos supremamente tudo que Deus é por nós em Cristo.
- Este desfrutar de tudo que Deus é por nós em Jesus acontece por *vermos* a glória de Jesus como ele realmente é – mais valioso e mais belo do que tudo.
- Este ver é possível somente porque Deus nos revela sua glória peculiar por meio das *Escrituras* inspiradas.
- *Ler* estas Escrituras – ou ouvir alguém comunicando-as – é o meio que Deus designou para que sua Palavra tenha estes efeitos

gloriosos.

Portanto, ler a Bíblia é o meio indispensável de Deus para realizar seu propósito supremo para a criação e a redenção.

Deus quer que leiamos sobrenaturalmente a sua Palavra

Em vista do que observamos na parte 1, a implicação óbvia é que Deus quer que leiamos sua Palavra de uma maneira que envolva ações e experiências da alma humana que estão além da experiência humana comum. *Ver* a glória de Jesus não se realiza meramente com nossos olhos físicos comuns, mas com os “olhos do coração” (Ef 1.18) e procede do “Senhor, o Espírito” (2 Co 3.18). *Desfrutar* a glória de Deus não é um prazer humano comum, e sim o próprio gozo de Cristo em seu Pai, que experimentamos pela presença do seu Espírito (Jo 15.11). Nossa transformação não é reordenamento moral ou aprimoramento pessoal; em vez disso, é realizado pelo Espírito Santo (Rm 8.13).

Em outras palavras, o ato de ler que busca cumprir os propósitos de Deus para a leitura é uma experiência profundamente sobrenatural. Na parte 3, veremos quão *natural* é, em determinado sentido, o ato de ler. Mas, até agora, parece que ler é mais do que natural. Parece que todo o nosso encontro com a Bíblia, ainda que envolva nossas capacidades naturais, é um encontro sobrenatural.

Isto parece sugerir que tudo que achamos na Bíblia – fatos históricos, louvores poéticos, sabedoria proverbial, promessas de ajuda, descrições do caráter de Deus, ilustrações dos caminhos de Deus, padrões de viver santo, procedimentos de disciplina eclesiástica, predições, calamidades, advertências de oposição satânica, chamados à fé, análise da depravação humana, orientações para maridos e mulheres, discernimentos políticos, princípios financeiros e muitos mais – tudo isso será visto corretamente apenas quando o virmos iluminados pela glória peculiar de Deus e em relação a ela. Em outras palavras, por mais natural que seja o processo de leitura e por mais naturais que sejam os objetos descobertos, nenhuma leitura e nenhuma descoberta acontece sem a dependência de Deus ou sem considerarmos todas as coisas em

relação ao valor e à beleza de Deus – se estivermos lendo da maneira como ele pretende que seu livro seja lido.

Esta parte do livro – parte 2 – tem o objetivo de testar se isto é, de fato, verdadeiro.

Então, lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras.

LUCAS 24.45

A vós outros vos é dado conhecer o mistério do reino de Deus; mas, aos de fora, tudo se ensina por meio de parábolas.

MARCOS 4.11

Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus.

MATEUS 16.17

A NECESSIDADE E A POSSIBILIDADE DE LER A BÍBLIA DE MODO SOBRENATURAL

*“Então, lhes abriu o entendimento
para compreenderem as Escrituras.”*

Ler a Bíblia é realmente sobrenatural?

Por que ler a Bíblia tem de ser um ato sobrenatural? Por “ato sobrenatural”, não quero dizer que os humanos são sobrenaturais. Não somos Deus, não somos anjos, nem demônios. O que pretendo dizer é que o ato de ler, para que seja feito como Deus planejou, tem de ser feito em dependência da ajuda sobrenatural de Deus. A Bíblia nos dá duas razões decisivas: Satanás e o pecado. Ou seja, temos um inimigo que opera cegueira fora de nós e uma doença de cegueira dentro de nós. Juntas, estas duas forças tornam impossível os seres humanos lerem a Bíblia, como Deus planejou, sem ajuda sobrenatural.

É crucial compreendermos isto. Penso que a maioria das pessoas se aproxima da Bíblia com pouco senso de sua incapacidade em lê-la da maneira como Deus deseja que façam. Essa é a razão por que estou escrevendo a parte 2 deste livro. Este provérbio se aplica tanto à leitura da Bíblia quanto a qualquer outra atividade: “Confia no SENHOR de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele

endireitará as tuas veredas” (Pv 3.5-6). Ao virar cada página, dependa de Deus. Isso é uma transação sobrenatural. Se mais pessoas se aproximassem da Bíblia com um senso de incapacidade e esperançosa dependência da misericordiosa ajuda de Deus, existiria mais ver, mais deleite e mais transformação do que existe.

O inimigo que cega

Satanás é real. Sua principal identidade é “mentiroso e pai da mentira” (Jo 8.44). A sua maneira de mentir é mais por sedução do que por mentiras descaradas. Ele é chamado “diabo e Satanás, o *sedutor* de todo o mundo” (Ap 12.9). Portanto, ele odeia “o Espírito da verdade” (Jo 15.26). Odeia a Deus, o Pai, de quem o Espírito procede (Jo 15.26). Odeia o Filho de Deus, que é a verdade (Jo 14.6). E odeia a Palavra de Deus, porque a “palavra” de Deus “é a verdade” (Jo 17.17).

Portanto, Satanás fará o seu melhor para remover a Palavra, se puder, e torcê-la, se não puder removê-la – como fez no jardim do Éden (Gn 3.1) e na tentação de Jesus (Mt 4.6). Jesus descreveu como Satanás remove a Palavra: “A todos os que ouvem a palavra do reino e não a compreendem, vem o maligno e arrebatou o que lhes foi semeado no coração” (Mt 13.19). Como isso acontece? Pode ser por absoluto esquecimento. Ou Satanás pode atrair a pessoa para um vídeo de entretenimento, com o resultado de que qualquer pensamento sobre a dignidade e a beleza de Cristo se perde rapidamente .

Ou Satanás pode simplesmente cegar a mente para a dignidade e a beleza de Cristo, que as Escrituras revelam. Isto é o que Paulo descreve em 2 Coríntios 4.3-4:

Mas, se o nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que está encoberto, nos quais *o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos* , para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus.

“O deus deste século” é Satanás. Ele é chamado “príncipe” deste mundo (Jo 12.31; 14.30). E João diz que “o mundo inteiro jaz no Maligno” (1 Jo 5.19). É este imenso poder cegante de Satanás que nos coloca em necessidade de um livramento sobrenatural. O pensamento de que podemos vencer sozinhos esta força satânica é ingênuo.

Sem o poder divino a cegueira permanece

Quando o Cristo ressurreto enviou Paulo para abrir os olhos dos gentios e convertê-los “das trevas para a luz e *da potestade de Satanás* para Deus” (At 26.18), ele não pretendia que Paulo fizesse isto na força humana. Paulo deixou isto bem claro: “A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em *demonstração do Espírito e de poder*, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no poder de Deus” (1 Co 2.4-5). Isso é imprescindível para anular os efeitos do poder cegante de Satanás.

Não ignoremos que o foco específico desta obra de Satanás é o evangelho. Ou seja, o foco de Satanás quando lemos (ou ouvimos) é o âmago da mensagem das Escrituras cristãs. Satanás “cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça *a luz do evangelho da glória de Cristo*”. Satanás fica feliz se pessoas acreditam em dez mil fatos verdadeiros, mas permanecem cegas para a “luz do evangelho da glória de Cristo”. Ele se alegra em vê-las acertando todas as respostas de jogos de conhecimento bíblico, contanto que não vejam a glória de Cristo no evangelho – ou seja, contanto que não possam ler (ou ouvir) com a capacidade de ver o que realmente está lá.

Leitura bíblica que deixa Satanás tranquilo

Jesus (Mt 13.19), Paulo (2 Co 4.3-4) e João (1 Jo 5.19) nos advertem que Satanás é um grande inimigo da leitura bíblica que vê o que realmente está lá. A leitura bíblica que apenas coleta fatos, ou alivia uma consciência culpada, ou reúne argumentos doutrinários, ou estimula gostos literários, ou alimenta curiosidades históricas – este tipo de leitura da Bíblia deixa Satanás tranquilo. Ele já venceu a batalha.

No entanto, a leitura que espera ver a dignidade e a beleza supremas de Deus – leitura que almeja deixar-nos satisfeitos com tudo que Deus é para nós em Cristo, leitura que busca ver e provar que o “SENHOR é bom” (Sl 34.8) – Satanás se oporá a esta leitura, com todo o seu poder. E seu poder é sobrenatural. Portanto, qualquer leitura que espera vencer o poder de cegueira de Satanás será uma leitura sobrenatural.

Somos cúmplices no engano satânico

Quando falamos do poder de Satanás sobre o coração humano, não estamos dizendo que toda cegueira espiritual é obra exclusiva de Satanás. Não estamos sugerindo que Satanás pega pessoas inocentes e torna-as escravas do engano. Não há pessoas inocentes. “Todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Rm 3.23). Somos cúmplices em todo o nosso engano.

Há um entrelaçamento horrível de influência satânica e pecaminosidade humana em toda a nossa cegueira para a glória divina. Você pode ver este entrelaçamento em Efésios 2.1-3:

Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados, nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência; entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos, por natureza, filhos da ira, como também os demais.

Note *ambas* as influências: primeiro, “mortos nos vossos delitos” e, depois, andar “segundo o príncipe da potestade do ar”. Não somos vítimas inocentes deste poder. Somos parceiros dispostos. Andar segundo o poder de Satanás e viver segundo “as inclinações da nossa carne” são duas maneiras de descrever o mesmo caminho. Nós somos, diz Paulo, “por natureza, filhos da ira”, assim como “os demais” da humanidade. Ou seja, a nossa natureza humana é tanto corrupta quanto culpada. Merecemos a ira de Deus. Portanto, ninguém jamais será capaz de escapar do julgamento por dizer: “Satanás me levou a fazer isso”.

O pendor da carne

Portanto, a nossa própria pecaminosidade é outra fonte de cegueira espiritual que nos deixa em necessidade de ajuda sobrenatural, se almejamos ver a glória de Deus na Escritura. Paulo é impressionantemente claro e enfático neste ponto. Por exemplo, em Romanos 8.4-9 ele diz que há dois tipos de seres humanos: “aqueles que são segundo a carne” e “aqueles que são segundo o Espírito” (v. 5, tradução literal). Ou seja, um tipo de pessoa é profundamente definida pela “carne” – a natureza humana sem qualquer transformação realizada pelo Espírito. E outro tipo de

pessoa é profundamente definida pelo “Espírito” – a invasão e transformação sobrenatural realizada pelo Espírito Santo.

Quem são estes dois grupos de seres humanos? Paulo diz que os cristãos são aqueles que vivem segundo o Espírito. Versículo 9: “Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se, de fato, o Espírito de Deus habita em vós. E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele”. Por outro lado, os não cristãos têm o “pendor da carne”. Este pendor da carne “é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar. Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus” (Rm 8.7-8).

Uma impossibilidade real em nosso coração

Qual é o efeito desta *identidade carnal* dos incrédulos na leitura da Palavra de Deus? Paulo nos diz nos versículos 7 e 8: “O pendor da carne é inimizade contra Deus, pois não *está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar* . Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus”. Estas são palavras muito fortes: “*Não* está sujeito à lei de Deus [a instrução de Deus, a Palavra de Deus], *nem mesmo pode estar*”. Isto é a nossa rebelião antes e por trás de toda a cegueira satânica. Antes de Satanás acrescentar seus efeitos cegantes, já estamos em rebelião contra Deus. E, diz Paulo, esta rebelião torna *impossível* (“nem pode”) a nossa sujeição à Palavra de Deus .

Ou seja, por causa desta identidade carnal, não podemos reconhecer que a glória de Deus deve ser mais desejada do que qualquer outra coisa. Paulo já havia dito que nós detemos esse conhecimento (Rm 1.18). Nós trocamos a “glória do Deus” por imagens (Rm 1.23). Preferimos nossa própria glória e, por isso, não podemos preferir a glória de Deus. *Não podemos* . Isso é o que significa preferir sua própria glória. Esta incapacidade (este “nem pode”, v. 7) não é a incapacidade de uma pessoa que prefere a Deus, mas não lhe é permitido apreciá-lo. Não. É a incapacidade de uma pessoa que *não* prefere a Deus e, por isso, *não pode* apreciá-lo. Não é uma incapacidade que impede a pessoa de fazer o que quer. É uma incapacidade de querer o que não quer. Ela não pode ver como belo aquilo que vê como feio. Não pode abraçar a glória de Deus como mais valiosa quando vê a si mesma como mais valiosa.

Nosso maior problema não é ignorância

Uma das implicações desta condição humana universal é que ignorância não é nosso maior problema. Há uma dureza de rebelião contra Deus que é mais profunda do que nossa ignorância. É por isso que cada tentativa natural em iluminação é resistida. Esta dureza de rebelião não pode se sujeitar à revelação de Deus.

Paulo fez um apelo urgente aos cristãos de Éfeso para deixarem decisivamente esta condição, que, ele disse, era característica de suas raízes gentílicas:

Isto, portanto, digo e no Senhor testifico que não mais andeis como também andam os gentios, *na vaidade dos seus próprios pensamentos*, *obscurecidos de entendimento*, alheios à vida de Deus *por causa da ignorância* em que vivem, *pela dureza do seu coração* (Ef 4.17-18).

Observe a relação entre “ignorância” e “dureza de coração” como Paulo a descreve: “Ignorância em que vivem *pela* dureza do seu coração”. A dureza é mais básica. A dureza é a causa. Este é o nosso problema mais profundo. Não a ignorância.

O impacto de nossa dureza na leitura da Bíblia

Esta é a condição de toda a humanidade, sem a obra salvadora do Espírito Santo (Rm 8.9-10). E torna a leitura da Bíblia impossível – se o nosso alvo é lê-la da maneira como Deus quer que a leiamos. Não podemos sujeitar-nos ao que lemos. Ou seja, não podemos reconhecer que a glória de Deus tem de ser desejada acima de todos os tesouros e prazeres terrenos. Temos de suprimir esta verdade. Temos de mudar a glória de Deus por imagens. Não podemos preferir a luz quando amamos as trevas. “O julgamento é este: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más” (Jo 3.19). Nosso problema não é que há luz insuficiente brilhando das Escrituras. Nosso problema é que amamos as trevas.

A Bíblia irradia a sabedoria de Deus

As Escrituras são radiantes da sabedoria de Deus. Esta sabedoria resplandece a glória de Deus – e nos mostra a glória por vir. E esta sabedoria de glória divina é a maneira como Paulo descreve seu próprio ensino:

Mas falamos a sabedoria de Deus em mistério, outrora oculta, a qual Deus preordenou desde a eternidade para a nossa glória... Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo, e sim o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente. Disto também falamos, não em palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas ensinadas pelo Espírito, conferindo coisas espirituais com *espirituais* (1 Co 2.7, 12-13).

No entanto, o problema é que, sem a obra sobrenatural do Espírito Santo, não somos “espirituais” e sim “naturais”. Isto torna a leitura da Bíblia impossível, se o nosso alvo é assimilar coisas não “ensinadas pela sabedoria humana” (1 Co 2.13). Isso é o que Paulo diz em seguida: “Ora, o homem natural *não* aceita as coisas do Espírito de Deus, porque *lhe* são loucura; e *não pode* entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente” (1 Co 2.14).

Estas palavras “*não* aceita” e “*não pode* entendê-las” são os mesmos “*não*” e “*nem pode*” que vemos em Romanos 8.7 (“O pendor da carne... *não* está sujeito à lei de Deus, *nem* mesmo *pode* estar”). E quem é que não pode assimilar o que Paulo ensina? O “homem natural”. Isso significa todos nós, até que algo *sobrenatural* aconteça em nós (como o milagre de 2 Coríntios 4.6).

Portanto, ler as Escrituras inspiradas tem de ser um ato sobrenatural, se temos de aceitar “as coisas do Espírito de Deus” e se temos de entender as coisas que “se discernem espiritualmente”. Sem a ajuda sobrenatural de Deus, somos meramente naturais e não podemos ver a glória de Deus como ela realmente é – supremamente bela e plenamente satisfatória. Esta glória peculiar de Deus não desperta emoções cativantes em nós, embora Paulo mostre que, se fizesse isso, saberíamos que fora preordenado “desde a eternidade para *a nossa glória*” (1 Co 2.7). Mas, em vez disso, como os “poderosos deste século”, não estimamos o “Senhor da glória”; nós o crucificamos (1 Co 2.8).

Há esperança de ler como deveríamos?

E o que é o ato sobrenatural de ler? Em essência, é uma dependência de Deus, do Espírito e de Cristo para fazerem por nós o que não podemos fazer por nós mesmos, quando buscamos *ver* o que há realmente na Escritura e quando buscamos *desfrutar* o que vemos e ser transformados pelo que vemos. Há várias maneiras

pelas quais o Novo Testamento descreve esta ajuda divina. Consideraremos brevemente cinco delas:

Ele abriu nossa mente

Primeiramente, o milagre de ajuda divina na leitura é chamado o “abrir” de nossa mente. Depois de sua ressurreição dentre os mortos, Jesus se encontrou com dois de seus discípulos na estrada para Emaús. Eles não o reconheceram e, por isso, lhe falaram sobre a crucificação, a ressurreição e suas aparições. Estavam confundidos por tudo aquilo. Então, Jesus lhes disse: “Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura, não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na sua glória?” (Lc 24.25-26).

Jesus disse que a falha deles em lerem perceptivamente os profetas se devia *a tolice e lentidão de coração*. Mas não atribuiu essa falha a ignorância e sim a algo no coração deles. Depois, na casa deles, Jesus se revelou a eles e, em seguida, desapareceu. Eles disseram um ao outro: “Porventura, não nos ardia o coração, quando ele, pelo caminho, nos falava, *quando nos expunha* as Escrituras?” (Lc 24.32). Correram para Jerusalém a fim de acharem os onze apóstolos e lhes dizerem o que tinham visto.

Enquanto estavam reunidos, Jesus se apresentou diante deles e lhes provou, por comer peixe, que não era um fantasma. Em seguida, Jesus lhes disse: “São estas as palavras que eu vos falei, estando ainda convosco: importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos”. Depois, Lucas escreveu, Jesus “*lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras*” (Lc 24.44-45).

Assim, na estrada para Emaús, ele “expôs as Escrituras”; e na reunião dos onze ele “lhes abriu o entendimento”. Ambos são necessários. Um extrai o sentido do texto. O outro capacita a mente a ver e deleitar-se na glória do que existe realmente ali. Cristo removeu a tolice e a lentidão de coração. Isto é a ajuda sobrenatural que todo ser humano precisa, se quer ler a Bíblia e ver o que Jesus espera que vejamos. É necessário *o abrir sobrenatural de nossa mente*.

Ele resplandeceu em nosso coração

Em segundo, o milagre de ajuda divina na leitura da Palavra de Deus se compara com a criação da luz por Deus no começo do mundo. Vimos o efeito de cegueira do “deus deste século” em 2 Coríntios 4.4. Agora chega o remédio para essa cegueira, no versículo 6. Depois de esclarecer no versículo 5 que o milagre do versículo 6 acontece por meio da proclamação de Cristo, Paulo diz: “Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo”.

O resplandecer “em nosso coração” para nos dar “iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo” é comparado com o ato divino de criação: “Das trevas resplandecerá a luz”. Isto significa que um milagre de criação é necessário para que vejamos a glória de Deus no “conhecimento” que obtemos em ler as Escrituras ou ouvir o evangelho. Enquanto o milagre de nova criação não acontece, estamos nas trevas – ainda que tenhamos um PhD em estudos bíblicos. O problema é “a glória de Deus” revelada na Palavra de Deus – o valor e a beleza de tudo que ele é para nós em Cristo. Isso é o que não podemos ver até que Deus fale: “Haja luz”.

Ele ilumina os olhos de nosso coração

Em terceiro, o milagre de ajuda divina na leitura das Escrituras é chamado de iluminação dos olhos de nosso coração:

...não cesso de dar graças por vós, fazendo menção de vós nas minhas orações, para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos conceda espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele, *iluminados os olhos do vosso coração*, para saberdes qual é a esperança do seu chamamento, qual a riqueza da glória da sua herança nos santos e qual a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos, segundo a eficácia da força do seu poder (Ef 1.16-19).

Quando Paulo ora para que conheçamos nossa esperança, as riquezas da herança de Deus e a grandeza do seu poder, ele não está pedindo que Deus nos informe *fatos* que não sabemos. Os fatos foram ensinados. O que Paulo está pedindo é que percebamos – assimilamos, compreendamos, avaliemos verdadeiramente, desfrutemos – a *glória* de nossa esperança, as *riquezas* de nossa herança e a *grandeza* do poder de Deus. Esta é uma oração não em favor de que vejamos os fatos, e sim de que vejamos o valor e a beleza.

É semelhante à oração de Efésios 3.14-19, na qual Paulo roga que possamos :

...compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus (vv. 18-19).

“Poder compreender” o incompreensível! Conhecer o que ultrapassa todo o entendimento. Sentir o valor do amor de Cristo – um amor cuja largura, comprimento, altura e profundidade são imensuráveis. Estas orações são a respeito disso. São a respeito de ver e deleitar-se na glória de Deus em seus extremos de esperança, riquezas, poder, amor e plenitude. Paulo está rogando que mera consciência se torne admiração intensa, gratidão e afeição.

Os cristãos precisam de ajuda sobrenatural incessante

Não ignore o que é óbvio aqui. Efésios 1.16-19 é uma *oração* . Isto mostra a dependência de Paulo e nossa quanto à intervenção sobrenatural de Deus em responder a oração. E não ignore uma segunda coisa óbvia e crucial: esta oração é em favor de *crentes* e não de incrédulos. Isto significa que a criação de visão espiritual, realizada de uma vez por todas, em nossa conversão a Cristo (2 Co 4.6) não exclui a necessidade de ajuda sobrenatural – “iluminados os olhos do coração” (Ef 1.18) – repetidamente na vida cristã.

A glória de Cristo não é um brilho de estado fixo no coração de um cristão. Tem graus. Nesta vida, não somente “vemos como em espelho, obscuramente” (1 Co 13.12), mas também vemos em variações de obscuridade. A glória que veremos quando contemplarmos a Cristo face a face será indizivelmente além do que vemos com os “olhos do coração”. O apóstolo João viu a Jesus na carne. Viu a glória de Jesus “como do unigênito do Pai”. Mas, quando João o viu em sua glória de ressurreição, em Patmos, caiu como morto (Ap 1.17).

No entanto, para que ninguém pense que o que podemos ver agora da glória de Jesus é insignificante, não devemos esquecer que ela é maior do que a glória de todas as coisas neste mundo e desperta no povo de Deus “alegria indizível e cheia de glória” (1 Pe 1.8). John Owen, embora tenha sido mais consciente do que qualquer pessoa

de que a glória futura superará amplamente a glória presente, disse (e concordo alegremente):

Não há nenhuma glória, nenhuma paz, nenhuma alegria, nenhuma satisfação neste mundo que se compare com o que recebemos por essa fraca e imperfeita visão que, pela fé, temos da glória de Cristo. Sim, todas as alegrias do mundo são coisa de nenhum valor em comparação com o que recebemos deste modo.¹

Mas temos períodos de obscuridade. Todos precisamos fazer, repetidas vezes, a oração de Paulo em favor de nós mesmos. Todos precisamos cantar a oração do famoso hino “Espírito de Deus, Desce sobre o Meu Coração”.

Não peço sonhos, nem êxtases proféticos,
Nem o rasgar inesperado do véu de barro,
Nem anjo visitante, nem céus abertos;

E sim, remove a obscuridade de minha alma.²

O dom do mistério do reino

Em quarto, esta ajuda divina em lermos as Escrituras é também chamada de “bem-aventurança” – a concessão do dom do mistério do reino de Deus. Quando os discípulos questionaram porque Jesus falava em parábolas, ele respondeu: “A vós outros vos é dado conhecer o mistério do reino de Deus; mas, aos de fora, tudo se ensina por meio de parábolas, para que, vendo, vejam e não percebam; e, ouvindo, ouçam e não entendam; para que não venham a converter-se, e haja perdão para eles” (Mc 4.11-12). “Bem-aventurados, porém, os vossos olhos, porque veem; e os vossos ouvidos, porque ouvem” (Mt 13.16).

Em outras palavras, para alguns, as palavras eram parte do julgamento de Deus. Ele os estava entregando ao seu orgulho e dureza de coração, para que vissem e não percebessem. Ou, como Jesus orou: “Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado” (Lc 10.21).

Entretanto, Jesus não deixou seus discípulos na ignorância de “sabedoria e entendimento” humano. Pelo contrário, Jesus disse: “A vós outros vos é dado conhecer o mistério do reino de Deus” (Mc 4.11). O mistério do reino é a realidade surpreendente de que o Messias veio realmente, mas não seria o rei terreno vitorioso sobre

Roma, que tantos esperavam que ele fosse. Primeiro, ele sofreria e, depois, entraria em sua glória, de uma maneira inesperada. Este “mistério do reino” era a mesma verdade sobre a qual Jesus repreendeu os discípulos por não haverem assimilado do Antigo Testamento: “Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura, não convinha que o Cristo *padescesse e entrasse na sua glória?* ” (Lc 24.25-26).

Para os nossos propósitos, a ênfase aqui é que os discípulos deveriam ter sido capazes de ler o Antigo Testamento e ver a terrível e maravilhosa verdade de um Messias sofredor. Deveriam ter sido preparados pelo Antigo Testamento a serem abertos e receptivos à vinda do reino de Deus da maneira como ele veio. Primeiro, veio por meio de sofrimento e morte. Depois, por meio de ressurreição e domínio a partir do céu. Depois, na segunda vinda, pelo estabelecimento do governo de Cristo na terra.

Mas eles foram “néscios e tardos de coração”. Por isso, um milagre especial de iluminação era necessário para que vissem os indicadores destas coisas no Antigo Testamento e nos ensinamentos de Jesus. Deus lhes deu a iluminação, e Jesus agradeceu a Deus pelo fato de haver revelado aquelas coisas “aos pequeninos” (Lc 10.21). Ele disse: “A vós outros vos é dado conhecer o mistério do reino de Deus” (Mc 4.11). “Bem-aventurados, porém, os vossos olhos, porque veem” (Mt 13.16).

Meu Pai te revelou isto

Em quinto, esta ajuda divina em ler as Escrituras é também chamada revelação de Deus. Quando Pedro reconheceu a Jesus como o Messias e Filho de Deus, seu entendimento não era completo, mas sua afirmação foi tão significativa, que Jesus exultou no milagre. Pedro disse: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16.16). Este discernimento não foi uma genialidade inata da parte de Pedro. Não foi algo natural. Foi sobrenatural. Jesus disse: “Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que *te revelaram* , mas meu Pai, que está nos céus” (v. 17).

“Carne e sangue” se refere ao que Pedro era por mera natureza humana. Isto não foi a fonte deste discernimento. O discernimento

foi um dom de Deus. Foi o tipo de dom que todos necessitamos se devemos ver a Jesus pelo que ele realmente é.

Certamente, por natureza (por “carne e sangue”) podemos saber muitos fatos sobre Jesus. Os discípulos e os fariseus sabiam muito mais fatos sobre ele do que nós sabemos. Mas Jesus não será visto como o tesouro que ele é, a menos que o Pai, que está no céu, realize o milagre em nosso coração e nos dê capacidade para ver.

Então, será dito sobre nós o que Jesus disse sobre os discípulos: “*Bem-aventurados os olhos que veem as coisas que vós vedes. Pois eu vos afirmo que muitos profetas e reis quiseram ver o que vedes e não viram; e ouvir o que ouvis e não o ouviram*” (Lc 10.23-24). Se devemos ler as Escrituras sobre Jesus, vê-lo, prová-lo e ser transformados à sua imagem, isso não se dará por meios puramente humanos. Será uma “bem-aventurança” que abre os olhos de nosso coração para que vejamos a glória plenamente satisfatória pelo que ela realmente é.

Deus tem as chaves

Se o nosso alvo é ler a Bíblia com o objetivo de ver e gozar da glória de tudo que Deus é para nós em Cristo, então a leitura tem de ser um ato sobrenatural. Devemos ler em dependência do milagre da ajuda de Deus. Em 1877, o bispo anglicano J. C. Ryle escreveu :

A Bíblia é a Palavra de Deus? Então, assegure-se de jamais lê-la sem oração fervorosa pela ajuda e o ensino do Espírito Santo. Isto é a rocha em que muitos naufragam. Eles não pedem sabedoria e instrução. E, por isso, acham a Bíblia obscura e dela não obtêm nada. Você deve orar para que o Espírito o guie a toda a verdade. Deve implorar ao Senhor Jesus Cristo que abra seu entendimento, como o fez aos discípulos. O Senhor Deus, sob cuja inspiração o livro foi escrito, tem as chaves do livro, e somente ele pode capacitar você a entendê-lo proveitosamente. Nove vezes, num único salmo, Davi clamou: “Ensina-me”. Cinco vezes, no mesmo salmo, ele disse: “Dá-me entendimento”. John Owen, deão da Igreja de Cristo, em Oxford, falou muito bem: “Há uma luz sagrada na Palavra; mas há uma cobertura e véu nos olhos dos homens, para que não a vejam corretamente. Ora, a remoção deste véu é a obra peculiar do Espírito Santo”.³

Veremos posteriormente que esta dependência profunda da obra sobrenatural de Deus para ajudar-nos a ver o valor e a beleza de Deus na Escritura não minimiza a necessidade de usarmos nossa

mente no processo de construir significado do texto. Pode, às vezes, parecer um paradoxo – dizer que Deus nos dá o discernimento de que precisamos, mas, apesar disso, temos de labutar para vê-lo. Entretanto, o apóstolo Paulo nos mostra a maneira. Em 2 Timóteo 2.7 ele diz: “Pondera o que acabo de dizer, porque o Senhor *te dará compreensão* em todas as coisas”. Portanto, somos chamados a ler rigorosa, cuidadosa e diligentemente as Escrituras apostólicas. Por quê? Não porque este processo natural de pensar atinge o alvo, e sim porque, nesse processo natural de pensar, Deus age de modo sobrenatural e nos dá o tipo de visão que, de outro modo, não teríamos. Isso é o ato sobrenatural de ler as Escrituras.

1 John Owen, *The Works of John Owen*, ed. William H. Goold, vol. 1 (Edinburgh: T&T Clark, n.d.), 415.

2 George Croly, “Spirit of God, Descend upon My Heart”, 1854, acesso em 8 de março de 2016, <http://www.cyberhymnal.org/htm/s/o/sogdumyh.htm>.

3 J. C. Ryle, *Old Paths: Being Plain Statements of Some of the Weightier Matters of Christianity* (London: Charles J. Thynne, 1898), 33.

Sabeis, na verdade, discernir o aspecto do céu e não podeis discernir os sinais dos tempos?

MATEUS 16.3

O Pai, que me enviou, esse mesmo é que tem dado testemunho de mim. *Jamais tendes ouvido a sua voz* .

JOÃO 5.37

Como podeis crer, vós os que aceitais glória uns dos outros e, contudo, não procurais a glória que vem do Deus único?

JOÃO 5.44

POR QUE OS FARISEUS NÃO PODIAM LER

“Nunca lestes nas Escrituras.”

Eles não sabiam do que falavam

Provavelmente, nos dias de Jesus, ninguém lia a Bíblia mais do que os escribas e fariseus. Jesus disse: “Na cadeira de Moisés, se assentaram os escribas e os fariseus. Fazei e guardai, pois, tudo quanto eles vos disserem, porém não os imiteis nas suas obras” (Mt 23.2-3). Eles levavam a Bíblia em sua mente e em sua boca mais do que quaisquer outras pessoas. Citavam prontamente a lei de Deus (Mt 19.7). Eram cuidadosos em sua atenção aos detalhes (Mt 23.24). Mas, repetidas vezes, Jesus falava com eles como se não tivessem lido as Escrituras!

Isto é admirável. Dizer aos fariseus: “Nunca lestes nas Escrituras” deve ter sido altamente ofensivo. Jesus lhes disse isso pelo menos seis vezes. A implicação em cada vez é que os leitores da Bíblia que possuíam maior autoridade não sabiam do que falavam. Em essência, Jesus estava dizendo que as palavras e ações deles mostravam que não conheciam as Escrituras. Como pode ser isso? Eles *tinham* lido a Bíblia. Mas algo estava errado. Terrivelmente errado. Algo os impedia de ver o que realmente estava lá. O que estava errado? E o que isto mostra sobre o aspecto sobrenatural de ler as Escrituras?

Se lessem, não teriam condenado inocentes

Um dia, Jesus e seus discípulos estavam andando pelos campos de cereais. Os discípulos estavam famintos e colheram algumas espigas para comer. Era sábado. Os fariseus viram isso e disseram a Jesus:

Eis que os teus discípulos fazem o que não é lícito fazer em dia de sábado. Mas Jesus lhes disse: *Não lestes* o que fez Davi quando ele e seus companheiros tiveram fome? Como entrou na Casa de Deus, e comeram os pães da proposição, os quais não lhes era lícito comer, nem a ele nem aos que com ele estavam, mas exclusivamente aos sacerdotes? Ou *não lestes* na Lei que, aos sábados, os sacerdotes no templo violam o sábado e ficam sem culpa? Pois eu vos digo: aqui está quem é maior que o templo. Mas, *se vós soubésseis o que significa* : Misericórdia quero e não holocaustos, não teríeis condenado inocentes. Porque o Filho do Homem é senhor do sábado (Mt 12.2-8).

Jesus não gostou da condenação de seus discípulos pelos fariseus. Não deviam ter “condenado inocentes” (v. 7). Portanto, houve uma discordância fundamental entre Jesus e os fariseus. Eles disseram que os discípulos eram culpados de pecado – “teus discípulos fazem o que não é lícito”. Três vezes Jesus associou a condenação imprópria dos fariseus ao seu entendimento errado das Escrituras (vv. 3, 5, 7). E duas vezes associou-a à sua incompreensão a respeito dele (vv. 6, 8).

O argumento sobre Davi e seus homens

Primeiro, em Mateus 12.3-4 Jesus se referiu a 1 Samuel 21.1-6, onde lemos que Davi e seus homens fugiam de Saul e precisavam de alimento. Davi convenceu Aimeleque, o sacerdote, a dar-lhe os pães sagrados da proposição.

Não lestes o que fez Davi quando ele e seus companheiros tiveram fome? Como entrou na Casa de Deus, e comeram os pães da proposição, os quais não lhes era lícito comer, nem a ele nem aos que com ele estavam, mas exclusivamente aos sacerdotes?

Em outras palavras, como Jesus sugeriu, há situações em que aqueles que realizam a missão de Deus podem sustentar sua vida por quebrarem leis cerimoniais. Não estou argumentando que Davi e Jesus quebraram realmente essas leis, porque essa não foi a maneira como Jesus defendeu seus discípulos. Ele não disse: “É lícito comer os pães da proposição, e é lícito comer espigas no sábado”. Ele disse que Davi e seus homens comeram o que “*não* lhes era lícito comer” (v. 4).

No entanto, Jesus disse que seus discípulos eram “inocentes” (v. 7). Não porque a lei não fora quebrada, e sim, primeiramente, porque havia tipos de leis que podiam ser quebradas em certas circunstâncias. Ele tratou os fariseus como se nunca tivessem lido a história em 1 Samuel 21.1-6. “Não lestes?” Jesus achou claramente deficiência na leitura bíblica dos fariseus. Eles liam, mas não viam. Algo estava errado .

O argumento dos sacerdotes que profanavam o sábado

Segundo, no versículo 5, Jesus se referiu à provisão na lei de que sacrifícios e pães fossem preparados no sábado pelos sacerdotes, para que ofertas fossem realizadas (Nm 28.9-10; 1 Cr 9.32). Jesus chamou esta preparação de “violiar” o sábado.

Ou *não lestes* na Lei que, aos sábados, os sacerdotes no templo violam o sábado e ficam sem culpa? Pois eu vos digo: aqui está quem é maior que o templo.

Talvez Jesus tenha usado a palavra “violiar” como uma referência irônica à acusação dos fariseus contra o que os discípulos faziam. Os fariseus disseram: “Eis que os teus discípulos fazem o que não é lícito fazer em dia de sábado”. Se isso era o que acontecia, os sacerdotes não somente violavam a lei, mas também eram autorizados a fazer isso pela própria Bíblia. Jesus pensava que os fariseus deviam ter sido capazes de ver isso, quando liam a Bíblia – “não lestes?” Mas eles não viram.

O argumento profético de misericórdia acima de sacrifício

Terceiro, no versículo 7, Jesus abordou um princípio de leitura da Bíblia que tem grandes implicações. Ele disse aos fariseus: “*Se vós soubésseis o que significa* : Misericórdia quero e não holocaustos, não teríeis condenado inocentes”. Isto é uma citação de Oseias, em que Deus castigou seu povo por ocultarem sua pecaminosidade com exibição cerimonial:

Que te farei, ó Efraim? Que te farei, ó Judá? Porque o vosso amor é como a nuvem da manhã e como o orvalho da madrugada, que cedo passa. Por isso, os abati por meio dos profetas; pela palavra da minha

boca, os matei; e os meus juízos sairão como a luz. Pois *misericórdia quero, e não sacrifício*, e o conhecimento de Deus, mais do que holocaustos (Os 6.4-6).

Estas palavras de Oseias – “*misericórdia quero, e não sacrifício*” (do que Jesus também fala em Mt 9.13), não eram uma expressão isolada do coração de Deus. Era um refrão comum do Antigo Testamento:

Tem, porventura, o SENHOR tanto prazer em holocaustos e sacrifícios quanto em que se obedeça à sua palavra? Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender, melhor do que a gordura de carneiros (1 Sm 15.22).

Exercitar justiça e juízo é mais aceitável ao SENHOR do que sacrifício (Pv 21.3).

Sacrifícios e ofertas não quiseste; abriste os meus ouvidos; holocaustos e ofertas pelo pecado não requeres. Então, eu disse: eis aqui estou, no rolo do livro está escrito a meu respeito; agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus meu; dentro do meu coração, está a tua lei (Sl 40.6-8).

Não te repreendo pelos teus sacrifícios, nem pelos teus holocaustos continuamente perante mim. De tua casa não aceitarei novilhos, nem bodes, dos teus apriscos... Oferece a Deus sacrifício de ações de graças e cumpre os teus votos para com o Altíssimo (Sl 50.8-9, 14) .

Com que me apresentarei ao SENHOR e me inclinarei ante o Deus excelso? Virei perante ele com holocaustos, com bezerros de um ano? Agradar-se-á o SENHOR de milhares de carneiros, de dez mil ribeiros de azeite? Darei o meu primogênito pela minha transgressão, o fruto do meu corpo, pelo pecado da minha alma? Ele te declarou, ó homem, o que é bom e que é o que o SENHOR pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus (Mq 6.6-8).

Jesus não estava criticando minúcias quando disse: “Se vós soubésseis o que significa... não teríeis condenado inocentes”. Não era como se os fariseus tivessem negligenciado uma pequena expressão. Jesus estava lhes dizendo que eram cegos para um ensino crucial das Escrituras – *Deus prioriza a misericórdia pelas pessoas acima de meticulosidade cerimonial* . E os fariseus não viam o que estava na Escritura.

Se crêsseis em Moisés, também creríeis em mim

Além de associar a condenação imprópria dos fariseus a seu engano quanto à Bíblia (Mt 12.3, 5, 7), Jesus também a associou ao entendimento errado que eles tinham sobre a sua pessoa (vv. 6, 8). Isto não é surpreendente, porque Jesus viu uma correlação direta

entre entenderem incorretamente a Escritura e o fracasso em reconhecê-lo. “Se, de fato, crêsseis em Moisés, também creríeis em mim; porquanto ele escreveu a meu respeito” (Jo 5.46). “Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos” (Lc 16.31). “Examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim” (Jo 5.39-40) .

Alguém maior do que o templo

A primeira conexão entre Jesus e a condenação de inocentes pelos fariseus está em Mateus 12.5-6:

Ou não lestes na Lei que, aos sábados, os sacerdotes no templo violam o sábado e ficam sem culpa? Pois eu vos digo: aqui *está quem é maior que o templo* .

“Aqui está quem é maior que o templo.” Essa é uma afirmação indireta, mas chocante, quanto ao significado do próprio Jesus. É um argumento do menor para o maior: se o templo, com os sacrifícios, garante a “obra” dos sacerdotes de violar o sábado, quanto mais *a minha presença* garante a provisão para meus discípulos crentes? Se condenaram os discípulos de Jesus, a razão não foi somente que não liam a Bíblia da maneira como Deus tencionava, mas também que não podiam interpretar os atos e as palavras de Jesus. Algo estava profundamente errado.

Senhor do sábado

Finalmente, neste encontro com os fariseus, Jesus disse: “Porque o Filho do Homem é senhor do sábado” (Mt 12.8). Isto eleva a afirmação do versículo 6 a um nível incomparável. “Eu sou o Senhor do sábado.” Ser o Senhor do sábado é ter o direito de decidir o significado do sábado. Isto coloca Jesus no lugar do criador do sábado. As ações e as palavras de Jesus com seus discípulos eram as ações e as palavras de Deus. A glória de Deus estava brilhando – mais intensamente do que se o próprio templo tivesse descido do céu. Tão intensamente como se o criador do sábado houvesse descido em glória. Mas os fariseus não viam a glória peculiar de Deus nas Escrituras e não a viam em Jesus. Não podiam ler as Escrituras, nem reconhecer o Salvador. Algo estava muito errado.

Uma controvérsia sobre o divórcio

Noutra ocasião, Jesus confrontou os fariseus com sua incapacidade de ler concernente ao assunto do divórcio:

Vieram a ele alguns fariseus e o experimentavam, perguntando: É lícito ao marido repudiar a sua mulher por qualquer motivo? Então, respondeu ele: *Não tendes lido* que o Criador, desde o princípio, os fez homem e mulher e que disse: Por esta causa deixará o homem pai e mãe e se unirá a sua mulher, tornando-se os dois uma só carne? De modo que já não são mais dois, porém uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem. Replicaram-lhe: Por que mandou, então, Moisés dar carta de divórcio e repudiar? Respondeu-lhes Jesus: Por causa da dureza do vosso coração é que Moisés vos permitiu repudiar vossa mulher; entretanto, não foi assim desde o princípio. Eu, porém, vos digo: quem repudiar sua mulher, não sendo por causa de relações sexuais ilícitas, e casar com outra comete adultério (Mt 19.3-9).

Quando Jesus disse: “Não tendes lido” Gênesis 1.27 e 2.24, ele mostrou a sua expectativa de que os fariseus extraíssem das Escrituras o que ele estava deixando claro naquele momento. Esperava que percebessem que a provisão de Moisés acerca do divórcio, à qual se referiram com base em Deuteronômio 24.1-4, não estava de acordo com o plano original de Deus para o casamento. Fora dada como uma provisão temporária e inferior por causa da dureza do coração deles (Mt 19.8). E Jesus *não* extraiu a conclusão que, ainda que as pessoas tenham corações endurecidos até hoje, a provisão ainda se aplica aos nossos dias.

Pelo contrário. Algo novo veio ao mundo. O Messias chegou. O resgate chegou (Mc 10.45). Uma nova autoridade chegou: “Ouvistes que foi dito... Eu, porém, vos digo” (Mt 5.20-48). O padrão agora é elevado para os seguidores de Jesus. O padrão retorna ao desígnio original de Deus expresso em Gênesis 1.27 e 2.24. Jesus veio para resgatar o mundo tanto da culpa quanto do poder do pecado. “Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem” (Mt 19.6). Este sempre foi o ideal de Deus. Por isso, Jesus disse aos fariseus: “Não tendes lido?”

Assim como Oseias 6.6 (com todos os seus correlatos no Antigo Testamento) deveria ter impedido os fariseus de condenarem os discípulos de Jesus por apanharem espigas e as comerem no sábado, assim também Gênesis 2.24 deveria tê-los impedido de tratar o divórcio da maneira como o fizeram. Mas eles eram cegos para as

implicações de Gênesis 1.27 e 2.24. Jesus falou com eles como se não tivessem nem mesmo lido o texto.

Confrontando os fariseus quanto ao louvor das crianças

Depois de Jesus haver usado um chicote para expulsar os cambistas do templo e de havê-lo chamado “casa de oração”, cegos e coxos foram até ele para serem curados, e as crianças clamavam: “Hosana ao Filho de Davi!”

Vieram a ele, no templo, cegos e coxos, e ele os curou. Mas, vendo os principais sacerdotes e os escribas as maravilhas que Jesus fazia e os meninos clamando: Hosana ao Filho de Davi!, indignaram-se e perguntaram-lhe: Ouves o que estes estão dizendo? Respondeu-lhes Jesus: Sim; *nunca lestes* : Da boca de pequeninos e crianças de peito tiraste perfeito louvor? (Mt 21.14-16).

Jesus tratou os principais sacerdotes e escribas (à semelhança dos fariseus) como se nunca tivessem lido o Salmo 8. O salmo começa:

Ó SENHOR , Senhor nosso, quão magnífico em toda a terra é o teu nome!
Pois expuseste nos céus a tua majestade. Da boca de pequeninos e crianças de peito suscitaste força, por causa dos teus adversários, para fazeres emudecer o inimigo e o vingador (vv. 1-2).

“Nunca lestes isto?”, Jesus lhes perguntou. Por que ele disse isso? Porque achavam erro no que as crianças diziam. E achavam erro em Jesus por não corrigi-las. As crianças estavam chamando Jesus de Messias, o Filho de Davi. Os principais sacerdotes e escribas não acreditavam que Jesus era o Messias. Por isso ficaram tão incomodados com as crianças. Eram cegos para quem Jesus realmente era. Não tinham olhos para ver a glória de Jesus.

A majestade peculiar que não podiam ver

Por que não? Jesus indica que era por não saberem como ler. Não sabiam o que o Salmo 8 estava dizendo. Era como se não o tivessem lido. O que não captaram no Salmo 8? O ensino do Salmo 8 é que a majestade de Deus brilha em humildade. Certa ocasião, preguei duas mensagens sobre este salmo:¹ uma no Domingo de Ramos, uma na Páscoa. Uma foi sobre um Rei montado num jumento; e a outra foi sobre a majestade do Rei ressuscitado.

O salmo começa e termina com as palavras “Ó SENHOR , Senhor nosso, quão magnífico em toda a terra é o teu nome!” Essa é a afirmação de abertura e de conclusão do salmo. Mas a verdade central do salmo não é a pura majestade de Deus, e sim, em vez disso, a sua majestade em humildade. Crianças suscitam força para emudecer o vingador. E meros homens têm domínio sobre o mundo – homens que dificilmente são notáveis na magnitude do que Deus fez com seus dedos. Por isso, resumi assim o salmo: *Deus vence os seus inimigos com a fraqueza de crianças; ele governa seu mundo com a fraqueza de homens* .

Penso que Jesus tencionava dizer que, se os principais sacerdotes e os escribas tivessem assimilado esta mentalidade do Salmo 8 e do resto das Escrituras, teriam olhos para ver o tipo de Messias que Jesus era. Mas, como é evidente, eles não sabiam quem Jesus era. E Jesus viu isso como se nunca tivessem lido o Salmo 8.

A pedra que os construtores rejeitaram

Outra vez, em Mateus 21.42 Jesus disse aos principais sacerdotes e fariseus: “Nunca lestes nas Escrituras...” Neste caso, o ensino de Jesus é o mesmo formulado com base no Salmo 8. Os fariseus não viam a glória peculiar de um Messias fraco e rejeitado quando liam as Escrituras. Portanto, eles não podiam ver a Jesus à luz de quem ele realmente era.

Jesus acabara de contar a parábolas dos lavradores maus. Nela, o dono de uma vinha manda seu filho para coletar os frutos dos arrendatários. Este filho representa o Filho de Deus enviado a Israel para colher os frutos de arrependimento e obediência. O resultado é que os arrendatários matam o filho. Jesus perguntou aos seus ouvintes o que o dono da vinha, na parábola, faria àqueles arrendatários. Os ouvintes responderam (com sua própria sentença de morte): “Fará perecer horivelmente a estes malvados e arrendará a vinha a outros lavradores que lhe remetam os frutos nos seus devidos tempos” (Mt 21.41).

Em face desta resposta, Jesus disse: “*Nunca lestes nas Escrituras...*” E, em seguida, citou Salmo 118.22-23: “A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular; isto procede do SENHOR e é maravilhoso aos nossos olhos”. No

Salmo 8, o ensino era: *Deus vence os seus inimigos com a fraqueza de crianças; ele governa seu mundo com a fraqueza de homens*. No Salmo 118, o ensino é: *Deus estabelece a glória de seu Messias por meio da dor de rejeição*. Isto é a glória peculiar de Deus em Cristo. Na mente de Jesus, o fato de que os fariseus não o viam desta maneira fazia as coisas parecerem como se nunca tivessem lido o Salmo 118. Mas eles o tinham lido. Algo estava errado.

Os saduceus e a ressurreição dos mortos

Uma vez mais Jesus disse – nesta ocasião, para os saduceus: “Não tendes lido?” Os saduceus eram um grupo que não acreditava na ressurreição dos mortos (Mt 22.23). Por isso, tentaram fazer Jesus parecer tolo por lhe perguntarem de quem certa mulher seria esposa na ressurreição, havendo sido mulher de sete maridos nesta vida. Jesus respondeu: “Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus... quanto à ressurreição dos mortos, *não tendes lido* o que Deus vos declarou: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó [Êx 3.6]? Ele não é Deus de mortos, e sim de vivos” (Mt 22.29, 31-32).

Jesus deixou subentendido que a negação da ressurreição do povo da aliança de Deus (Abraão, Isaque e Jacó) era como admitir que não haviam lido as Escrituras. “Errais, não conhecendo as Escrituras” (Mt 22.29). Jesus pressupôs que a declaração de Deus de seu compromisso pactual com seu povo fiel (“Eu sou vosso Deus”) levava consigo um compromisso perpétuo com eles. Jesus poderia ter usado uma passagem aparentemente mais clara do Antigo Testamento, como Salmo 49.15: “Deus remirá a minha alma do poder da morte, pois ele me tomará para si”. Mas ele estava falando sobre como ler as Escrituras. Estava mostrando que ler envolve mais do que exposição superficial. Ler as Escrituras inclui pensar sobre o que lemos e penetrar nas implicações e não apenas nas afirmações superficiais.

Êxodo 3.6 não diz explicitamente: “Meu povo da aliança será ressuscitado”. Então, é evidente que, ao afirmar: “Não tendes lidos?”, o significado de Jesus era: “Não tendes lido, nem ponderado, nem extraído de Êxodo 3.6 as implicações do que significa para Deus ser uma pessoa de Deus?” A resposta é não, eles

não tinham lido as Escrituras dessa maneira. Nem da maneira como Jesus espera que leiamos.

Na mente de Jesus, ler não é apenas ver coisas na superfície – como a conexão de palavras, frases e cláusulas – e sim as coisas implícitas mais profundamente pelas realidades envolvidas. Portanto, ler é meditar no que é dito não apenas gramaticalmente, mas também – como veremos – essencial e substancialmente. Ou seja, ler inclui fazer perguntas sobre as implicações da realidade significada. Neste caso, Deus é uma realidade. E seu relacionamento com os patriarcas é uma realidade. E, com base na natureza de Deus e na natureza do relacionamento de aliança, há uma implicação – a ressurreição! Se não vemos isso, Jesus diz: “Não lestes?” Os saduceus não viram a implicação. Por que não?

O que estava errado?

Várias vezes neste capítulo até esta altura, dissemos: “Algo estava errado. Terrivelmente errado”. Os peritos em conhecimento bíblico não podiam ler a Bíblia. Por que não? O que os impedia de fazer o tipo de leitura que Jesus esperava? O que veremos é que o problema não era linguístico, gramatical ou histórico. Era moral e espiritual. O que impedia a leitura que Jesus esperava não era capacidades que lhes faltavam, e sim pecados que amavam. O problema não era deficiências mentais, e sim desejos por coisas erradas.

Adulterio espiritual torna impossível a leitura da Bíblia

Jesus disse aos fariseus: “Sabeis, na verdade, discernir o aspecto do céu e não podeis discernir os sinais dos tempos” (Mt 16.3). Esses sinais eram as obras e ações de Jesus. Estes eram os sinais que Jesus disse que eles não podiam ver, porque não eram capazes de ler as Escrituras. O seu Noivo, o seu Messias, viera. Mas não o quiseram. Os seus desejos eram por algo mais.

Eles eram como uma noiva adúltera. Por isso, continuavam pedindo mais sinais, não porque queriam crer que Jesus era seu marido, e sim porque tinham um caso de amor com o mundo. Por isso, Jesus os chamou pelo que eram: “Uma geração má e *adúltera*”

(Mt 16.4). Esta é a razão por que não podiam “discernir”. O coração deles era adúltero – tinham outros amores, além de Jesus. Tinha desejos por coisas erradas. Amavam seus pecados. E, quando a verdade se colocou diante desses desejos, não pôde ser vista como mais desejável do que os pretendentes que eles amavam.

O amante rival: glória humana

Talvez no topo da lista dos desejos impróprios que cegavam os fariseus para as Escrituras e para Jesus, estava o desejo por louvor humano. Eles amavam a glória do homem mais do que a glória de Deus. Surpreendentemente, Jesus disse aos líderes judeus: “O Pai, que me enviou, esse mesmo é que tem dado testemunho de mim. *Jamais tendes ouvido a sua voz*” (Jo 5.37). Jamais tendes ouvido! Apesar de toda a leitura na Palavra de Deus! A maneira como eles liam era tão deficiente, que tudo era distorcido. Eles nunca ouviram a verdadeira voz de Deus. Apesar de todas as maravilhas de Deus; nunca tinham visto a glória peculiar.

O resultado, disse Jesus, é que “não tendes a sua [de Deus] palavra permanente em vós”. A evidência disso é que “não credes naquele a quem ele enviou” (Jo 5.38). Qual é o problema fundamental? Podemos vê-lo no que Jesus disse em seguida:

Sei, entretanto, que *não tendes em vós o amor de Deus*. Eu vim em nome de meu Pai, e não me recebeis; se outro vier em seu próprio nome, certamente, o recebereis. *Como podeis crer, vós os que aceitais glória uns dos outros e, contudo, não procurais a glória que vem do Deus único?* Não penseis que eu vos acusarei perante o Pai; quem vos acusa é Moisés, em quem tendes firmado a vossa confiança. Porque, se, de fato, crêdes em Moisés, também creríeis em mim; porquanto ele escreveu a meu respeito. Se, porém, não credes nos seus escritos, como creereis nas minhas palavras? (Jo 5.42-47).

Penso que isto chega ao âmago da questão. A pergunta retórica no versículo 44 é uma afirmação clara do problema fundamental: “*Como podeis crer, vós os que aceitais glória uns dos outros e, contudo, não procurais a glória que vem do Deus único?*” Transforme essa pergunta retórica numa afirmação: “*Não podeis crer em Jesus porque amais a glória do homem mais do que a glória de Deus*”. Por quê? Porque Jesus é o tipo de Messias que destrói a autoexaltação.

Jesus disse: “Se outro vier em seu próprio nome, certamente, o recebereis” (v. 43). Por quê? Porque esse tipo de messias seria como eles. Confirmaria o caso de amor deles com a autoexaltação. Mas Jesus, como o verdadeiro Messias, ama a Deus e a glória de Deus acima de todas as coisas. E os fariseus não queriam ser isto. Amavam sua própria glória. Por isso, não tinham em si “o amor de Deus”. Por conseguinte, não podiam crer. E não podiam ler.

Desejos impróprios em harmonia com Satanás

Jesus ligou este amor de autoexaltação a Satanás. Ele disse que estes líderes não podiam receber a sua palavra porque os desejos deles estavam em harmonia com Satanás:

Replicou-lhes Jesus: Se Deus fosse, de fato, vosso pai, certamente, me havíeis de amar; porque eu vim de Deus e aqui estou; pois não vim de mim mesmo, mas ele me enviou. *Qual a razão por que não compreendeis a minha linguagem? É porque sois incapazes de ouvir a minha palavra .* Vós sois do diabo, que é vosso pai, e quereis *satisfazer-lhe os desejos .* Ele foi homicida desde o princípio e jamais se firmou na verdade, porque nele não há verdade. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira (Jo 8.42-44) .

Por que não podiam compreender? Porque não suportavam ouvir. Por que não? Porque eram fixos em outros desejos. A questão se resumia a *desejos* . Era uma questão de coração. Não uma questão de cabeça. Desejos impróprios, não deficiências na mente.

Não podeis ver a glória de Deus se amais o dinheiro

O amor por glória humana – os melhores assentos nas sinagogas (Mt 23.6), saudações nas praças (Lc 11.43), lugares de honra nos banquetes (Mc 12.39) – estes não eram os seus únicos desejos adúlteros. Os fariseus amavam também o dinheiro. Mostravam por que esse desejo impróprio os cegava para a verdade de Jesus e para as Escrituras. Jesus ensinou que “ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro ou se dedicará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas” (Lc 16.13). Lucas comentou: “Os fariseus, que eram avaros, ouviam tudo isto e o ridiculizavam” (Lc 16.14).

Jesus ensinou a verdade sobre dinheiro. Mas os fariseus não podiam ouvir estas palavras como belas e convincentes. Podiam ouvi-las apenas como ridículas, porque eram *amantes* de dinheiro (gr., φιλάργυροι). Amantes! Este é o problema! Eles eram adúlteros. Uma geração adúltera. Seu Noivo todo-glorioso e todo-satisfatório viera. Era cheio de beleza e verdade espiritual. Mas eles não podiam ver isso porque tinham outros amores – como o louvor dos homens e o poder do dinheiro. Esta é a razão por que não podiam ver a Jesus e por que não podiam ler as Escrituras.

O problema não era que eles não tinham luz, e sim que amavam as trevas. “O julgamento é este: que a luz veio ao mundo, e os homens *amaram* mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más” (Jo 3.19). Isto resulta num ódio real à luz. “Todo aquele que pratica o mal *aborrece* a luz e não se chega para a luz” (Jo 3.20).

O maior obstáculo: corações pecaminosos

Na qualidade de conclusão, talvez possamos dizer nesta altura: aqueles que amam as trevas e odeiam a luz podem dedicar a vida inteira à leitura das Escrituras e, apesar disso, nunca lerem-nas, ou seja, nunca lerem-nas da maneira como Jesus espera que sejam lidas. Podemos lê-las dia e noite, mas, apesar disso, ouvir Jesus falando em cada ponto: “Nunca tendes lido?” Ou pior: “Jamais tendes ouvido a sua [de Deus] voz” (Jo 5.37).

Os maiores obstáculos à leitura das Escrituras não são intelectuais. Não são falta de capacidade. Pensamento metódico e habilidades literárias são importantes, como veremos na parte 3. Mas *nada cria uma barreira tão grande para vermos o que realmente está nas Escrituras quanto um coração que ama outras coisas mais do que a Deus*. Isto, como vimos no caso dos fariseus, anulará a maior atenção à Escritura. O alvo de Deus para nós, quando lemos as Escrituras, é, acima de tudo, que vejamos e nos deleitemos na glória de Deus como o mais desejável do que qualquer outra coisa. Esse alvo fracassará enquanto nosso coração estiver escravizado ao amor adúltero por nossa própria glória, por dinheiro ou por qualquer coisa criada.

Portanto, se temos de ser bem-sucedidos em ler, como Deus tenciona que leiamos, isso terá de ser um ato sobrenatural. Deus terá

de remover o coração de pedra, com sua dureza e resistência à glória dele, e substituí-lo por um coração de carne, com sua sensibilidade viva ao valor e à beleza de Deus (Ez 11.19; 36.26). Como será esta leitura sobrenatural? Isso é o que veremos no capítulo seguinte.

1 “The Peculiar Marks of Majesty, Part 1” (April 1, 2007), e “The Peculiar Marks of Majesty, Part 2” (April 8, 2007), acesso em 10 março de 2016, http://www.desiringgod.org/messages/the-peculiar-mark-of-majesty-part-1#_ftnref1;
<http://www.desiringgod.org/messages/the-peculiar-mark-of-majesty-part-2>.

Fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente... desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual, para que, por ele, vos seja dado crescimento para salvação.

1 PEDRO 1.23; 2.2

Segundo o seu querer, ele nos gerou pela palavra da verdade... Portanto, despojando-vos de toda impureza e acúmulo de maldade, acolhei, com mansidão, a palavra em vós implantada, a qual é poderosa para salvar a vossa alma.

TIAGO 1.18, 21

DESCRIÇÕES DO NOVO TESTAMENTO DE LER A BÍBLIA COMO UM ATO SOBRENATURAL

“Acolhei, com mansidão, a palavra em vós implantada.”

A necessidade de ler a Bíblia de modo sobrenatural

Os dois capítulos anteriores deixaram claro que a própria Bíblia ensina que sua leitura deve ser um ato sobrenatural. E ficou claro por que é assim. A Bíblia tem de ser lida de modo sobrenatural, não porque ela é pobremente escrita, e sim porque nosso coração é, por natureza, “néscio... e tardo” (Lc 24.25). Estamos em rebelião contra o que Deus escreveu e não podemos nos sujeitar à verdade de que sua dignidade e beleza devem ser mais desejáveis do que qualquer coisa neste mundo (Rm 8.7). Além disso, temos um inimigo sobrenatural que explora nossa natureza rebelde e nos cega para a “luz do evangelho da glória de Cristo” (2 Co 4.4). É por isso que a leitura da Bíblia tem de ser um ato sobrenatural – um ato humano em que Deus nos dá a capacidade imperativa de vermos o supremo valor da sua glória .

Neste capítulo, o alvo *não* é mostrar a necessidade de lermos a Bíblia de modo sobrenatural. Em vez disso, o alvo é examinar como a Bíblia descreve esse ato. Minha esperança é que as descrições bíblicas de interação sobrenatural com a Palavra de Deus causem

uma impressão profunda em nós e nos levem a ler a Bíblia de tal maneira que vejamos as glórias de Deus e sejamos mudados por elas.

O novo nascimento e o ato sobrenatural de ler

A maneira como lemos a Bíblia é influenciada profundamente por nosso entendimento de como fomos nascidos de novo. Jesus disse a Nicodemos: “Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus” (Jo 3.3). E explicou o significado, dizendo:

O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito. Não te admires de eu te dizer: importa-vos nascer de novo. O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito (Jo 3.6-8).

Todos os seres humanos são “nascidos da carne”. Ou seja, nascemos naturalmente, pela primeira vez, por meios humanos comuns. Nessa condição natural, como vimos no capítulo 11, somos espiritualmente mortos (Ef 2.5). Não tínhamos sensibilidades espirituais. Por *espirituais*, queremos dizer *criadas, formadas e sustentadas* pelo Espírito Santo. Não éramos espirituais nesse sentido. Por isso, éramos cegos para a realidade espiritual (2 Co 4.4), como o valor e a beleza fascinantes da glória de Deus em Cristo. Éramos apenas “naturais”, “nascidos da carne”, e, como Paulo diz, “o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente” (1 Co 2.14). Isso significa que temos de nascer de novo – temos de receber vida espiritual – para que vejamos as coisas do Espírito como elas realmente são: mais belas e mais preciosas do que todos os tesouros da terra.

A coisa crucial a sabermos, para os nossos propósitos aqui, é que o novo nascimento acontece *por meio da Palavra de Deus*. Isto é a razão por que entender o novo nascimento é tão importante em moldar a maneira como lemos a Bíblia. Duas passagens-chave fazem a conexão entre o novo nascimento e o modo como lemos a Bíblia: Tiago 1.18-21 e 1 Pedro 1.23-2.3. Vamos examiná-las separadamente.

Gerados pela Palavra da verdade

Tiago descreve o novo nascimento como um ato soberano de Deus, pelo qual ele nos dá vida “pela palavra da verdade”.

Pois, segundo o seu querer, *ele nos gerou pela palavra da verdade*, para que fôssemos como que primícias das suas criaturas... despojando-vos de toda impureza e acúmulo de maldade, *acolhei, com mansidão, a palavra em vós implantada*, a qual é poderosa para salvar a vossa alma (Tg 1.18, 21).

A expressão “segundo o seu querer” enfatiza que isto é um ato soberano de Deus. Ele fez isto. Nós não o fizemos. Um bebê recém-nascido não causa sua própria existência. Então, devemos pensar muito conscientemente aqui: isto é um ato sobrenatural. Deus o fez. Mas ele não o fez sem uma causa secundária. Deus é a causa primária e decisiva. Mas ele usa uma causa secundária, ou seja, “a palavra da verdade”. “Ele nos gerou *pela palavra da verdade*” (v. 18).

A expressão “palavra da verdade” talvez seja uma referência direta ao evangelho de Jesus Cristo (que, como veremos em seguida, é a maneira como Pedro fala da Palavra regeneradora). Mas Tiago não enfatiza qualquer significado restrito de “palavra da verdade”. O que ele deixa claro é que esta “palavra” foi o agente de Deus em causar o novo nascimento, e esta palavra é verdadeira. Deus nos gerou “pela palavra da verdade”. Poucos versículos depois, sabemos também que Tiago nos exorta a sermos “praticantes *da palavra*” (1.22) e relaciona essa “palavra” à “lei perfeita, lei da liberdade” (1.25), que inclui o mandamento “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (2.8). Portanto, não estou inclinado a tratar a “palavra da verdade”, em Tiago 1.18, de modo restrito. É a Palavra de Deus e, também, é verdadeira. Este é o foco explícito. Devemos nossa nova vida ao milagre da Palavra de Deus.

Acolhei a Palavra implantada, continuamente

Em seguida, vem a conexão definitiva com a leitura constante da Palavra de Deus. Tiago 1.21 diz: “Acolhei, com mansidão, a palavra em vós implantada, a qual é poderosa para salvar a vossa alma”. Tiago vê “a palavra da verdade” como implantada em nós. Em outras palavras, a Palavra que nos fez nascer de novo não veio e foi embora. Ela veio e ficou. Usando as palavras de Jesus, a Palavra

“permanece” em nós (Jo 15.7). Servindo-nos de uma analogia moderna, poderíamos dizer que Deus nos dá vida com a semente de seu DNA, e agora esse DNA gerado da Palavra se torna nosso. E define quem somos como novas criaturas em Cristo .

Depois, vem a admirável conexão com a leitura. Tiago diz que esta “palavra implantada” deve ser acolhida “com mansidão”. A Palavra de Deus vem não apenas no momento do novo nascimento. Devemos acolhê-la continuamente. E este acolhimento contínuo da Palavra é poderoso “para salvar a vossa alma”. Veremos esta mesma conexão em 1 Pedro 2.2 – “desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual, para que, por ele, vos seja dado crescimento *para salvação* ”. Nossa salvação final não se deve simplesmente a uma vacinação espiritual que recebemos no novo nascimento. Pelo contrário, ela se deve a isso *e* à vida espiritual sustentada pelo recebimento contínuo da Palavra.

Seremos salvos, no último dia, porque somos “vivos”. Temos a *vida* eterna. E Tiago está ressaltando que esta vida não é apenas o dom de nascimento num momento passado, e sim uma realidade permanente de comunhão vital com Deus, sustentada pelo acolhimento contínuo da Palavra de Deus. Bebês nascem, e bebês respiram. Cristãos nascem, e cristãos acolhem a Palavra.

Um acolhimento sobrenatural

Três características marcam este “acolher” da Palavra como sobrenatural. Primeira, é poderoso “para salvar a vossa alma” – o que não é um efeito de causas meramente naturais. Segunda, esta Palavra, embora possamos ouvi-la cada dia na Bíblia ou de várias pessoas, está “implantada”. E está implantada por causa do milagre sobrenatural do novo nascimento. Em um sentido, a semente de toda a verdade de Deus está enraizada em nossa alma. Por isso, embora a recebamos da Bíblia, nós a acolhemos como implantada sobrenaturalmente. Terceira, devemos acolhê-la “com mansidão”. Tiago usa esta palavra mais uma vez. Em Tiago 3.13, ele se refere à “mansidão de sabedoria”. E a sabedoria da qual ele fala é contrastada com a sabedoria que é “terrena, animal”. A sabedoria que é mansa é a sabedoria que “desce lá do alto” (Tg 3.17).

Portanto, a mansidão com a qual acolhemos a Palavra implantada é uma mansidão sobrenatural. É fruto do Espírito (Gl 5.23).

Ler a Palavra é nossa vida

Portanto, o fato de que somos gerados “pela palavra da verdade” é profundamente importante para entendermos como lemos (e, assim, acolhemos) a Palavra de Deus. A Palavra nos deu vida eterna. E o acolhimento contínuo da Palavra sustenta nossa vida eterna – salva a nossa alma. Este acolhimento contínuo pode acontecer de vários modos – por pregação, exortação mútua, aulas bíblicas e mais. Entretanto, a Escritura é comum a todos eles. Sua raiz foi plantada em nós de maneira indestrutível pela regeneração. E, pelo resto de nossa vida, essa Palavra implantada nos atrai às Escrituras como sua expressão mais plena. E nós a acolhemos como nossa vida.

Pedro e Tiago falam unânimes

O paralelismo entre Tiago 1.1-21 e 1 Pedro 1.23-2.3 não é do tipo que prova que Tiago ou Pedro copiaram um ao outro, nem que usaram uma fonte comum. Pelo contrário, esse paralelismo mostra que, entre os escritores da Bíblia, achamos uma maneira de pensar semelhante a respeito de como o novo nascimento acontece por meio da Palavra de Deus e como o acolhimento contínuo da Palavra de Deus sustenta a vida. O paralelismo é notável. Primeiramente, eis a passagem de 1 Pedro 1.23-2.3 :

Fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente . Pois toda carne é como a erva, e toda a sua glória, como a flor da erva; seca-se a erva, e cai a sua flor; a palavra do Senhor, porém, permanece eternamente. Ora, esta é a palavra que vos foi evangelizada . Despojando-vos, portanto, de toda maldade e dolo, de hipocrisias e invejas e de toda sorte de maledicências, desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual , para que, por ele, vos seja dado crescimento para salvação, se é que já tendes a experiência de que o Senhor é bondoso.

Observe o paralelismo:

Tiago 1.18-21	1 Pedro 1.23-2.3
Ele nos gerou	Fostes regenerados

pela palavra da verdade	mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente
despojando-vos de toda impureza	Despojando-vos de toda maldade
com mansidão	como crianças recém-nascidas
acolhei a palavra em vós implantada	desejai ardentemente o genuíno leite espiritual
a qual é poderosa para salvar a vossa alma	para que, por ele, vos seja dado crescimento para salvação

Continue desejando e bebendo a Palavra

Sou tentado a acrescentar outro paralelismo, mas não é tão claro. Em Tiago, a Palavra que acolhemos de maneira contínua é a “palavra em vós implantada”. Dizendo de outra maneira, a Palavra entrou em nós e tornou-se parte de nós e nos dá uma disposição constante para com a Palavra de Deus. Isto seria correspondente a 1 Pedro 2.3: “Se é que já tendes a experiência de que o Senhor é bondoso”? Tenha desejo ardente pelo genuíno leite da Palavra, porque ela já entrou em você, e nela você tem provado a bondade do Senhor. Portanto, assim como em Tiago 1.21 a Palavra foi implantada, assim também em 1 Pedro 2.3 a Palavra tem sido experimentada.

Isso pode ser um exagero. Mas o que não é um exagero é o fato de que Pedro, assim como Tiago, conecta o acolhimento contínuo (beber) da Palavra com o primeiro despertar da Palavra no novo nascimento. Esta primeira experiência da Palavra de Deus é chamada *implantar* em Tiago 1.21 e em 1 Pedro 2.3 é chamada *ter a experiência*. Este implantar e este ter a experiência aconteceram no milagre sobrenatural do novo nascimento. E, tanto para Tiago quanto para Pedro, o milagre dessa Palavra implantada e experimentada continua acontecendo. Em Tiago, a Palavra deve ser “acolhida”. Em Pedro, deve ser “desejada ardentemente”.

Em ambos, este acolher e este beber são os meios de Deus de salvação final. Acolher a Palavra implantada é poderoso “para salvar a vossa alma” (Tg 1.21). Beber o genuíno leite da Palavra nos dá “crescimento para salvação” (1 Pe 2.2). Isso significa que acolher

e beber a Palavra são atos sobrenaturais. Processos naturais não salvam a alma. Processos naturais não produzem crescimento para salvação. Mas acolher a Palavra e beber a Palavra produzem. Não são meramente naturais. É um milagre a Palavra de Deus ser implantada em nós; é um milagre nós provarmos a doçura da bondade de Deus. Desse momento em diante, toda leitura que fazemos na Palavra de Deus deve ser uma extensão desse milagre na vida diária – até que crescamos “para salvação” .

Recebendo a Palavra de modo sobrenatural em Tessalônica

Outro exemplo de acolhimento sobrenatural da Palavra de Deus se acha na primeira carta de Paulo aos tessalonicenses. É especialmente digno de observação porque Paulo ressalta a natureza maravilhosa e miraculosa deste acolhimento. Neste caso, é o recebimento de uma palavra *oral* . Mas, quer o recebimento seja oral, por meio de ouvir, quer seja visual, por meio de leitura, o argumento é o mesmo. Uma palavra humana – comunicada por um apóstolo de Cristo – foi recebida como a própria Palavra de Deus e, deste modo, comprovou ser sobrenaturalmente viva e poderosa:

Outra razão ainda temos nós para, incessantemente, dar graças a Deus: é que, tendo vós recebido a palavra que de nós ouvistes, que é de Deus, acolhestes não como palavra de homens, e sim como, em verdade é, a palavra de Deus, a qual, com efeito, está operando eficazmente em vós, os que credes. Tanto é assim, irmãos, que vos tornastes imitadores das igrejas de Deus existentes na Judéia em Cristo Jesus; porque também padecestes, da parte dos vossos patrícios, as mesmas coisas que eles, por sua vez, sofreram dos judeus (1 Ts 2.13-14).

Uma palavra anunciada e entregue de modo sobrenatural

Note três aspectos sobrenaturais do que aconteceu. Primeiro, a palavra entregue por Paulo é chamada “a palavra de Deus”. Não é qualquer palavra comum. Como ele a descreve em 1 Coríntios 2.13, ela não é palavra ensinada “pela sabedoria humana”, e sim “pelo Espírito”. Ou, como Paulo diz em Gálatas 1.12, ele não a recebeu, nem a aprendeu “de homem algum, mas mediante revelação de

Jesus Cristo”. É uma palavra recebida sobrenaturalmente de Deus e entregue sobrenaturalmente no poder do Espírito (1 Ts 1.5).

Agradecimento a Deus e não ao homem

Segundo, Paulo *agradece* a Deus pelo fato de que os tessalonicenses receberam sua palavra como a própria Palavra de Deus. Paulo sabe que isto não acontece sempre. Para alguns de seus ouvintes, Paulo é o aroma de morte para morte (2 Co 2.16). Mas aconteceu para estes cristãos em Tessalônica. E Paulo exulta com gratidão. Seu agradecimento não é dirigido a seus próprios dons retóricos ou ao discernimento espiritual dos tessalonicenses. Paulo exulta com gratidão *a Deus*. “Outra razão ainda temos nós *para*, incessantemente, *dar graças a Deus*: é que, tendo vós recebido a palavra que de nós ouvistes, que é de Deus, acolhestes não como palavra de homens, e sim como, em verdade é, a palavra de Deus” (1 Ts 2.13). Foi um milagre da graça soberana. Deus concedeu aos olhos dos tessalonicenses que vissem a autoconfirmadora “luz do evangelho da glória de Cristo” (2 Co 4.4). Foi por isso que eles receberam a palavra de homem como a Palavra de Deus.

A palavra despertou alegria e coragem sobrenaturais

Terceiro, esta palavra apostólica, recebida como Palavra de Deus, não era uma palavra inativa. Não era ineficaz. A própria Palavra, diz Paulo, “está operando eficazmente em vós, os que credes” (1 Ts 2.13). O que isso significa? Paulo explica no versículo 14: “Tanto é assim, irmãos, que vos tornastes imitadores das igrejas de Deus existentes na Judéia em Cristo Jesus; porque também padecestes...” A prontidão deles para sofrer por Cristo foi a evidência de que a Palavra de Deus estava operando neles.

Como isto aconteceu? Paulo já havia explicado em 1 Tessalonicenses 1.5-6: “O nosso evangelho não chegou até vós tão-somente em palavra, mas, sobretudo, em poder... vos tornastes imitadores nossos e do Senhor, tendo recebido a palavra, posto que em meio de muita tribulação, com alegria do Espírito Santo”. Como a palavra divina os capacitou a sofrer por Cristo? Por dar-lhes a

“alegria do Espírito Santo”. O Espírito de Deus abriu os olhos deles para verem a glória de Cristo na Palavra de Deus, e esta visão da “luz do evangelho da glória de Cristo” os encheu de alegria. E esta alegria cortou as raízes do medo e do egoísmo. Libertou aqueles cristãos para sofrerem, em vez de renegarem o Cristo todo-suficiente que eles tinham visto no evangelho.

Este padrão de receber a Palavra continua

Em reação a isto, minha pergunta é: há alguma razão para pensarmos que este padrão de receber a palavra apostólica deveria parar? Podemos realmente imaginar que Paulo diria: “No começo da vida cristã de vocês, a minha palavra chegou até vocês como a Palavra de Deus, no poder do Espírito Santo. E, como Deus estava operando, vocês receberam minha palavra como a Palavra de Deus. E, pelo Espírito Santo, essa palavra produziu em vocês uma grande alegria que transformou tão profundamente a vida de vocês, que sofreram por Cristo, sustentados por essa alegria. Toda a experiência foi amplamente sobrenatural. Mas agora, no restante da vida cristã de vocês, a leitura de minhas epístolas pode ser feita de uma maneira totalmente natural”? Pergunto-lhe: você pode imaginar Paulo dizendo algo assim? Eu não posso.

Pelo contrário. Parece claro para mim que, desde o primeiro dia em diante, os tessalonicenses – e todos os cristãos com eles! – deveriam *agradecer a Deus* pelo fato de que existe, realmente, uma Palavra de Deus. Devemos *agradecer a Deus* por que recebemos esta palavra como a própria Palavra de Deus, embora chegue a nós em palavras humanas. Devemos *agradecer a Deus* pelo fato de que ela está operando em nós, pelo Espírito, abrindo nossos olhos para o tesouro da glória de Cristo e nos enchendo de alegria. E devemos *agradecer a Deus* por que esta palavra divina é tão maravilhosamente poderosa, que estamos dispostos a sofrer a perda de qualquer coisa neste mundo, em vez de perdermos a Cristo. Em outras palavras, do começo ao fim, o encontro cristão com a Palavra – que inclui toda a nossa leitura da Bíblia – é uma obra de Deus. Temos de agradecer a Deus. Ele planejou que ler a Bíblia seja sobrenatural.

A Palavra de Deus é viva e ativa

Paulo não é o único escritor do Novo Testamento que atrai a atenção para o fato de que a Palavra de Deus “está operando eficazmente em vós, os que credes” (1 Ts 2.13). Este verbo “está operando” (gr., *nerge²tai*, *energeitai*) tem uma forma de substantivo em Hebreus 4.12 – “Porque a palavra de Deus é viva e eficaz [gr., *nergōn*, *energēs*]”. Eis o contexto:

Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração. E não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas (Hb 4.12-13).

Onde a Palavra opera, Deus opera

Como seria agradável e frutífero deter-nos nos detalhes deste texto e extrair suas maravilhas. Mas estamos procurando principalmente uma coisa: a maneira como a Bíblia trata a leitura da Palavra de Deus como sobrenatural. Talvez a coisa mais notável sobre este texto seja a mudança da obra “viva”, “eficaz”, “cortante” e discernente da Palavra, no versículo 12, para a ação de Deus mesmo, no versículo 13. O versículo 12 descreve a maneira como a Palavra de Deus sonda as profundezas e segredos da alma humana – até à divisão de alma e espírito, juntas e medulas. Descreve como a Palavra de Deus expõe “os pensamentos e propósitos do coração”. E, em seguida, sem interrupção, o escritor diz: “E não há criatura que não seja manifesta na *sua* presença”. Estamos todos “descobertas e patentes aos olhos” de Deus – aquele a quem prestaremos contas. O escritor muda diretamente da obra da Palavra para a obra de Deus.

A implicação é clara: onde a Palavra de Deus opera, Deus opera. Deus é aquele que dá vida à Palavra. É aquele que a torna eficaz. É aquele que usa a Palavra como um bisturi para penetrar, dividir e expor as intenções secretas do coração. Portanto, se o nosso alvo é encontrar-nos com a Palavra de Deus como este escritor tenciona que o façamos, leremos a Bíblia com esperança, fé e expectativa de que nos encontraremos com Deus mesmo. E isso significa que o encontro é sobrenatural.

A Palavra guerreia contra inimigos externos

A operação da Palavra de Deus nos crentes é não somente para a exposição dos segredos do coração. Certamente, isso é um grande dom e contribui para o arrependimento. E o que é o arrependimento, senão o sair das vaidades do mundo para entrar no tesouro de tudo que Deus é para nós em Jesus? E o que é este entrar, senão a grande fonte de uma vida transformada? Mas os inimigos de nossa alma não são apenas os enganos de nosso íntimo que nos seduzem a pensar que o mundo é melhor do que o Criador.

Também temos inimigos – inimigos sobrenaturais – fora de nós. E o alvo deles é arruinar-nos por seduzirem-nos a pensar e achar que a glória de Cristo é menos satisfatória do que “a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida” (1 Jo 2.16). Satanás enganou Adão e Eva com estas coisas, no princípio. E ele continua enganando.

Estes são os ídolos que destroem a alma. E João termina sua primeira epístola com estas palavras: “Filhinhos, guardai-vos dos ídolos” (1 Jo 5.21). Ou seja, não amem “o mundo nem as coisas que há no mundo” mais do que amam o Pai (1 Jo 2.15). Como devemos vencer um inimigo sobrenatural que nos tenta a amar o mundo mais do que a Deus?

A Palavra permanece em nós e vencemos

João dá a sua resposta: “Jovens, eu vos escrevi, porque sois fortes, e a *palavra de Deus permanece em vós, e tendes vencido o Maligno*” (1 Jo 2.14). É deste modo que o Maligno é vencido, quando tenta nos enganar dizendo que as coisas do mundo são mais satisfatórias do que Deus – até as melhores coisas, a própria criação e as bênçãos de Deus. Vencemos as mentiras do Maligno pela *Palavra de Deus que permanece em nós*.

Portanto, nosso alvo em ler a Bíblia é que a Palavra de Deus permaneça em nós e tenha este tipo de efeito. Lemos a Palavra com o alvo de vencer o Maligno. Isso é uma obra do poder divino e não de nossa esperteza. O Diabo não foge diante do poder da vontade humana. Ele foge diante do poder da verdade de Deus. E a Palavra de Deus é o instrumento do Espírito nessa guerra. Portanto, em toda a nossa leitura bíblica, almejamos que a Palavra de Deus permaneça

em nós com esse poder. Esse é o tipo de leitura bíblica para o qual Deus nos chama – um engajamento sobrenatural com uma Palavra divina e um inimigo demoníaco.

A soberana alegria do Espírito Santo

Concluo este capítulo com mais um vislumbre em como a Palavra de Deus vence os enganos do Maligno. Com base em 1 Tessalonicenses 1.6 e 2.13, lembre como a Palavra de Deus estava operando nos cristãos de Tessalônica. Estava produzindo neles uma alegria invencível que os capacitava a sofrer, em vez de renunciarem o tesouro de Cristo por causa de conforto e segurança. É desse modo que Satanás é derrotado. Quando ele vem, contando-nos a mentira de que renunciar a Cristo é melhor do que sofrer, nós lhe resistimos pela fé na Palavra de Deus, que nos diz exatamente o contrário. Há mais alegria, agora e para sempre, na glória de Jesus do que em qualquer coisa deste mundo.

Jesus disse que esta é a razão por que ele nos deu sua palavra: “Tenho-vos dito estas coisas para que o meu gozo esteja em vós, e o vosso gozo seja completo” (Jo 15.11). O alvo de Jesus, quando lemos suas palavras, é que sua *alegria* esteja em nós. Seu alvo *não* é que sua alegria aconteça naturalmente em nós, quando lemos suas palavras. Seu alvo é que *sua* própria alegria – divina, sobrenatural – se torne nossa alegria. Isto não é uma alegria meramente natural. Não é uma reação a palavras naturais. É um efeito miraculoso de palavras divinas. É uma alegria sobrenatural.

Para os tessalonicenses, Paulo disse que era a “alegria do Espírito Santo” (1 Ts 1.6). Esta é a única alegria que pode enfrentar o engano sobrenatural de Satanás quando ele apresenta os prazeres do mundo em cores espetacularmente atraentes. Jesus disse que foi por isto que ele nos deu suas palavras. É por isto que devemos lê-las. Não é um ato meramente natural. É sobrenatural.

O caminho para a glória

Deus nos deu sua Palavra e quer que a leiamos de modo sobrenatural. Devemos acolhê-la constantemente como uma palavra que nos deu vida por haver sido implantada de modo sobrenatural em nós, por meio do Espírito, no novo nascimento (Tg 1.18, 21).

Devemos desejá-la como um bebê deseja o leite, porque há um gosto dado pelo Espírito para com a bondade plenamente satisfatória de Deus (1 Pe 2.2-3).

Cada vez que lemos a Palavra de Deus, devemos agradecer-lhe pelo fato de que temos a graça dada por ele para recebê-la como a Palavra de Deus nas palavras de homens (1 Ts 2.13). Devemos acolher o efeito vivificante, eficaz, penetrante, divisor e revelador da Palavra de Deus como a própria presença de Deus (Hb 4.12-13). Devemos guardar as palavras de Deus em nós, para que as tentações de Satanás fracassem, enquanto a Palavra de Deus permanece (1 Jo 2.14).

E devemos ouvir a Jesus quando nos fala nas Escrituras, para que sua alegria – a alegria sobrenatural do Filho de Deus – seja a nossa alegria, e a nossa alegria seja completa (Jo 15.11). Este é o caminho de mudança de glória em glória (2 Co 3.18). Este é o caminho para a consumação de todas as coisas. É, também, um caminho sobrenatural.

Transição para a Parte 3

Parte 3

O ATO NATURAL DE LER A BÍBLIA DE MODO SOBRENATURAL

Ambos os fatos procedem do Espírito Santo – ou seja, cremos verdadeiramente que a Escritura é a Palavra de Deus, e nela entendemos, de maneira salvífica, a mente de Deus.

JOHN OWEN

INTRODUÇÃO

À PARTE 3

O alvo da parte 3 é estimular uma profunda dependência de Deus e do uso mais pleno de nossos poderes naturais no ato sobrenatural de ler a Bíblia. Explicarei em seguida o que significa “poderes naturais”. Mas, primeiramente, permita-me oferecer um resumo de como chegamos aqui e mostrar por que acho que nossos poderes naturais têm de ser usados de modo sobrenatural.

Como chegamos aqui

A proposta que ofereci na parte 1 foi que, de acordo com a própria Bíblia,

nosso alvo supremo em ler a Bíblia é que a dignidade e a beleza infinitas de Deus sejam exaltadas através da adoração fervorosa e eterna da noiva de Cristo, comprada por sangue, formada de pessoas procedentes de todo povo, língua, tribo e nação.

Implícita na adoração fervorosa de um povo aperfeiçoado, estava a transformação dramática de pecadores egoístas em santos irrepreensíveis e centrados em Deus. Essa transformação é, a princípio, um processo de ser mudado, crescentemente, por meio de ver a glória do Senhor (2 Co 3.18). Então, o processo chega a uma consumação gloriosa no aparecimento de Cristo, no fim do tempo. E, admiravelmente, até esse passo final de glorificação acontece por vermos a glória do Senhor: “Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é” (1 Jo 3.2).

Esta visão da glória do Senhor – “como em espelho, obscuramente”, durante esta vida e, depois, “face a face”, quando o Senhor vier (1 Co 13.12) – não é mera visão natural. Não é neutra, nem desagradável. É uma visão de Jesus como ele realmente é:

supremamente valioso e mais satisfatório do que qualquer coisa neste mundo (Fp 1.21; 3.8). Portanto, é um ver e um deleitar-se em Cristo. Juntos, eles são a chave para a transformação que prepara a noiva para seu destino de adoração fervorosa.

Este ver, que causa este deleite transformador, acontece por meio da leitura da Bíblia – a nossa própria leitura ou a de outra pessoa que nos fala o que leu. Deus resolveu reunir e transformar um povo para seu Filho por meio do uso de um livro. Isto é admirável. E é verdadeiro. Deus planejou que a consumação dos tempos seja vinculada ao poder transformador da Palavra de Deus escrita. O resultado é garantido, porque Deus vela “sobre a... [sua] palavra para a cumprir” (Jr 1.12). A causa imperativa de nosso ver e nosso desfrutar é Deus.

Isso é o que foi considerado na parte 2 do livro. A leitura da Bíblia que vê a glória do Senhor é uma leitura sobrenatural. É uma leitura que depende de Deus quanto ao seu efeito necessário e categórico de realizar os propósitos de Deus. E este é o único tipo de leitura que prepara o povo de Deus para seu destino final.

Agora, chegamos à parte 3, intitulada “O Ato Natural de Ler a Bíblia de Modo Sobrenatural”. Nesta parte final do livro, o alvo, como já dissemos, é estimular uma profunda dependência de Deus e do uso mais pleno de nossos poderes naturais no ato sobrenatural de ler a Bíblia.

O que podemos fazer porque somos humanos

Na expressão “poderes naturais”, estou me referindo à nossa capacidade de ver e ouvir, nossa capacidade de focalizar-nos em palavras escritas ou faladas, nossa capacidade de aprender o significado de palavras, expressões e frases, nossa capacidade de formular a intenção de um autor com base no que ele escreveu, nossa capacidade de pensar no que aprendemos, avaliá-lo e relacioná-lo com outras coisas, nossa capacidade de lembrar coisas que aprendemos, nossa capacidade de escrever nossos pensamentos, nossa capacidade de ter sono, alimento e exercícios suficientes para que nossos poderes tenham prontidão mental e vigor físico, nossa capacidade de buscar ajuda de outras pessoas (mortas ou vivas) e assim por diante. Em resumo, estou me referindo a tudo que somos

capazes de fazer por haveremos nascido como seres humanos e recebido uma educação básica, com experiência de vida normal .

Portanto, como você pode imaginar, as possibilidades para esta parte do livro são ilimitadas. As possíveis intersecções entre a Bíblia e a variedade de poderes humanos são incontáveis. As possibilidades de orientações para ajudar alguém a ler a Bíblia de maneira frutífera são tão numerosas quanto as pessoas, circunstâncias e agrupamentos de palavras que existem na Bíblia. Uma discussão de como todas estas variáveis se relacionam com a leitura da Bíblia poderia continuar para sempre. Por isso, tenho de achar uma maneira de reduzir esta parte do livro a algo útil, mas não exaustivo.

Limitando nossa discussão do ato de ler

Quando chegar ao capítulo 20, explicarei mais completamente como estou restringindo minha discussão do ato de ler natural e espontâneo. Mas direi aqui, em poucas palavras, que não tenciono discutir as diferentes orientações para lermos diferentes tipos de escrito na Bíblia, como narrativa, provérbio, parábola, poesia e outros. Há bons livros que fazem isso melhor do que eu poderia fazê-lo. ¹ Minha abordagem está baseada na observação simples de que, antes de alguém discernir de um texto que tipo de *escrito* ele é, o texto precisa ser lido. Isso significa que há importantes estratégias gerais de leitura que acontecem *antes* de podermos deixar que certo tipo de leitura determine como devemos lê-lo.

Focalizarei na parte 3 o que fomenta uma boa leitura, antes de descobrirmos que tipo de escrito estamos lendo. Este ler é, de fato, o que nos capacita a discernir com que tipo de escrito estamos lidando e se o autor quer que apliquemos métodos ou expectativas incomuns para entendermos seu escrito. Escolhi esta abordagem não somente porque a outra abordagem demandaria muito mais espaço, mas principalmente porque esta maneira de pensar sobre a leitura tem sido muito frutífera em minha vida. A maior parte do que tenho visto na Escritura procede não de eu aprender regras para cada tipo de escrito, mas, antes, da disciplina mais básica de olhar demorada e atentamente para o que realmente está lá. Explicarei isto posteriormente, no capítulo 20.

O caminho natural para revelação sobrenatural

Retorno agora à primeira sentença desta introdução: o meu alvo na parte 3 é *estimular uma profunda dependência de Deus e do uso mais pleno de nossos poderes naturais no ato sobrenatural de ler a Bíblia*. Não estou dizendo que devemos ler a Bíblia de modo natural e esperar que isso tenha algum efeito sobrenatural e espiritual *num tempo posterior*. Receio que essa é maneira como as pessoas leem a Bíblia. Leem-na de uma maneira puramente humana e esperam – até oram – por algum impacto mais do que humano. Em vez disso, quero encorajá-lo a dar cada passo de sua leitura natural de um modo sobrenatural. Quero que você leia a Bíblia de uma maneira que só é possível porque Deus mesmo está em você, pelo Espírito Santo, criando um encontro sobrenatural com a Bíblia.

Quando Pedro proferiu a declaração perfeitamente humana para Jesus: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16.16), Jesus lhe disse: “Não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus” (Mt 16.17). Isso significa que o reconhecimento de Jesus para as palavras de Pedro foi sobrenatural – além do que a carne e o sangue (natureza humana) podem fazer. Evidentemente, Pedro precisou ser informado disto. Se tivesse saído sozinho para a floresta em busca de uma voz procedente do céu, e Deus lhe houvesse dito em voz poderosa: “Jesus é o Cristo e meu Filho divino”, Pedro não teria necessidade de ser informado de que: “Meu Pai, que está nos céus, lhe revelou isto”.

No entanto, Pedro não recebera a revelação desta maneira. Ele havia visto a Jesus. Havia ouvido. E talvez orado por sabedoria – talvez Salmo 119.18: “Abre meus olhos”. O resultado foi que Pedro viu as marcas incontestáveis da realidade de Jesus. Isso é o que precisava de explicação. Em um nível, tudo parecera bem natural. Ele necessitava apenas de uma explicação do que realmente acontecera. Por isso, em essência, Jesus disse: “Pedro, meu Pai tem agido em tudo que você tem visto, ouvido e orado. E fez você ver o que realmente está aqui: minha glória autoconfirmadora. Seu ver, seu ouvir e seu orar não têm sido *meramente* naturais. Têm sido sobrenaturais, também. Meu Pai tem estado em seu ver, seu ouvir e seu orar. O que você viu, ouviu e recebeu por meios naturais foi, realmente, visto, ouvido e recebido de modo sobrenatural”.

Isso é o que estou querendo dizer com a expressão “o uso mais pleno de nossos poderes *naturais* no ato *sobrenatural* de ler a Bíblia”. A parte 3 trata disso – o uso mais pleno de nossos poderes *naturais* no ato de ler a Bíblia, mas em tal dependência de Deus que vemos e desfrutamos a glória de Deus de maneiras que, do contrário, jamais desfrutaríamos.

¹ Ver, por exemplo, entre muitos: The Literary Guide to the Bible, ed. Robert Alter e Frank Kermode (Cambridge, MA: Belknap Press, 1990); A Complete Literary Guide to the Bible, ed. Leland Ryken e Tremper Longman (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1999); Leland Ryken, A Complete Handbook of Literary Forms in the Bible (Wheaton, IL: Crossway, 2014); Andreas J. Köstenberger e Richard D. Patterson, For the Love of God’s Word: An Introduction to Biblical Interpretation (Grand Rapids, MI: Kregel, 2015); Robert H. Stein, A Basic Guide to Interpreting the Bible: Playing by the Rules, 2nd ed. (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2011); Jason S. DeRouchie, How to Understand and Apply the Old Testament: Twelve Steps from Exegesis to Theology (Phillipsburg, NJ: P&R, 2017); Andrew David Naselli, How to Understand and Apply the New Testament: Twelve Steps from Exegesis to Theology (Phillipsburg, NJ: P&R, 2017).

Não sejais meninos no juízo; na malícia, sim, sede crianças; quanto ao juízo, sede homens amadurecidos.

1 CORÍNTIOS 14.20

Pela graça de Deus, sou o que sou; e a sua graça, que me foi concedida, não se tornou vã; antes, trabalhei muito mais do que todos eles; todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo.

1 CORÍNTIOS 15.10

Desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade.

Filipenses 2.12-13

DEUS NÃO PERMITA QUE DESPREZEMOS SEUS DONS NATURAIS

“Pondera o que acabo de dizer, porque o Senhor te dará compreensão em todas as coisas.”

Um ventre estéril e um entendimento cego

Quando Abraão tinha cem anos de idade, e sua esposa, Sara, não somente estava além dos anos reprodutivos, mas também era estéril, Deus lhe prometeu um filho por meio de Sara. Isto é análogo à nossa condição quando queremos ler a Bíblia e ver a glória de Deus. Não há esperança de que isso possa acontecer sem a intervenção sobrenatural de Deus. Mas, de fato, Deus agiu em favor de Abraão. E faz isso também por nós.

Quando olhamos indiferentemente para a Palavra de Deus e não percebemos nela nenhum valor e beleza supremo, Deus age de modo sobrenatural. Ele resplandece “em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo” (2 Co 4.6). Ilumina os olhos do coração (Ef 1.18). Dá entendimento (1 Jo 5.20). Abre a mente (Lc 24.45). Revela o que a carne e o sangue não podem perceber (Mt 16.17). E torna uma impossibilidade numa leitura sobrenatural .

**Totalmente convencido de que Deus podia fazer
o que prometera**

Como isto acontece? Note atentamente que este filho prometido foi, num sentido, completamente natural. Abraão e Sara tiveram relações sexuais. Sabemos disso porque a Escritura diz: “Sara concebeu e *deu* à luz *um filho a Abraão* ” (Gn 21.2). Não foi um nascimento virginal como o de Jesus, que Maria concebeu sobrenaturalmente. Abraão e Sara tiveram relações sexuais. Sara concebeu e levou a criança no ventre por nove meses. E deu à luz. Tudo isto foi perfeitamente natural. Exceto que não teria havido nenhum filho sem a intervenção sobrenatural de Deus no processo natural.

Isso é o que acontece no ato sobrenatural de ler a Bíblia. Em um sentido, é perfeitamente natural. Usamos nossas capacidades naturais comuns. Mas, sem a intervenção sobrenatural de Deus, não teríamos nenhuma motivação para ler as Escrituras na esperança de valorizarmos a Cristo acima de todas as coisas (1 Rs 8.58; Sl 119.36). Sem a iluminação sobrenatural de Deus, não veríamos e não provaríamos a realidade que está lá – a glória plenamente satisfatória de tudo que Deus é por nós em Cristo. Em um sentido, o ato de ler é natural – em outro, sobrenatural. Isto é o que eu chamo “o ato natural de ler a Bíblia de modo sobrenatural”.

Realizamos o milagre sobrenatural de ler a Bíblia

Outra maneira de descrever este “ato natural de ler a Bíblia de modo sobrenatural” é dizer que Deus faz o milagre de dar-nos visão, mas nós realizamos o milagre de ver.¹ Deus não realiza o ver por nós. Ele *nos* capacita a ver. Nós realizamos o ver. E o ato sobrenatural de ver “a luz do evangelho da glória de Cristo” é por meio do ato natural de ver a história do evangelho escrita (ou falada) em palavras humanas naturais.

Se você quer ver a glória de uma pintura magnífica, não afasta seus olhos da pintura e olha para seu e-mail. O ver a glória acontece em ver a pintura. O mesmo é verdadeiro quanto à glória de Deus nas Escrituras. Não afastamos nossos olhos das palavras, frases e cláusulas naturais que os autores bíblicos escreveram. Não desengajamos nossa mente do processo natural de construir significado no texto. Permanecemos focalizados no objeto natural do texto. Nossos poderes naturais de observação e pensamento se

mantêm plenamente engajados. É nisto que acontece o milagre de ver a beleza de Cristo.

Vendo a glória de Deus no homem Jesus natural

Como já vimos, isto é semelhante à maneira como as pessoas viram a divindade de Cristo. Elas o viram com olhos naturais. Ouviram-no com ouvidos naturais. Tocaram-no com mãos naturais. Entenderam suas palavras por meio do processo natural de pensar. Mas alguns não viram nada que os atraísse. A glória de Cristo estava lá. Não estava acima, nem abaixo, nem ao lado do homem Jesus. Estava *nele*. Estava *em* tudo que ele disse e fez. Uma pessoa não a descobriria por afastar os olhos de Jesus, olhar para o céu e pedir a Deus que escrevesse nas nuvens. Deus já a escrevera no milagre da encarnação. Aqueles que tinham olhos para ver viram-na. O apóstolo João foi um desses. Ele escreveu: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai” (Jo 1.14).

Mas outros não tinham amor, nem interesse, nem mente para isto. “Sabedoria essa que nenhum dos poderosos deste século conheceu; porque, se a tivessem conhecido, jamais teriam crucificado o Senhor da glória” (1 Co 2.8). Os principais sacerdotes e anciãos do próprio povo de Jesus quiseram matá-lo (Mt 26.4). Judas não tinha qualquer amor pelo Messias, que planejava morrer em favor de seus seguidores e não das riquezas desta vida (Jo 12.6). Eles não viram “o Senhor da glória”. Viram um homem frágil que pretendia ser o Messias. Para eles, Jesus foi uma pedra de tropeço – uma barreira entre eles e seus desejos mais profundos. Não podiam ver a glória de Jesus porque isso obscureceria a glória deles mesmos – a glória que amavam supremamente (Jo 5.44).

Cristo encarnado, Bíblia inspirada

As Escrituras são semelhantes a Jesus nesta maneira. A linguagem das Escrituras é natural, da maneira como o corpo, a mente e a voz de Jesus eram naturais. Jesus podia ser visto. A Bíblia pode ser lida. Jesus era mais do que natural. A Bíblia é mais do que natural. Jesus era o Filho de Deus. A Bíblia é a Palavra de Deus. Jesus foi

encarnado. A Bíblia é inspirada. Jesus falou em linguagem humana. A Bíblia está escrita em linguagem humana comum.

Para conhecer a Jesus, as pessoas tinham de olhar e ouvir o que era apresentado aos seus sentidos naturais. Para conhecer as Escrituras, devemos olhar e ouvir o que é apresentado aos nossos sentidos naturais. Procurar a glória de Deus em Cristo sem a sua presença natural era inútil. Procurar a glória de Deus na Escritura sem a apresentação natural da Escritura é inútil. Jesus foi visto por muitos como fraco e pretensioso. Muitos veem a Bíblia como fraca e pretensiosa. Era necessário um milagre sobrenatural para ver a glória de Deus em Jesus. “Ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar” (Mt 11.27). É necessário um milagre sobrenatural para ver a glória de Deus na Escritura. “Então, lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras” (Lc 24.45).

O milagre está em ler

Portanto, quando pensamos sobre ler a Bíblia de modo sobrenatural, não devemos achar que a urgência e o esforço de ler a Bíblia naturalmente serão menos importantes do que em relação a qualquer outro livro. Todo o esforço e toda a capacidade humana que pudermos empregar para construir o significado de passagens bíblicas serão exigidos. A glória é vista por meio do *significado* do texto. E o significado é encontrado por ler e pensar. Deus está unido ao homem Jesus. A glória de Deus está unida ao significado dos textos bíblicos.

Portanto, quando o milagre de ver e desfrutar a glória de Deus acontece, ele acontece *no* ato de ler e pensar. Nós lemos. Deus revela. Ele nos *dá* o milagre sobrenatural. Nós *realizamos* o milagre sobrenatural.

Toda a vida deve ser vivida sobrenaturalmente

Esta tensão, ou paradoxo, entre Deus fazer o milagre de nossa leitura sobrenatural e nós realizarmos o milagre de ler de modo sobrenatural pode ser um novo pensamento para alguns. Quero ilustrá-lo mais amplamente, mostrá-lo a partir da Escritura e aplicá-lo à leitura da Bíblia. Eis alguns exemplos do que estou querendo

dizer ao afirmar que Deus nos *dá* o milagre e nós *realizamos* o milagre :

- *Deus* abre os olhos do cego, mas é o cego que vê.
- *Deus* dá vigor às pernas paralíticas, mas é o *coxo* que realiza o andar.
- *Deus* toca os ouvidos do surdo, mas é o *surdo* que realiza o ouvir.
- *Deus* chama Lázaro do sepulcro, mas é *Lázaro* quem sai com os próprios pés.
- *Deus* nos dá humildade misericordiosa, mas somos *nós* que oferecemos a outra face.
- *Deus* nos dá coragem e amor, mas somos *nós* que compartilhamos Cristo com nosso próximo.
- *Deus* coloca em nós um espírito generoso, mas somos *nós* que escrevemos o cheque.
- *Deus* nos dá uma confiança paciente em relação ao tempo dele, mas somos *nós* que colocamos o cinto de segurança, dirigimos nos limites de velocidade e paramos nos sinais.
- *Deus* torna a sua glória mais satisfatória do que a lascívia, mas somos *nós* que nos afastamos da pornografia.
- *Deus* inclina o nosso coração à sua Palavra, mas somos *nós* que levantamos da cama bem cedo, pela manhã, para ler a Bíblia.

Assim, podemos observar como ler a Bíblia de modo sobrenatural é apenas um exemplo de como toda a vida deve ser vivida. A Bíblia deixa claro que o viver cristão é sobrenatural em seus aspectos – significando que o viver cristão é amplamente sustentado e moldado por Deus, de maneiras que levam à salvação final. Não estamos falando da graça *comum* da providência divina que controla todas as coisas. Estamos falando da obra especial de Deus na nova aliança (Jr 31.33), adquirida para os eleitos pelo sangue de Cristo (Lc 22.20), que, por seu Espírito, capacita o povo de Deus a ver a glória de Cristo e viver de uma maneira que mostra o supremo valor de Cristo.

Por exemplo, as Escrituras nos dizem que “vivemos no Espírito” (Gl 5.25). Ou seja, nós começamos a nossa vida cristã “no Espírito” (Gl 3.3). Somos “guiados pelo Espírito” (Rm 8.14; Gl 5.18). Andamos “no Espírito” (Gl 5.16). Mortificamos o pecado “pelo

Espírito” (Rm 8.13). “Adoramos a Deus no Espírito” (Fp 3.3). E tudo se resume em dizer que Deus opera a nossa santificação pelo “Espírito” (2 Ts 2.13). Isto é a razão por que eu digo que toda a vida cristã deve ser vivida de modo sobrenatural. Na vida cristã, cada momento de dependência do Espírito para produzir seu fruto de santidade e amor que honra a Cristo é um milagre.

Ainda somos atores do milagre

Mas observe que *nós* somos os atores deste milagre. Somos nós que agimos “pelo Espírito”. Não nos tornamos o Espírito. E o Espírito não se torna em nós. Somos humanos. E agimos como humanos. O Espírito inclina decisivamente, e nós agimos. Vemos isto frequentemente na Bíblia. Por exemplo:

- Romanos 7.6: Nós “estamos mortos para aquilo a que estávamos sujeitos, de modo que servimos em novidade de espírito e não na caducidade da letra”. Observe que *nós* servimos. E, sem dúvida, “em novidade de espírito”. Mas somos *nós* que servimos. Note também que a nossa “morte” com Cristo aconteceu de uma vez por todas quando ele morreu (Gl 2.19-20). Experimentamos isto somente pela fé, quando somos unidos a Cristo pela obra do Espírito (Gl 3.26). Portanto, a penalidade por todos os nossos pecados foi paga completamente, de uma vez por todas (Hb 7.27; 9.12, 26; 10.10). A justiça de Cristo é contada como nossa para sempre, por causa desta união com Cristo (Fp 3.9), que foi feito “pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus” (2 Co 5.21). Isto significa que nosso serviço, obediência e boas obras resultantes *não* são a base de nossa aceitação com Deus e sim o fruto dessa aceitação. Não somos justificados diante de Deus por causa delas. Deus as realiza em nós porque fomos justificados diante dele, de uma vez por todas, pela fé em Cristo. É crucial enfatizarmos isto, para que minha ênfase em “realizarmos o milagre” não dê a impressão de que este “realizar” *merece* ou *fundamenta*, de alguma maneira, o fato de que Deus é totalmente por nós. A aceitação total com Deus está fundamentada somente em Cristo, somente por graça, somente pela fé.

- Gálatas 2.19-20: “Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora,

tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim”. Observe que agora eu vivo “na carne”. Sem dúvida, o velho “eu” autoconfiante morreu. Certamente, Cristo está vivendo em mim. Mas eu – o novo “eu” de fé – sou aquele que vive minha vida. E o segredo é a “fé no Filho de Deus”.

- 1 Pedro 4.11: “Se alguém serve, faça-o na força que Deus supre, para que, em todas as coisas, seja Deus glorificado, por meio de Jesus Cristo”. Observe que sou eu quem serve. Mas estou servindo “na força que *Deus* supre”. Deus supre a ajuda sobrenatural. Eu estou realizando o milagre sobrenatural .

- 1 Coríntios 15.10: “Pela graça de Deus, sou o que sou; e a sua graça, que me foi concedida, não se tornou vã; antes, trabalhei muito mais do que todos eles; todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo”. Note que eu trabalhei muito. No entanto, meu trabalho não foi decisivo. A obra de Deus foi decisiva. Foi a graça de Deus comigo. A graça foi o milagre sobrenatural. Mas o milagre não me substituiu. Ele me capacitou. Pela graça, “sou o que sou”. Por meio dessa graça, trabalhei muito mais do que outros.

Em todos os casos, sou “eu”, o cristão humano, quem está servindo, vivendo, trabalhando, querendo. Mas, em todos os casos, a minha vontade é capacitada por outra vontade – a vontade do Espírito, a vontade de Cristo, a vontade de Deus, a vontade da graça. Eis a maneira como Jonathan Edwards descreveu o paradoxo da graça de Deus e do poder em nossa vida:

Não somos meramente passivos nisto. Também não é o caso em que Deus faz alguma coisa, e nós fazemos o resto. Deus produz tudo, e nós realizamos tudo. Porque isso é o que ele produz, nossos próprios atos. Deus é o único autor e fonte; nós somos os atores. Somos, em diferentes aspectos, totalmente passivos e totalmente ativos.²

Trabalhe, porque Deus está trabalhando em você

Na Bíblia, Filipenses 2.12-13 talvez seja a passagem mais explícita que nos ordena “realizar o milagre” – incluindo o milagre de ler a Bíblia de modo sobrenatural :

Assim, pois, amados meus, como sempre obedecestes, não só na minha presença, porém, muito mais agora, na minha ausência, desenvolvi a

vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade.

Para sentir a impressionante força desta passagem, considere três observações:

1) O verbo traduzido por “*desenvolvi*” (gr., *katergazesqe, katergazesthe*) significa “produzi”, ou “realizai”, ou “efetuai”. Por mais perigosa que pareça esta linguagem, ela é bíblica. “Realizai a vossa salvação.” “Produzi a vossa salvação.” “Efetuai a vossa salvação por esforço contínuo, diligente, resolutivo.” Eu digo “perigosa” porque Paulo também ensina que a salvação “é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2.8-9). Mas não há contradição aqui, porque as obras que não podem salvar são as obras que tentam produzir um relacionamento salvífico com Deus. Isso é inútil (Rm 3.20). As obras que “efetua” a nossa salvação são obras que Deus mesmo realiza porque já existe um relacionamento salvífico. Isso é o que Paulo mostra em seguida.

2) A *salvação* que Paulo nos ordena “desenvolver” é não somente a realidade do livramento completo da condenação e do inferno; é também a realidade mais específica e restrita de livramento diário das obras autodestruidoras da carne (1 Pe 2.11) – coisas como ira, autocompaixão, cobiça e lascívia. “Desenvolvi a vossa salvação” – vosso livramento – desses inimigos mortais. Em outras palavras, devemos usar nossa mente e nossa vontade para opor-nos ativamente a estes pecados, quando os vemos surgir em nosso coração. E esta oposição ativa, diz Paulo, é *realização* nossa. Mas o que vemos em seguida é que estamos realizando um milagre, porque Deus está operando este querer em nós. “Porque *Deus* é quem efetua em vós... o *querer*.”

3) Além de nos dizer: “Desenvolvi” – ou seja, fazer esforço e desenvolver ativamente a nossa libertação do pecado emergente – Paulo diz que devemos fazer isto “*com temor e tremor*”, porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade”. Por que deve haver “temor e tremor” quando ataco meu pecado e desenvolvo a salvação da ira e da autocompaixão? A razão dada para o nosso tremer não é uma ameaça. É um dom.

Paulo diz que devemos combater o pecado com *temor e tremor* porque Deus, todo-poderoso, criador do céu e da terra, redentor, justificador, sustentador e Pai amoroso, está tão perto de nós, que *nosso* realizar e *nosso* querer são o realizar e o querer *dele* . Trema diante deste pensamento chocante! Deus, todo-poderoso, está em nós. Está agindo em nós. Nosso esforço “contínuo, diligente, resoluto” está não somente sendo realizado na *presença* de Deus, mas também é a obra de *Deus* mesmo. *Deus* está agindo em nós. E o que ele está realizando é o *nosso* realizar. Portanto, não estamos *esperando* por um milagre. Estamos *realizando* um milagre.

Leia a Bíblia, pratique o milagre

Este é o modo como devemos ler a Bíblia. Leremos a Bíblia e trabalharemos porque Deus está querendo e operando em nós. Trabalhamos com todas as nossas capacidades naturais para ver o significado dos escritos inspirados, porque Deus está agindo em nós, para abrir nossa mente a fim de vermos a glória que está realmente lá. Eis a maneira como o escritor de Provérbios afirmou isso (observe, em *itálico*, toda a atividade humana e, em **negrito**, toda a provisão de Deus) :

Filho meu, se *aceitares* as minhas palavras e *esconderes* contigo os meus mandamentos, para fazeres atento à sabedoria o teu ouvido e para inclinares o coração ao entendimento, e, se *clamares* por inteligência, e por entendimento *alçares a voz* , se *buscares* a sabedoria como a prata e como a tesouros escondidos a *procurares* , então, entenderás o temor do SENHOR e acharás o conhecimento de Deus. **Porque o SENHOR dá a sabedoria** , e da sua boca vem a inteligência e o entendimento. Ele reserva a verdadeira sabedoria para os retos (Pv 2.1-7).

Os versículos 1-4 nos exortam a usarmos todas as nossas capacidades para ganhar sabedoria e discernimento – para conhecer a mente de Deus, receber suas palavras, esconder seus mandamentos, ouvir sua sabedoria, clamar por inteligência, alçar a voz por entendimento, buscar a sabedoria como a prata e procurá-la como um tesouro. Esta é a maneira de o escritor dizer: apliquem todo o esforço. Empreguem todas as energias. Focalizem todos os desejos. Usem todas as capacidades. Para quê? Sabedoria de Deus!

Em seguida, ele apresenta a base surpreendente para todo este esforço. “Porque o SENHOR *dá* a sabedoria.” Ele a *dá* . Nós a

buscamos com todo o nosso empenho. Deus a dá. Nosso labor é *essencial* . Mas o dar de Deus é *decisivo* . Se Deus não “dá”, não achamos. Nós desenvolvemos nossa salvação da cegueira para a sabedoria de Deus – lendo atenciosamente, com todo o nosso empenho. Porque Deus está operando em nós “o querer” e o “realizar” a descoberta de sua luz. Ele cria o milagre de dar visão espiritual. Nós realizamos o milagre de ver.

Busque a luz com todo o seu empenho, porque Deus dá visão

O apóstolo Paulo nos mostrou, repetidas vezes, em seus escritos, a expectativa de que seus leitores ou ouvintes usassem todos os seus poderes de foco mental e de pensamento para verem a luz do evangelho da glória de Cristo. Por exemplo, pelo menos dez vezes no livro de Atos, vemos a estratégia de Paulo de “arrazoar” com pessoas em seu esforço para lhes mostrar a verdade e a beleza de Cristo (At 17.2, 4, 17; 18.4, 19; 19.8, 9; 20.7, 9; 24.25). Isto era a versão oral do livro de Romanos. A pressuposição de Paulo era que seus ouvintes e leitores usariam sua mente tão plenamente em ouvir e ler quanto ele a empregava em falar e escrever.

Por isso, ele disse aos coríntios: “Não sejais meninos no juízo; na malícia, sim, sede crianças; quanto ao juízo, sede homens amadurecidos” (1 Co 14.20). Ainda mais vigorosamente, Paulo disse que preferiria falar cinco palavras compreensíveis com sua mente para instruir outros a falar dez mil palavras ininteligíveis com o milagre de línguas (1 Co 14.19). E Paulo esperava que todo o “pensar” atingisse seu fervor e foco máximo no ato de ler as cartas sagradas. “Quando *ledes* , podeis *compreender* o meu discernimento do mistério de Cristo” (Ef 3.4). Em outras palavras, engajar a mente na tarefa mental de ler é o caminho designado por Deus que leva às glórias de Deus. Nós realizamos o pensar – o esforço rigoroso de ler com entendimento; Deus cria o milagre de luz sobrenatural no processo de nosso pensamento.

Pondere a revelação, porque Deus dá iluminação

O apóstolo Paulo formulou este ensino mais clara e solenemente com estas palavras simples: “*Pondera o que acabo de dizer, porque o Senhor te dará compreensão em todas as coisas*” (2 Tm 2.7). Nós ponderamos. Deus dá. As duas ações andam juntas; não são alternativas. Muitas pessoas tropeçam num lado ou outro deste versículo. Algumas enfatizam a primeira parte: “Pondera o que acabo de dizer”. Enfatizam o indispensável papel da razão e do pensar e, depois, minimizam o papel sobrenatural de Deus em tornar a mente capaz de ver e abraçar a glória da verdade. Outros enfatizam a segunda parte do versículo: “Porque o Senhor te dará compreensão em todas as coisas”. Eles enfatizam a futilidade da razão.

No entanto, Paulo não seria dividido dessa maneira. Para ele, as duas ações não eram alternativas, e sim simultâneas. “*Pondera o que acabo de dizer, porque o Senhor te dará compreensão em todas as coisas*” (2 Tm 2.7). Note a palavra “porque”. Significa que a vontade de Deus em dar-nos compreensão é a *base* de nossa ponderação e não o seu *substituto*. Paulo não diz: “Deus lhe dará entendimento; portanto, não desperdice seu tempo pensando no que escrevi”. Paulo não nos encoraja a substituir o pensar por oração, e sim a saturar o pensar com oração. Ele também não diz: “Pense bastante no que acabei de dizer-lhe, porque tudo depende de você, e Deus não ilumina a mente”. Não. Paulo torna enfaticamente o dom divino de iluminação na base de nossa deliberação. Ele faz do dom divino de iluminação a nossa busca de luz. “Pondera o que acabo de dizer, *porque* o Senhor te dará compreensão.”

Lendo no poder de outro

O argumento deste capítulo é que a leitura sobrenatural da Bíblia não minimiza a importância e o esforço de usarmos todas as nossas capacidades naturais nesse processo. Ou, em termos positivos, a própria Bíblia estimula o uso mais pleno de nosso corpo, nossa vontade e nossa razão no ato de ler as Escrituras. Ler a Bíblia em dependência de Deus é um ato específico entre milhares de atos que, na vida cristã, são sobrenaturais desta maneira. Nossa vida deve ser vivida “no Espírito” e “pelo Espírito” (Rm 8.9; 1 Co 12.3; Gl 5.16, 18, 25; Ef 6.18; Fp 3.3; 2 Ts 2.13). Isso é verdadeiro,

quer estejamos assando um peru, quer concorrendo a um cargo político, quer lendo a Bíblia.

Deus não tenciona substituir-nos quando somos unidos a Cristo, e sim renovar-nos, capacitar-nos e guiar-nos. Ele tenciona que sejamos capazes de dizer: “Trabalhei muito”, e também: “Entretanto, não eu, mas a graça de Deus comigo” (ver 1 Co 15.10). Deus quer que digamos: “Usei minha vontade, minha mente e meu corpo com todo o meu poder”; e também: “Porque Deus estava querendo e agindo em mim” (ver Fp 2.12-13). Ele quer que usemos nossa mente para discernir “o que é agradável ao Senhor” (Ef 5.10) e confessar alegremente que Deus está operando em nós “o que é agradável diante dele” (Hb 13.21).

Temos mais a dizer sobre como o ato natural de ler e o dom sobrenatural de luz na leitura se inter-relacionam. Agora, porém, a verdade sobremodo importante é: o alvo designado por Deus de ler a Bíblia não acontecerá sem uma intervenção sobrenatural. E a maneira normal como Deus intervém é por meio do ato natural de ler de modo sobrenatural. Deus não permita que a nossa crença nos dons sobrenaturais dados por ele nos faça desprezar as capacidades naturais criadas por ele.

Então, a pergunta com que nos deparamos agora é esta: como lemos a Bíblia, se os grandes efeitos de ver, gozar e ser transformado por meio da leitura estão decisivamente no poder de outro e não de nós mesmos?

1 Para ter mais informação sobre esta ideia de realizar o milagre, ver *Acting the Miracle: God's Work and Ours in the Mystery of Sanctification*, ed. John Piper e David Mathis (Wheaton, IL: Crossway, 2013). Neste capítulo, usei o mesmo material de meus ensaios nesse livro.

Sem mim nada podeis fazer.

JOÃO 15.5

Acolhei, com mansidão, a palavra em vós implantada.

TIAGO 1.21

A HUMILDADE ABRE MILHARES DE JANELAS

*“Guia os humildes na justiça
e ensina aos mansos o seu caminho.”*

Como eu realizo o milagre de leitura sobrenatural?

Uma das perguntas mais importantes, abrangentes e persistentes de minha vida adulta tem sido: como *eu* vivo a vida cristã de tal modo que eu esteja realmente fazendo o viver, e, apesar disso, *outra* pessoa – o Espírito Santo – esteja fazendo o viver *em* e *por meio de* meu viver? O capítulo anterior nos mostrou que isto é, de fato, o que significa viver a vida cristã. “Trabalhei muito mais do que todos eles; todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo” (1 Co 15.10). Mas a pergunta é: como? O que eu faço realmente para obedecer 1 Pedro 4.11: “Se alguém serve, faça-o *na força que Deus supre*”? Como eu sirvo, vivo ou leio na força de outro? Ou seja, como eu *realizo* o milagre que Deus causa?

Descobri que precisava de uma estratégia simples que me ajudaria a viver desta maneira, a cada hora, à medida que enfrentasse os desafios da vida. Parece-me que a resposta para a pergunta de como viver desta maneira pode ser resumida em cinco passos, que podem ser guardados na memória com a ajuda do acrônimo AOCAA. Eu o tenho usado muito frequentemente quando leio ou prego a Bíblia. Eu sabia que precisava da ajuda de Deus para vencer meu embotamento e ver o que realmente está na Palavra de Deus (Ef 1.18). Sabia que precisava do poder divino na pregação, se mudanças que glorificam a Cristo tinham de acontecer na vida das

pessoas (1 Co 2.4). Por isso, a pergunta sobre como ler e pregar *na força de outro* se tornou especialmente importante nesses pontos de minha vida.

Resumo de AOCAA

O meu alvo neste capítulo é fazer uma breve apresentação do que significa AOCAA. Em seguida, procurarei mostrar como a primeira letra, A (*admitir* a necessidade de ajuda), se relaciona com o ato natural de ler a Bíblia de modo sobrenatural. Depois, nos capítulos subsequentes, lidaremos com as outras letras.

Viver o acrônimo AOCAA é como eu procuro andar “no Espírito” (Gl 5.16). Ou, sendo específico, é como eu busco ler a Bíblia “pelo Espírito”, ou seja, lê-la de modo sobrenatural.

A – *admitir*

Eu admito que sem Cristo nada posso fazer.

Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer (Jo 15.5) .

O – *orar*

Eu oro por ajuda de Deus, por qualquer tipo de ajuda de que necessito.

Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á (Mt 7.7).

Nada tendes, porque não pedis (Tg 4.2).

Invoca-me no dia da angústia (Sl 50.15).

C – *confiar*

Eu confio numa promessa específica de Deus que é apropriada à minha situação ou numa promessa geral que abrange muitas situações. Por exemplo, antes de levantar-me para pregar, posso confiar nesta promessa:

Assim será a palavra que sair da minha boca: não voltará para mim vazia (Is 55.11).

Ou:

Não sois vós os que falais, mas o Espírito (Mt 10.20).

Ou, mais genericamente, posso lembrar este versículo favorito e confiar nele:

Eu sou o teu Deus; eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a minha destra fiel (Is 41.10) .

Ou:

Deus pode fazer-vos abundar em toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra (2 Co 9.8).

Ou:

O meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades (Fp 4.19).

A – agir

Eu *ajo* em obediência à Palavra de Deus, esperando que Deus aja em, sob e por intermédio do meu agir, de modo que o fruto seja decisivamente o agir *dele*. Eu pratico o milagre, mas Deus é a causa decisiva:

Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de *Deus*. De modo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas *Deus*, que dá o crescimento (1 Co 3.6-7).

Desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor (Fp 2.12).

Trabalhei muito mais do que todos eles; todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo (1 Co 15.10).

Se, pelo Espírito, *mortificardes* os feitos do corpo, certamente, vivereis (Rm 8.13).

A – agradecer

Agradeço a Deus por qualquer coisa que vier. Eu lhe dou a glória.

Dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo (Ef 5.20).

O que me oferece sacrifício de ações de graças, esse me glorificará (Sl 50.23).

Fiquei emocionado em descobrir, muito tempo depois de começar a usar o acrônimo AOCAA que J. I. Packer recomendou um processo quase idêntico de viver a vida cristã. Ele escreveu sobre a busca de santidade – que é o que significa a vida cristã. Packer a chama santidade agostiniana, porque o grande teólogo africano foi bem-sucedido nela:

A atividade que o ensino da santidade agostiniana encoraja é intensa, como mostram as carreiras de homens santos prodigiosamente ocupados como o próprio Agostinho, Calvino, Whitefield, Spurgeon e Kuyper; mas não é nem um pouco autoconfiante. Em vez disso, ela segue esta sequência de quatro estágios. Primeiro, como alguém que deseja fazer todo o bem que puder, você observa que tarefas, oportunidades e responsabilidades se lhe apresentam. Segundo, você ora por ajuda nestas coisas, reconhecendo que sem Cristo não pode fazer nada – nada frutífero

(Jo 15.5). Terceiro, você vai à obra com boa vontade e um coração elevado, esperando ser ajudado como pediu. Quarto, você agradece a Deus pela ajuda recebida, suplica perdão para os fracassos no percurso e pede mais ajuda para a tarefa seguinte. A santidade agostiniana é santidade de trabalho árduo, baseada na repetição contínua desta sequência.¹

O primeiro e o último passo de Packer (veja o que precisa ser feito; peça perdão por fracassos) estão além de meus cinco passos. Entendi seu primeiro passo como pressuposto. Seu último passo é bom conselho. (Sinta-se à vontade para criar um novo acrônimo, se puder torná-lo funcional!) Mas as outras sugestões que Packer faz são as mesmas cinco que eu faço: (1) reconheça que você não pode fazer nada sem Cristo; (2) ore por ajuda; (3) faça o trabalho; (4) espere ser ajudado; (5) agradeça a Deus.

O A: admitimos que nada podemos fazer sem ajuda divina

Outra maneira de descrever este primeiro passo na leitura da Bíblia no poder de outro é dizer que ela começa com *humildade*. Começa com a renúncia do orgulho. Começa com um senso real de quão corrupta e pervertida é a nossa mente e de quão prontamente o nosso coração deseja outras coisas mais do que a Deus. Se o Espírito Santo não operar em nós o fruto de humildade, mansidão e desejo por aprendizado (Gl 5.23; Tg 3.17), ou negaremos ou distorceremos a verdade da Escritura. Porque toda a Escritura exalta a Deus acima de nós.

Jonathan Edwards cita Salmo 25.9 (“Guia os humildes na justiça e ensina aos mansos o seu caminho”) e diz: “O orgulho é um obstáculo muito grande à entrada da luz divina, sim, um obstáculo tão grande que a impedirá eternamente, até que seja mortificado”.² Que promessa maravilhosa: Guia os humildes na justiça e ensina aos mansos o seu caminho! Se esperamos ver Deus agindo sobrenaturalmente como nosso mestre, quando lemos a Bíblia, é assim que começaremos: nos humilharemos sob a poderosa mão de Deus (1 Pe 5.6). Adotaremos o refrão da Escritura: “O SENHOR ampara os *humildes* (Sl 147.6). “O SENHOR se agrada do seu povo e *de salvação adorna os humildes* ” (Sl 149.4). “Acolhei, com

mansidão , a palavra em vós implantada” (Tg 1.21). “O homem para quem olharei é este: o aflito e abatido de espírito e que treme da minha palavra” (Is 66.2). Se Deus não olhará para uma pessoa orgulhosa que lê as Escrituras, é certo que o leitor orgulhoso não receberá ajuda de Deus. John Owen resumiu assim esta verdade: “O Espírito de Deus nunca instruiu, nem instruirá uma alma orgulhosa, não humilhada, no conhecimento correto da Escritura, porque ela é uma revelação divina”.³

A necessidade de sermos como crianças

Se esperamos ler a Bíblia de modo sobrenatural, devemos abandonar todas as pretensões de autossuficiência. Isto é o que Jesus quis dizer ao falar sobre a necessidade de sermos como crianças. “Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus. Portanto, aquele que se humilhar como esta criança, esse é o maior no reino dos céus” (Mt 18.3-4). A humildade de uma criança não é sua ausência de vaidade. As crianças são naturalmente egoístas (como o são os adultos). A humildade de uma criança, em vez disso, é sua consciência livre e espontânea de que não pode suprir suas próprias necessidades e precisa de um adulto para satisfazer a todas as suas necessidades.

Nenhuma criança se lastima porque não é capaz de sustentar a si mesma. A criança aceita isto como sua condição na vida e crê que seus pais cuidarão dela. Esta é a maneira como devemos lidar com a vida, incluindo a maneira como lemos a Bíblia. Somos como crianças, que faremos tudo que pudermos para entender o que nosso Pai escreveu para nós, mas que também admitirão espontaneamente que não verão a glória de seu Pai sem o dom de iluminação.

Por isso, Pedro nos diz que desejemos ardentemente o leite da Palavra “como crianças recém-nascidas” (1 Pe 2.2). Essa comparação talvez leve consigo não somente o significado de anseio profundo, mas também o sentimento sincero de que a nutrição deste leite é totalmente imerecida. É um dom gratuito. E sou incapaz de prová-lo sem a graça vivificadora de Deus.

Humildade como o oposto de autoglorificação

No capítulo 12, vimos os efeitos cegantes do amor orgulhoso de nossa própria glória acima da glória de Deus. Isto era a razão fundamental por que os fariseus não podiam entender o significado do Antigo Testamento, nem o significado do ministério de Jesus. Jesus disse com muita clareza:

Eu vim em nome de meu Pai, e não me recebeis; se outro vier em seu próprio nome, certamente, o recebereis. Como podeis crer, vós os que aceítais glória uns dos outros e, contudo, não procurais a glória que vem do Deus único? (Jo 5.43-44).

Por natureza, o coração humano prefere imagens da glória de Deus (em especial, a que vemos no espelho) à glória de Deus mesmo (Rm 1.18-23). Essa preferência é a essência do pecado e a raiz de nosso orgulho e da corrupção que nos impede de ver a glória de Deus na Escritura. A obra mais central do Espírito Santo, em assistir-nos na leitura da Bíblia, não é acrescentar novas informações à nossa mente, informações que não estejam na Escritura, e sim humilhar-nos para que apreciemos a glória de Cristo mais do que a nossa autoexaltação.

Este foi o papel que Jesus prometeu em relação ao Espírito Santo: “Quando vier, porém, o Espírito da verdade... Ele me glorificará” (Jo 16.13-14). Sabemos que o Espírito está agindo quando a exaltação de Cristo é apreciada. Porque “Ninguém pode dizer: Senhor Jesus!, senão pelo Espírito Santo” (1 Co 12.3). Quando o Espírito opera na leitura da Bíblia, somos humilhados, e Cristo é exaltado. Nossa antiga preferência por autoexaltação é substituída por uma paixão pela exaltação de Cristo. Esta nova paixão é a chave que abre milhares de janelas na Escritura e deixa entrar o brilho da glória de Deus.

A humildade tem olhos

Jesus aborda de outra maneira a necessidade de humildade. Ele diz:

O meu ensino não é meu, e sim daquele que me enviou. Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus ou se eu falo por mim mesmo. Quem fala por si mesmo está procurando a sua própria glória; mas o que procura a glória de quem o enviou, esse é verdadeiro, e nele não há injustiça (Jo 7.16-18).

A ideia de humildade é expressa aqui em três maneiras. Uma é dizendo que nossa vontade tem de ser tão humilhada, que sejamos prontos e desejosos de que a vontade de Deus seja a nossa vontade. Não somos inclinados a dizer orgulhosamente que a vontade dele tem de conformar-se à nossa. Pelo contrário, nossa vontade é fazer a vontade de Deus. Isso é o que somos. Isso é o milagre que o Espírito Santo realizou. Ele nos deu um anseio de que nossa vontade seja conformada à de Deus. Jesus diz que sua disposição humilde e exaltadora de Deus “conhece” o ensino divino quando o vê. Um “ver” acompanha esta alegria de conformar-nos à vontade de Deus.

A outra maneira como a humildade é expressa aqui é por enfatizar o compromisso de Jesus em viver para a glória do Pai: “Quem fala por si mesmo está procurando a sua própria glória; mas o que procura a glória de quem o enviou, esse é verdadeiro, e nele não há injustiça”. A razão por que uma pessoa pode reconhecer esse tipo de Messias como verdadeiro é que a pessoa está disposta a se unir a Jesus na exaltação da glória do Pai. Portanto, a humildade é a raiz do reconhecimento da verdade. A humildade é o principal ingrediente no colírio que dá visão sobrenatural na leitura da Bíblia. Foi por isso que Jesus disse à igreja de Laodiceia: “Aconselho-te que de mim compres... colírio para ungires os olhos, a fim de que vejas” (Ap 3.18). O principal ingrediente no colírio sobrenatural é a humilhação do “ego”.

A humildade leva a oração

Esta admissão de nossa necessidade de ajuda – esta humildade – é a raiz da *oração*. O próximo passo no AOCAA se desenvolve do primeiro. Os cinco passos deste acrônimo não são meramente sequenciais; são organicamente relacionados. A oração se desenvolve no solo da humildade. Nenhum de nós oraria como deveria sem a humildade de admitir sua necessidade de ajuda. Nos dois capítulos seguintes, nos voltaremos ao papel absolutamente indispensável da oração no ato natural de ler a Bíblia de modo sobrenatural.

1 J. I. Packer, *Keep in Step with the Spirit* (Grand Rapids, MI: Baker, 2005), 105.

2 Jonathan Edwards, “A Spiritual Understanding of Divine Things Denied to Unregenerate”, em *Sermons and Discourses, 1723-1729*, ed. Harry S. Stout e Kenneth P. Minkema, vol. 14, *The Works of Jonathan Edwards* (New Haven, CT: Yale University Press, 1997), 87.

3 John Owen, *The Works of John Owen*, ed. William H. Goold, vol. 4 (Edinburgh: T&T Clark, n.d.), 186.

Nada tendes, porque não pedis.

TIAGO 4. 2

Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á.

MATEUS 7.7

O LUGAR INDISPENSÁVEL DA ORAÇÃO EM LER A BÍBLIA DE MODO SOBRENATURAL: DESPERTANDO O NOSSO DESEJO PELA PALAVRA

“Inclina-me o coração aos teus testemunhos e não à cobiça.”

No começo do capítulo 15, resumi o significado do acrônimo AOCAA, que é minha tentativa prática de ajudar-nos a servir “na força que Deus supre” (1 Pe 4.11). É uma maneira de andar “no Espírito” (Gl 5.16). É uma maneira de explicar o que significa dizer “trabalhei muito... todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo” (1 Co 15.10). Também significa que o acrônimo é um caminho para o ato natural de ler a Bíblia de modo sobrenatural. Neste e no capítulo seguinte, abordaremos a letra O no acrônimo – o lugar indispensável da *oração*.

A oração é o caminho da percepção

Deus mostra com clareza que o caminho para ver sua glória peculiar é a oração. “Desvenda os meus olhos, para que eu contemple as maravilhas da tua lei” (Sl 119.18). Quanta luz temos perdido por não orarmos sobre a Palavra quando a lemos! “Nada tendes, porque não pedis” (Tg 4.2). O capítulo mais longo da Bíblia é uma meditação ampla sobre a preciosidade da Palavra de Deus.

Está pontuada com orações explícitas, e o salmo inteiro está escrito como na presença de Deus. Sete vezes o salmista ora: “Ensina-me”:

Bendito és tu, SENHOR ; ensina-me os teus preceitos (Sl 119.12).

Eu te expus os meus caminhos, e tu me valeste; ensina-me os teus decretos (Sl 119.26).

Ensina-me, SENHOR , o caminho dos teus decretos, e os seguirei até ao fim (Sl 119.33).

A terra, SENHOR , está cheia da tua bondade; ensina-me os teus decretos (Sl 119.64).

Ensina-me bom juízo e conhecimento, pois creio nos teus mandamentos (Sl 119.66).

Tu és bom e fazes o bem; ensina-me os teus decretos (Sl 119.68).

Trata o teu servo segundo a tua misericórdia e ensina-me os teus decretos (Sl 119.124).

Estas orações não significam: “Mostra-me quais são as tuas afirmações entre as palavras de sabedoria”. O salmista sabe onde se acha a Palavra de Deus. O povo judeu não estava vagueando sem saber onde achar a Palavra de Deus. Estas orações significam: “Abre meus olhos para o significado completo e glorioso da tua palavra”. Na Palavra de Deus, temos tesouros que a mente natural não pode ver (1 Co 2.14). Há um “ensinar” divino que nos capacita a ver a verdade e a beleza da mente de Deus. É o abrir de nossa mente para ver a agradabilidade suprema de tudo que Deus é para nós em Cristo. E, portanto, é a obra de Deus que nos capacita a chegar-nos a Cristo. Por isso, Jesus diz: “Está escrito nos profetas: E serão todos *ensinados por Deus* . Portanto, todo aquele que *da parte do Pai tem ouvido e aprendido* , esse vem a mim” (Jo 6.45). Este milagre permanente de ensino divino, em e por meio da Palavra de Deus escrita, é um dom em resposta à oração.

Com palavras levemente diferentes, o salmista roga cinco vezes que Deus lhe dê entendimento:

Faze-me atinar com o caminho dos teus preceitos, e meditarei nas tuas maravilhas (Sl 119.27).

Dá-me entendimento , e guardarei a tua lei; de todo o coração a cumprirei (Sl 119.34).

As tuas mãos me fizeram e me afeiçoaram; *ensina-me* para que aprenda os teus mandamentos (Sl 119.73).

Sou teu servo; *dá-me entendimento* , para que eu conheça os teus testemunhos (Sl 119.125).

Chegue a ti, SENHOR , a minha súplica; *dá-me entendimento* , segundo a tua palavra (Sl 119.169).

Não separe o que Deus uniu

No capítulo 14, vimos que o dom divino de entendimento não anula o nosso esforço natural para entendermos a Bíblia. Vimos isto em 2 Timóteo 2.7: “*Pondera* o que acabo de dizer, porque o Senhor te *dará* compreensão em todas as coisas”. O verdadeiro entendimento da mensagem apostólica é um dom de Deus. Não o achamos por nós mesmos. É dado. É por isso que oramos: “Dá-me entendimento”. No entanto, é também fruto de pensar – de fato, pensar rigoroso. Por conseguinte, quando falamos sobre a necessidade de oração no processo de leitura, não pensemos que isto é um atalho para evitarmos o ato natural de labutar com palavras, frases e cláusulas – o ato natural de ler.

Benjamin Warfield, o grande professor de teologia de Princeton, foi repreendido por um crente de sua época por sua ênfase em estudo: “Dez minutos de joelhos lhe darão um verdadeiro conhecimento de Deus, mais do que dez horas em seus livros”. A resposta de Warfield expressou muito bem a união entre pensar e orar. Ele disse: “O quê! [Mais] do que dez horas nos seus livros, em oração?”¹ Ele não aceitava a separação implícita. E devemos fazer o mesmo. Ore *e* estude. Estude *e* ore. Nenhum intelectual (pensador), bem como nenhum carismático (orador), deve separar o que Deus uniu.

“Inclina-me o coração aos teus testemunhos”

Há uma oração mais básica do que a oração por ensino e entendimento de Deus. Devemos fazer esta oração continuamente. Ela resulta da admissão de nossa necessidade de ajuda no nível mais fundamental. Sem a ajuda sobrenatural de Deus, nem mesmo queremos ler a Bíblia e muito menos clamar por entendimento profundo e completo .

A oração mais básica que podemos fazer sobre a leitura da Bíblia é que Deus nos dê o desejo de ler o seu livro. Não somente a *vontade* – que é a segunda mais básica – mas também o *desejo* . Isto foi o que o apóstolo Pedro disse que devemos ter: “*Desejai ardentemente* , como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual” (1 Pe 2.2). De modo semelhante, o salmista disse que a

pessoa justa *tem prazer* na lei do Senhor (Sl 1.2). E por que não o teríamos, se as palavras de Deus “são mais *desejáveis* do que ouro” e “mais doces do que o mel e o destilar dos favos” (Sl 19.10)? Por que não o teríamos? Porque nosso coração tende a se tornar frio, apático, insensível e cego.

Essa é a razão mais básica por que precisamos orar sobre a nossa leitura da Bíblia. Nós nos afastamos do desejo de lê-la. Até cantamos sobre esta tendência horrível:

Sinto que sou inclinado a vaguear, Senhor,
Inclinado a deixar o Deus que eu amo;
Eis o meu coração, toma-a e sela-o;
Sela-o para as tuas cortes celestiais.²

Isso é exatamente correto. “Ó Senhor, eis o meu coração – meu coração perambulante, indiferente, hesitante, volúvel e empedernido. Toma-o! Faze o que deves para selá-lo para ti mesmo, para sempre. Mantêm-no vivo, anelando, amando, deleitando-se e apreciando”. Tenho feito poucas orações tão frequentemente quanto esta – *Senhor, guarda-me de afastar-me de tua Palavra!*

Na verdade, tenho outro acrônimo que uso: IAUS. Faço estas quatro orações quando é tempo de ler a Bíblia :

I – *Inclina* . “*Inclina* -me o coração aos teus testemunhos e não à cobiça” (Sl 119.36).

A – *Abre* . “*Abre* os meus olhos para que eu possa ver as verdades maravilhosas da tua lei” (Sl 119.18 – NTLH).

U – *Une* . “*Ensina*-me, SENHOR , o teu caminho, e andarei na tua verdade; *une* o meu coração ao temor do teu nome” (Sl 86.11 – ARC).

S – *Satisfaze* . “*Satisfaze* -nos pela manhã com o teu amor leal, e todos os nossos dias cantaremos felizes” (Sl 90.14 - NVI).

“Sei que devo, mas perdi o desejo”

Continuemos neste assunto de oração por desejo. “*Inclina* -me o coração aos teus testemunhos.” Com o passar dos anos em meu ministério pastoral, muitas pessoas têm se queixado de que não têm motivação para ler a Bíblia. Têm um senso de dever, mas não o desejo. É notável quantas dessas pessoas acham que a ausência de desejo é o golpe final na meditação prazerosa na Palavra de Deus.

Quando lhes peço que descrevam o que farão a respeito do problema, elas olham para mim como se eu não tivesse compreendido o problema. O que podemos fazer a respeito da ausência de desejo, elas perguntam. “Não é uma questão de *fazer*. É uma questão de *sentir*”, elas reclamam. O problema desta resposta é que estas pessoas não somente perderam o desejo pela Palavra de Deus, mas também perderam de vista o soberano poder de Deus. Estão agindo como ateus práticos. Adotaram o tipo de fatalismo que ignora a maneira como o salmista orou.

Evidentemente, o salmista também sentia esta horrível tendência para se afastar da Palavra de Deus. Evidentemente, ele também conhecia o esfriamento do desejo e a tendência de seu coração para se inclinar mais a outras coisas – em especial, o dinheiro. Se não, por que ele teria clamado: “Inclina-me o coração aos teus testemunhos *e não à cobiça*”? Ele estava insistindo com Deus que lhe desse desejo pela Palavra. O salmista sabia que, em última análise, Deus é soberano sobre os desejos do coração. Por isso, ele clamou a Deus que fizesse o que não podia fazer acontecer de si mesmo. Isto é a resposta ao fatalismo. É a resposta a agir como um ateu – como se não houvesse um Deus que governa o coração e que pode restaurar o que perdemos.

Estamos lutando por nossa vida

Não posso enfatizar demais como nossa real incapacidade (A – *Admitir*) deve ser acompanhada do clamor diário para que Deus desperte e sustente nosso desejo de ler sua Palavra (O – *Orar*). Muitos de nós são passivos no que diz respeito a nossas afeições espirituais. Somos fatalistas práticos. Pensamos que não podemos fazer nada. “Oh! Bem, hoje não tenho nenhum desejo de ler a Bíblia. Talvez amanhã eu o tenha. Vejamos.” E saímos para o trabalho.

O salmista não pensava nem agia desta maneira. Não foi assim que agiram os grandes santos da história da igreja. A vida é guerra. E as principais batalhas são travadas no nível dos desejos e não das obras. Quando Paulo disse: “Fazei, pois, morrer a vossa natureza terrena”, ele incluiu na lista “paixão lasciva, desejo maligno e a avareza” (Cl 3.5). Estes são os grandes destruidores do desejo pela

Palavra de Deus. O que Jesus disse que remove nosso desejo pela Palavra? “Os cuidados do mundo, a fascinação da riqueza e as *demais ambições* , concorrendo, *sufocam a palavra* ” (Mc 4.19). Paulo nos ordena matar essas “*demais ambições* ”, antes que elas nos matem. Paulo não nos incentiva a sermos passivos ou fatalistas. Ele nos encoraja a lutarmos por nosso desejo pela Palavra de Deus.

E o primeiro e mais decisivo golpe que podemos dar contra as “demais ambições” que “sufocam a palavra” é o clamor diário para que Deus “incline” nosso coração à sua Palavra e não à “cobiça”. Não espere até que tenha perdido o desejo para começar a orar por este desejo. Se o desejo estiver presente, dê graças e peça a Deus que o preserve e o intensifique. Se você sente que seu desejo está esfriando, peça a Deus que o aqueça. E, se o desejo já se foi, e você não sente nenhum desejo de orar, faça o que pode. Arrependa-se. Conte a Deus que você está triste pelo fato de que o desejo pela Palavra está morto. Diga-lhe como você se sente. Ele já sabe. Peça-lhe – e isto é possível sem hipocrisia por causa da “semente incorruptível” (1 Pe 1.23) que permanece nos filhos de Deus. Peça-lhe o desejo que agora você quase nem consegue ter vontade de pedir. Ele é misericordioso.

Cristo morreu para que nosso desejo por oração seja respondido

A razão por que podemos orar desta maneira, esperando misericórdia, com confiança, é que Jesus morreu para comprar este desejo pela Palavra de Deus. Ele morreu para que esta oração seja respondida. Deus prometeu, por meio dos profetas Moisés, Jeremias e Ezequiel, que um dia ele faria uma “nova aliança” com seu povo. Jesus disse que o derramamento de seu sangue era a compra dessa nova aliança para todos os que creram nele como seu Salvador, Senhor e tesouro supremo. Na última ceia, ele explicou: “Este é o cálice da *nova aliança no meu sangue* derramado em favor de vós” (Lc 22.20). Pelo derramamento de seu próprio sangue, Jesus obteve a nova aliança para seu povo. O derramamento de seu sangue garantiu o perdão dos pecados para todos os que creem nele (At 10.43). “Isto é o meu sangue, o sangue da [nova] aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados” (Mt 26.28).

Com base neste perdão, as outras bênçãos da nova aliança vêm para o povo de Deus. E estas bênçãos se relacionam principalmente à mudança de nossos desejos – especificamente, nossos desejos por Deus e sua Palavra. Estas são as principais promessas da nova aliança:

O SENHOR , teu Deus, circuncidará o teu coração e o coração de tua descendência, *para amares o SENHOR , teu Deus* , de todo o coração e de toda a tua alma, para que vivas (Dt 30.6).

Esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o SENHOR : *Na mente, lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhes inscreverei* ; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo (Jr 31.33).

Dar-lhes-ei um só coração, espírito novo porei dentro deles; tirarei da sua carne o coração de pedra e lhes darei coração de carne; para que andem nos meus estatutos, e guardem os meus juízos, e os executem; eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus (Ez 11.19-20).

Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne. Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis (Ez 36.26-27) .

Jesus morreu para que nossas orações em favor de amor renovado por ele e sua Palavra sejam misericordiosamente respondidas. Não pedimos a Deus novos desejos por sua Palavra com base em nossos méritos. Nós lhe pedimos com base no sangue e na justiça de Cristo. Não argumentamos com Deus que ele nos deve qualquer coisa que temos em nós mesmos. Não. Tudo que recebemos é dom gratuito da graça.

Quando oramos: “Inclina-me o coração aos teus testemunhos” (Sl 119.36), estamos admitindo que não merecemos nada – um coração insensível para com a beleza infinita é um pecado infinito. Estamos confessando nossa incapacidade e pecaminosidade. Estamos nos afastando de nós mesmos e nos achegando a Cristo. Nossa súplica é esta: Ó Deus, por amor a Cristo! Por causa de teu Filho amado! Por causa de seu infinitamente precioso sangue! (1 Pe 1.19), ouve meu clamor e restaura a alegria de minha salvação (Sl 51.12) e deleite que eu tinha antes em tua Palavra (Sl 1.2). Restaura a plenitude de meu amor por ti (Dt 30.6). Concede-me dizer novamente, do fundo do coração: “Oh! Quanto amo a tua lei!” (Sl 119.97).

Entregando nossa identidade a Deus

Não ignoremos quão radical é orar desta maneira a respeito de nossa leitura da Bíblia. A oração contém uma entrega absoluta de nós mesmos a Deus. Em essência, estamos dizendo: sinto-me feliz pelo fato de que o Senhor tem o controle mais básico de meu coração. Sinto-me feliz por ter o Senhor por trás de minha disposição consciente e no controle das fontes de meus desejos e anseios e de tudo que flui de meu ser mais interior. Isto é radical. Isto é uma entrega de nossa identidade a Deus. Nosso próprio ser, como pessoas individuais, é quem somos no íntimo .

Nossa identidade mais profunda não são os meros atos exteriores de performance religiosa, ou esforços de caridade, ou realizações habilidosas. Nós somos quem somos lá no íntimo, onde os desejos, anseios, paixões e afeições são gerados. Quando oramos: “Inclina meu coração”, estamos entregando o controle dessas profundezas. Estamos olhando para Cristo e sua morte por nós; e estamos vendo uma pessoa digna da mais profunda confiança. Por causa de Cristo, dizemos a Deus: “Eu creio que tu és bom. Creio que posso confiar em ti. Creio que o Senhor não me anulará, e sim me tornará aquilo para o que fui criado. Por isso, eu te entrego as fontes de meu ser – as fontes de minha própria identidade. Peço-te que assumas o controle e me dê os desejos que se harmonizam com teu valor e a maior alegria em ti.

Suspeito que muitos dos que oram a Deus para que os ajude em sua leitura da Bíblia não obtêm a resposta porque não estão realmente dispostos a fazer a entrega envolvida no clamor: “Inclina meu coração”. Estão dizendo no seu íntimo: “Não tenho certeza de que quero realmente ter um desejo pela Palavra de Deus, um desejo que é maior do que meu desejo por sexo, dinheiro, popularidade, casamento, família ou a própria vida”. Não estão dizendo realmente: “A tua graça é melhor do que a vida” (Sl 63.3). Estão se restringindo. Uma apreciação profunda de algum pecado ou algum “desejo por outras coisas” impede a entrega de todo o coração. Mas essas negociações com Deus – essas medidas incompletas – não são aceitas. “Se eu no coração contemplara a vaidade, o Senhor não me teria ouvido” (Sl 66.18).

A Palavra é a revelação de Deus mesmo

zÉ provável que autoengano esteja acontecendo aqui. O engano é que essas pessoas estão lidando apenas com a Palavra de Deus e não com Deus mesmo. Não pensam que esquivarem-se do desejo mais pleno pela Palavra de Deus é esquivarem-se de Deus. Admitem a ilusão de que alguém pode ter um relacionamento de longa duração com Deus enquanto cultiva idolatrias silenciosas em seu coração. Deus vê esses subterfúgios. Jesus deixou claro o que todos nós sabemos no profundo de nosso coração. A Palavra de Deus, como diz Derek Kidner, é “ele mesmo revelado”.³ Jesus disse: “Se alguém me ama, guardará a minha palavra”. Esta é a relação íntima entre Jesus Cristo e sua palavra. Perda de interesse na Palavra de Deus é perda de interesse em Deus.

Portanto, aqui, no início da resposta à pergunta: “Como lemos a Bíblia na força de outro?”, nos deparamos com a mais profunda das exigências. Ler a Bíblia é algo que devemos *desejar* fazer (Sl 1.2; 1 Pe 2.2), mas os desejos de nosso coração pecaminoso são instáveis. Por isso, tudo começa com este teste: *queremos* realmente desejar e desfrutar a Palavra de Deus acima de todas as coisas criadas? Estamos dispostos a entregar a fonte de nossos desejos – nossa identidade – às mãos de Deus? Estamos dispostos a orar: “Inclina-me o coração aos teus testemunhos” e a não reter coisa alguma? Em outras palavras, a questão a respeito de como lemos as Escrituras é uma questão de entrega cristã radical de nosso eu mais profundo às mãos de Deus, para ele fazer como lhe agrada. É uma questão sobre o que significa ser um cristão.

Oração pelo abrir de nossos olhos

Depois de havermos orado que Deus *incline* nosso coração aos seus testemunhos (Sl 119.136) – o I do IAUS – estamos agora vendo o livro, a Bíblia. Estamos lendo. Veremos brevemente que processos naturais estão envolvidos nesse ato. Mas precisamos enfatizar aqui que, quando Deus nos dá o desejo por sua Palavra, a tarefa de orar apenas começou. Antes e durante a nossa leitura, apresentamos a oração: “Desvenda os meus olhos, para que eu contemple as maravilhas da tua lei” (Sl 119.18). Estes olhos são o

que Paulo chama de os olhos do coração (Ef 1.18). Esta oração de Paulo é essencialmente a mesma do salmista; a diferença é que, neste caso, Paulo ora em favor de outras pessoas. Ele pede que os “*olhos do vosso coração*” sejam iluminados.

Todos nós sabemos o que é ler sem ver as “maravilhas”. Já fixamos os olhos nas coisas mais gloriosas sem vê-las como mais gloriosas. Temos visto as maravilhas sem nos maravilharmos. Temos colocado a doce bondade de Deus na língua de nossa alma sem saborearmos a doçura. Temos visto o amor indescritível sem nos sentirmos amados; visto o maior poder, sem sentirmos qualquer temor; visto a sabedoria imensurável, sem sentirmos qualquer admiração; visto a santidade da ira, sem sentirmos qualquer tremor. Isso significa que estamos vendo sem ver (cf. Mt 13.13). Isto é a razão por que precisamos entretecer continuamente, em nossa leitura, o fio da oração dependente de Deus: “Rogo-te que me mostres a tua glória” (Êx 33.18).

Se não sentimos o valor do que vemos, não estamos vendo-o como ele realmente é. Estamos vendo-o da maneira como Satanás o vê – exceto que até os demônios tremem (Tg 2.19). Estamos vendo-o da maneira como o homem natural vê. Antes da iluminação espiritual de nosso coração, na conversão (Ef 1.18; Hb 10.32), olhávamos para a história de Jesus e éramos cegos para “a luz do evangelho da glória de Cristo” (2 Co 4.4). E, depois dessa iluminação inicial (2 Co 4.6), devemos orar constantemente, pelo resto de nossa vida, que Deus continue a nos dar olhos que veem.

Sabemos disto porque Paulo estava orando em favor de *cristãos* quando pediu que “os olhos do coração” fossem iluminados. Sabemos, também, porque o escritor de Hebreus estava escrevendo para *cristãos* quando disse: “A esse respeito temos muitas coisas que dizer e difíceis de explicar, porquanto vos tendes tornado tardios em ouvir” (Hb 5.11). Até que Jesus volte, nós “vemos como em espelho, obscuramente” (1 Co 13.12). E esse espelho tem vários graus de embaçamento que tornam as coisas obscuras. Deus ordenou que a oração seja um meio indispensável de deixar esse espelho tão limpo que possamos ver as maravilhas da Palavra como elas realmente são.

Orar sem cessar

Isso não é uma oração feita de uma vez por todas. Nem mesmo uma oração feita uma vez por dia ou feita uma única vez no início das devoções diárias. Já passei a maior parte de meus 45 anos de ministério olhando para textos bíblicos. Posso testemunhar que “orai sem cessar” (1 Ts 5.17) tem uma importância especial para a leitura e o estudo da Bíblia. Centenas de vezes não progredi em meu esforço para entender um texto, tendo, muitas vezes, um senso de desespero porque devia pregar naquele texto em dois dias. Usava as línguas originais. Usava livros de outros eruditos. Começava meu trabalho com oração. Mas ainda continuava perplexo. Então, eu parava – de novo – e pedia ao Senhor que me guiasse à verdade e à beleza do texto. É maravilhoso testemunhar quantas vezes, ao estudar o texto na meia hora seguinte, se abriu algo que eu não percebera antes. Admirado, curvo-me ante a misericórdia e paciência de Deus. Charles Spurgeon disse:

Podemos labutar com um texto várias vezes em meditação; podemos considerá-lo repetidas vezes, e, apesar disso, nada obter dele. Mas, então, oramos a Deus, e logo o texto se abre, e vemos ocultos ali tesouros maravilhosos de sabedoria e de graça... Somente ler não é proveitoso; orar sem ler não enriquece a alma; mas, quando os dois andam juntos, são como cavalos que puxam uma carroça e disparam avante alegremente.⁴

Adiantando-nos por uma razão

Implícito em meu último parágrafo e na citação de Spurgeon, está um fato que ainda não tornamos explícito. Deus responde nossas orações não somente por capacitar-nos a ver glória, beleza e valor onde, do contrário, ficaríamos entediados e indiferentes, mas também por capacitar-nos a ver o significado básico de textos por meio dos quais essa glória brilha. Estou me adiantando aqui porque ainda não falamos especificamente sobre o que é o *significado* de um texto. Isso vem depois. Mas preciso apresentá-lo agora porque, de outro modo, não conheceremos o efeito pleno da oração. Abordarei isto no capítulo seguinte, em que completaremos nossa consideração sobre o lugar indispensável da oração em ler a Bíblia de modo sobrenatural.

1 Benjamin Warfield, "The Religious Life of Theological Students", em *The Princeton Theology*, ed. Mark Noll (Grand Rapids, MI: Baker, 1983), 263.

2 Robert Robinson, "Come Thou Fount of Every Blessing", 1757.

3 Derek Kidner, *Psalms 73-150* (London: Inter-Varsity Press, 1975), 462.

4 C. H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, vol. 58 (London: Passmore & Alabaster, 1912), 427.

Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade.
JOÃO 17.17

Guia-me pela vereda dos teus mandamentos, pois nela me
comprazo.
SALMO 119.35

O LUGAR INDISPENSÁVEL DA ORAÇÃO EM LER A BÍBLIA DE MODO SOBRENATURAL: VER, DESFRUTAR E AMAR COM UM CORAÇÃO NÃO DIVIDIDO

“Desvenda os meus olhos, para que eu contemple as maravilhas da tua lei.”

Significado e glória

Na primeira parte de nossa consideração sobre oração (capítulo 16), terminei por me referir à experiência de não progredir em entender um texto bíblico, e, depois, parar, orar, e, por fim, obter progresso. Em seguida, comentei que esta experiência pessoal apresentou um aspecto da oração que ainda não tinha mencionado. Até então, o foco estava no poder da oração para abrir os olhos de nosso coração a fim de vermos a glória de Deus onde, do contrário, ficaríamos entediados e indiferentes. Mas o novo argumento é que a oração tem um efeito não somente na percepção espiritual da glória

de Deus por parte do coração, mas também na assimilação intelectual do *significado básico* do texto por meio do qual a glória brilha .

Reconheci-me culpado de adiantar-me porque, ao usar a expressão *significado básico* , estou pressupondo coisas que abordarei depois (no capítulo 20) a respeito do que *queremos dizer* , realmente, por “significado”. Mas afirmei que precisava adiantar-me para mostrar a plenitude do que a oração faz por nós na leitura da Bíblia.

Quando oramos para que Deus nos mostre sua glória na Escritura, não estamos pedindo que ele ignore o significado do texto, e sim que descortine a plenitude do significado do autor. Portanto, em procurarmos ver e gozar da glória de Deus na Escritura, oramos pela ajuda divina para assimilarmos o significado básico das palavras. A glória não paira sobre um texto, como uma nuvem, para ser vista separadamente do que os autores tencionavam comunicar. Ela brilha em e por meio do que eles tencionavam comunicar – o seu *significado* .

Ilustração de Filipenses

No entanto, esta não é a maneira exata de dizer isso, porque a glória é *parte* do que eles pretendiam comunicar. Mas penso que é proveitoso distinguir o *significado básico* de uma passagem, por um lado, e *o valor e a beleza da mensagem* , por outro lado. Sei que eles não são realmente separáveis. E ambos fazem parte do que o autor quer que experimentemos. Talvez uma ilustração nos ajude a ver por que eu penso que a distinção é importante e como ela se relaciona com a oração.

Em Filipenses 1.23, Paulo diz: “Ora, de um e outro lado, estou constrangido, tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor”. Suponha que algum leitor descuidado estivesse em Roma e imaginasse que Paulo estava dizendo que seu desejo era partir *de Roma* e estar *com Cristo* em um lugar mais rural e mais pacífico do que o perigoso centro urbano do império. E suponha que esse leitor considerasse esse pensamento maravilhoso, cheio de implicações agradáveis sobre o valor da natureza e da quietude para o refrigério da alma.

Bem, ele estaria errado. Primeiramente, este leitor descuidado entendeu errado o significado básico. Paulo não pretendia dizer nada sobre partir de Roma para o interior ou sobre o valor da quietude rural. Ele queria dizer que desejava partir desta vida e estar com Cristo no céu. Com base no significado errado, este leitor descuidado também viu um tipo de glória que não estava lá. Ele sentiu a doçura do viver rural e pacífico para o refrigério da alma. Este sentimento não tem base no texto. Ele viu algo que podia chamar de glorioso ou maravilhoso. Mas a glória e a maravilha não estão no texto.

O argumento desta ilustração é este: quando o salmista orou: “Desvenda os meus olhos, para que eu contemple as maravilhas da tua lei” (Sl 119.18), ele não queria dizer que a visão de maravilhas poderia ignorar o processo natural de leitura cuidadosa. Portanto, a oração não toma o lugar da interpretação diligente. A oração contribui para a interpretação diligente. Isto é o que eu estava comunicando no capítulo anterior, ao dizer que, às vezes, não progredia em tentar entender um texto, mas, depois de orar por ajuda, frequentemente vinha um progresso. Minha oração não é apenas por visão da glória, mas também por ajuda em compreender o significado por meio do qual a glória brilha.

Ore a respeito de tudo, porque Deus governa tudo

Quando descrevemos os níveis do significado de um texto, a oração é frutífera em cada nível. Deus não somente abre os olhos de nosso coração para ver a sua glória; ele também nos guia providencialmente em todo o processo de interpretação – até mesmo nas partes mais naturais. Ele é soberano sobre todo o processo. Deus governa cada parte de nossa observação, pensamento ou pesquisa do texto. Jesus disse que nem um pardal cai no chão sem o consentimento de nosso Pai celestial (Mt 10.29). O mesmo se aplica à leitura da Bíblia. Não fazemos a menor descoberta sem a direção providencial de Deus. Sem dúvida, isto é verdadeiro também para o erudito incrédulo. O governo de Deus não é frustrado pelas afirmações da incredulidade.¹ Mas, no caso dos crentes, o mistério da oração de confiança continua operante.

Por mais inacreditável que pareça, Deus entrelaça as orações de seu povo na maneira pela qual governa o mundo. Porque nós oramos, acontecem coisas que não aconteceriam se não orássemos. Isso é o que Tiago quis dizer ao falar: “Nada tendes, porque não pedis” (Tg 4.2). É também o que significa esta instrução de Jesus: “Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á” (Mt 7.7). Isto não nos torna Deus – como se nossa vontade fosse o árbitro final do que acontece no mundo. Mas significa que nossos pedidos, feitos com fé a Deus, são parte da maneira pela qual ele faz sua vontade acontecer. Isso inclui sua vontade graciosa em ajudar-nos a ver a plenitude do significado de sua Palavra – sua mensagem básica e sua glória.

O fato de que oramos não nos torna infalíveis

Isto não significa que podemos defender a nossa interpretação por dizer: “Orei a Deus pedindo ajuda, e, por isso, minha interpretação é a correta”. Esse tipo de argumento não é convincente por, pelo menos, três razões. Primeira, a pessoa que argumenta isso pode não estar nos falando a verdade. Talvez ela orou; talvez não. Segunda, às vezes Deus retém a plenitude de sua iluminação por razões sábias e santas, mesmo quando lhe pedimos ajuda para a interpretação de um texto. Se ele não retivesse alguns discernimentos, uma oração de coração poderia transformar um leitor num comentador infalível da Escritura. Evidentemente, Deus não pensa que isso é uma boa ideia. Assim como ele quer nos santificar gradualmente, em vez de nos aperfeiçoar da noite para o dia, assim também ele quer nos guiar gradualmente ao pleno significado de textos bíblicos, em vez de nos tornar infalíveis da noite para o dia. Interpretação infalível aguarda o dia da vinda de Cristo (1 Co 13.12).

Em terceiro, e ainda mais importante, não podemos defender nossa interpretação por afirmarmos iluminação divina em resposta à oração, porque a maneira como Deus ilumina o texto é por *mostrar o que está realmente ali*. Isto significa que, ao querermos defender como entendemos um texto, devemos mostrar o que está realmente ali. Um argumento gramatical bom e consistente quanto ao que o texto significa supera qualquer afirmação de que o Espírito Santo me disse o significado. Esse argumento não é irreverente porque

leva mais a sério a obra gloriosa do Espírito Santo em inspirar a gramática do que o faz as experiências subjetivas de um intérprete que a ignora.

Ore por ajuda para prestar atenção ao que está escrito

Portanto, ainda que a direção do Espírito Santo na leitura da Bíblia não nos dê um argumento em favor de que nossa interpretação é verdadeira, a direção e a iluminação do Espírito são essenciais. Devemos estar em oração por elas, repetidas vezes, durante todo o processo de leitura e estudo da Bíblia. Devemos orar, por exemplo, que o Espírito Santo, nos ajude a prestar muita atenção a todas as características do texto. Oh! Quão frustrante e quão desanimador é a tendência de nossa mente para vagar! Permita-me citar um exemplo de meu diário:

Nesta manhã – poderia ter sido em qualquer manhã – estava lendo Êxodo 34 como parte de minhas devoções matinais. Negligenciei a oração por esta ajuda quando comecei. Estava em um hotel, fora da minha rotina de tempo e do lugar costumeiro (desculpas, desculpas), e segui imediatamente para a leitura, sem orar meu confiável IAUS.² Estava prestando atenção quando comecei a ler. Moisés havia relatado as palavras de Deus e subiu ao monte para receber os Dez Mandamentos pela segunda vez. Cheguei ao versículo 4, mas, em poucos instantes, estava lendo o versículo 9, sem a menor lembrança do que estava nos versículos 5 a 8. Eu não dormi. Minha mente vagueou. Vagueou para um encontro que eu e minha esposa teríamos com alguém num restaurante em cerca de uma hora – um encontro que talvez seria muito difícil.

Pedi perdão ao Senhor por isso. Sim, penso que é insulto não prestar atenção quando alguém está falando conosco. Devemos pedir perdão por isso, como o fazemos no caso de divagarmos num restaurante quando alguém à nossa frente fala conosco na mesa. Em seguida, roguei ao Senhor que me ajudasse a prestar atenção e me desse algo que me ajudaria no encontro. Voltei e reli os versículos. Eis o que vi: “E, passando o SENHOR por diante dele, clamou: SENHOR , SENHOR Deus compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade; que guarda a misericórdia em mil gerações, que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado, ainda que não inocenta o culpado” (Êx 34.6-7).

Glorioso. Glorioso! Você observou a maneira como Deus se identifica depois de ser rejeitado por seu povo, que fez um bezerro de ouro? O Senhor. O Senhor. Deus. Compassivo. Clemente. Longânimo. Grande em misericórdia. Grande em fidelidade. Perdoador da iniquidade. Perdoador

de transgressão. Perdoador de pecado. Punidor do culpado que não quer aceitar graça.

Não há nada mais doce no Novo Testamento ou no Antigo Testamento do que esses dois versículos de Êxodo 34. Isso é o que Satanás *não* queria que eu visse. Acredito que foi Deus quem me despertou graciosamente no versículo 9 e me repreendeu, para que eu voltasse e visse a glória que perdera porque minha mente não se focalizara nos versículos.

E isto foi o que aconteceu em seguida. Chamei minha esposa para sentar na cama e ouvir. Li estes versículos para ela. Depois, oramos juntos. Aplicamos especificamente esses versículos a nós mesmos e ao encontro que teríamos no restaurante. Fomos fortalecidos. Recebemos esperança. E Deus agiu. A certa altura, a conversa tomou um rumo que foi admirável. Corações se abriram. Ternura aconteceu e amor fluiu.

Quase perdi aquele dom. E, se o tivesse perdido, acho que o Senhor teria plena razão em dizer: “Você não o teve, porque não pediu. Apenas prosseguiu em sua leitura, como um dever. E passou por cima da glória que estava lá para que você visse”. Mas, como o texto diz, ele é tão misericordioso. Tão perdoador. Tão disposto a começar de novo conosco – no versículo 9 .

Por isso, peça ao Senhor que lhe ajude a prestar atenção. Se você tende a sentir sono enquanto lê a Bíblia, peça ao Senhor que lhe dê a disciplina de que precisa para ir para a cama tão cedo quanto necessário para que tenha o descanso suficiente. Ou peça-lhe qual é o melhor tempo para que você não se sinta tão sonolento. Ou peça-lhe a motivação de levantar-se e ficar andando enquanto lê a Bíblia, porque é mais difícil sentir sono quando estamos andando. Ou, se a sua consciência permitir, peça ao Senhor que o torne tolerante a cafeína; depois, coloque seu café a trabalhar para a glória de Deus!

Deus pode tornar frutífero todo método – se pedirmos

O número de coisas pelas quais poderíamos orar para ver o que está na Escritura é tão grande quanto o número de estratégias para obter discernimento. Deus pode tornar todas elas mais frutíferas, se lhe pedirmos. Isto poderia incluir:

- Oração por orientação para notarmos partes do texto que são especialmente esclarecedoras.
- Oração para que sejamos guiados a outras passagens da Bíblia que oferecerem esclarecimento sobre a passagem que estamos lendo.

- Oração para que sejamos guiados a outros livros, sermões ou palestras que seriam úteis em esclarecer alguns dos problemas com os quais nos deparamos.

- Oração por experiências ou lembrança de experiências que já tivemos e que tornariam mais real o que estamos lendo.

- Oração por amigos que poderiam estudar a Bíblia conosco e ajudar-nos a ver coisas que não temos visto .

- Oração contra inclinações ou hábitos pecaminosos que poderiam cegar-nos para uma parte da Escritura que não apreciamos.

- Oração para que, enquanto escrevemos o texto em nosso diário, observemos as coisas que perdemos nas leituras simples.

Devemos orar por qualquer coisa que nos ajude a prestar atenção diligente ao que está realmente escrito. Devemos pedir a Deus que torne o texto mais claro do que seria sem a sua ajuda.

“Une o meu coração” enquanto leio tua Palavra

Portanto, em nosso uso do acrônimo IAUS, para guiar nossa oração por ajuda em lermos a Bíblia de modo sobrenatural, já consideramos o I – *Inclina* . “*Inclina* -me o coração aos teus testemunhos e não à cobiça” (Sl 119.36). Consideramos também o A – *Abre* . “*Abre* os meus olhos para que eu possa ver as verdades maravilhosas da tua lei” (Sl 119.18 – NTLH). A próxima letra no acrônimo é U – *Une* . “Ensina-me, SENHOR , o teu caminho, e andarei na tua verdade; *une* o meu coração ao temor do teu nome” (Sl 86.11 – ARC).

A diferença entre esta oração – “*une* o meu coração” – e a oração por foco é que esta diz respeito ao coração, não somente a atenção mental para com o texto. Revela um problema humano profundo. Nosso coração é propenso a ser dividido e não unido. Søren Kierkegaard escreveu um livro que tinha como título a impressionante afirmação *Pureza de Coração É Querer Uma Só Coisa* .³ Por trás desta afirmação, estava um poderoso apoio bíblico: “Chegai-vos a Deus, e ele se chegará a vós outros. Purificai as mãos, pecadores; e *vós que sois de ânimo dobre, limpai o coração* ” (Tg 4.8). Ser impuro é ser dividido de coração. Parte de nosso coração se apega a Deus, e parte dele se apega a algo que compete com Deus por nossos desejos.

A experiência universal de um coração dividido

Esta é a experiência universal de toda pessoa que foi invadida pelo Espírito de Deus e trazida à fé em Jesus. Ele é agora o tesouro supremo. “Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim” (Mt 10.37). No entanto, até que morramos ou que Jesus volte, a batalha continua. Nós, cristãos, temos de reafirmar diariamente a nossa lealdade a Jesus como supremo. Como disse Paulo, temos de considerar-nos “mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus” (Rm 6.11). Precisamos “considerar-nos” ou “reconhecer-nos” ativamente como pertencentes a Deus. Pertencemos *realmente* a ele. Estamos *mortos* para o pecado. Estamos *vivos* para Deus. E, por isso, devemos *reconhecer* que esta é a nossa condição, porque há forças que operam diariamente para arrastar-nos à direção oposta. Paulo descreve a realidade cristã quando diz: “Nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir, pois não faço o que prefiro, e sim o que detesto” (Rm 7.15).⁴ Ele clama: “Desventurado homem que sou!” (Rm 7.24). Isso é o que significa ser um homem de ânimo dobre (Tg 1.8).

É por essa razão que, ao ler a Bíblia, devemos orar como o salmista: “Une o meu coração”. Se o significado e a glória da Escritura têm de ser vistos e desfrutados com todo o nosso coração, devemos ter um coração inteiro para Deus. Este é o primeiro e grande mandamento: “Amarás o Senhor, teu Deus, de *tudo* o teu coração, de *toda* a tua alma e de *tudo* o teu entendimento” (Mt 22.37). Como este mandamento será obedecido por um coração dividido? A mensagem central e abrangente de toda a Bíblia é que Deus tem de ser amado acima de *todas* as coisas e com *tudo* o que somos. Ele é supremo em valor e beleza. Há pouca esperança, portanto, de que a mensagem central da Bíblia – e tudo que ela aborda – seja corretamente vista e desfrutada se o coração é dividido. Devemos orar a Deus como Thomas Ken:

Dirige, controla, sugere, neste dia,
Tudo que eu planejar, fizer ou disser,
Para que todos os meus poderes, com toda a sua força,
Sejam *unidos* tão somente em tua glória.⁵

A oração em favor de desfrutar a glória de Deus

A quarta letra em meu acrônimo de oração é S – *Satisfaze* . “Satisfaze-nos pela manhã com o teu amor leal, e todos os nossos dias cantaremos felizes” (Sl 90.14 – NVI). Lembre a proposta da parte 1:

Nosso alvo supremo em ler a Bíblia é que a dignidade e a beleza infinitas de Deus sejam exaltadas através da adoração fervorosa e eterna da noiva de Cristo, comprada por sangue, formada de pessoas procedentes de todo povo, língua, tribo e nação .

Toda a nossa leitura bíblica tem como alvo este objetivo – a exaltação da glória de Deus na adoração fervorosa de seu povo. Por isso, dedicamos três capítulos (3-5) à implicação de que a glória de Deus tem de ser *vista* na Palavra, e dedicamos dois capítulos (6-7) à implicação de que a glória de Deus tem de ser *desfrutada* na Palavra.

Este capítulo é sobre a necessidade de oração para que Deus faça essas implicações se tornarem realidade. O acrônimo IAUS chega ao seu ponto mais elevado na oração de que Deus nos faça *desfrutar* de si mesmo – ou seja, ser satisfeitos nele – acima de todas as coisas. “*Satisfaze-nos pela manhã com o teu amor leal.*” Isto é o que significa o meu *desfrutar* a glória de Deus. Significa que nós o achamos mais *satisfatório* do que qualquer realidade criada. Dizemos como o salmista: “Quando acordar, eu *me satisfarei* com a tua semelhança” (Sl 17.15).

O salmista precisava de ajuda divina para amar a Deus

O fato de que os salmistas sentiam necessidade de orar desta maneira não é reconfortante e inspirador? “Satisfaze-nos com o teu amor leal!” Por que oravam desta maneira? Porque seu coração era dividido como o nosso. Cada dia, eles precisavam recorrer à supremacia do valor de Deus. Cada dia, precisavam reconhecer que a benignidade de ontem não era suficiente para hoje. Nós também precisamos de novas misericórdias cada manhã. Precisamos de graça renovada. Precisamos que Deus nos revele de novo sua beleza e sua dignidade. É por isso que precisamos ler a Bíblia cada dia. E,

também, por que oramos: “Abre meus olhos para a tua glória”; e: “Satisfaze-me com tudo que tu és para mim em Jesus”.

No Salmo 63, Davi nos mostra o progresso de sua alma, de *buscar* para *ver* e para *desfrutar* :

Ó Deus, tu és o meu Deus forte; eu te *busco* ansiosamente;
a minha alma tem sede de ti; meu corpo te almeja,
como terra árida, exausta, sem água.
Assim, eu te contemplo no santuário,
para *ver* a tua força e a tua glória.
Porque a tua graça é melhor do que a vida;
os meus lábios te louvam.
Assim, cumpre-me bendizer-te enquanto eu viver;
em teu nome, levanto as mãos.
Como de banha e de gordura *farta-se* a minha alma;
e, com júbilo nos lábios, a minha boca te louva (vv. 1-5).

Quando Davi e outros salmistas (como Asafe) viam e se deleitavam Senhor acima de todas as coisas, eles amavam dizer-lhe:

Quem mais tenho eu no céu? Não há outro em quem eu me compraza
na terra. Ainda que a minha carne e o meu coração desfaleçam, Deus é a
fortaleza do meu coração e a minha herança para sempre (Sl 73.25-26).

Digo ao SENHOR : Tu és o meu Senhor; outro bem não possuo,
senão a ti somente (Sl 16.2).

IAUS – G?

Se você tem me acompanhado, percebe que o acrônimo IAUS é incompleto. O alvo de ler a Bíblia não termina em minha satisfação pessoal em Deus, sem referência a outras pessoas e ao fim da história. Por isso, na parte 1 dediquei dois capítulos (8-9) ao fato de que o ver e o deleitar-se em Deus leva a uma linda transformação, de comportamento egoísta para comportamento amoroso e radical que assume riscos. O texto-chave foi 2 Coríntios 3.18 (“E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, [nós] somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito”). *Ver* a glória de Deus como ele realmente é – plenamente *satisfatória* – transforma a fonte de nossas ações e nos leva a amar.

Portanto, precisamos misturar nosso pequeno acrônimo com outra letra – G, que significa *Guiar* . Devemos nos mover de “*Satisfaze* - nos pela manhã com o teu amor leal”, para “*Guia-me pelas veredas*

da justiça e do amor” (ver Sl 23.3). “*Guia* -me pela vereda dos teus mandamentos, pois nela me comprazo” (Sl 119.35). “*Guia* -me na tua verdade e ensina-me” (Sl 25.5). “SENHOR , guia-me na tua justiça” (Sl 5.8). “Não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal” (Mt 6.13).

Acautele-se de pensar que este “guiar” é diferente da profunda transformação interior que vimos em 2 Coríntios 3.18. Jesus e os salmistas não estavam dizendo: “Guia-nos por força exterior, da maneira como guiamos uma mula com um chicote”. Eles disseram: “Guia-nos por mostrar-nos a glória de tua graça e satisfazer-nos até ao profundo de nosso ser, para que sejamos livres para arriscar nossa vida na causa do amor”. Sabemos disto por causa da maneira como Davi descreveu o guiar de Deus em Salmo 32.8-9:

Instruir-te-ei e te ensinarei o caminho que deves seguir; e, sob as minhas vistas, te darei conselho. Não sejas como o cavalo ou a mula, sem entendimento, os quais com freios e cabrestos são dominados; de outra sorte não te obedecem.

Se você precisa de freio e cabresto, não tem visto a glória de Deus. “Aquele que pratica o bem procede de Deus; aquele que pratica o mal *jamaiz viu a Deus* (3 Jo 11).

Paulo nos mostra como orar por transformação. Sem dúvida, ele orou para que os olhos do coração fossem iluminados (Ef 1.18) e para que nosso coração seja enlevado pelo imensurável amor de Cristo (Ef 3.14-19). Entretanto, Paulo também orou pelo fruto prático e visível de justiça e boas obras. “Não cessamos de orar por vós... a fim de viverdes de modo digno do Senhor, para o seu inteiro agrado, frutificando em toda boa obra e crescendo no pleno conhecimento de Deus” (Cl 1.9-10). “Também faço esta oração... [que sejais] cheios do fruto de justiça, o qual é mediante Jesus Cristo, para a glória e louvor de Deus” (Fp 1.9-11).

“Santifica-os na verdade: a tua palavra”

Sabemos que estas orações pelo guiar de Deus e pelo seu dom de viver justo e de boas obras são orações em favor do *fruto de leitura da Bíblia* , porque a Bíblia deixa claro que Deus nos dá sua Palavra exatamente para realizar estas mudanças em nossa vida. Ler a Palavra de Deus e ser guiado pelo Espírito de Deus são inseparáveis. Jesus orou explicitamente a seu Pai que nos guie ao

viver santo por meio da sua Palavra. “Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade” (Jo 17.17). Ele já havia explicado que nossa libertação do pecado vem pela verdade da Palavra de Deus. “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8.32). E, quando o apóstolo Paulo afirmou a inspiração da Escritura, ele também fez a conexão explícita entre a Palavra de Deus e nossas boas obras:

Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra (2 Tm 3.16-17).

Portanto, quando oramos que Deus nos guie pelas veredas de justiça (Sl 23.3), que nos faça produzir fruto em toda boa obra (Cl 1.10) e que nos encha do fruto de justiça (Fp 1.11), estamos orando que o Espírito Santo tenha seu efeito em nós. Estamos orando sobre a maneira como lemos *a Bíblia*.

No entanto, não estamos pedindo que nos tornemos legalistas – fazer o bem apenas porque a Bíblia nos ordena fazer o bem, quer sejamos mudados no interior, quer não. Essa era a maneira como os fariseus lidavam com a Palavra de Deus. E Jesus lhes disse que agiam como se nunca a tivessem lido (ver capítulo 12). Não. Estamos pedindo que a Palavra revele o valor e a beleza de tudo que Deus é para nós em Cristo, a fim de que *vejamos* esse valor e essa beleza como plenamente satisfatórios, que os *provemos* acima de todos os outros desejos e *sejamos mudados* por eles, de egoístas para altruístas, para que pessoas vejam nossas boas obras e *glorifiquem a Deus* (Mt 5.16).

Deus age em nossa leitura

Gastamos os dois últimos capítulos abordando o lugar indispensável da oração em ler a Bíblia de modo sobrenatural. Este ato é representado pela letra O – oração – no acrônimo AOCAA. No assunto da oração, aprofundamo-nos na especificidade de orar com a ajuda de outro acrônimo, IAUS – Inclina, Abre, Une, Satisfaze. O alvo era não somente ajudar-nos a orar sobre a leitura da Bíblia, mas também a orar da maneira como a própria Bíblia ora sobre isso.

AOCAA é um guia a respeito de como viver a vida – incluindo a leitura da Bíblia – pelo poder e direção do Espírito Santo. É uma

tentativa de responder o que *nós* devemos fazer se esperamos dizer como Paulo: “Trabalhei muito... todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo” (1 Co 15.10). Eu li a minha Bíblia; mas não fui eu, e sim a graça de Deus que operou em mim. AOCAA é um esforço para descrever o que significa *viver o milagre* da vida cristã. Devemos começar com humildade. Ou seja, começamos a nossa leitura bíblica por *admitir* (A) que não podemos fazer coisa alguma sem a graça de Deus. Em seguida, devemos *orar* (O) por novos desejos, olhos abertos, coração unido, alma satisfeita e uma vida de amor.

Agora, nos voltamos para ao C – *confiar* . Se havemos de experimentar a realidade sobrenatural da intervenção de Deus em nossa leitura da Bíblia, devemos não somente orar por ajuda, mas também crer nas promessas que Deus nos faz na Bíblia. Isso é o foco dos capítulos 18 e 19.

1 Se você gostaria de unir-se a mim em pensar mais amplamente na soberania de Deus sobre as ações pecaminosas dos homens e de Satanás, veja John Piper, *Spectacular Sins: And Their Global Purpose in the Glory of Christ* (Wheaton, IL: Crossway, 2008).

2 Quanto ao acrônimo IAUS , ver capítulo 16.

3 Søren Kierkegaard, *Purity of Heart Is to Will One Thing* (New York: Harper Brothers, 1948).

4 Sei que alguns bons eruditos não pensam que Romanos 7 descreve a experiência cristã, mas eu penso. Argumentei isto numa série de sermões, em seis partes, intitulada “Who Is This Divided Man?” Acesso em 23 de março de 2016, <http://www.desiringgod.org/scripture/romans/7/messages>.

5 Thomas Ken, “Awake, My Soul, and with the Sun”, 1674. Acesso em 23 de março de 2016, <http://cyberhymnal.org/htm/a/w/awakemys.htm>. Ênfase acrescentada.

Andamos por fé e não pelo que vemos.

2 CORÍNTIOS 5.7

Aquele, pois, que vos concede o Espírito e que opera milagres entre vós, porventura, o faz pelas obras da lei ou pela pregação da fé?

GÁLATAS 3.5

LENDO A BÍBLIA PELA FÉ NAS PROMESSAS DE DEUS

“Vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim.”

No começo do capítulo 14, falamos sobre Abraão e Sara como exemplos do ato natural de experimentar ajuda sobrenatural. Ambos eram velhos. Sara era estéril. Deus prometeu que ela conceberia e geraria um filho de Abraão. Era humanamente impossível. Esse é o principal ensino da história. Deus faz coisas sobrenaturais para cumprir suas promessas. Os cumprimentos das promessas de Deus não acontecem por acaso. Deus os faz acontecer. “Eu velo sobre a minha palavra para a cumprir” (Jr 1.12). Mas Abraão e Sara fizeram a coisa *natural* : tiveram relações sexuais. Tudo pareceu muito natural. Em um sentido, foi natural. Mas Isaque não teria existido sem a intervenção sobrenatural de Deus.

Isso é o que acontece na leitura da Bíblia. O ver, o deleitar-se e a transformação que Deus prometeu dar por meio da Escritura não acontecem na mente e no coração de seres humanos pecadores, se não houver uma intervenção sobrenatural. Esse foi o argumento dos capítulos 11-13. Deus tem de realizar a nova criação (2 Co 4.6), iluminar os olhos do coração (Ef 1.18), abrir a mente (Lc 24.45) e revelar o que realmente está lá (Mt 16.17). Em tudo isso, Deus torna uma impossibilidade em leitura sobrenatural.

Finalmente, no C

Perguntei no capítulo 14, como isto acontece? Como Abraão e Sara realizaram o milagre de gerar um filho de promessa? Como nós realizamos o milagre de ver a beleza de Deus na Escritura? A resposta que ofereci focalizou simplesmente o fato de que Deus faz sua obra sobrenatural sem anular os processos naturais da geração de um filho ou da leitura da Bíblia. Ele opera comumente *por meio d* eles e não *ao redor d* eles. Portanto, como diz o capítulo, “Deus Não Permita que Desprezemos Seus Dons Naturais”.

No entanto, o que não considereí no capítulo 14 foi uma parte absolutamente essencial da história de Abraão e Sara – e uma parte igualmente essencial de ler a Bíblia de modo sobrenatural. Não considereí *a fé* exercida por Abraão – sua *confiança* na promessa de Deus. Estou retornando agora à confiança de Abraão, enquanto abordamos a letra C no acrônimo AOCAA .

AOCAA , você recorda, é uma maneira prática e bíblica que nos ajuda a viver sobrenaturalmente – a servirmos “na força que Deus supre” (1 Pe 4.11). É uma maneira de andarmos “no Espírito” (Gl 5.16) e detalhar o que significa “trabalhei muito”, todavia, “não eu, mas a graça de Deus comigo” (1 Co 15.10). Portanto, o acrônimo AOCAA é o caminho pelo qual andamos no ato natural de ler a Bíblia de modo sobrenatural. Neste capítulo, focalizamos a letra C – *Confiar* . “Confia no Senhor de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos [inclusive na leitura da Bíblia], e ele endireitará as tuas veredas” (Pv 3.5-6).

Totalmente convencido de que Deus podia fazer o que prometera

Abraão é apresentado como nosso exemplo em realizar o milagre – receber e realizar o sobrenatural. Como nós, ele esteve diante de uma impossibilidade humana. O que ele fez? O que devemos fazer? Paulo focaliza o *confiar* de Abraão na Palavra de Deus, que glorificou a Deus. “Não duvidou, por incredulidade, da promessa de Deus; mas, pela fé, se fortaleceu, dando glória a Deus, estando plenamente convicto de que ele era poderoso para cumprir o que prometera” (Rm 4.20-21). É notável que a glória de Deus foi

mostrada de duas maneiras nesta altura da vida de Abraão – tanto no milagre do *nascimento de Isaque* , milagre esse que glorificou a Deus, quanto na *fé* exercida por Abraão, que glorificou a Deus, em crer que Deus o faria.

É assim também na leitura da Bíblia. Nosso alvo é ver, desfrutar e ser mudado pela glória de Deus, em e por meio do que lemos. E isso corresponde ao milagre do nascimento de Isaque. Para atingir esse objetivo, há uma maneira de buscar esse significado e essa glória, uma maneira que glorifica a Deus, ou seja, por confiar na promessa de Deus referente a ajudar-nos. E isso corresponde à *fé* exercida por Abraão. Ele “se fortaleceu” *na fé* . E estava “*plenamente convicto* de que ele [Deus] era poderoso para cumprir o que prometera”. Nesta “*fé*” e nesta “convicção plena”, Abraão deu “glória a Deus”. Ou seja, ele mostrou por sua confiança que Deus é gloriosamente forte e confiável. Deus pode dar um filho a um homem de cem anos e a uma mulher estéril. E Deus pode fazer um coração humano que antes era espiritualmente morto, como o nosso, ver a glória de Deus na Bíblia.

Ande e viva – e leia – pela fé

Ler a Bíblia é parte do andar cristão normal durante a vida. Como tal, devemos ler a Bíblia da maneira como devemos *andar e viver* . E a resposta bíblica é que devemos “andar *por fé* ” (2 Co 5.7) e “viver *pela fé* ” (Gl 2.20). Ou, como todo o capítulo onze de Hebreus expõe, devemos entender pela fé (v. 3), obedecer pela fé (v. 8), mudar de lugares pela fé (v. 9), receber poder pela fé (v. 11), fazer sacrifícios pela fé (v. 17), opor-se aos tiranos pela fé (v. 24) e assim por diante. Em outras palavras, tudo que fizermos, devemos fazê-lo “pela fé”.

A razão mais importante para a necessidade de fazermos tudo pela fé – incluindo ler a Bíblia – é que esta é a única maneira pela qual Deus receberá a glória que deve receber de nós em cada ação. Abraão é nosso exemplo disto: ele “Não duvidou, por incredulidade, da promessa de Deus; mas, pela fé, se fortaleceu, *dando glória a Deus* , estando plenamente convicto de que ele era poderoso para cumprir o que prometera” (Rm 4.20-21). Confiar em Deus quanto à sua ajuda no que fazemos atrai a atenção para seu poder e

confiabilidade. Fé na promessa de Deus ajuda-nos a tornar cada ação numa virtude que exalta a Deus. E, se cremos que todas as promessas de Deus foram compradas para nós somente por meio de Cristo (2 Co 1.20; Rm 8.32), então, a fé na ajuda prometida por Deus torna cada ação numa virtude cristã.

E, visto que todas as coisas devem ser feitas para a glória de Deus (1 Co 10.31), cada ato deve ser feito pela fé na ajuda prometida de Deus. Portanto, sem fé é impossível agradar a Deus (Hb 11.6), porque Deus quer ser glorificado em todas as coisas, e não o glorificamos se não confiamos nele. Isso significa que “tudo o que não provém de fé é pecado” (Rm 14.23). É um pecado considerar a ajuda prometida de Deus como indigna de confiança.

É claro que isto pressupõe que somos totalmente dependentes de Deus para os atos mais simples da vida, bem como para os mais difíceis. E isto é verdadeiro, embora a maioria das pessoas não creia nisto, e muitos dos que creem teoricamente, não oram, não creem e não agem como deveriam. Apesar disso, Jesus disse: “Sem mim nada podeis fazer” (Jo 15.5). E o apóstolo Paulo disse: “Ele [Deus] mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais” (At 17.25). “Pois quem é que te faz sobressair? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te vanglorias, como se o não tiveras recebido?” (1 Co 4.7). “Porque dele, e por meio dele, e para ele são *todas as coisas*. A ele, pois, a glória eternamente” (Rm 11.36). Não podemos nem mesmo ir de uma cidade para outra sem o poder sustentador de Deus.

Atendei, agora, vós que dizeis: Hoje ou amanhã, iremos para a cidade tal, e lá passaremos um ano, e negociaremos, e teremos lucros. Vós não sabeis o que sucederá amanhã. Que é a vossa vida? Sois, apenas, como neblina que aparece por instante e logo se dissipa. Em vez disso, devíeis dizer: Se o Senhor quiser, não só viveremos, como também faremos isto ou aquilo. Agora, entretanto, vos jactais das vossas arrogantes pretensões. Toda jactância semelhante a essa é maligna (Tg 4.13-16).

Qual é o oposto deste jactar-se de pretensões arrogantes? O oposto é a fé, ou seja, reconhecer alegremente que não estamos no controle supremo de nossa vida – nem mesmo nas coisas mais incidentais – e, portanto, devemos confiar alegremente na ajuda que Deus nos promete para vivermos cada minuto de nossos dias, incluindo os minutos que gastamos na leitura da Bíblia. Não podemos passar de

uma página para outra sem Deus. Não podemos considerar um pensamento sem Deus. Não podemos ter um sentimento sem Deus. E, certamente, não podemos ver as maravilhas mais gloriosas na Palavra sem Deus. Por isso, temos de ler a Bíblia com fé na promessa, comprada por sangue, de que Deus nos ajudará.

Como lemos “no Espírito”?

Qual é a relação entre viver *no Espírito* e viver *pela fé* ? Pergunto isto porque argumentei que AOCAA é uma estratégia para vivermos “na força que Deus supre” (1 Pe 4.11) e andarmos “no Espírito” (Gl 5.16). Agora estamos lidando com o C de AOCAA ; e o C diz: ande “*pela fé* [=crer]”, ou seja, por *confiar* na ajuda prometida de Deus. Portanto, há uma relação implícita entre ler a Bíblia “no Espírito” e ler a Bíblia “pela fé”. Qual é essa relação?

A resposta está na carta de Paulo aos Gálatas, onde ele nos diz que vivemos “*pela fé*” (Gl 2.20) e que vivemos “*no Espírito*” (Gl 5.25) – que devemos andar “*no Espírito*” e ser guiados “*pelo Espírito*” (Gl 5.16, 18, 25). A conexão entre viver pela fé e viver no Espírito se acha em Gálatas 3.5. Paulo argumenta, por fazer uma pergunta retórica: “Aquele, pois, que vos concede o Espírito e que opera milagres entre vós, porventura, o faz pelas obras da lei ou pela pregação da fé?” (Gl 3.5). Ele espera que a resposta seja óbvia. O Espírito não realiza sua obra “pelas obras da lei”. Em outras palavras, guardar a lei não é o canal pelo qual o Espírito flui, quando realiza sua obra poderosa. Em vez disso, o canal pelo qual o Espírito flui é a *fé*. Quando cremos nas promessas de Deus, o Espírito se move para realizar sua obra poderosa.

A razão por que me referi a “crer nas promessas de Deus” e não me referi apenas a um crer genérico é que Paulo usou a expressão “pregação da fé”. “Aquele, pois, que vos concede o Espírito e que opera milagres entre vós, porventura, o faz pelas obras da lei ou *pela pregação da fé*?” Isto não é fé genérica. Isto é fé em resposta à *Palavra* de Deus. Deus *falou* algo que precisa ser *pregado* (ouvido, lido) e *crido*. No aspecto mais básico, isto é o evangelho de Jesus, com a promessa de perdão dos pecados e vida eterna. Mas o princípio não está limitado a qualquer promessa simples ou grupo de promessas. Sempre que Deus promete ajuda, de qualquer tipo –

desde a mais eterna à mais imediata e mais prática –, a fé nessa promessa é o canal pelo qual o Espírito Santo age. Esse é o argumento de Gálatas 3.5.

Confie numa promessa de ajuda específica

Portanto, a conexão entre ler a Bíblia *pelo Espírito* e ler a Bíblia *pela fé* é que a fé na ajuda prometida de Deus é o canal pelo qual a ajuda do Espírito vem. A implicação desta conexão no uso de AOCAA é que, quando *admitimos* (A) nossa necessidade e *oramos* (O) por ajuda, devemos orar com fé. Devemos *confiar* (C) nas promessas de Deus de ajudar-nos a achar o significado da Escritura, especialmente a beleza e a dignidade de Deus que brilham por meio desse significado. Desta maneira, a obra sobrenatural de Deus entra em ação, e nos vemos lendo de modo sobrenatural – ou seja, pelo Espírito.

O que tenho descoberto no passar dos anos é que o fracasso mais comum no padrão de vida descrito em AOCAA é o de não confiarmos numa promessa específica do Senhor, quando seguimos para a nossa *ação* (A) – neste caso, nossa leitura da Bíblia. Até mesmo pessoas que são familiarizadas com este padrão bíblico de viver no Espírito, pela fé, experimentam frequentemente um tipo de nevoeiro mental e espiritual entre o “O” e o “C”. Elas *oram* por ajuda, mas em sua mente não têm nenhuma promessa específica de Deus sobre a qual estão orando, e, por isso, sua confiança flutua no ar, em vez de prender-se a uma promessa firme. Promessas são dadas para serem cridas. Cridas de modo específico. A fé destina-se a prender-se firme e inabalavelmente a uma ou mais dessas promessas. Mas, quando as promessas não estão em vista, a fé paira no ar. Isto não firma a alma, nem honra a Deus, como quando nos apropriamos de uma promessa e cremos alegremente que Deus a cumprirá, à medida que ele trabalha.

Confiando numa Pessoa para cumprir sua Palavra

Sei que nossa fé está em uma *Pessoa*. Mas confiar numa pessoa que não faz nenhuma promessa é sem sentido. Dizer: “Eu confio em Joe, mas não sei o que ele pode fazer” não é uma honra para Joe. É

um sinal de tolice. Joe é digno de confiança ou não, porque você sabe algo a respeito do caráter, da capacidade e das intenções dele para com você. Boas intenções são chamadas “promessas”. A evidência de que você confia em Joe como *pessoa* é sua confiança na palavra dele.

Portanto, parte de viver pela fé e andar no Espírito é mantermos as boas intenções de Deus diante de nós. Quando começamos a orar pela ajuda de Deus na leitura da Bíblia, colocamos essas intenções diante de nós na forma de promessas e confiamos. Então, nessa confiança, nós *agimos* (A). Isso é o que faz essa ação ser “no Espírito”. O Espírito se move por meio dessa confiança (Gl 3.5). Ou, em outras palavras, por meio dessa confiança na promessa de Deus de ajudar-nos, a leitura da Bíblia se torna a realização humana de um milagre. Deus opera pelo Espírito para nos ajudar, de acordo com sua promessa. Nós agimos pela fé nessa promessa e, assim, recebemos a ajuda.

Quais promessas?

A pergunta que demanda resposta de nós agora é esta: que promessas divinas de ajuda nós temos na leitura da Bíblia? São apenas promessas de ajuda genéricas? Ou são promessas específicas relacionadas diretamente à tarefa de buscarmos a mente de Deus na Escritura? Essa é a pergunta que consideraremos no capítulo 19.

Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?

ROMANOS 8.32

Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e nada lhes impropria; e ser-lhe-á concedida.

TIAGO 1.5

LENDO A BÍBLIA PELA FÉ NAS PROMESSAS DE DEUS PARA NOS INSTRUIR

“Bom e reto é o Senhor, por isso, aponta o caminho aos pecadores.”

Nos capítulos 18 e 19, estamos focalizando o C no acrônimo AOCAA – *confiar* . Este acrônimo é a maneira de descrever como realizamos o viver de modo sobrenatural – ou como realizamos o *ato natural de ler a Bíblia de modo sobrenatural* . O que vimos é que “andar no Espírito” acontece em e por meio de andar “pela fé”. A fé – ou confiança – é o canal pelo qual a obra sobrenatural de Deus flui em nossas tarefas naturais. Vimos que este confiar é mais eficaz quando se prende a uma promessa específica de Deus, em vez de pairar vagamente no ar da bondade de Deus. Isso nos leva agora a perguntar quais são estas promessas.

“Não nos dará todas as coisas?”

Quais promessas divinas temos que nos ajudam na leitura da Bíblia? Começamos com as promessas amplas e maravilhosamente abrangentes e sua conexão com a cruz de Cristo. Muitos cristãos começam com uma das maiores e mais inclusivas promessas que Deus fez a seus filhos, Romanos 8.28: “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito”. Em outras palavras, se amamos

a Deus, podemos realizar cada tarefa com uma forte confiança de que Deus a tornará em bem – incluindo a tarefa de ler a Bíblia.

Eu prefiro começar com Romanos 8.32, porque este versículo abrange Romanos 8.28 e vai além, por conectá-lo com o fundamento inabalável da cruz de Cristo: “Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?” Esta é uma pergunta retórica. Isso quer dizer que ela tem de ser expressa como uma afirmação para que vejamos seu pleno significado. É, de fato, uma promessa admirável: “Visto que Deus não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, ele nos dará certa e graciosamente com ele todas as coisas”. Não há fundamento maior (o sacrifício de Deus em dar seu próprio Filho em nosso lugar), nem estrutura maior edificada sobre esse fundamento – a promessa de que Deus dará a seus filhos todas as coisas.

“Todas as coisas” significa “todas as coisas que são boas para nós”. É por isso que Romanos 8.32 abrange Romanos 8.28. “Todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus” é quase o mesmo que “nos dará graciosamente todas as coisas”. Sabemos que a promessa não inclui todas as coisas agradáveis nesta vida. Três versículos depois, Paulo inclui no todas as coisas “tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada” e, depois, acrescenta: “Por amor de ti, somos entregues à morte o dia todo, fomos considerados como ovelhas para o matadouro” (Rm 8.35-36). Mas estes horrores que os cristãos podem esperar não nos separam do amor de Cristo e contribuem, de fato, para o nosso bem eterno – especialmente, conformação com o Filho de Deus.

Portanto, a promessa mais fundamental em que podemos confiar a todo momento do dia é: *Deus nos dará o que precisamos a fim de realizarmos a sua vontade e atingirmos o objetivo de semelhança com Jesus*. “Meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades” (Fp 4.19). Não cada “querer” ou cada “desejo”, e sim cada *necessidade*. Tudo que precisamos para *fazer sua vontade*. “Tanto sei estar humilhado como também ser honrado; de tudo e em todas as circunstâncias, já tenho experiência, tanto de fartura como de fome;

assim de abundância como de escassez; tudo posso naquele que me fortalece” (Fp 4.12-13). “*Tudo* posso.” Posso *ser humilhado* para a glória de Deus. Posso *passar fome* para a glória de Deus. Posso *ter escassez* para a glória de Deus. E, em tudo isso, podemos ser alegremente confiantes de que Deus é por nós e está realizando *todas as coisas* para o nosso bem. O quer que precisemos para essa finalidade, Deus promete supri-lo.

Promessas abrangentes

É crucial que prendamos nossa fé a duas ou três expressões claras desta promessa abrangente na Escritura. Digo isto porque, mesmo para aqueles que seguem a Jesus há muito tempo, o conteúdo de nossa esperança pode ficar obscuro. Esperança obscura provê motivação fraca. Um senso nebuloso de que Deus está, de algum modo, trabalhando para ajudar-nos não é um canal limpo para o poder do Espírito Santo, que flui quando temos uma visão clara e precisa de uma promessa específica. Por isso, é bom memorizarmos algumas promessas definidas que são tão abrangentes que cobrem cada situação. Por exemplo:

Quanto ao SENHOR, seus olhos passam por toda a terra, para mostrar-se forte para com aqueles cujo coração é totalmente dele (2 Cr 16.9).

Não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou o teu Deus; eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a minha destra fiel (Is 41.10).

Bondade e misericórdia certamente me seguirão todos os dias da minha vida (Sl 23.6).

Porque o SENHOR Deus é sol e escudo; o SENHOR dá graça e glória; nenhum bem sonega aos que andam retamente (Sl 84.11; cf. 34.9-10).

Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas (Mt 6.33).

Portanto, ninguém se glorie nos homens; porque tudo é vosso: seja Paulo, seja Apolo, seja Cefas, seja o mundo, seja a vida, seja a morte, sejam as coisas presentes, sejam as futuras, tudo é vosso, e vós, de Cristo, e Cristo, de Deus (1 Co 3.21-23).

Porque quantas são as promessas de Deus, tantas têm nele o sim; porquanto também por ele é o amém para glória de Deus, por nosso intermédio (2 Co 1.20).

Com estas promessas abrangentes, devemos aproximar-nos da tarefa de ler a Bíblia (bem como de todas as outras tarefas) encorajados grandemente pelo fato de que Deus nos ajudará. Ele

deu seu Filho para nos dar vida. Ele não nos dará ajuda para que o conheçamos, entendamos seus caminhos e vejamos sua glória? Sempre que pensamos nos obstáculos ao nosso entendimento e à nossa visão espiritual, devemos lembrar as promessas de que Deus é por nós e não contra nós. “Nenhum bem sonega aos que andam retamente.”

Prenda sua fé em promessas focalizadas

Não somente devemos gravar na mente várias promessas abrangentes e específicas quanto à ajuda de Deus; devemos também recordar em várias ocasiões promessas ainda mais focalizadas que se relacionam diretamente com a tarefa à mão. Se nos deparamos com a tentação de cobiça ou dificuldade financeira, devemos recordar as promessas de Deus sobre dinheiro (Hb 13.5-6). Se enfrentamos a tentação sexual, devemos recordar as promessas de Deus para o coração puro (Mt 5.8). Se somos tentados com orgulho e vanglória, devemos recordar as promessas feitas aos humildes (1 Pe 5.6-7). Se somos tentados a tomar vingança, devemos lembrar as promessas de que Deus mesmo cuidará disso (Rm 12.19). Se enfrentamos a morte, devemos recordar as promessas de Deus para os moribundos (Jo 11.25-26). Isto é o que significa andar pela fé – confiar em Deus, momento a momento, para fazer o que prometeu fazer em cada situação de nossa vida. Todas as promessas são “sim” em Cristo. São um direito de família, comprado por sangue, pertencente a toda pessoa nascida de novo. Isso é o que a lógica de Romanos 8.32 garante .

Ele instrui pecadores no caminho

Portanto, quando nos engajamos na leitura da Bíblia, não somente devemos contemplar as promessas abrangentes guardadas em nossa mente – “Eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento” (Is 41.10) – devemos também recordar as promessas mais focalizadas que se relacionam com a necessidade presente, a necessidade de entendermos a mente de Deus e vermos a glória de Deus na Escritura. Por exemplo, desde meus dias de seminário, 45 anos atrás, até hoje, o Salmo 25 tem sido um amigo íntimo em meu esforço para entender as Escrituras.

Deus meu, em ti *confio* ; não seja eu envergonhado... Bom e reto é o SENHOR , por isso, *aponta* o caminho aos pecadores. *Guia* os humildes na justiça e *ensina* aos mansos o seu caminho... Ao homem que teme ao SENHOR , ele o *instruirá* no caminho que deve escolher (Sl 25.2, 8-9, 12).

Sendo honesto, suponho que a razão por que esta promessa é tão preciosa para mim é que me qualifico facilmente para ela. “Aponta o caminho aos *pecadores* ”. Que alívio! Comumente, é o pecado que torna muito difícil nossa tarefa de ver a glória de Deus na Escritura. Por isso, podemos temer que estejamos totalmente desqualificados para a ajuda de Deus, porque cegamos a nós mesmos com nosso próprio pecado. Mas Deus vem até nós no Salmo 25 e nos lembra sua misericórdia. Ele ajudará *pecadores* a entender. Ele instruirá *pecadores* ! Não pecadores indiferentes. Não pecadores arrogantes e impenitentes que exaltam a si mesmo. E sim pecadores quebrantados e humildes. “*Guia* os *humildes* na justiça.” Não os autossuficientes que julgam poder achar sozinhos o significado da Escritura – ou que não sentem qualquer necessidade da Escritura. E sim os pecadores que *temem* o Senhor e *confiam* nele. “Deus meu, em ti *confio* ... Ao homem que *teme* ao SENHOR , ele o instruirá.”

Promessas compradas por sangue para a leitura da Bíblia

Por isso, abrimos nossas Bíblias com um senso agradável de que, embora não o mereçamos, Deus nos *guiará* e nos *instruirá* . Nossa própria leitura é a experiência da graça do evangelho. Cristo morreu por pecadores, para que a promessa se realize: *Deus ajuda pecadores a entenderem a Bíblia* . Estas promessas compradas por sangue são dadas a nós para que creiamos nelas. Não apenas as ouçamos. Mas creiamos nelas. Confiemos nelas. Porque, de acordo com Gálatas 3.5, Deus “vos concede o Espírito... pela *pregação da fé* ”. Abrimos a Bíblia e ficamos diante dela prontos para ler. Ouvimos a promessa. “Eu o instruirei e o ensinarei.” Colocamos nossa fé nesta promessa. O Espírito se move no canal da fé, e realizamos o milagre. Lemos de modo sobrenatural. Portanto, é bom reunirmos algumas destas promessas preciosas e guardá-las no coração:

Porque o SENHOR dá a sabedoria, e da sua boca vem a inteligência e o entendimento. Ele reserva a verdadeira sabedoria para os retos; é escudo

para os que caminham na sinceridade, (Pv 2.6-7).

Confia no SENHOR de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas (Pv 3.5-6).

Instruir-te-ei e te ensinarei o caminho que deves seguir; e, sob as minhas vistas, *te darei conselho* (Sl 32.8) .

Tu me guias com o teu conselho e depois me recebes na glória (Sl 73.24).

Não vos preocupeis... quanto às coisas que tiverdes de falar. Porque o *Espírito Santo vos ensinará* , naquela mesma hora, as coisas que deveis dizer (Lc 12.11-12).

Disse, pois, Jesus aos judeus que haviam crido nele: Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos; e *conhecereis a verdade* , e a verdade vos libertará (Jo 8.31-32).

Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e nada lhes impropria; e ser-lhe-á concedida. Peça-a, porém, com fé, em nada duvidando; pois o que duvida é semelhante à onda do mar, impelida e agitada pelo vento. Não suponha esse homem que alcançará do Senhor alguma coisa; homem de ânimo dobre, inconstante em todos os seus caminhos (Tg 1.5-8).

Infalibilidade não é prometida

A promessa de Deus de ajudar-nos, instruir-nos e dar-nos sabedoria, conforme lemos na Bíblia, não é uma promessa de que nos tornaremos infalíveis nesta vida. Argumentei no capítulo 17 que jamais devemos defender a certeza de nossa interpretação por dizer: “Orei por ajuda, confiei em Deus para ajudar-me; portanto, sei que minha interpretação é verdadeira”. Se uma interpretação é profunda, isso depende de ela estar realmente nas palavras, frases e cláusulas do texto. Outros que também oraram podem entender coisas diferentes. A conversa que temos uns com os outros não é um diálogo a respeito de quem orou mais fervorosamente ou de quem confiou mais profundamente. É um esforço mútuo para mostrar o que está realmente no texto, para que outros vejam.

Se podemos explicá-lo plenamente ou não, o fato é que Deus planejou santificar-nos e iluminar-nos *gradualmente* , não instantaneamente. Se assim não fosse, uma oração (“Faça-se a tua vontade”) poderia me tornar impecável; e uma oração (“Ensina-me”) poderia me tornar infalível. Entretanto, Jesus nos ensinou não somente a orar “Faça-se a tua vontade”, cada dia, mas também a

orar: “Perdoa os nossos pecados”, cada dia (ver Mt 6.9-13). E, assim como o pecado nos segue diariamente, até ao dia de nossa morte (1 Jo 1.8-10), assim também falhas em nossa interpretação bíblica nos acompanham até ao fim de nossos dias. Isto é a razão por que Tiago nos adverte a não nos tornarmos mestres da Bíblia sem consideração séria:

Meus irmãos, não vos torneis, muitos de vós, mestres, sabendo que havemos de receber maior juízo. Porque todos tropeçamos em muitas coisas. Se alguém não tropeça no falar, é perfeito varão, capaz de refrear também todo o corpo (Tg 3.1-2).

Esta tendência para tropeçar “em muitas coisas” em nosso esforço para ver e ensinar a verdade é uma das razões por que Deus colocou seus filhos em igrejas. Não devemos ser intérpretes isolados da Palavra de Deus. Devemos exortar uns aos outros (Hb 3.13), encorajar “uns aos outros” (1 Ts 5.11), admoestar “uns aos outros” (Rm 15.14), instruir uns aos outros (Cl 3.16), estimular uns aos outros “ao amor e às boas obras” (Hb 10.24) e confessar os nossos pecados “uns aos outros” (Tg 5.16). Em outras palavras, há uma profunda interdependência, planejada por Deus, no corpo de Cristo. Onde uma pessoa vê as coisas com dificuldade em uma passagem bíblica, outra pessoa pode vê-las com clareza. Cristo não teria dado *mestres* (Ef 4.11) à igreja, se quisesse que fôssemos tão individualistas que não pudéssemos aprender de outros como ver melhor o que está na Bíblia.

Se não infalibilidade, então, o quê?

Isso nos deixa com esta pergunta final: quando Deus promete dar-nos sabedoria e guiar-nos, podemos confiar nele em relação ao que, se não à interpretação infalível? A primeira parte de minha resposta é lembrar-nos que Deus nos guia à verdade de maneiras que nem sempre são imediatas e isoladas; por isso, a orientação pode não ser evidente de pronto. Ele pode nos guiar no passar do tempo. Pode nos guiar gradualmente, trazendo à nossa vida pessoas que têm discernimentos que não tínhamos sozinhos. Deus pode nos guiar por dar-nos experiências sem as quais alguns textos permaneceriam obscuros. “Foi-me bom ter eu passado pela aflição, para que aprendesse os teus decretos” (Sl 119.71). E Deus pode nos guiar pela repetição de lermos os textos, de modo que, na décima vez que

lermos, vejamos, por fim, o que havíamos ignorado nas nove vezes anteriores. Portanto, não devemos concluir apressadamente, quando não temos entendimento, que Deus não está agindo. Ele pode estar preparando a aflição, ou o sermão, ou a prontidão que nos propiciarão clareza. Nenhum de nossos esforços terá sido em vão. Deus entrelaça uma hora de estudo aparentemente improdutiva na estrutura da iluminação.

A segunda parte de minha resposta é que a segurança de nossa salvação pela fé em Cristo inclui, por implicação, a certeza de que Deus nos ajudará a ver na Bíblia tudo de que necessitamos para chegarmos seguramente em sua presença, no fim de nossa vida ou no dia de sua vinda. Há uma santidade sem a qual não veremos o Senhor (Hb 12.14). Deus cria e sustenta essa medida de santidade por meio da Palavra de Deus (Jo 17.17). Portanto, a fidelidade de Deus em manter-nos seguros em Cristo (Fp 1.6; Rm 8.30; 1 Co 1.8) inclui este compromisso de cumprir suas promessas de guiar-nos à verdade e à obediência, com suficiência para confirmar nossa fé e união com Cristo, no último dia (Fp 1.10-11). Em sua estrutura de sentença tipicamente complexa, John Owen expressa esta parte de minha resposta:

Devo, portanto, fixar esta afirmação como uma verdade sagrada: aquele que, enquanto está engajado no estudo diligente e imediato da Escritura para conhecer a mente de Deus, permanece em súplicas fervorosas, em e por meio de Jesus Cristo, por suprimentos do Espírito de graça para guiá-lo a toda a verdade, para revelar e fazê-lo conhecer a verdade que está em Jesus, para lhe dar entendimento das Escrituras e da vontade de Deus, *esse será preservado de erros perniciosos e atingirá aquele grau de conhecimento que será suficiente para a orientação e preservação da vida de Deus no todo de sua fé e obediência*.¹

A última parte de minha resposta à pergunta – quando Deus promete nos dar sabedoria e guiar-nos, em relação ao que podemos confiar nele? – é que há dons de entendimento e vislumbres de glória que ninguém pode predizer ou quantificar antes do tempo. Deus ama seu povo e muito frequentemente quer dar-lhes ajuda especial a partir de sua Palavra. Para esse fim, ele pode dar a um pastor, ou a um mestre, ou a um líder de pequeno grupo, ou a um pai de família discernimento incomum que ele nunca teria, se Deus não quisesse que esse entendimento fosse dado ao seu povo como um

dom. Isso significa que, sempre que lemos a Bíblia, devemos desejar que todos os nossos discernimentos sirvam às outras pessoas e não apenas a nós mesmos. Então, devemos orar pela ajuda de Deus e *confiar* nele, para que nos dê não somente o que precisamos para nossa própria perseverança, mas também para a força e a beleza de seu povo – quer estejamos encorajando um amigo, quer estejamos pregando para milhares.

Como flui a ajuda santa

Estamos até esta altura desenvolvendo o “Ato Natural de Ler a Bíblia de Modo Sobrenatural”. O acrônimo AOCAA tem sido o nosso guia. Para lermos a Bíblia de modo sobrenatural, precisamos *admitir* (A) que sem a intervenção divina não veremos, não desfrutaremos e não seremos mudados pela verdade e beleza das Escrituras como elas realmente são. Com base neste senso de dependência em Deus, precisamos, então, *orar* (O) pela ajuda de Deus em nossa leitura. Neste orar e nos subsequente *agir* (A) de interpretação (que consideraremos em seguida), precisamos *confiar* (C) nas promessas de Deus por amor a Cristo. Por meio destes três movimentos de nosso coração (admitir, orar, confiar), a obra sobrenatural do Espírito Santo flui.

Sem esta intervenção divina, nossos olhos espirituais não seriam abertos (Ef 1.18), nosso coração não seria amolecido (Ez 11.19; Ef 4.18), nossa mente não seria iluminada (2 Co 4.6), nossa alma não seria receptiva (1 Co 2.14), e nossa vontade não seria submissa à Palavra de Deus (Rm 8.7). Portanto, em nossa leitura não veríamos nem nos deleitaríamos na Escritura como ela realmente é. Muitos significados seriam distorcidos no seu nível básico; e o significado total seria destituído de seu aspecto mais importante – o relacionamento com Deus e sua glória. O propósito de Deus para transformar seu povo por contemplarem sua glória (2 Co 3.18) não se cumpriria em nós.

Voltamo-nos agora para o aspecto mais natural de ler de modo sobrenatural – a quarta letra do AOCAA. Admitir. Orar. Confiar. *Agir*. A obra do Espírito Santo é decisiva. Mas a obra do leitor é essencial. As palavras de Paulo concernentes a seu próprio ministério se aplicam a toda leitura bíblica frutífera: “Para isso é que

eu também me afadigo, esforçando-me o mais possível” (Cl 1.29). O poder de Cristo é decisivo. Mas não devemos subestimar o que se espera de nós: “Eu me afadigo. Eu me esforço”. Isso é o ato natural de ler de modo sobrenatural.

1 John Owen, *The Works of John Owen*, ed. William H. Goold, vol. 4 (Edinburgh: T&T Clark, n.d.), 204 – ênfase acrescentada.

Leram no livro, na Lei de Deus, claramente, dando explicações,
de maneira que entendessem o que se lia.

NEEMIAS 8.8

Compreendes o que vens lendo?

ATOS 8.30

O ALVO COMUM DA LEITURA: O SIGNIFICADO DE SIGNIFICADO

*“Nenhuma outra coisa vos escrevemos,
além das que ledes e bem compreendeis.”*

Lendo para saber o que estamos lendo

Na introdução à parte 3, eu disse que no capítulo 20 explicaria mais plenamente como estou restringindo minha abordagem do ato de ler natural e espontâneo. Ofereci um vislumbre de meu foco limitado, ao dizer que não consideraria as diferentes orientações para lermos diferentes tipos de escrito na Bíblia (às vezes, chamados gêneros) – narrativa, provérbio, parábola, poesia e vários outros. Em vez disso, focalizarei os hábitos gerais de ler, que precisam estar presentes *antes* de podermos discernir que tipo de escrito estamos lendo. Disse que a principal razão para este foco limitado é que estes hábitos gerais e básicos de boa leitura têm sido frutíferos em minha vida. A maior parte do que tenho visto (e pregado) na Escritura foi visto não porque aprendi regras para cada tipo de escrito. Pelo contrário, pude ver tais coisas devido à disciplina mais básica de olhar demorada e atentamente para o que realmente está lá, não importando o gênero.

Centenas de milhares de combinações de palavras

Vamos prosseguir agora e explicar por que eu penso que esta abordagem mais básica será proveitosa. A própria Bíblia oferece inúmeros desafios de interpretação. Literalmente, inúmeros. O desafio não é simplesmente que há dezenas de tipos de escritos – como se precisássemos aprender como ler esses tipos e, depois, nossos problemas seriam resolvidos.

Inicialmente, achamos fatos históricos, louvores poéticos, sabedoria proverbial, parábolas e enigmas, prescrições cerimoniais, histórias extensas, debates vigorosos, promessas de ajuda, descrições da natureza de Deus, ilustrações dos caminhos de Deus, padrões de viver santo, procedimentos de disciplina eclesiástica, predições, calamidades, advertência de oposição satânica, sermões para a fé, análises da depravação humana, instruções para maridos e mulheres, discernimentos políticos, princípios financeiros e mais. Em um sentido, não há benefício em tentar contar os tipos de escritos na Bíblia, porque as distinções são imprecisas, e não podemos ter muita certeza de estarmos lidando, por exemplo, com uma poesia ou com um lampejo momentâneo de prosa figurativa. Portanto, os tipos de escrito são mais parecidos com pontos intermináveis, num *continuum*, do que com caixas distintas com suas próprias regras de interpretação.

No entanto, a situação é mais complexa do que isso. Quase toda palavra e todo grupo de palavras na Bíblia é um desafio singular para o leitor. Por exemplo, há 783.137 palavras na versão King James da Bíblia. Cada uma dessas palavras ocorre num contexto (menor ou maior) que não é exatamente igual ao seu contexto em outras passagens. Sem dúvida, palavras podem ter um significado *semelhante* em contextos diferentes. Mas todos sabemos que uma mesma palavra pode ter significados levemente diferentes em contextos diferentes.

A glória e a frustração da linguagem são sua natureza incalculavelmente flexível. Autores e palestrantes (inclusive nós) colocamos regularmente palavras em combinações que nunca existiram antes. Por conseguinte, há uma tensão constante entre a *estabilidade* da linguagem e sua *adaptabilidade*. Meu argumento é simplesmente que, além de uma lista típica de gêneros, há inúmeras combinações singulares de palavras que demandam atenção

especial. Seria impossível desenvolver métodos ou regras de interpretação para cada gênero ou cada agrupamento de palavras.

Lemos antes de saber o que estamos lendo

Assim, vimos duas razões por que acho fútil e desanimador dar aos leitores da Bíblia a impressão de que precisam aprender muitas regras para os muitos gêneros da Bíblia. A primeira razão é que gêneros são maleáveis e se entrelaçam. A segunda é que agrupamentos de palavras oferecem desafios extraordinários – e são inumeráveis. A terceira razão para não nos focalizarmos em gêneros e nas supostas regras que nos guiam em lê-los está implícita no primeiro parágrafo deste capítulo: um leitor precisa começar a ler a Bíblia *antes* de saber de que tipo de agrupamento de palavras ou gênero é seu texto. Ele tem de ser capaz de ler primeiro o texto, *para que descubra que tipo de texto está lendo*.

Às vezes, os eruditos dão a impressão de que há um conjunto de regras a respeito de como ler um gênero específico na Bíblia – parábolas, poesia, provérbios ou aquele gênero difícil que chamamos “apocalíptico” (como gafanhotos que têm a aparência de cavalos, coroas de ouro e rosto de homem – Ap 9.7). Mas aqui está o problema: a fim de saber que gênero temos diante de nós, precisamos ler. E, se precisamos ler primeiro para descobrir o gênero que estamos lendo, então, a boa leitura não pode ser definida apenas como o que fazemos *depois* de sabermos o gênero do que estamos lendo.

Não é boa leitura começarmos com uma noção de gênero preconcebida e um conjunto de expectativas preconcebidas a respeito de como o gênero funciona e, depois, fazermos o texto se encaixar em nossas expectativas. Temos de ler as palavras e construí-las *antes* de sabermos se estamos lendo poesia, parábola ou o que seja. Isso significa que boa leitura tem de *preceder* a consciência do tipo de gênero, para que façamos um julgamento sobre ele, por meio da leitura. Esse é um dos propósitos da leitura.

Ou imagine isto. Suponha que você esteja lendo um capítulo da Bíblia, e alguém lhe diga que tal capítulo é proverbial, casuístico, apodítico, parabólico ou apocalíptico (você não tem de saber o que essas palavras significam para captar meu argumento – nem eu

mesmo tenho certeza de que sei). E suponha que você tenha lido com suas “regras de interpretação” para aquele gênero. Se você começa pressionando o texto para encaixar-se em suas expectativas para o gênero, *como um autor lhe permitiria saber que não está mesclando vários gêneros* ? Como lhe permitiria saber que está usando intencionalmente apenas algumas das regras comuns daquele gênero e não interrompendo o padrão usual para formular um ensino?

Ceticismo humilde

Sei que algumas Bíblias de estudo e comentários lhe informam, antes de começar a ler, o gênero do texto. Minha própria sugestão é que sejamos humildemente céticos quanto a essas identificações. Não porque são erradas (podem ser, podem não ser), e sim por três razões em ordem ascendente de importância: (1) podem estar erradas, e nós precisamos decidir isso *pela leitura* . (2) Gêneros não são categorias fechadas que têm regras de interpretação rígidas; eles são flexíveis, e também devemos ser. (3) Isto é o mais importante: a atitude que geralmente consegue ver mais num texto, e que o vê com mais autenticidade e confiança transformadora, é a atitude de permitir que o próprio texto fale tanto quanto possível, enquanto o sondamos com toda a nossa capacidade. Esta é a atitude que desejo fomentar.

Minha abordagem, portanto, é evitar a abundante (e importante!) discussão dos vários tipos de escritos bíblicos. Existem muitos livros bons que discutem isto melhor do que eu poderia fazê-lo (indiquei alguns em uma nota de rodapé na Introdução à Parte 3). Quero me focalizar no que um leitor sério da Bíblia deve fazer com qualquer parte da Bíblia, antes de saber que tipo de gênero ela é. Em outras palavras, o que constitui uma boa leitura que pode identificar o gênero pelo ato de ler? Acredito que existem proveitosos hábitos da mente e do coração que são realmente básicos e admiravelmente frutíferos .

Testemunho pessoal

Confesso que minha abordagem é influenciada por minha peregrinação em aprender a ler de modo frutífero. Tenho certeza de

que trago para a tarefa de ler a Bíblia muitas fraquezas. Por exemplo, sou um leitor lento. Por isso, não tenho sido capaz de ler muitos livros sobre como ler a Bíblia. Não sou um erudito lido amplamente. Essa é uma das razões por que deixei a academia após seis anos de ensino em faculdade. Sei que minhas limitações não fariam de mim um grande erudito – leitor lento, memória fraca, impaciência com certos protocolos acadêmicos.

Aceitei minhas fraquezas como bênção de Deus, procurei discernir o que elas implicavam para minha vida e, depois, fiz o melhor para maximizar o que eu *podia* fazer, em vez de ficar paralisado, com desânimo, quanto ao que *não podia* fazer. (Eu recomendo esta abordagem à vida.) O que eu *poderia* fazer era ler e pensar atentamente. Não tinha rapidez ou memória necessárias para me beneficiar de examinar *muito* conteúdo. Por isso, decidi tirar o máximo proveito de examinar *pouco* . Sob a graciosa benevolência de Deus, penso que devo muito do que tenho visto e me deleitado na Bíblia a atenção, meditação e oração no labutar com uma passagem após outra. Existem hábitos da mente e do coração que eu julgo extraordinariamente frutíferos em discernimentos transformadores da vida. É nisso que pretendo focalizar-me.

Do alvo supremo ao alvo comum

Para falar sobre os hábitos da mente que formam a tarefa básica da leitura real e atenta, devemos, finalmente, esclarecer qual é o alvo comum da leitura. Digo “finalmente” porque, em certos pontos até aqui, temos *presumido* qual é esse alvo comum, sem esclarecê-lo ou defendê-lo. Por exemplo, nos referimos às vezes ao “*significado* de um texto” sem explicar o que esse significado inclui. E referi-me ao “alvo *comum* da leitura” para distingui-lo do “alvo *supremo* de ler a Escritura”, discutido na parte 1.

Na parte 1, propus que a própria Bíblia mostra que nosso alvo supremo em ler a Bíblia é que a dignidade e a beleza infinitas de Deus sejam exaltadas através da adoração fervorosa e eterna da noiva de Cristo, comprada por sangue, formada de pessoas procedentes de todo povo, língua, tribo e nação. Desenvolvi este alvo supremo de ler a Bíblia por focalizar as suas implicações – em especial, que devemos (1) ler sempre a Bíblia para ver o supremo

valor e beleza de Deus, (2) desfrutar a excelência de Deus acima de todas as coisas e (3) ser transformados na semelhança de Cristo, por vermos e desfrutarmos esta glória.

Agora a pergunta é esta: como o alvo *supremo* de ler a Bíblia se relaciona com o alvo *comum* da leitura real e atenta? Por isso, a necessidade de esclarecer finalmente qual é esse alvo comum. Eu disse no capítulo 5 que a glória de Deus não flutua sobre a Bíblia como um gás. Não espreita em lugares ocultos, separada do significado das palavras e das sentenças. *É vista em e por meio do significado dos textos*. No capítulo 17, disse que, quando oramos a Deus que nos mostre sua glória na Escritura, não estamos pedindo que ele ignore *o significado do texto*. Em nossa busca para ver e provar a glória de Deus na Escritura, não oramos apenas pelo milagre de luz sobrenatural; também oramos pela ajuda de Deus para assimilarmos *o significado básico das palavras*. A glória de Deus não paira sobre o texto, como uma nuvem, para ser vista separadamente do que os autores tencionavam comunicar. Ela brilha em e por meio do que eles tencionavam comunicar – *o seu significado*. Ilustrei isto com um exemplo de Filipenses 1.23.

O que eu estava argumentando era isto: quando o salmista orou: “Desvenda os meus olhos, para que eu contemple *as maravilhas* da tua lei” (Sl 119.18), ele não quis dizer que a visão das maravilhas poderia *evitar o processo natural de leitura cuidadosa*. Ele não quis dizer que o alvo *comum* da leitura poderia ser negligenciado. Portanto, a nossa oração não é apenas pela visão da glória, mas também por ajuda em assimilarmos *o significado do texto* pelo qual a glória brilha.

A definição de significado é (em um sentido) arbitrária

Usei algumas vezes as expressões “significado do texto”, “significado básico das palavras” e “alvo comum da leitura”. Agora, chegou o momento de esclarecer ao que estas expressões se referem e de mostrar, com base na própria Escritura, o que é este *alvo comum* da leitura da Bíblia. Para ser mais exato, quando eu digo que o alvo comum da leitura é assimilar *o significado do texto*, o que isso inclui?

Em um sentido, todas as definições são arbitrárias. Não há nada intrínseco na palavra *boot* que a faz significar o compartimento traseiro de um carro na Inglaterra e um tipo de calçado nos Estados Unidos. Ou a remoção de alguém da equipe. Ou muitos outros significados. Significados se desenvolvem ao redor das palavras por seu uso, e a principal tarefa que temos na comunicação é assegurar-nos, ao conversar com outra pessoa, de que ambos de nós estamos usando as mesmas definições. Muitos de supostas discordâncias desapareceriam, se as pessoas discordantes parassem para assegurarem-se de estarem definindo as suas palavras da mesma maneira.

A minha decisão de atribuir uma definição para o vocábulo *significado* em relação a textos bíblicos é, em um sentido, arbitrária. Alguém poderia dizer que o vocábulo *significado* é outra coisa. Definições não são certas nem erradas até que vinculemos um significador. Uma vez que falamos em “definição de significado de João”, podemos estar errados a respeito disso. Alguém poderia dizer que meu significado é x , quando, na realidade, é y . Portanto, em um sentido, não há muita objetividade em argumentar que uma definição é melhor do que outra num sentido geral. Ao falarmos uns com os outros, precisamos apenas assegurar-nos de que sabemos que definição estamos usando.

No entanto, raramente definições existem num sentido geral. E há argumentos que podem explicar por que é sábio usarmos uma definição e não outra. Isso é o que farei. Eu lhe darei a minha definição de *significado em relação aos textos bíblicos* e, depois, oferecerei cinco razões por que julgo ser sábio pensar em *significado* desta maneira.

A definição de significado que eu incentivo

O significado de um texto bíblico é *o que o autor tencionava comunicar por suas palavras*. É desta maneira que a maioria das pessoas usam a palavra quando corrigem alguém. Corrigimos alguém por dizer-lhe: “Isso não foi o que eu quis dizer”. Em outras palavras, o que estamos afirmando é: “O que você está dizendo não é o que eu tencionava comunicar”. Portanto, neste livro, estou usando uma definição comum de *significado* – o que um autor

tencionava comunicar. Uso a palavra *comunicar* para manter aberta a possibilidade de que o autor pretenda comunicar uma *emoção* da qual ele deseja que compartilhem. Eu poderia ter dito: o significado de um texto bíblico é o que o autor tencionava que *entendêssemos* . Para a maioria das pessoas, a palavra *entender* limitaria a intenção do autor a suas ideias. E emoções podem, em um sentido, ser *entendidas* . Mas a intenção do autor pode ser não somente que entendamos sua emoção, mas também que a *experimentemos* . Estou definindo o significado de um texto para incluir essa intenção e a transferência de pensamentos de uma mente para outra.

No entanto, quero deixar claro que a comunicação dos *pensamentos* do autor para nosso *entendimento* é fundamental. Emoções que têm valor para honrar a Cristo estão enraizadas na verdade. Portanto, as emoções que um autor bíblico almeja compartilhar com seus leitores são transmitidas por meio de entendimento – ou seja, por meio de pensarmos os pensamentos do próprio autor. Ele usa a linguagem de tal maneira que a verdade em *sua* mente seja comunicada à *nossa* mente. Podemos, então, discernir a partir desses pensamentos se parte da intenção do autor é que compartilhemos da emoção que ele expressa sobre esta verdade.

Duas perguntas que precisam ser respondidas

Sei que esta definição de significado exige que pelos menos duas outras perguntas sejam respondidas. Primeira, como a intenção do autor humano se relaciona com a intenção de Deus como aquele que inspirou o texto bíblico (2 Tm 3.16-17)? Segunda, o autor humano pode ter comunicado coisas das quais não estava consciente no momento em que escreveu? Tentarei responder estas perguntas no capítulo 22. Mas a próxima coisa que precisamos fazer, no capítulo 21, é apresentar as cinco razões por que incentivo todos nós a usarmos esta definição, ou seja, *o significado de um texto é o que o autor tencionava comunicar* . Isto é o assunto do capítulo seguinte.

Significado não é uma questão de percepção de palavras. Uma sequência de palavras não significa nada em específico, se uma pessoa não comunica algo por meio dela ou não entende algo a partir dela. Banir o autor original como o determinante do significado é rejeitar o único princípio normativo que pode dar validade a uma interpretação.

E. D. HIRSCH

O ALVO COMUM DA LEITURA: CINCO RAZÕES PARA DEFINIR SIGNIFICADO COMO AQUILO QUE O AUTOR TENCIONAVA COMUNICAR

“Em carta vos escrevi... refiro-me, com isto, não...”

O alvo supremo de ler a Bíblia é ser uma parte feliz no glorioso propósito de Deus: que a dignidade e a beleza infinitas de Deus sejam exaltadas através da adoração fervorosa e eterna da noiva de Cristo, comprada por sangue, formada de pessoas procedentes de todo povo, língua, tribo e nação. Entretanto, para sermos uma parte desse grande propósito, temos de primeiramente ver e experimentar o Deus que a Bíblia revela. Essa visão da glória acontece por lermos atentamente as palavras, frases e cláusulas da Bíblia e por entendermos o seu significado. E estou argumentando que a maneira mais proveitosa de definir o significado de um texto é dizer que o significado de um texto é o que o autor tencionava comunicar. Descobrir isso é o alvo comum da leitura. E, por meio dessa descoberta, a beleza, a glória e os caminhos de Deus brilham .

Tenho pelo menos cinco razões para defender este entendimento do que um texto significa e de qual deve ser o nosso alvo comum em ler.

Primeira razão para esta definição: a Bíblia pressupõe isto

A própria Bíblia pressupõe que, ao lermos, estamos procurando entender o que o autor tencionava comunicar por suas palavras. Por exemplo, 1 Coríntios 5.9-11:

Já em carta vos escrevi que não vos associásseis com os impuros; *refiro-me*, com isto, não propriamente aos impuros deste mundo... pois, neste caso, teríeis de sair do mundo. Mas, agora, vos escrevo que não vos associeis com alguém que, dizendo-se irmão, for impuro.

Antes de 1 Coríntios, Paulo havia escrito pelo menos uma vez para os coríntios e lhes dissera que não se associassem com pessoas sexualmente imorais. Certas pessoas da igreja *entenderam errado* o que ele escrevera. Ou seja, não interpretaram corretamente o *significado* de Paulo; não viram o que ele realmente *tencionava* comunicar. Pensaram que ele quisera dizer “todas as pessoas imorais”, até incrédulos fora da igreja. Por isso, Paulo corrigiu o entendimento errado delas por falar-lhes: “Não era isso, de modo algum, que eu queria dizer”. ¹ A maneira mais natural de interpretar as palavras de Paulo é entender que seu significado é o que ele “tencionava comunicar”. Essas pessoas não viram o *significado* de Paulo. Atribuíram à *intenção* de Paulo algo que não estava lá.

João 21.20-23 é outro exemplo bíblico de significado textual de o *que o autor tencionava comunicar por suas palavras* :

Pedro... viu que também o ia seguindo o discípulo a quem Jesus amava [João]... Vendo-o, pois, Pedro perguntou a Jesus: E quanto a este? Respondeu-lhe Jesus: Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa? Quanto a ti, segue-me. Então, se tornou corrente entre os irmãos o dito de que aquele discípulo não morreria. Ora, Jesus não dissera que tal discípulo não morreria, mas: Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa?

Aqui, temos de novo palavras que na mente do autor (Jesus) carregavam um significado certo e evidente. Mas outros interpretaram errado essas palavras e passaram a afirmar que Jesus quis dizer algo que ele não disse nem pretendeu dizer – ou seja, não

tencionou comunicar . O que Jesus disse a Pedro a respeito de João foi: “Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa? Quanto a ti, segue-me”. Espalhou-se o rumor de que Jesus dissera: “João permanecerá até que eu venha de novo”. Isso não foi o que Jesus disse ou tencionou comunicar. Para corrigi-los, ele apenas repetiu suas palavras.

Que lição este diálogo nos ensina! Jesus quer realmente que prestemos cuidadosa atenção às suas palavras, a fim de ouvirmos o que ele tencionava realmente comunicar. A diferença entre o que Jesus tencionava comunicar e o que os discípulos entenderam erroneamente que ele havia comunicado é uma pequena palavra de duas letras (se) em português e de três letras (n, *ean*) no grego. Remova-a e você lerá que Jesus disse: “Eu quero que ele permaneça até que eu venha”. Não foi isso que Jesus disse – nem o que ele tencionava.

Eis mais um exemplo mostrando que a própria Bíblia pressupõe que, ao lermos, estamos procurando entender *o que o autor tencionava comunicar por suas palavras* :

Isto [Jesus] dizia e depois lhes acrescentou: Nosso amigo Lázaro adormeceu, mas vou para despertá-lo. Disseram-lhe, pois, os discípulos: Senhor, se dorme, estará salvo. Jesus, porém, falara com respeito à morte de Lázaro; mas eles supunham que tivesse falado do repouso do sono. Então, Jesus lhes disse claramente: Lázaro morreu (Jo 11.11-14).

Jesus falou metaforicamente sobre a morte de Lázaro. Ele tencionava que os discípulos entendessem que Lázaro estava literalmente morto. Talvez Jesus pretendesse, ao usar a metáfora do sono, comunicar que para ele era tão fácil ressuscitar alguém dos mortos quanto era acordar alguém do sono. Os discípulos não entenderam a intenção de Jesus. Pensaram que Lázaro estava “tendo o descanso do sono”. Por isso, Jesus os corrigiu usando uma linguagem mais clara. “Jesus lhes disse claramente: Lázaro morreu.” Essa era a sua intenção na primeira vez. Era o seu significado.

Portanto, a minha primeira razão para encorajar-nos a pensar sobre o significado de textos desta maneira é porque a Bíblia o faz. Pouco benefício resultará de levarmos às Escrituras uma definição de significado que elas mesmas não admitem. O significado de um

texto bíblico é o que o autor tencionava comunicar por suas palavras .

Segunda razão para esta definição: a regra áurea

Devemos usar esta definição de significado (o que o autor tencionava comunicar por suas palavras) porque ela nos ajuda a tratar os outros como gostaríamos de ser tratados. Em específico, trate *os autores* como gostaria de ser tratado, ou seja, cordialmente.

Leia o autor de uma comunicação importante como você gostaria de ser lido se escrevesse uma comunicação importante. Aqui não estamos falando de trocadilhos engraçados. Talvez você não se importe com a maneira como alguém lê essas coisas. Estamos falando de questões de vida e morte. Suponha que você tenha escrito um bilhete para um amigo para dizer-lhe que estava sendo mantido cativo por sequestradores. Suponha também que você tenha descrito como a polícia poderia achá-lo. Como você esperaria que seu amigo entendesse o bilhete? Você se sentiria amado e respeitado se ele dissesse: “A intenção do autor não é importante. O importante é quão criativo eu seja em achar meu próprio significado nesta mensagem”? Não. Você não se sentiria amado, e sim abandonado.

Quando escrevemos coisas importantes, desejamos que nossos leitores façam esforço para ver e honrar nossas intenções quando escrevemos. Se colocarmos nossas intenções numa carta, ou num contrato, ou num sermão, esperamos que os outros tentem entender o que colocamos ali. Portanto, isto é o que devemos fazer em relação a autores – especialmente, os autores bíblicos.

Terceira razão para esta definição: humildade

Ler em busca da intenção de um autor é uma maneira humilde de ler .

Quando labutamos para achar o que outra pessoa pensa, estamos admitindo que há coisas que não sabemos e que outros talvez saibam. Por isso, queremos aprender por ler. Queremos crescer. Estamos dispostos a ver os outros como meio de nos tornarmos menos ignorantes. Não estamos lendo apenas para ver um reflexo do que já sabemos. Somente o orgulho lê dessa maneira. Estamos lendo para aprender sobre a realidade fora de nós mesmos que ainda não

conhecemos. Estamos assumindo uma atitude receptiva. Estamos dispostos a ser dependentes de outros. Isto é um ato humilde. É claro que, além de aprender, há outros alvos em ler, como o prazer de uma boa história, de um poema ou um ensaio muito bem escrito. Mas não estou falando sobre isso agora.

Quarta razão para esta definição: realidade objetiva fora de nós

Quando lemos para descobrir o que os autores intentavam comunicar, nossa maneira de ler corresponde à maneira como o universo realmente é.

Vivemos num tempo em que as pessoas não valorizam a realidade moldadora de vida que não está em nós mesmos. É claro que as pessoas sempre se recusaram a submeterem-se à realidade suprema e absoluta (Sl 14.1; Rm 1.18-23). Elas sempre se inclinaram para a afirmação de que “o homem é a medida de todas as coisas” (Protágoras). Mas, em nosso tempo, muitos fazem a afirmação ainda mais radical de que não se submeterão à realidade suprema fora de nós mesmos, nem crerão que exista qualquer realidade.

Quanto mais eu vivo, tanto mais impressionado fico com a grandeza do impacto, em nossa vida, da convicção simples de que existe fora de nós uma realidade objetiva que não podemos controlar, que precisamos conhecer e ajustar-nos a ela. Qualquer pessoa que leva Deus a sério sabe que este ponto de vista da realidade é verdadeiro. Deus é realidade absoluta. Nós não somos. Deus tem falado, e sua Palavra existe como uma realidade objetiva fora de nós. Existiram autores humanos. Eles foram objetivamente inspirados por Deus para escreverem certas palavras com certos significados. Essas palavras e as intenções desses autores são realidades objetivas fora de nós.

Quando lemos para descobrir o que esses autores tencionaram comunicar, estamos afirmando este ponto de vista da realidade. É um ponto de vista glorioso. O outro ponto de vista nunca pode elevar-se acima de narcisismo e vaidade. Ler com o propósito de formular seu próprio significado, em vez de achar o significado do autor, deixa as pessoas presas no restrito mundo do ego. Mas ler com a esperança, o alvo e a expectativa de que podemos realmente

ver mais da realidade pelos olhos de outra pessoa e saber mais sobre como Deus e o mundo são – isso é uma coisa gloriosa.

C. S. Lewis foi um grande apreciador da realidade objetiva fora de nós mesmos. Ele acreditava que uma das grandes tragédias do homem moderno era o fato de que muitos abandonaram a “doutrina do valor objetivo, a crença de que certas atitudes são realmente verdadeiras e outras são falsas, para se prenderem ao tipo de coisa que o universo é e ao tipo de coisas que nós somos”.² Certa vez, uma pessoa que não compartilhava do alvo de Lewis (e meu) em ler perguntou-lhe :

Por que eu deveria voltar-me de uma experiência real presente – o que o poema significa para mim, o que acontece comigo quando o leio – para dar-me à investigação da intenção ou interpretações do poeta, sempre incerto do que o poema pode ter significado para seus contemporâneos?

Lewis respondeu:

Parece haver duas respostas. Uma é que o poema em minha mente, que eu crio a partir de minhas traduções incorretas de Chaucer ou incompreensões de Donne, pode não ser tão bom quanto a obra que Chaucer ou Donne realmente fizeram.

Em segundo, por que não ter ambos? Depois de desfrutar o que criei a partir do poema, por que não voltar ao texto para achar, desta segunda vez, as palavras difíceis, esclarecer as alusões e descobrir que alguns deleites métricos que tive em minha primeira experiência resultaram de leitura incorreta e ver se posso desfrutar o poema do poeta não

necessariamente em substituição e sim em adição a meu próprio.³

Esta resposta expõe a superficialidade e a vaidade inata de muitos leitores modernos. Eles estão contentes com seus entendimentos errados (porque não acreditam que essas coisas existam) e, por isso, se contentam em permanecer em sua órbita restrita ao redor de si mesmos como o sol.

No entanto, se Lewis estivesse lidando com textos autoritários (como a Bíblia), não teria chamado a atenção meramente para a indolência e a autoabsorção dos leitores, mas também para o perigo mortal em que estão. Se fico contente com o significado que tenho em minha mente que formulei a partir de minhas interpretações erradas, não vivo sob a autoridade de Deus e estou perdido.

Não estamos lidando com assuntos insignificantes. Dedicar-se à tarefa de achar a intenção de um autor é a maneira de ler que corresponde com o que as coisas realmente são. Deus é. Deus falou.

Os autores humanos comunicaram em palavras sua intenção dada por Deus. Essas palavras existem, e esses significados existem. São realidades objetivas fora de nós. Procurá-los e achá-los – pela leitura – é a nossa glória.

Quinta razão para esta definição: a autoridade de Deus é possível

Se o significado de um texto é o que o autor tencionava comunicar, ele pode ter autoridade sobre nós.

Se o significado de um texto bíblico pode ser qualquer coisa dentro de nossa própria mente, Deus cessa de ter qualquer autoridade em nossa vida. Mas, se o significado de um texto é o que o autor tencionava, então, o significado é objetivo e fixo. Não pode mudar. Nem um autor pode mudar, depois, sua intenção anterior para uma intenção não anterior. Se ele mudar sua mente quanto ao que pretendia dizer, estará errado em dizer: “Não queria dizer isso”, quando, na realidade, queria realmente dizê-lo. Isso é o que significa mudar a mente. Antes alguém tencionava comunicar uma coisa. E agora não acha mais que essa intenção é verdadeira. Em vez do pensamento anterior, agora ele precisa dizer: “Eu quis dizer *realmente* aquilo; mas estava errado em querer dizê-lo. Mudei de pensamento. Eis a nova coisa que tenciono comunicar”. Assim são os significados: uma vez escritos, estão fixos no escrito. Ou seja, aquilo que o autor tencionava comunicar é um evento histórico inalterável, e o passado não pode ser mudado. Esse significado pode ter *aplicações* que mudam constantemente, em tempos e culturas diferentes. Mas o significado – a intenção do autor – permanece o mesmo.

Isto é a razão por que Deus, por meio da Bíblia, pode ter autoridade sobre nós. Não podemos atribuir à Bíblia significados como um meio de escaparmos dos ensinamentos dos quais não gostamos. Eles são o que são. É precisamente a imutabilidade deles que faz sua autoridade divina permanecer de geração em geração.

Implicações transformadoras de ver significado desta maneira

Com cinco razões, eu o encorajei a pensar desta maneira sobre a leitura e o significado de textos. O significado de um texto bíblico é *o que o autor tencionava comunicar por meio de suas palavras* . E ler é o que você faz para achar essa intenção. O alvo comum de ler é assimilar o que o autor tencionava comunicar por meio de suas palavras.

As implicações disto transformam nossa vida. Você nunca mais se aproximará da Bíblia, de novo, apenas para ver se pode sentir-se inspirado pelos pensamentos que lhe ocorrerem. Nunca ficará contente num grupo de estudo bíblico cujo alvo é que todos compartilhem “o que este texto significa para você”. Não ficará empolgado com um pastor que lhe conta histórias interessantes, fala sobre política, história, psicologia e experiência pessoal, mas nunca lhe mostra o que os autores bíblicos tencionavam comunicar em textos específicos .

Pelo contrário, você fará todo esforço para ler a Bíblia de um modo que revele as intenções dos autores e o inspire com isso . Buscará, verá e provará a Deus por meio disso . Amará os pequenos grupos de estudo bíblico em que cada um ajuda o outro a ver aspectos do texto que expõem cada vez mais o que o autor realmente queria dizer. Dará graças a Deus por todo sermão que lhe mostra o que os autores bíblicos queriam dizer realmente. E, sim, em sua leitura pessoal, em seu grupo de estudo e seu ouvir de sermões, procurará aplicar o significado à sua vida, às suas circunstâncias e ao seu mundo. E o poder dessa aplicação aumentará com a confiança de que ela está baseada em significado real, objetivo e inalterável que está realmente lá.

Respostas para as nossas perguntas persistentes

Há mais implicações de ver o alvo comum da leitura como a descoberta do que o autor tenciona comunicar. No capítulo seguinte, notaremos algumas destas implicações, enquanto procuramos responder as duas perguntas propostas no final do capítulo 20. Primeira, como a intenção do autor humano se relaciona com a intenção de Deus como aquele que inspirou o texto? Segunda, o autor humano pode intencionar coisas das quais não estava consciente no momento da escrita?

[1](#) No original grego, Paulo pressupõe a palavra “referir”, em vez de usá-la. Suas palavras “vos escrevi”, no versículo 9, regem a ação do versículo 10: “Em carta vos escrevi [expressando a intenção] que não vos associásseis com os impuros; não propriamente [referindo-me em minha intenção a] os impuros deste mundo, ou os avarentos, ou roubadores, ou idólatras; pois, neste caso, teríeis de sair do mundo” (1 Co 5.9-10).

[2](#) C. S. Lewis, *The Abolition of Man* (New York: Macmillan, 1947), 29.

[3](#) C. S. Lewis, *An Experiment in Criticism* (Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1965), 100-101.

Foi a respeito desta salvação que os profetas indagaram e inquiriram, os quais profetizaram acerca da graça a vós outros destinada, investigando, atentamente, qual a ocasião ou quais as circunstâncias oportunas, indicadas pelo Espírito de Cristo, que neles estava, ao dar de antemão testemunho sobre os sofrimentos referentes a Cristo e sobre as glórias que os seguiriam.

1 PEDRO 1.10-11

Nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação; porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens [santos] falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo.

2 PEDRO 1.20-21

O ALVO COMUM DA LEITURA: A INTENÇÃO DE DEUS POR MEIO DA INTENÇÃO DO HOMEM

“Reconheça ser mandamento do Senhor o que vos escrevo.”

O alvo comum da leitura que eu recomendo é que lemos para descobrir o que o autor tencionava comunicar. Isso implica que o significado está fora de nós. É uma descoberta, não uma criação. Não o trazemos à Bíblia. Já está lá porque os autores, sob a orientação de Deus, reuniram suas palavras de modo a comunicar o que intencionavam. Quando lemos a Bíblia, seu significado não são as ideias que vêm à nossa mente e podem ser “significativas” para nós. Essas ideias podem ou não ser parte do que o autor queria dizer. Em vez disso, quando lemos a Bíblia, estamos escavando à procura do ouro que os escritores inspirados queriam comunicar. Não estamos criando significado. Estamos procurando-o.

Se buscares a sabedoria como a prata e como a tesouros escondidos a procurares, então, entenderás o temor do SENHOR e acharás o conhecimento de Deus (Pv 2.4-5) .

O que pensaríamos de uma pessoa que começou a minerar em busca de ouro e que um dia trouxe consigo para a mina algumas de suas pedras bem lapidadas; depois, tirou-as do bolso e começou a correr em nossa direção gritando: “Vejam o que achei na mina!

Vejam. Achei estas pedras na mina! Devem ser realmente valiosas!” Diríamos que ele é um tolo.

O significado da Bíblia não é algo que já está em nossa mente. É o que estava na mente do autor e agora está inserido, pela maravilha da linguagem, nas palavras e em sua estrutura na página. O alvo comum de ler é extrair esse significado. As recompensas são inestimáveis.

São mais desejáveis do que ouro, mais do que muito ouro depurado; e são mais doces do que o mel e o destilar dos favos (Sl 19.10).

A inspiração e a intenção de Deus nos textos bíblicos

No final do capítulo anterior, mencionei que há pelo menos duas perguntas que este ponto de vista suscita. A primeira que consideraremos é: como a intenção do autor humano se relaciona com a intenção de Deus como aquele que inspirou o texto? Minha pressuposição neste livro é que Deus inspirou a Bíblia de uma maneira que guiou os escritores bíblicos a expressarem as intenções de Deus por meio de suas próprias intenções.¹ Textos que apontam para esta pressuposição incluem:

Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra (2 Tm 3.16-17).

Nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação; porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens [santos] falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo (2 Pe 1.20-21).

Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo, e sim o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente. Disto também falamos, não em palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas ensinadas pelo Espírito, conferindo coisas espirituais com espirituais (1 Co 2.12-13).

Se alguém se considera profeta ou espiritual, reconheça ser mandamento do Senhor o que vos escrevo (1 Co 14.37).

Comparando a opinião islâmica sobre o Alcorão com o ponto de vista cristão sobre a Bíblia

A doutrina da inspiração da Escritura pode ser mal compreendida de uma maneira que a autoria humana é quase anulada. Isto é um erro grave. Podemos ver quão grave é este erro por compararmos a opinião islâmica sobre o Alcorão e o ponto de vista cristão histórico sobre a Bíblia. Para os muçulmanos, “o Alcorão é entendido como o *ipsissima verba* [as próprias palavras] de Deus mesmo, dadas em *Tanzil* [a “revelação”] a Maomé, em árabe, com uma transcrição do Livro Divino no céu”.² Em outras palavras, o Alcorão existe realmente no céu em árabe, e a reivindicação é que, ao ser entregue a Maomé, ele foi entregue numa fraseologia já estabelecida no céu que não leva em conta a autoria de Maomé.

Por contraste, considere esta comparação perspicaz formulada por Andrew Walls entre as Escrituras cristãs e o Alcorão islâmico:

A fé cristã tem de continuar sendo traduzida, precisa entrar continuamente na cultura vernácula e agir com ela, pois, do contrário, murcha ou desaparece. Os absolutos islâmicos são fixados numa linguagem específica e na condição de um período específico da história humana. A Palavra Divina é o Alcorão, fixado no céu para sempre em árabe, a língua de revelação original. Todavia, para os cristãos, a Palavra divina é traduzível, infinitamente traduzível. As próprias palavras de Cristo foram transmitidas em forma traduzida nos primeiros documentos que temos, um fato certamente inseparável da convicção de que em Cristo o ser do próprio Deus foi traduzido em forma humana. Esse mal-entendido entre cristãos e muçulmanos surgiu da pressuposição de que o Alcorão é para os muçulmanos o que a Bíblia é para os cristãos. Seria mais verdadeiro dizer que o Alcorão é para os muçulmanos o que Cristo é para os cristãos.³

Jesus Cristo, o Deus-homem encarnado, tem uma identidade étnica, física, pessoal, psicológica e cultural que não muda. Pessoas podem até pintar quadros de Jesus como um homem escandinavo ou anglo-saxão de olhos azuis e cabelos longos, ou como um africano, ou com um chinês; mas isso é bastante errado. Ele não era, não é e nunca será outro, senão o Deus-homem que foi encarnado pelo Espírito Santo no ventre de Maria e viveu como um carpinteiro, mestre, profeta e Messias judeu.

A encarnação do Filho de Deus fixa-o na história de uma maneira que a inspiração das Escrituras não as fixa. Sem dúvida, Deus inspirou as Escrituras em grego e hebraico, e são estes escritos originais que nós afirmamos como infalíveis e como um reflexo da

veracidade de Deus. No entanto, este ato divino de inspiração comunicou às palavras dos autores humanos significados que Deus tencionava fossem colocados em outros idiomas e culturas. Podemos ver isto acontecendo já no Novo Testamento, à medida que a fé cristã se movia de um ambiente de predominância judaica para um ambiente de predominância gentílica. Novas palavras foram cunhadas e colocadas à serviço da verdade.

As intenções de Deus comunicadas por meio de intenções humanas

Portanto, quando consideramos a inspiração da Escritura, transitamos entre dois abusos referentes à doutrina. Um transforma os escritos originais no ditado de Deus, de modo que as palavras da Escritura não refletem o pensamento dos autores humanos e não são transferíveis para outras línguas. O outro erro trata os autores humanos como desligados da orientação especial de Deus, e, por isso, temos apenas as intenções humanas e não a intenção de Deus. O ponto de vista histórico, que admito aqui, é que as intenções de Deus estão presentes em toda a Escritura e são mediadas a nós por um entendimento correto do que os autores humanos tencionaram comunicar quando escreveram.

Por trás desta convicção, está o pensamento de que Deus se humilhou não somente na encarnação do Filho, mas também na inspiração das Escrituras. Ele vinculou seu Filho divino à natureza humana e vinculou também sua mensagem divina a palavras humanas. A manjedoura e a cruz não eram sensacionais. Nem a gramática, nem a sintaxe. Mas foi assim que Deus escolheu revelar-se. Um judeu camponês pobre e uma oração adverbial têm isto em comum: ambos são humanos e ambos são comuns. O fato de que um camponês pobre era Deus e de que uma oração adverbial é a Palavra de Deus não muda isto. Portanto, se Deus se humilhou para assumir a carne humana e falar a linguagem humana, aí de nós se ousarmos ignorar a humanidade de Cristo e a gramática da Escritura.

Não apenas a linguagem humana, e sim a

linguagem destes homens

Não basta dizer que a revelação de Deus na Escritura vem até nós em linguagem humana. Ela vem na linguagem de autores humanos específicos em tempos e lugares específicos. É nisto que o ponto de vista cristão sobre a Escritura se afasta profundamente da opinião islâmica sobre o Alcorão. Os muçulmanos pensam que há um Alcorão original em árabe no céu. Isto significa que a fraseologia não reflete o estilo de qualquer autor humano, mas somente o de Deus. Os cristãos, porém, veem nas Escrituras que não foi desta maneira que Deus inspirou a Bíblia. Quando Deus falou por meio de autores humanos, ele nem sempre usou a mesma língua, o mesmo estilo ou o mesmo vocabulário. Toda a evidência aponta para o fato de que Deus fez uso da língua, estilo, vocabulário e usos peculiares dos escritores bíblicos individuais. Até nos discursos proféticos em que Deus é citado diretamente, achamos características de linguagem que distinguem um autor humano de outro.

As implicações disto em como faremos a leitura da Bíblia são enormes. Permita-me ilustrar. À luz deste conceito de inspiração, suponha que pretendamos entender o que Deus tenciona comunicar pelo uso da palavra *sabedoria* em Tiago 1.5: “Se, porém, algum de vós necessita de *sabedoria*, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e nada lhes impropria; e ser-lhe-á concedida”. Não presumimos que o uso da palavra *sabedoria* por Deus será sempre o mesmo, como se houvesse no céu um significado divino fixo para a palavra *sabedoria*. Portanto, não vamos rapidamente a Provérbios 8 para achar uma definição de *sabedoria* em Tiago 1.5, baseados na suposição de que, se a palavra *sabedoria* foi usada ali, deve ter o mesmo significado que tem aqui em Tiago 1 – visto que Deus inspirou ambos os textos.

Em vez disso, reconhecemos que, ao inspirar as Escrituras, Deus falou *por meio do vocabulário e dos padrões de comunicação dos autores humanos inspirados*. Por isso, entendemos que seria mais sábio deixar que Tiago mesmo nos dê a orientação a respeito do que queria dizer ao usar “sabedoria” em 1.5. Por conseguinte, faremos melhor se examinarmos os outros três usos que Tiago fez da palavra *sabedoria*. Em descobrir cuidadosamente a intenção de Tiago, conheceremos a mente de Deus melhor do que se não atribuirmos

nenhuma função especial ao vocabulário de Tiago, mas, por outro lado, admitirmos que há um vocabulário divino em toda a Bíblia.

Minha conclusão, portanto, é que o significado de Deus – o que Deus tenciona comunicar – na Escritura é acessível apenas por meio do vocabulário específico e dos padrões de comunicação dos vários autores humanos. Minha crença na inspiração é a de que *assimilar o que estes autores humanos tencionavam comunicar em sua situação histórica específica é também assimilar a intenção de Deus mesmo para aquela situação*. Consequentemente, o alvo básico e comum de ler a Bíblia é entender o que os autores bíblicos tencionavam comunicar em sua situação.

Um autor humano podia querer dizer mais do que estava ciente?

Isto nos leva a outra pergunta sobre como se relacionam as intenções divinas e as humanas: nossa definição de significado, como aquilo que o autor tencionava comunicar, implica que, com as palavras que Deus inspirou, ele nunca se referia a mais do que os autores humanos pretendiam comunicar?

Antes de responder a esta pergunta, preciso inserir minha resposta à segunda pergunta que fiz no final do capítulo anterior: o autor humano da Escritura pode intencionar coisas das quais não estava consciente no momento da escrita? Respondo isto aqui porque a resposta que ofereço é realmente parte de como eu respondo a outra pergunta sobre se, nos textos, Deus quer dizer mais do que os autores humanos disseram.

Então, o autor humano da Escritura pode querer dizer coisas das quais não estava consciente no momento da escrita? A resposta é sim. Sei que isto parece contraditório, visto que defini significado como aquilo que o autor *tenciona* comunicar. E agora estou dizendo que ele pode *querer dizer* algo de que não estava consciente. O que isso significa?

Não é realmente tão estranho. Você faz isso toda vez que usa a abreviação *etc*. Ou quando fala “e assim por diante”. Suponha que você diga: “Qualquer vegetal verde que você puder comprar na quitanda será bom para você, incluindo alface, brócolis, pepino, etc.” Nesse momento, esses são os únicos vegetais verdes que vêm à

sua mente. Você *não está consciente* de outros no momento em que fala. Mas a palavra *etc.* tem o propósito de levar sua intenção além do que você está ciente.

Em sua sentença, *etc.* **não pode significar qualquer coisa. Você lhe deu limites, ao dizer: “Qualquer vegetal verde” e “que você puder comprar na quitanda”.** Estas duas peculiaridades **limitam o significado de *etc.*** Se alguém perguntasse: “O que você *está dizendo* – ou seja, o seu significado – inclui aspargo?” Você responderia: “Sim”. Você tinha aspargo em mente, embora não estivesse consciente de aspargo. Outra maneira de dizer isto é ressaltar que *implicações necessárias* de nosso significado consciente estão incluídas em nosso significado, ainda que não estejamos conscientes de todas elas. Veremos em seguida uma ilustração bíblica disto, com base em Colossenses 3.17.

Deus pode querer dizer mais do que os autores humanos

Agora volto à questão sobre o significado de Deus e o do homem na Escritura. A nossa definição de significado, como *aquilo que o autor tencionava comunicar*, implica que Deus nunca quis dizer, com as palavras que inspirou, mais do que os autores humanos tencionavam comunicar?

Não. Não implica isso. Sabemos, por exemplo, com base em 1 Pedro 1.10-12, que Deus se referiu, pelo menos às vezes, a mais do que o autor humano estava ciente:

Foi a respeito desta salvação que os profetas indagaram e inquiriram, os quais profetizaram acerca da graça a vós outros destinada, investigando, atentamente, qual a ocasião ou quais as circunstâncias oportunas, indicadas pelo Espírito de Cristo, que neles estava, ao dar de antemão testemunho sobre os sofrimentos referentes a Cristo e sobre as glórias que os seguiriam. A eles foi revelado que, não para si mesmos, mas para vós outros, ministravam as coisas que, agora, vos foram anunciadas por aqueles que, pelo Espírito Santo enviado do céu, vos pregaram o evangelho, coisas essas que anjos anelam perscrutar.

Note várias coisas. Primeira, Deus não quis comunicar aos profetas ou aos seus ouvintes, em seus próprios dias, detalhes específicos sobre a identidade e o tempo da chegada do Messias. Em vez disso, Deus tencionou que uma geração posterior veria

nestas profecias coisas que os próprios autores não puderam ver e *sabiam que não podiam ver* . Sabemos disto pelas palavras “a eles foi revelado que, não para si mesmos, mas para vós outros”. Em outras palavras, os contemporâneos de Pedro deveriam ser capazes de ler as profecias e ver a pessoa e o ministério *de Jesus* . Os profetas não puderam ver as glórias e os sofrimentos de Jesus da maneira como posteriormente os cristãos puderam.

A segunda coisa a notar é que estas novas gerações de leitores deveriam ainda entender a maneira específica de o profeta escrever. Mesmo quando, para uma geração posterior, Deus tinha a comunicar mais do que um profeta estava ciente, essa revelação não foi expressa num estilo ou num vocabulário divino especial. O único acesso a ela era a maneira específica de o profeta escrever. Assim, os contemporâneos de Pedro, séculos depois, tiveram de ler e entender o que o profeta humano escrevera. Sem este entendimento, não teriam sido capazes de ver como as palavras se harmonizavam com a vida de Jesus.

A profecia inconsciente de Caifás

O mesmo pode ser dito sobre a profecia de Caifás, o sumo sacerdote, concernente à morte de Jesus. Os principais sacerdotes e os fariseus dirigiram-se a Caifás e se queixaram de que, se alguma coisa não parasse Jesus: “Virão os romanos e tomarão não só o nosso lugar, mas a própria nação” (Jo 11.48). Caifás respondeu:

Vós nada sabeis, nem considerais que convém que morra um só homem pelo povo e que não venha a perecer toda a nação. Ora, ele não disse isto de si mesmo; mas, sendo sumo sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus estava para morrer pela nação e não somente pela nação, mas também para reunir em um só corpo os filhos de Deus, que andam dispersos (Jo 11.49-52).

As palavras proféticas cruciais são “convém que morra um só homem pelo povo e que não venha a perecer toda a nação” (v. 50). A intenção imediata de Caifás era comunicar que seria melhor que Jesus fosse morto do que a nação judaica fosse expulsa pelos romanos. Deus mostrou a João que tinha uma intenção diferente com as mesmas palavras, ou seja, afirmar que a morte de Cristo salvaria realmente, por substituição, o seu povo, mas essa salvação seria maior tanto em escopo quanto em profundidade. A morte de

Cristo salvaria não somente dos romanos, mas também do pecado. E não somente judeus seriam salvos, mas também todos “os filhos de Deus” dispersos pelo mundo.

Nesta passagem, o que é semelhante a 1 Pedro 1.10-12 é o fato de que Deus não quis comunicar a plenitude deste significado aos escribas e fariseus naquele momento. Ele deu a Caifás palavras que posteriormente, de acordo com o discernimento dado por Deus a **João**, os leitores pudessem ver que se harmonizavam perfeitamente com o efeito mais amplo e mais profundo da morte de Jesus. Mas, de novo, permanece o argumento de que a intenção mais importante de Deus não foi comunicada por uma linguagem especial. Foi comunicada por meio do vocabulário e da maneira comum de falar que Caifás usou. Não havia na sentença nenhum código divino oculto que dizia aos leitores que abandonassem o alvo comum de ler e se voltassem para um novo método de discernir a intenção de Deus.

Deus sempre tenciona dizer mais

Por isso, concluo que Deus pode ter e tem, por meio das Escrituras inspiradas, a comunicar mais do que os autores humanos estavam plenamente cientes. Acho que seria seguro afirmar que, em um sentido, Deus *sempre* tem a comunicar mais do que os autores humanos estavam cientes. Afirmo isto por, pelo menos, duas razões.

Uma é o argumento que já formulamos neste capítulo, ou seja, que ***implicações necessárias são parte do significado de um autor.*** Entretanto, **nenhum autor, exceto Deus mesmo, viu todas as implicações necessárias do que escreveu.** Mas Deus vê. Por isso, Deus sempre quer dizer conscientemente o que os autores humanos querem dizer apenas implicitamente. Por exemplo, quando Paulo diz: “Tudo que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus” (Cl 3.17), Deus vê cada um dos bilhões de atos singulares incluídos no “tudo” e deseja que façamos cada um deles em nome de Jesus. Mas Paulo não podia ver as implicações específicas da palavra *tudo* para cada cristão que já viveu. Portanto, neste sentido, Deus sempre tenciona um significado mais completo e mais específico do que os autores humanos tencionavam.

Uma segunda razão por que digo que Deus sempre tem mais a comunicar pelas palavras que inspirou é que ele vê todas as conexões entre tudo que os autores bíblicos escreveram. Eles não podiam ver todas estas conexões porque, em sua maior parte, não estavam cientes do que os outros escreveriam. Mas agora que temos todos os livros inspirados da Bíblia, podemos gastar a vida toda explorando estas conexões. Há inúmeras conexões entre os vários livros da Bíblia. É totalmente possível que você pondere algo que Paulo disse e algo que João disse, para ter um vislumbre da realidade que nenhum deles viu. É claro que Deus a viu, como viu também que você a veria. Deus tencionou todas estas conexões. Ele as inspirou. Os autores e os leitores – até ao dia de hoje – veem apenas uma fração destas conexões. Elas valem uma vida inteira de pesquisa.

A verdade aqui é que Deus sempre tem a comunicar mais do que os autores humanos tinham. Mas isso não desconecta as intenções de Deus do vocabulário e dos hábitos de escrita usados pelos autores humanos. Não temos outro acesso seguro à mente de Deus, senão pelo modo como os autores humanos usaram a linguagem para comunicar seus significados.

Glória no significado do texto

Portanto, quando pensamos no ato natural de ler a Bíblia de modo sobrenatural, não devemos ignorar a importância de procurar conhecer o pensamento do autor humano, com todo o nosso poder. Isto exige todo esforço e habilidade humana que pudermos exercer. Sem dúvida, nosso alvo supremo é glorificar a Deus por vermos, experimentarmos e sermos mudados por sua beleza e valor nas Escrituras. Mas o que temos visto é que a glória de Deus é revelada para nós em e por meio do significado do texto – *o que o autor tencionava comunicar*. E o significado é achado por ler e pensar. Assim como Deus está unido a Jesus na encarnação, assim também a glória de Deus está unida ao significado dos textos bíblicos.

Portanto, quando o milagre de ver e provar a glória de Deus acontece, ele acontece *no* ato de ler e pensar. Lemos. Deus revela. Deus nos *dá* o milagre sobrenatural. Nós *realizamos* o milagre

sobrenatural. Os procedimentos **práticos para fazermos isto** s erão o assunto do capítulo seguinte.

1 Tentamos mostrar como as Escrituras demonstram ser completamente verdadeiras em John Piper, *Uma Glória Peculiar: Como a Bíblia se Revela Completamente Verdadeira* (São José dos Campos, SP: Fiel, 2017).

2 Kenneth Cragg, “Contemporary Trends in Islam”, em *Muslims and Christians on the Emmaus Road*, ed. J. Dudley Woodberry (Monrovia, CA: MARC, 1989), 28.

3 Andrew F. Walls, “Christianity in the Non-Western World”, em *The Cross-Cultural Process in Christian History* (Maryknoll, NY: Orbis, 2002), 29.

Meditarei nos teus preceitos e às tuas veredas terei respeito.

SALMO 119.15

Erudição é, primeiramente, ver; em segundo, ver; em terceiro, ver;
e, sempre, ver de novo.

ADOLF SCHLATTER

O PODER DA PACIÊNCIA E DA ATENÇÃO PERSISTENTE

*“Se buscares a sabedoria como a prata
e como a tesouros escondidos a procurares.”*

A leitura da Bíblia e o propósito do universo

O fato impressionante é que ler a Bíblia é um dos meios indispensáveis pelos quais Deus realiza seu propósito supremo para o universo. Pense na palavra *indispensável*. Significa que este grande propósito não será atingido, se o alvo comum de ler não for atingido entre o povo de Deus. O alvo comum de ler é *assimilar o que os autores bíblicos tencionavam comunicar*. Isto é indispensável porque o alvo *supremo* de ler se realiza por meio do ato de seguir este alvo *comum* de ler.

O alvo supremo de ler (que propusemos na parte 1) é que a dignidade e a beleza infinitas de Deus sejam exaltadas através da adoração fervorosa e eterna da noiva de Cristo, comprada por sangue, formada de pessoas procedentes de todo povo, língua, tribo e nação. A exaltação da dignidade e da beleza de Deus na adoração fervorosa depende de a dignidade e a beleza de Deus – sua glória peculiar – serem vistas e desfrutadas na Escritura como o supremo tesouro do universo. Ver a glória de Deus na Escritura é uma obra sobrenatural da graça de Deus, porque, por natureza, somos

endurecidos e cegos para ela. No entanto, o milagre acontece em e por meio do ato natural de ler a Bíblia de modo sobrenatural.

Ou seja, o milagre acontece enquanto lemos, pela fé, com o *alvo comum* de assimilar o que os autores bíblicos tencionavam comunicar. Assim como a glória do Filho de Deus só pode ser vista por olharmos para o Filho de Deus encarnado, assim também a glória da Palavra de Deus só pode ser vista por olharmos para a inspirada palavra de homens. A iluminação divina acontece por meio da observação humana. A beleza da verdade divina é vista em contemplarmos palavras humanas – ou seja, em lermos. “Quando ledes, podeis compreender o meu discernimento do mistério de Cristo” (Ef 3.4).

Aprendi a ler aos 22 anos de idade

A tarefa mais fundamental deste ato natural de ler é ver o que realmente está lá. Meu alvo neste capítulo é persuadi-lo e encorajá-lo a, quando ler a Bíblia, ver mais do que já pensou que poderia. E argumentarei que isto acontecerá não principalmente porque você aprendeu grego e hebraico ou estudou num seminário (embora estas coisas sejam valiosas), e sim porque você formará o hábito e desenvolverá a paciência para olhar mais demorada e cuidadosamente do que já fez. A maioria dos fracassos em ver o que os autores tencionavam comunicar não se deve a educação ineficiente ou a inteligência inadequada, e sim à leitura passiva que não atenta persistentemente ao que está lá .

Falo com grande convicção e esperança em relação a você por causa de minha própria experiência. Quando eu tinha 22 anos de idade, aprendi como ler. Na verdade, eu suponho, isso não é culpa dos meus pais nem dos professores excelentes que eu tive até então. Seria mais exato dizer que, meu entendimento do que é ler e meu compromisso em fazê-lo bem receberam um impulso que mudou minha vida quando eu tinha 22 anos. Isso é o que espero aconteça com você ao ler este livro. Aprendi a diferença entre leitura ativa e leitura passiva (com a ajuda de Mortimer Adler¹). Vi a maravilha do alvo comum de ler – pensar os pensamentos de outra pessoa como ela pensa (com a ajuda de E. D. Hirsch²). Aprendi os tipos de

pergunta que devia fazer (com a ajuda de Daniel Fuller³). Antes dos 22 anos de idade, eu nunca havia lido qualquer obra escrita por estes homens.

Vendo por olhar, olhar realmente

A primeira coisa em que o professor Daniel Fuller insistiu naqueles dias de seminário foi que acreditássemos na possibilidade e nos frutos de realmente *ver por olhar* – em específico, olhar para o texto da Bíblia. Talvez isso lhe pareça estranho. Mas pense em quanto tempo de sua vida acordado seus olhos ficam abertos, mas passivos. Você está vendo o mundo, mas dificilmente está notando alguma coisa. Está ouvindo o tempo todo, mas dificilmente notando alguns sons específicos.

O Dr. Fuller não era o único que estava me impelindo para ver e ouvir ativamente. Um dia, em uma aula sobre pregação, o professor estava argumentando que os pastores devem obter suas ilustrações da vida real e não de livros de ilustrações. Ele parou e ficou em silêncio por 30 segundos. Não sabíamos o que ele estava fazendo. Então, ele disse: “Vocês ouviram aquilo?” Não sabíamos do que ele estava falando. Ele disse: “A sirene! Lá na Avenida Colorado. É uma ambulância. Alguém está seriamente ferido ou seriamente enfermo agora mesmo, enquanto estamos sentados aqui”. Aquele momento causou uma impressão indelével em mim. O fato de que o recorde agora, 48 anos depois, mostra que impacto ele teve. *Acorde*, eu pensei. *Você está sonambulando pela vida. Você vê e ouve, mas não percebe. Acorde!*

A maioria das pessoas leem meio sonolentas. Lemos a Bíblia de modo bem semelhante a como assistimos à televisão – passivamente. O que eu quero dizer por “passivamente” é que esperamos o programa de TV afetar-nos. Entreter-nos, informar-nos ou ensinar-nos. Nossa mente fica quase totalmente no modo passivo, quando impulsos a penetram. O oposto é quando nossa mente fica alerta e assiste cuidadosamente. Nós nos tornamos ativamente observantes. Quando assistimos à TV ou vemos o mundo ativamente, vemos camadas, dimensões e aspectos da realidade que antes ficavam totalmente despercebidos. A diferença é que agora a mente está engajada. Emitimos uma ordem para o

cérebro: Olhe! Ouça! Pense no que está vendo. Localize pistas. Fique inflexivelmente vigilante. Faça conexões. Observe padrões. Faça perguntas.

Outra inspiração inesquecível em meu crescente desejo de ver, como nunca tinha visto antes, foi a história de Agassiz e o peixe. Quando li a história pela primeira vez, fiquei fascinado. Foi como uma brilhante explosão no horizonte de minha nova vida de estudo da Bíblia. O brilho fez todos os detalhes da Bíblia iluminarem-se. De repente, eu estava vendo padrões, inter-relacionamentos e linhas de pensamento que nunca tinha visto antes. E tudo isso estava acontecendo não porque um professor estava me dizendo o que ver, e sim porque alguém me dizia: *olhe, olhe, olhe*.

Louis Agassiz (1807-1873) foi o fundador do Museu de Zoologia Comparativa e professor da Universidade Harvard. Um de seus alunos, Samuel Scudder, escreveu sobre como este admirável professor lhe mostrou o que poderia ver, se apenas formasse o hábito e a paciência de olhar demorada e atentamente para o objeto de seu estudo.

“Agassiz e o Peixe, por um Aluno”

Faz mais de 15 anos que entrei no laboratório do Professor Agassiz e lhe disse que havia inscrito meu nome na escola científica como um estudante de história natural. Ele me fez algumas perguntas sobre meu propósito em estudar ali, meus antecedentes gerais, o modo como eu me propunha a usar o conhecimento que poderia obter e, por fim, se eu desejava estudar algum ramo específico. A essa última indagação respondi que, embora desejasse tornar-me bem fundamentado em todos os ramos da zoologia, meu propósito era dedicar-me especialmente a insetos.

“Quando você quer começar?”, ele perguntou.

“Agora”, respondi.

Parece que isso lhe agradou. E, com um vigoroso “Muito bem!”, pegou de uma prateleira um frasco de vidro enorme que continha espécimes em álcool amarelo.

“Pegue este peixe”, ele disse, “e examine-o; nós o chamamos de Haemulon. Voltarei depois e lhe perguntarei o que viu”.

Em seguida, me deixou, mas logo voltou com instruções explícitas a respeito de como cuidar do objeto que me confiara .

“Ninguém está apto a ser um naturalista”, ele disse, “se não sabe como cuidar de espécimes”.

Eu devia manter o peixe diante de mim em uma bandeja de latão e, ocasionalmente, umedecer a superfície com álcool do frasco, sempre tendo o cuidado de apertar bem a tampa ao recolocá-la. Naqueles dias não existiam tampas de vidro esmerilado e frascos de formato elegante. Todos os velhos alunos recordarão as enormes garrafas de vidro, sem gargalho, com suas rolhas frouxas, lambuzadas de cera, meio comidas por insetos e enegrecidas com poeira. A entomologia era uma ciência mais limpa do que a ictiologia, mas o exemplar do professor, que, sem hesitação, levava a mão ao fundo do frasco para retirar o peixe, era infeccioso. E, embora o álcool tivesse “um cheiro muito velho e semelhante ao de peixe”, eu não ousei demonstrar qualquer aversão nestes recintos sagrados e tratei o álcool como se fosse água pura. Ainda estava ciente de um sentimento passageiro de desapontamento, pois contemplar um peixe não é, por si mesmo, recomendável a um fervoroso entomologista. Além disso, meus amigos, em casa, ficaram incomodados quando descobriram que nenhuma quantidade de perfume removeria o cheiro que me perseguia como uma sombra.

Em dez minutos, vi tudo que podia ser visto no peixe e saí em busca do professor, que, se retirara do museu. Quando retornei, depois de gastar muito tempo com alguns animais esquisitos guardados no cômodo superior, meu espécime estava totalmente seco. Joguei o líquido sobre o peixe como que para ressuscitá-lo de um desfalecimento total e esperei com ansiedade o retorno de uma aparência normal e aguada. Acabada a pequena empolgação, nada mais podia ser feito, exceto retornar à firme contemplação de meu companheiro mudo. Meia hora se passou, uma hora, outra hora. O peixe começou a parecer detestável. Eu o virei diversas vezes. Olhei sua face – horrível. Por baixo, por cima, por trás, pelos lados, em um exame minucioso – também horrível. Fiquei desesperado. Conclui que era necessário almoçar uma hora mais cedo. Assim, com imenso alívio, o peixe foi colocado cuidadosamente no frasco de vidro. E, por uma hora, fiquei livre.

Ao retornar, soube que o professor Agassiz estivera no museu, mas havia saído e não retornaria por várias horas. Meus colegas estavam muito ocupados para se deixarem perturbar por conversa incessante. Devagar, retirei o peixe horrendo e, com um sentimento de desespero, olhei novamente para ele. Não podia usar uma lupa; todos os tipos de instrumentos eram proibidos. Minhas duas mãos, meus dois olhos e o peixe. Parecia um campo muito limitado. Pressionei meus dedos na boca do peixe para ver quão afiados eram seus dentes. Comecei a contar as escamas em filas diferentes, até que fiquei convencido de que isso era insensatez. Por fim, ocorreu-me um pensamento feliz: eu desenharia o peixe. Com surpresa, comecei a descobrir novas características na criatura. Naquele momento, o professor retornou.

“Isso é correto”, disse ele, “um lápis é um dos melhores olhos. Fico contente em observar que você mantém o seu espécime molhado e o seu frasco tampado”.

Com essas palavras encorajadoras, ele perguntou. “Então, como é ele?”

O professor ouviu atentamente meu relatório da estrutura de partes cujos nomes ainda eram desconhecidos para mim: as guelras franjadas e o opérculo móvel; os poros da cabeça, os lábios carnudos e olhos sem pálpebras; a linha lateral, a barbatana espiniforme e o rabo bifurcado; o corpo arqueado e compacto. Quando terminei, ele esperou, como se tivesse mais a ouvir. Em seguida, ele prosseguiu com um ar de desapontamento: “Você não olhou com muita atenção” e acrescentou com seriedade: “Porque não viu uma das características mais evidentes do animal, que está bem diante de seus olhos, como o próprio peixe. Olhe de novo, olhe de novo!” E me deixou em minha infelicidade.

Fiquei arrasado, acabado. Ainda mais desse peixe desprezível? Mas agora dediquei-me à tarefa com vontade e descobri uma coisa nova após outra, até que admiti quão justa havia sido a crítica do professor. A tarde passou rapidamente; e quando, próximo de seu final, o professor indagou: “Você já a descobriu?”, eu respondi: “Não. Estou certo de que não, mas percebo agora quão pouco eu vi antes”.

“Isso é melhor”, ele disse com sinceridade, “mas não o ouvirei agora. Guarde o seu peixe e vá para casa. Talvez você terá uma resposta melhor pela manhã. Eu o inquirirei antes de você olhar de novo o peixe”.

Isso foi desconcertante. Eu não somente teria de passar a noite pensando em meu peixe, estudando, sem o objeto diante de mim, o que seria essa característica mais evidente, mas também, sem rever minhas novas descobertas, teria de dar um relato exato das descobertas no dia seguinte. Eu tinha uma péssima memória. Por isso, fui para casa, andando pela margem do Rio Charles, em um estado de distração, com minhas duas perplexidades.

A saudação cordial do professor, na manhã seguinte, foi encorajadora. Ele parecia estar tão ansioso quanto eu mesmo de que eu visse o que ele via .

“Talvez o senhor se referia”, eu perguntei, “ao fato de que o peixe tem lados simétricos e órgãos emparelhados?”

O seu “sim!, sim!” totalmente prazeroso compensou as horas não dormidas da noite anterior. Depois de haver discursado alegre e entusiasticamente – como sempre o fazia – sobre a importância deste ponto, arrisquei-me a perguntar o que deveria fazer em seguida.

“Oh! examine o seu peixe!”, ele disse e me deixou novamente entregue aos meus próprios recursos. Em pouco mais do que uma hora, ele retornou e ouviu meu novo catálogo.

“Isso é bom! Isso é bom!”, ele repetiu, “mas não é tudo; continue”. Assim, durante três longos dias, ele colocou o peixe diante de meus olhos, proibindo-me de olhar para qualquer outra coisa e de usar qualquer ajuda artificial. “Olhe, olhe, olhe” – era a sua ordem repetida.

Essa foi a melhor lição de entomologia que já tive – uma lição cuja influência foi estendida aos detalhes de cada estudo subsequente; um legado que o professor deixou para mim, como o deixara para muitos outros, um legado que não poderíamos comprar e que não poderíamos abandonar.

Um ano depois, alguns de nós nos entretínhamos em fazer desenhos de animais estranhos na lousa. Desenhamos estrelas-do-mar saltitantes; sapos em combate mortal; vermes de propulsão à

água; lagostas em pé sobre as suas caudas, segurando sombrinhas abertas, e peixes grotescos, com boca aberta e olhos arregalados. Logo o professor chegou, e foi mais divertido do que qualquer de nós em nossos experimentos. Ele olhou os desenhos.

“Haemulons, cada um deles”, disse o professor. “O Sr. _____ os desenhou.”

É verdade. E até hoje, quando tento desenhar um peixe, não consigo desenhar senão Haemulons.

No quarto dia, um segundo peixe, do mesmo grupo, foi colocado ao lado do primeiro. Fui ordenado a destacar as semelhanças e diferenças entre os dois; um seguiu ao outro, até que toda a família esteve diante de mim, e uma legião de frascos cobria a mesa e as prateleiras ao redor. O cheiro se tornara um perfume agradável. E até agora o vislumbre de uma rolha velha de seis polegadas, desgastada, traz memórias fragrantas!

Todo o grupo de Haemulons foi trazido à revisão. E, quer estivéssemos engajados na dissecação dos órgãos internos, quer na preparação e no exame do esqueleto, quer na descrição das várias partes, o treinamento de Agassiz no método de observar fatos em seu arranjo ordeiro foi sempre acompanhado da urgente exortação de não se contentar com os fatos já observados.

“Os fatos são coisas estúpidas”, ele diria, “enquanto não são conectados com alguma lei geral”.

E, no final de oito meses, foi quase com relutância que deixei esses amigos e voltei-me para os insetos. Mas o que adquiri por meio dessa experiência tem sido de maior valor do que anos de investigação posterior em meus grupos favoritos.⁴

Muito agradecido a Deus por esta lição

Agora, quando olho para trás, sou muito agradecido a Deus por um testemunho semelhante a esse – um professor que não me dizia o que a Bíblia significa, mas cada dia, em oito classes, no decorrer de três anos, dizia: “Olhe, olhe, olhe” – e me mostrou como fazer perguntas sobre o que eu via. Ele entrava na sala e montava seu retroprojetor com um texto escrito nele, e devíamos testar se o que víamos estava realmente lá. E, no processo, víamos muito mais! Não havia nenhuma farsa. Se não estava lá, o aluno não podia

escapar com algum pensamento brilhante, espiritual e idealista, nem apelar que, se não estava naquele texto, certamente estava em algum outro. Certo. Mas não no texto projetado. Nosso alvo era ver o que estava no texto e o examinávamos por horas.

E, assim como Agassiz disse, “o melhor” para ver muito é reconhecer “quão pouco vimos”. Isso nos ensinou que sempre havia mais para ser visto do que o que já tínhamos visto. E posso dizer que, depois de 48 anos de examinar o Livro, isso é verdadeiro. O obstáculo para ver as riquezas da Escritura não se deve ao fato de que mais pessoas não sabem grego e hebraico, e sim ao fato de que mais pessoas não têm a paciência de olhar, olhar, olhar.

Uma infelicidade que vale a pena

Scudder falou que Agassiz lhe disse: “Olhe de novo, olhe de novo!” Depois, ele disse: “E me deixou em minha infelicidade”. Sim. Mas esta infelicidade não é duradoura. Temos de ser honestos. A disciplina paciente, rigorosa e persistente de olhar tem um preço. Ver não acontece casualmente. Acontece com esforço – o esforço de ver. E este esforço pode ser tão árduo quanto qualquer esforço que você já fez. Algumas vezes, você pensará: “Ele me deixou em minha infelicidade”. Tenho lamentado frequentemente para minha esposa: “Não posso vê-lo. Não posso descobri-lo. Tenho lutado com este texto por quatro horas, mas ele não quer se render”. Por isso, não quero dar a impressão de que os tesouros de um texto se rendem à leitura passiva, casual, desatenta e fácil. Eles podem não se render até mesmo à leitura mais focada e persistente.

E, se clamares por inteligência, e por entendimento alçares a voz, se buscares a sabedoria como a prata e como a tesouros escondidos a procurares... (Pv 2.3-4)

Clame! Levante a voz! Busque! Procure! Como se você soubesse que dez milhões de dólares estão escondidos nesta casa. Seus, para serem achados. Como você procuraria? Olharia, olharia, olharia. E, se ficasse cansado e às vezes achasse a tarefa infeliz, você prosseguiria. Bem, pela graça de Deus, você sabe e pensa que os tesouros da Palavra de Deus são “mais desejáveis do que ouro, mais do que muito ouro depurado” (Sl 19.10). São como um “tesouro oculto no campo, o qual certo homem, tendo-o achado, escondeu. E,

transbordante de alegria, vai, vende tudo o que tem e compra aquele campo” (Mt 13.44).

Um espírito semelhante na Alemanha

Depois dos estudos no seminário, passei os três anos seguintes na Alemanha, olhando para o ensino de Jesus sobre amar nossos inimigos. Esse foi o tema de minha tese de doutorado. A pressão da erudição para ler *sobre* textos, em vez de olhar *para* os textos, foi enorme. Mas que alegria foi encontrar um erudito alemão da geração anterior que deu voz ao que eu estava sentindo. Adolf Schlatter (1852-1938) fora um tipo de acadêmico dissidente em erudição bíblica na Universidade de Tübingen. Era altamente respeitado por causa de sua imensa erudição em contextos semíticos do século I. Mas era excêntrico no que diz respeito à sua publicação erudita, porque desprezava o uso de notas de rodapé como um paradigma da amplitude de sua leitura. Seu lema famoso era: “Erudição é, primeiramente, ver; em segundo, ver; em terceiro, ver; e, sempre, ver de novo”.⁵ Isto era “Agassiz e o peixe” de novo. Foi uma grande confirmação para mim naquele momento. E fui encorajado a prosseguir com minha paixão por ver o que estava no texto, em vez de especular sobre como poderia ter acontecido.

Agassiz entre as artes

No exemplar de novembro-dezembro de 2013 da revista *Harvard*, Jennifer Roberts, Professora de Humanidades na cadeira Elizabeth Cary Agassiz, publicou um artigo intitulado “O Poder da Paciência: Ensinando aos Alunos o Valor da Desaceleração e da Atenção Imersiva”.⁶ Como você pode imaginar, amei esse título. “Agassiz” está no título de professorado da autora. E o espírito de Agassiz está em seu artigo. De fato, Agassiz está em toda a obra da autora. O que ela faz em seu artigo é inspirar-nos de novo com a possibilidade de ver mais do que pensávamos que podíamos ver. Ela não é uma zoóloga como Agassiz. É uma historiadora. Por isso, em vez de olharmos para um peixe, ela quer que olhemos para uma pintura – e, depois, vejamos tudo. Ela ensina um curso em Harvard chamado “A Arte de Olhar”.

Sua estratégia com os alunos é a mesma de Agassiz. Eles terão de olhar, olhar e olhar. O alvo da professora é ajudá-los a desenvolverem a paciência de “desacelerarem” e “imersão” em atenção. Para sentir toda força do seu compromisso com o princípio de Agassiz e sua ilustração relacionada a arte, talvez você queira ir à Internet e olhar para a pintura à qual ela se refere.⁷

Toda pressão externa, social e tecnológica está empurrando os alunos na outra direção, para o imediatismo, a rapidez e a espontaneidade... quero lhes dar a permissão e as estruturas para diminuir o ritmo... A primeira coisa que lhes peço que façam no processo de pesquisa é gastarem um tempo dolorosamente longo olhando para esse objeto.

Digamos que um aluno queira explorar a obra conhecida popularmente como *Menino com um Esquilo*, pintada em Boston em 1765, pelo jovem artista John Singleton Copley. Antes de fazer qualquer pesquisa em livros ou online, espera-se que o aluno vá primeiramente ao Museu de Belas Artes, onde a pintura está, e gaste três horas completas olhando para o quadro, anotando suas observações emergentes, bem como as perguntas e especulações que surgirem dessas observações. O espaço de tempo se destina a parecer explicitamente excessivo.

A princípio, muitos dos alunos resistem a se sujeitarem a tal exercício terapêutico. Para ajudar os alunos nisto, Roberts lhes diz que ela mesma praticou a disciplina – olhar, olhar, olhar por três horas para *Menino com um Esquilo*. E relata o que aconteceu em sua experiência:

Alguns fatos da primeira hora de meu próprio experimento: levou nove minutos para eu observar que a forma da orelha do menino ecoa com precisão a dobra da pele ao longo da barriga do esquilo – e que Copley estava fazendo algum tipo de conexão entre o animal e o corpo humano e as capacidades sensoriais de cada um.

Passaram-se 21 minutos antes de eu registrar o fato de que os dedos que seguram a corrente se estendem exatamente pelo diâmetro do copo de água embaixo deles.

Precisei de 45 bons minutos para perceber que as dobras e rugas na cortina são cópias perfeitas das formas da orelha e dos olhos do menino, como se Copley tivesse imaginado esses órgãos sensoriais distribuindo-se ou imprimindo-se na superfície por trás do menino. E assim por diante.

O que este exercício mostra aos alunos é que o simples fato de *olharmos* para alguma coisa não significa que a *vimos* realmente.

O que transforma acesso em aprendizado é tempo e paciência estratégicos.⁸

Talvez você queira testar seus olhos nisto (para ver o quadro, leia a nota de rodapé 7). Observou que a curva do interior da cauda do

esquilo é quase idêntica à curva formada pela borda do lábio inferior do menino? Ou notou que um dos franzidos brancos que saem da mão esquerda do menino é idêntico ao contorno da pele branca da barriga do esquilo? E, é claro, você notou que há um esquilo sobre a mesa do menino? Um esquilo! E ele parece estar preso a um tipo de coleira! O que ele está fazendo lá? Qual é o significado (a intenção) de todo este entrelaçamento de humano e animal?

O poder da paciência em olhar

Talvez você esteja entre aqueles que são impacientes para observar um peixe ou um quadro por todo este espaço de tempo. E quanto à Bíblia? As possíveis recompensas são grandes o suficiente para você exercer o esforço de continuar olhando? A professora Roberts formula um argumento importante sobre por que ela chama a paciência de um tipo de poder:

A virtude da paciência estava originalmente associada com tolerância ou aceitação. Dizia respeito a conformar-se com a necessidade de esperar pelas coisas. Mas agora que, em geral, *n* ão se precisa esperar pelas coisas, a paciência se torna um estado cognitivo ativo e positivo. Onde a paciência antes indicava uma falta de controle, agora ela é uma forma de controle sobre o ritmo da vida contemporânea que, do contrário, nos controla. Paciência não mais sugere ausência de poder – talvez agora paciência seja poder.

Se paciência parece muito antiquada, vamos chamá-la agora de “administração do tempo”, “inteligência temporal” ou “engenharia de distorção temporal massiva”. Em qualquer caso, uma conscientização do tempo e da paciência como meios de aprendizado produtivo é algo que julgo necessário ser modelo para – e espero de – meus alunos.⁹

A Bíblia nos chama a olhar por muito tempo

Quando a Bíblia nos chama a meditar na instrução do Senhor “todo o dia” (Sl 119.97), na verdade, “de dia e de noite” (Sl 1.2), e a atentar para ela (Sl 119.117), isto não é um chamado a olhar, olhar, olhar? Ou a ouvir, ouvir, ouvir (que é a mesma coisa), quando falamos as palavras para nós mesmos dia e noite? O que você pode ver? Muito mais do que pensa .

Termino este capítulo com um exemplo das Escrituras. Suponha que um professor sábio lhe designe Provérbios 6.16-19 e lhe recomende que procure um lugar quieto e olhe para o texto com

atenção persistente por uma hora. Uma sugestão modesta. O que você veria?

Seis coisas o SENHOR aborrece, e a sétima a sua alma abomina: olhos altivos, língua mentirosa, mãos que derramam sangue inocente, coração que trama projetos iníquos, pés que se apressam a correr para o mal, testemunha falsa que profere mentiras e o que semeia contendas entre irmãos.

A primeira coisa que você poderia fazer – visto que Agassiz disse a Scudder: “Um lápis é um dos melhores olhos” – é escrever o texto e colocar numa coluna a lista de coisas que o Senhor aborrece, em vez de lado a lado num parágrafo. Desta maneira você poderá ver melhor as relações. E ver as relações é uma das coisas mais iluminadoras do texto. Portanto, aqui estão elas. O que você vê?

1. olhos altivos,
2. língua mentirosa,
3. mãos que derramam sangue inocente,
4. coração que trama projetos iníquos,
5. pés que se apressam a correr para o mal,
6. testemunha falsa que profere mentiras,
7. o que semeia contendas entre irmãos.

Aqui estamos uma hora depois! Você percebe que, destas sete coisas que o Senhor aborrece, a do meio (4) se refere ao órgão mais íntimo, o coração, e parece funcionar como um ponto de sustentação para os três em ambos os lados? Quando nos movemos a partir do coração, como a fonte de nosso comportamento, parece que (3) e (5) correspondem um ao outro: mãos e pés. Especificamente, mãos que derramam sangue e pés que correm para fazer o mal. Em seguida, parece que (2) e (6) se correspondem: língua e fala – ambos contando mentiras. Assim, o coração trama iniquidade, depois a intenção interior se expressa por meio de mãos e pés que ferem os outros e de bocas que enganam os outros.

Agora, à luz deste padrão (3=5; 2=6), esperamos que (1) e (7) sejam correspondentes. Olhos altivos correspondem com semear contendas. O que você acha disso? Eu penso que eles correspondem um ao outro e que o escritor quer que meditemos e descubramos como. Deixarei isso com você. E há muito mais para ver. Paciência, oração, tempo e um lápis. Todos eles têm olhos.

O que a mente do observador ativo faz?

A pergunta que se nos apresenta agora é: o que a mente faz enquanto olha, olha e olha pacientemente? Quando falamos de leitura *ativa* e atenção *persistente*, o que estamos querendo dizer? Há três tipos de atividades que a mente observadora realiza? Quão intencionais são essas atividades? Isso é o que consideraremos no capítulo seguinte.

1 Mortimer Adler e Charles van Doren, *How to Read a Book* (New York: Simon & Schuster, 1972).

2 E. D. Hirsch, *Validity in Interpretation* (New Haven, CT: Yale University Press, 1967).

3 Daniel P. Fuller, *Hermeneutics*, artigo não publicado, Fuller Theological Seminary.

4 Horace E. Scudder, ed., *American Poems: Longfellow: Whittier: Bryant: Holmes: Lowell: Emerson; with Biographical Sketches and Notes*, 3rd ed. (Boston: Houghton, Osgood, 1879), 45-54.

5 Adolf Schlatter, “Atheistische Methoden in der Theologie?”, em *Zur Theologie des Neuen Testaments und zur Dogmatik: Kleine Schriften*, ed. Ulrich Luck (Munich: C. Kaiser, 1969), 142.

6 Jennifer Roberts, “The Power of Patience”, revista *Harvard*, Nov.-Dec. 2013, acessado em 29 de março de 2016, <http://harvardmagazine.com/2013/11/the-power-of-patience>.

7 Ver “A Boy with a Flying Squirrel” (1765), de John Singleton Copley, Museum of Fine Arts Boston, acesso em 27 de outubro de 2016, <http://www.mfa.org/collections/object/a-boy-with-a-flying-squirrel-henry-pelham-34280>.

8 Roberts, “The Power of Patience”.

9 Ibid.

Resolvi estudar as Escrituras tão resoluta, constante e frequentemente que eu me veja, e perceba com clareza, crescendo em seu conhecimento.

JONATHAN EDWARDS

Pessoas só pensam verdadeiramente quando são confrontadas com um problema. Sem algum tipo de dilema para estimular o pensamento, o comportamento se torna habitual, em vez de pensativo.

JOHN DEWEY

LEITURA ATIVA SIGNIFICA FAZER PERGUNTAS

*“Pondera o que acabo de dizer,
porque o Senhor te dará compreensão.”*

O cérebro é como um músculo

Se Deus nos desse o desejo e a paciência para observar um parágrafo da Bíblia por várias horas, o que faríamos realmente? O que significa dar “atenção persistente” a uma passagem da Escritura? O que significa empreender leitura *ativa* e não passiva? Significa que tratamos nossa mente como um tipo de músculo, como o fazemos com os músculos de nosso braço. Quando queremos um copo de água, dizemos ao nosso braço (quase inconscientemente): “Braço, estenda-se e pegue aquele copo de água e traga-o aos meus lábios”. E, admiravelmente, os músculos de nosso braço fazem exatamente o que lhes dissemos. Há um grande mistério em como um ato de vontade imaterial é transfigurado num ato de matéria física.

Da maneira semelhante, podemos dizer à nossa mente: “Mente, focalize-se. Preste atenção. Olhe cuidadosamente para este parágrafo. Examine-o. Faça perguntas. Pense nele. Leia-o repetidas vezes. Labute. Não vagueie. Não seja passiva. Não fique esperando que uma ideia desponte em sua cabeça. Pesquise. Explore. Examine. Busque. Esquadrinhe estas palavras. Esprema-as até que gotejem o significado em sua mente”. Nas Escrituras, este tipo de leitura

bíblica é comparado a procurar um tesouro com veemência. Não é comparado a deitar-se e esperar que uma uva caia em nossa boca.

Pensar significa fazer e responder perguntas

Podemos ser mais específicos? Sim, podemos. Quando somos mentalmente ativos e de atenção persistente, a mente *faz perguntas e tenta respondê-las* por examinar o que está no parágrafo e nos escritos relacionados. “Pessoas só pensam verdadeiramente quando são confrontadas com um problema”, disse John Dewey. “Sem algum tipo de dilema para estimular o pensamento, o comportamento se torna habitual, em vez de pensativo.” ¹ Penso que Dewey estava certo quanto a isto. Se não formamos o hábito de fazer perguntas, ou seja, se não percebemos habitualmente coisas que, a princípio, parecem sem sentido, se não sentimos inquietação em nossa mente e, depois, não labutamos para chegarmos à beleza da verdade, ler se torna um hábito passivo de vaguear por textos.

Penso que o apóstolo Paulo confirma isto quando diz a Timóteo: “*Pondera o que acabo de dizer*”, porque o Senhor te dará compreensão em todas as coisas” (2 Tm 2.7). O que significa *ponderar algo*? Significa que fazemos perguntas sobre isso e tentamos respondê-las por observar conexões e relações. A maioria de nós fazemos isto tão intuitivamente que não reconhecemos que o estamos fazendo. Entretanto, ler ativamente é tornar este hábito intuitivo num hábito consciente e resolutivo.

Ilustrando com uma mensagem de texto

Permita-me ilustrar como todos nós pensamos, enquanto lemos, por fazer e responder perguntas. Suponha que você receba uma mensagem de texto de seu amigo que lhe diz: “Eu preciso que você venha rapidamente. Estou preso no moinho. Traga a alavanca”.

Isso é tudo que ele diz. O que sua mente faz com estas palavras e frases? A primeira coisa que você faz é perguntar: “Isto é urgente?” Você responde por comparar, numa fração de segundo, estas palavras com o que você sabe a respeito de seu amigo. Você sabe que ele nunca usa palavras como “Eu *preciso* que você venha”. Geralmente, ele diria: “Eu gostaria que você viesse”. Ou: “Por

favor, venha”. As palavras que ele está usando agora são incomuns. São mais desesperadas. E a palavra *rapidamente* confirma sua resposta. É urgente.

Em seguida, você pergunta: “Por que ele precisa que eu vá tão urgentemente?” E, para responder esta pergunta, você insere um “porque” entre as duas primeiras sentenças. “Eu preciso que você venha rapidamente porque estou preso no moinho.” Você necessitava de uma resposta para a pergunta: “Por que a urgência?”, e ele lhe deu. “Estou preso no moinho”. Você vê intuitivamente esta sentença como uma *razão* ou *motivo* para a primeira. Ele poderia ter dito: “*Porque* eu estou preso no moinho”. Mas ele sabia que você acrescentaria isso em sua mente, por causa do contexto.

Em terceiro, você pergunta: “Onde ele está?” E responde por notar a expressão “no moinho”. E pergunta: “Ao que se refere *moinho* ?” Você lembra que na semana anterior haviam caminhado num bosque à procura de um moinho velho e abandonado. Não há em sua mente outras alternativas em relação a que *moinho* possa se referir.

Em seguida, você pergunta: “O que está errado e como posso ajudar?” Você não sabe o que ele quis dizer por *preso* . Como alguém poderia ficar preso no moinho? Não havia nem prédio nem cômodos. Você pergunta: “A última sentença esclarece esta incerteza?” “Traga a alavanca.” E mais: “Que *alavanca* ? O que ele tenciona comunicar por *alavanca* ?” Como isto se relaciona com o fato de que ele está preso no moinho?

Você vasculha seu cérebro. Pensa. Busca a palavra *alavanca* em sua memória. Você não é passivo. Sua mente não está flutuando nem vagueando, à espera de que alguma ideia sobre a palavra “alavanca” apareça de repente. Sua mente está em alerta máximo (atenção persistente). Você está ordenando sua mente a averiguar seu banco de dados de palavras, conversas e experiências com seu amigo. Bingo! Você lembra que na semana anterior, quando estavam deixando o moinho, ele disse: “Da próxima vez que viermos aqui, precisamos trazer uma alavanca para ver o que há debaixo de algumas destas pedras”. “É isso”, você diz. Há muitas outras perguntas que podem ser feitas sobre esta mensagem. Mas, nestas circunstâncias, estas são suficientes. Você pega a alavanca, entra no

carro e se dirige para o resgate – ainda pensando. Ainda fazendo perguntas.

É assim que todos nós lemos. Fazemos perguntas e as respondemos. Quase todas as perguntas que fizemos nessa pequena história foram intuitivas. Precisaram apenas de alguns segundos para serem respondidas. Foram respondidas imediatamente pelo uso familiar de palavras. Fazemos este tipo de leitura tão espontaneamente que não percebemos quão capacitados realmente somos em responder nossas perguntas com as sugestões da linguagem. Temos praticado esta capacidade desde o primeiro ano de nossa vida. A maioria de nossas perguntas são respondidas antes de chegarem aos nossos lábios. Seria maravilhoso, talvez, se isto acontecesse com *toda* interpretação. Mas não acontece.

Leitura ativa e atenção persistente fazem deste hábito intuitivo uma disciplina consciente e resoluta. Em outras palavras, leitores ativos formam o hábito de fazer perguntas do que leem. Isto é o que significa ter uma mente ativa. É o que Paulo quer que façamos, quando diz. “Pondera o que acabo de dizer” (2 Tm 2.7).

Perguntar humilde, não arrogante

Sem dúvida, esta é uma tarefa temporariamente desconfortante e até perigosa. Ignorância é felicidade. E, enquanto não estivermos fazendo perguntas, não ficaremos perplexos por não termos respostas. E nossa leitura será confortavelmente superficial e sem poder. Mas, se localizarmos habitualmente coisas que exigem esforço para serem entendidas, experimentaremos tempos de desconforto entre a localização e a resolução.

O perigo está na possibilidade de que nosso questionamento do texto se torne arrogante e cético. Podemos começar por nos colocarmos na posição de juiz sobre o texto e fazermos perguntas como um promotor e não como um interessado cheio de esperança. Lembre-se de que Zacarias, o pai de João Batista, e Maria, a mãe de Jesus, fizeram perguntas ao anjo. Mas a pergunta de Zacarias foi ouvida com indignação e a penalidade de não poder falar (Lc 1.18-20), enquanto a pergunta de Maria foi ouvida com aprovação e uma resposta profunda (Lc 1.34-35). A diferença foi que Zacarias se mostrou cético e Maria foi humilde e confiante.

Quando eu digo que a chave para o entendimento é o hábito de fazer perguntas, não estou fomentando ceticismo, desconfiança ou arrogância. Esta é uma maneira inútil de abordar as Escrituras. Estou estimulando as descobertas humildes e simples, mas persistentes e resolutas, de coisas que não entendemos completamente a princípio. Estou incentivando a busca humilde do que elas podem significar e o esforço paciente, mas árduo, para achar as respostas.

Matinho Lutero não largava o texto

Deus já teve misericórdia de muitos leitores da Bíblia neste ponto, dando-lhes a ajuda de que necessitavam, mesmo quando suas atitudes não eram totalmente ideais. Por exemplo, Martinho Lutero ficou irado com Deus porque não podia entender o significado do evangelho em Romanos 1.16-17, onde Paulo escreve:

Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego; visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé.

Com base em seu treinamento filosófico, Lutero não conseguia ir além das implicações negativas da expressão “justiça de Deus”. Mas, pela grande misericórdia de Deus, Lutero continuou olhando, olhando e olhando. Ele estava desesperado para ter uma resposta da pergunta a respeito de como a revelação da justiça de Deus podia ser boas notícias, em vez de julgamento :

Eu odiava a expressão “justiça de Deus”, que, *de acordo com o uso e o costume de todos os mestres, eu fora ensinado a entender filosoficamente* , considerando-a a justiça formal e ativa, como eles a chamavam, pela qual Deus é justo e pune o pecador injusto.

Estava irado com Deus e disse: “Não basta que pecadores miseráveis, perdidos eternamente pelo pecado original, sejam esmagados por todo tipo de calamidade pela lei do Decálogo, mas, embora Deus não tenha acrescentado mais sofrimentos pelo evangelho, sejam também ameaçados pelo evangelho com sua ira justa!” Assim, fiquei irado com uma consciência furiosa e perturbada. Apesar disso, *eu lutei insistentemente com Paulo naquele lugar, desejando ardentemente saber o que ele queria dizer* .

Por fim, pela misericórdia de Deus, *meditando dia e noite* , atentei ao contexto das palavras, ou seja: “A justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé”. Ali, *comecei a*

entender [que] a justiça de Deus pela qual o justo vive é um dom de Deus, pela fé. E este é o significado: a justiça de Deus é revelada pelo evangelho, ou seja, a justiça passiva com a qual o Deus misericordioso nos justifica pela fé, como está escrito: “O justo viverá por fé”. Aqui, eu senti que fui completamente nascido de novo e que havia entrado no paraíso pelos portões abertos. Aqui, uma face totalmente diferente de toda a Escritura se mostrou para mim. Com base nisso, repassei de memória os textos das Escrituras...

E exaltei a minha palavra mais agradável com um amor tão grande quanto o ódio com o qual antes eu havia odiado a expressão “justiça de Deus”. Portanto, *aquela passagem de Paulo* foi realmente para mim o portão para o paraíso . [2](#)

Quase não posso pensar numa ilustração melhor de “atenção persistente” e “leitura ativa”. Lutero estava desesperado para ver como as duas partes de um texto se harmonizam: boas novas e justiça de Deus. Ele afirmou que a descoberta foi praticamente o seu novo nascimento: “Senti que fui completamente nascido de novo e que havia entrado no paraíso pelos portões abertos”. Deus foi maravilhosamente gracioso enquanto duraram o ódio e as lutas de Lutero. E podemos esperar que ele também o será para nós. Mas, pela graça de Deus, aqui estava o segredo: apesar de toda a sua confusão e ira, Lutero disse: “Apesar disso, eu lutei insistentemente com Paulo naquele lugar, desejando ardentemente saber o que ele queria dizer. Isto é “atenção persistente”. Isto é “pondera o que acabo de dizer”. Isto é o hábito resolutivo de fazer e responder perguntas. Isto é leitura ativa.

Fazer perguntas é desrespeito à Palavra de Deus?

Compreendo que para algumas pessoas meu apelo talvez pareça desrespeitoso: formarmos o hábito de localizar coisas que, a princípio, não fazem sentido e inquietam a nossa mente e, depois, trabalharmos para achar a beleza da verdade. Este receio é compreensível: fazer perguntas é o mesmo que propor problemas. E muitos de nós temos sido, em toda a nossa vida, desestimulados a achar problemas na Palavra de Deus. Há um bom instinto aqui. Não quero cultivar o hábito de suspeita.

É impossível respeitar a Bíblia muito eminentemente. Mas é possível respeitá-la de maneira errada. Se não perguntamos seriamente como as partes de um texto se harmonizam, ou somos

super-humanos (e vemos toda a verdade em um vislumbre), ou somos indiferentes (e não nos interessamos por ver a coerência da verdade). Entretanto, como pode alguém que é indiferente ou finge ser super-humano ter um respeito apropriado pela Bíblia? Reverência para com a Palavra de Deus exige que façamos perguntas e proponhamos problemas. Uma pessoa humilde que busca conhecer a verdade de Deus entende que estas são as *nossas* perguntas e os *nossos* problemas. Não são sinais de deficiência na Palavra de Deus. E, se ele inspirou suas Escrituras de modo que “há certas coisas difíceis de entender” (2 Pe 3.16), isto é bom para nós. Devemos receber o desafio como instrutivo e estimulante, não como irritante. Deus quer que façamos nossas perguntas como um homem que procura achar ouro refinado, porque ele prometeu que há tesouros novos e velhos (Mt 13.52).

Somos filhos de Deus

Certamente, Deus quer que seus filhos façam perguntas a respeito do que não entendemos em sua Palavra. Eu não acusava de desrespeito minha filha de seis anos de idade quando não conseguia entender um versículo da Bíblia e me fazia perguntas sobre ele. Minha filha estava aprendendo a ler. E, num sentido, todos nós estamos aprendendo a ler. Quando Paulo disse que “agora vemos como em espelho, obscuramente; então, veremos face a face” (1 Co 13.12), comparou isso com o período da infância de um homem: “Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, pensava como menino; quando cheguei a ser homem, desisti das coisas próprias de menino” (v. 11). Paulo estava comparando a maneira infantil de ver as coisas com a ação de ver num espelho, obscuramente. E comparou a maneira adulta com o ver face a face. Isso significa que Paulo sabia que “agora” todos nós somos, em um sentido, como crianças em nossas capacidades de discernir a verdade de Deus. Podemos ver e saber. No entanto, existe muito mais, que um dia veremos e saberemos.

Assim, todos nós somos como minha filha aos seis anos. Nossas capacidades de ler ainda não foram aperfeiçoadas. Nenhum de nós assimila a lógica de um parágrafo e vê instantaneamente, na primeira leitura, como todas as partes de uma sentença ou do

parágrafo se harmonizam. E vemos muito menos como uma epístola toda, ou todo o Novo Testamento, ou toda a Bíblia se harmoniza. Portanto, se amamos a Bíblia e nos importamos com a verdade, devemos questionar incansavelmente o texto e formar o hábito de localizar coisas que, a princípio, não fazem sentido, e, em seguida, dispor-nos a sentir inquietação em nossa mente, e, depois, labutar para achar a beleza e a unidade da verdade.

O oposto de irreverência

Fazer perguntas sobre o que vemos no texto é o oposto de irreverência. É o que fazemos se anelamos ter a mente de Cristo. Nada nos aprofunda tanto no conselho de Deus quanto percebermos coisas difíceis na Bíblia e meditarmos nelas, dia e noite, até que nos deem uma visão unificada da verdade. Estas coisas difíceis podem estar no nível micro de palavras e expressões e de como elas se harmonizam. Ou podem estar no nível macro de como as afirmações em uma parte da Bíblia se harmonizam com as afirmações de outra parte. O meu apelo é que, com o mais profundo respeito à Palavra de Deus e com grande confiança em sua unidade, localizemos estas coisas difíceis e não poupemos esforços em estudá-las até acharmos a unidade .

Veja os paradoxos e faça todo o esforço para ver a unidade

Certa vez, Jonathan Edwards formou esta resolução: resolvi que, ao pensar em qualquer problema teológico que precise ser esclarecido, farei imediatamente o que puder para esclarecê-lo, se as circunstâncias não me impedirem”. ³ “Problema teológico que precise ser esclarecido” significa qualquer dificuldade bíblica ou teológica que ele não entendia a princípio. Que resolução magnífica! Não é admirável que Edwards tenha sido um profundo e frutífero pensador e pregador. Podemos aprender desta resolução que, o esforço para investigar as Escrituras a fim de responder as perguntas que temos, é o que os amantes de Cristo e de sua Palavra fazem. É incrivelmente frutífero.

Gasto muito tempo procurando entender os paradoxos bíblicos para ter adoração mais intensa e mais profunda. Tenho pouca empatia para os que dizem que sua adoração é maior quando têm suas mãos cheias de nada, exceto mistérios. Acho que a abordagem bíblica é dizer que há uma correlação direta entre o que entendemos sobre Deus e quão intensamente o admiramos. Temos admiração restrita por alguém que não conhecemos. Deus não é honrado por esse tipo de admiração.

Portanto, este é o tipo de coisa em que penso na maior parte de meu tempo:

- Como Paulo pode dizer, por um lado: “Não andeis ansiosos de coisa alguma” (Fp 4.6), mas, por outro lado, dizer que “a preocupação com todas as igrejas” era uma inquietação diária sobre ele (2 Co 11.28) ?

- Como ele pode dizer: “Regozijai-vos sempre” (1 Ts 5.16) e dizer também: “Chorai com os que choram” (Rm 12.15)?

- Como ele pode instruir-nos a dar “sempre graças por tudo” (Ef 5.20) e, também, admitir: “Tenho grande tristeza e incessante dor no coração” (Rm 9.2)?

- O que significa o fato de que Jesus disse, em Mateus 5.39, que devemos voltar a outra face quando alguém nos fere, mas disse em Mateus 10.23: “Quando, porém, vos perseguirem numa cidade, fugi...”? Quando devemos fugir e quando devemos suportar a aflição e voltar a outra face?

- Em que sentido é verdadeiro que Deus é “tardio em irar-se” (Sl 145.8), quando também é verdadeiro que “dentro em pouco se lhe inflamará a ira” (Sl 2.12)?

Não vou resolver estes problemas para você. Mas testificarei que tenho labutado para entender a unidade destes paradoxos. No passar dos anos, descobri que os frutos deste esforço para a vida e a adoração são incalculáveis. Há centenas desses ensinamentos paradoxos nas Escrituras. Desonramos a Palavra de Deus se não os vemos e não os ponderamos diligentemente até acharmos sua unidade e beleza. Deus não é Deus de confusão. Sua língua não é bifurcada. Há soluções profundas e maravilhosas para todos esses problemas – quer as vejamos nesta vida, quer não. Deus nos chamou para uma

eternidade de descoberta, para que a cada manhã, nas eras vindouras, irrompamos em novas canções de louvor .

Faça perguntas persistentemente

Coisas admiráveis acontecem quando você forma o hábito resoluto de inquirir o texto – quando faz persistentemente perguntas a si mesmo e ao texto. Pouco a pouco, fio por fio, você começa a ver a textura complexamente entretecida da revelação de Deus. E, com o passar do tempo, será mudado.

- Você se tornará um *Sherlock* que achará pistas com empolgação cada vez maior mesmo quando a passagem se torna mais complexa.

- Você se tornará um *amante* que deseja ver e experimentar mais e mais da mensagem que seu Deus lhe enviou.

- Você se tornará um *inquiridor do testemunho de outros* e forçará a si mesmo a responder as perguntas que outros podem lhe fazer.

- Você se tornará uma árvore plantada junto a correntes de águas vivas e se verá crescendo e se fortalecendo.

- Você se tornará um *mestre* que terá perguntas e respostas para outros que quiserem descobrir com você.

- Você se tornará uma *nova pessoa* , de acordo com a verdade afirmada em 2 Coríntios 3.18: “Contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem”.

- Você se tornará um *adorador* que se aproximará cada vez mais da intensidade luminescente, a qual conheceremos no tempo em que veremos face a face e conheceremos como somos conhecidos.

Atenção persistente, expressa em perguntas humildes e habituais, com esforços zelosos para respondê-las com base no próprio texto, produzirá mais frutos do que você jamais imaginou. Então, que tipo de perguntas devemos fazer para formar o hábito de perguntar? Isso é o que consideraremos no capítulo seguinte.

¹ Nenhuma fonte.

² John Dillenberger, ed. Martin Luther: Selections from His Writings (Garden City, NY: Doubleday, 1961), 11-12; ênfase acrescentada.

[3](#) Jonathan Edwards, Letters and Personal Writings, ed. George S. Claghorn e Harry S. Stout, vol. 16, The Works of Jonathan Edwards (New Haven, CT: Yale University Press, 1998), 754.

Quão doces são as tuas palavras ao meu paladar! Mais que o mel à minha boca.

SALMO 119.103

Que preciosos para mim, ó Deus, são os teus pensamentos! E como é grande a soma deles!

SALMO 139.17

FAZENDO PERGUNTAS SOBRE PALAVRAS E EXPRESSÕES

“A revelação das tuas palavras esclarece e dá entendimento aos simples.”

Questione o texto para descobrir a intenção do autor

Agora, vamos considerar que tipos de perguntas devemos fazer quando questionamos humilde e habitualmente o texto da Escritura. Se fazer perguntas é a chave para entender, o que devemos perguntar? Permitamos que o alvo comum de ler nos ajude a responder. Argumentei no capítulo 20 que o alvo comum de ler é assimilar o que o autor tencionava comunicar quando escreveu o texto que estamos lendo. Portanto, as perguntas que devem encher nossa mente, enquanto lemos, devem ser principalmente várias formas de *o que o autor tencionava dizer com isso?*

O que ele tencionava dizer com essa seleção e arranjo de palavras? Essas são as duas principais tarefas da composição ou escrita: selecionar que palavras serão usadas e, depois, colocá-las em vários agrupamentos e conexões. Por isso, devemos perguntar principalmente o que o autor tenciona comunicar por escolher as palavras *que usou*. E o que ele deseja comunicar pela maneira como arranjou e conectou as palavras, frases, cláusulas e parágrafos de sua composição?

Que tradução da Bíblia devemos usar

Antes de eu oferecer exemplos dos tipos de perguntas que tenho em mente e como seguir para as suas respostas, preciso fazer uma observação sobre traduções da Bíblia. Estou pressupondo que a maioria das pessoas que estão lendo este livro não sabe grego e hebraico. Isso significa que você precisa de uma tradução fiel aos documentos originais inspirados. Creio que os textos gregos e hebraicos em que se baseiam as traduções são essencialmente os mesmos que os escritores inspirados escreveram em grego e hebraico muitos séculos atrás. Argumento isto no capítulo 4 de *Uma Glória Peculiar: Como a Bíblia se Revela Completamente Verdadeira*.¹ Com base nisto, eu concluo que traduções fiéis e cuidadosas dos textos gregos e hebraicos são uma apresentação confiável da Palavra de Deus.

Alguns tipos de traduções são melhores do que outras para o tipo de leitura que recomendo neste livro. Tradutores têm diferentes filosofias sobre o que deve ser uma tradução. Alguns se inclinam mais a tornarem o texto tão compreensível quanto possível. Essa abordagem deles é chamada *equivalência dinâmica* ou tradução de pensamento por pensamento. Outros se inclinam mais a tornar o texto vertido tão semelhante em fraseologia quanto o original. Essa abordagem deles é chamada *equivalência formal*. Ambos os alvos são dignos. Tenho minhas preferências, mas a principal mensagem que desejo você ouça sobre traduções da Bíblia é que, *não importando* a tradução que você use, atenção persistente e leitura ativa produzirão uma abundância de frutos para sua alma e sua vida, frutos que, em comparação, tornarão irrelevante a questão concernente a que tradução usar.

Minha própria recomendação, porém, é que para este tipo de leitura da Bíblia você use uma tradução que se inclina para a *equivalência formal*. Isto significa que foi empreendido o esforço para preservar as *formas* ou estruturas do grego e do hebraico. Isto nem sempre é possível porque as formas e estruturas das línguas são diferentes. O grego e o hebraico têm tipos de estruturas de linguagem que não temos em nosso idioma. Mas, onde a correspondência formal pode ser preservada, a abordagem de *equivalência formal* tenta geralmente fazê-la.

Por que um autor escolheu estas palavras?

Agora que temos nossa Bíblia diante de nós, o conjunto de perguntas mais básico que temos a fazer diz respeito às palavras que o autor usou. Por que ele escolheu estas palavras e por que as relacionou com outras como o fez? Por que escolheu estas palavras? Por que aqui, entre estas outras palavras? Pode ser que a razão por que um autor escolheu uma palavra específica seja o *som* de sua pronúncia. Todos compreendemos isto quando um autor está escrevendo poesia. Ele pode querer certas palavras para fazer rima. Mas talvez não esteja escrevendo poesia e queira apenas ressoar de certo modo, com determinada consonância, assonância ou cadência. Seu objetivo pode ser apenas tornar a leitura mais prazerosa. Todos amamos certas cadências, ritmos e sons. Alguns são mais agradáveis do que outros. Mas o autor pode também sinalizar, por sons semelhantes, com o qual devemos ligar duas palavras.

Muito mais frequentemente, autores escolhem suas palavras e determinado arranjo a fim de comunicarem certos pensamentos, ideias ou verdades. Isto é especialmente verdadeiro quando estamos lidando com documentos que reivindicam elevado grau de autoridade – como um contrato, ou a Constituição, ou a Bíblia. Portanto, quando lemos a Bíblia, estamos olhando para a verdade que o autor tenciona comunicar por aquela escolha de palavras em seu arranjo.

A resposta mais óbvia para a questão de por que um autor escolhe uma palavra específica é que ele sabe, com base no modo como a palavra é usada, que ela *pode* transmitir o significado que ele deseja. Se a palavra *comunicará* o significado do autor, isso depende do que ele faz com a palavra. Palavras não têm significado intrínseco. Elas obtêm seu significado do uso. Um autor não escolhe uma palavra porque sabe que a palavra, por si mesma, comunicará o significado que ele deseja, e sim porque sabe, por experiência, que a palavra *pode* comunicar tal significado. Então, o autor dá seu significado específico pela maneira como a usa em conjunção com outras palavras. Por isso, uma das primeiras tarefas de um leitor ativo é fazer perguntas sobre que significados uma palavra leva comumente e, depois, sobre o modo como o autor a usou em relação a outras

palavras – fazendo tudo isso para achar *o que o autor tencionava comunicar* .

Um acordo com um autor

Visto que qualquer palavra pode ter mais de um significado, nossa tarefa consiste em determinar precisamente que significado um autor tenciona que determinada palavra tenha. Mortimer Adler distingue proveitosamente entre *palavras* e *termos* . Ele sugere que chamemos uma palavra de “termo” quando um autor a usa com um significado definido e específico num determinado contexto.² Mortimer designa este aspecto específico da leitura como “chegar a um acordo”. Nós “chegamos a um acordo” com o autor quando descobrimos como ele está usando suas palavras. Que significado definido o autor está dando a suas palavras para que não tenham vários significados, mas apenas um – ou dois, se ele quer sugerir-nos um duplo sentido (duplo entendimento ou dupla intenção)?

Não podemos *chegar a um acordo com* um autor bíblico por pesquisarmos suas palavras num dicionário, nem mesmo num dicionário de grego. Os dicionários nos dão uma lista de significados possíveis, mas não especificam com certeza que significado uma palavra possui em determinado contexto. A única maneira de descobrir o significado de uma palavra *do autor* é por fazer a pergunta sobre a sua relação com outras palavras no contexto. E temos de perguntar da mesma maneira sobre essas *outras* palavras. Isto é verdadeiro, diz Adler, não importando quão “circular” isso pareça a princípio.³

Uma das razões por que Adler chama este método de “circular” é que, neste assunto de chegar a um acordo, seguimos o notório *círculo hermenêutico* – o qual significa que palavras só podem ser entendidas com base em seu contexto, e um contexto é formado de palavras que também precisam ser entendidas. É semelhante a um dilema: para ler este texto, você precisa ser experiente em leitura, mas, para ser experiente em leitura, você precisa ler textos. No entanto, o fato de que todos nos comunicamos com palavras cada dia, com grande medida de sucesso, mostra que o *círculo hermenêutico* não é tão vicioso quanto parece. Você pode sair do

círculo num ponto diferente daquele em que entrou. O círculo pode levá-lo aonde você precisa ir. Quando você combina os possíveis usos limitados da maioria das palavras com (1) as limitações adicionais estabelecidas pelas estruturas gramaticais, (2) as limitações adicionais dos próprios hábitos de um autor e (3) as limitações adicionais de um parágrafo específico, geralmente o círculo dá lugar a clareza. E. D. Hirsch aborda francamente o problema do círculo hermenêutico em *Validity in Interpretation* (Validade na Interpretação) e mostra que “é menos misterioso e contraditório do que muitos na tradição hermenêutica alemã imaginavam que fosse”.⁴

Pode ser proveitoso considerarmos três exemplos bíblicos de como a mesma palavra pode se tornar “termos” diferentes – ou seja, ter significados específicos diferentes – quando usadas de maneiras diferentes.

Circuncisão

Em Efésios 2.11-12, Paulo usa a palavra *circuncis* ão para se referir ao povo judeu em geral, em contraste com os gentios:

Portanto, lembrai-vos de que vós, noutro tempo, éreis gentios na carne e chamados incircuncisão pelos que, na carne, se chamam *circuncisão* feita pela mão dos homens; que, naquele tempo, estáveis sem Cristo (ARC).

Mas, em Filipenses 3.2-3, ele usa a mesma palavra de uma maneira radicalmente diferente, para se referir aos cristãos, incluindo gentios, que não tinham recebido o ato físico da circuncisão:

Acautelai-vos dos cães! Acautelai-vos dos maus obreiros! Acautelai-vos da falsa circuncisão! Porque nós é que somos a *circuncisão*, nós que adoramos a Deus no Espírito, e nos gloriamos em Cristo Jesus, e não confiamos na carne.

Este uso inesperado da palavra *circuncisão* deve provocar em nós várias perguntas. Se Paulo queria se referir a cristãos, por que usou uma palavra que se referia comumente a judeus? Que conexão ele estava tentando fazer entre os cristãos e Israel? Quais são as marcas da verdadeira circuncisão, se não o ato físico de retirar o prepúcio? Há outras passagens em que Paulo usa a palavra *circuncisão* desta mesma maneira e que podem oferecer esclarecimento sobre

qualquer destas perguntas? Estes são os tipos de perguntas que constituem a leitura bíblica ativa e séria.

Você pode notar desta última pergunta (há outros usos semelhantes nos escritos de Paulo?) que uma boa concordância será um dos parceiros mais proveitosos neste tipo de leitura ativa. Uma concordância é um livro que contém uma lista de todas as palavras da Bíblia e das passagens em que são usadas. Portanto, com uma concordância, você pode achar todas as passagens em que a palavra *circuncisão* é usada. Isto é imensamente frutífero.

Por exemplo, *circuncisão* aparece em Colossenses 2.11: “No qual também estais circuncidados com a *circuncisão* não feita por mão no despojo do corpo da carne: a circuncisão de Cristo” (ARC). E em Romanos 2.29: “Porém judeu é aquele que o é interiormente, e *circuncisão*, a que é do coração, no espírito, não segundo a letra”. Estes versículos nos ajudam a responder o que Paulo pensava sobre a relação entre os cristãos e Israel. Todavia, neste exemplo de circuncisão, vemos quão essencial é fundamentarmos o significado de palavras na maneira como são usadas e não em qualquer definição de dicionário. Neste processo, tenho descoberto que, além dos textos da própria Escritura e da disciplina de olhar e olhar, nenhuma outra ferramenta tem sido tão útil para mim quanto uma concordância.⁵

Quando você averiguar os usos de uma palavra, recomendo que considere os outros usos, à medida que ocorrem, em círculos concêntricos, começando com o parágrafo ou capítulo que você está estudando. Depois, considere os usos da palavra no mesmo livro bíblico. Em seguida, considere os usos em outros livros escritos pelo mesmo autor. Depois, em todo o Novo ou em todo o Antigo Testamento e, por fim, em toda a Bíblia. A razão para esta sugestão é que o nosso alvo em ler a Bíblia é assimilar o que o *autor* tenciona comunicar. Faz sentido, portanto, que não consultemos primeiramente a maneira como outro autor usa a palavra. Isso pode, de fato, trazer esclarecimento ao uso de Paulo no caso da palavra *circuncisão*. Mas priorizamos os usos da palavra por Paulo, porque o nosso alvo é saber o que *Paulo tencionava comunicar*.

Chamado s

Considere um exemplo em que a mesma palavra é usada por dois autores diferentes em contextos doutrinários semelhantes, mas com significados bem diferentes. O apóstolo Paulo gostava muito de empregar a palavra *chamados* para se referir aos cristãos. Em seu pensamento, a palavra se refere simplesmente ao ato de Deus que cria eficazmente a fé que o ato ordena. Por exemplo, Paulo faz distinção entre os judeus e gentios “chamados” e os que ouviram o *chamado geral* do evangelho, mas o recusaram:

Nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas para os que foram *chamados*, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus (1 Co 1.23-24).

Assim, a palavra “chamados”, na maneira de pensar de Paulo, refere-se não meramente àqueles que são chamados por um pregador num culto evangelístico. Os judeus e os gentios haviam sido realmente chamados *dessa maneira*. Mas, em vez disso, os “chamados”, no significado de Paulo, são aqueles que experimentaram um ato de Deus como o chamado de Jesus dirigido a Lázaro, quando estava morto. “Lázaro, vem para fora” (Jo 11.43). O chamado criou a vida. Criou o que ordenou.

Talvez você possa ver este significado mais claramente em Romanos 8.30, onde Paulo diz que todos os chamados são justificados e glorificados: “Aos que predestinou, a esses também *chamou*; e aos que *chamou*, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou”. Portanto, como em 1 Coríntios 1.23-24, os chamados são não somente pessoas que recebem o chamado convidativo da parte de Deus, que podem ou não aceitar; são também pessoas que Deus busca decisiva e eficazmente pelo chamado que os vivifica – para sempre.

No entanto, depois, nos voltamos ao evangelho de Mateus e achamos um uso bem diferente da palavra *chamado*. Jesus acabara de contar a parábola da festa de casamento. Um rei fez uma festa de casamento para seu filho. Mas as pessoas convidadas não quiseram ir. “Eles, porém, não se importaram e se foram, um para o seu campo, outro para o seu negócio; e os outros, agarrando os servos, os maltrataram e mataram” (Mt 22.5-6). Por isso, o rei disse aos seus servos que saíssem e convidassem a todos que achassem: “Ide, pois, para as encruzilhadas dos caminhos e convidai [chamai] para

as bodas a quantos encontrardes” (Mt 22.9). No final, a festa de casamento estava cheia de pessoas, mas alguém entrou com a roupa inapropriada – representando talvez o fato de que tivera pouco respeito pelo rei e que sua vida não fora mudada pela graça. Tal pessoa foi lançada “para fora, nas trevas”. A parábola termina: “Ali haverá choro e ranger de dentes. Porque muitos são *chamados*, mas poucos, escolhidos” (Mt 22.13-14).

Você pode perceber como este significado de *chamados* é diferente do de Paulo. Para Paulo, todos os chamados são glorificados (Rm 8.30). Mas, para Mateus, os chamados são lançados nas trevas. Que grande engano seria pensar que Mateus e Paulo tinham pontos de vista contraditório sobre a salvação! Não tinham. Mas usaram palavras de maneiras diferentes. Eis o que Leon Morris diz em seu comentário sobre Mateus:

Isto é uma expressão da doutrina da eleição que achamos em uma forma ou outra em todo o Novo Testamento... O convite do evangelho se propaga amplamente, mas nem toda pessoa que o ouve é um eleito de Deus. Conhecemos os eleitos por sua resposta obediente. Talvez seja importante notar aqui que esta doutrina também se acha em Paulo, mas ele a expressa de maneira diferente. Para ele, o “chamado” é o chamado eficaz; portanto, para ele, basta falar das pessoas como sendo chamadas por Deus. Nos escritos de Paulo, “chamar” significa o mesmo que “escolhido” aqui.⁶

De

Oh! Quantas vezes, em nossa leitura, passamos por palavras sem nos darmos ao trabalho de, com paciência e cuidado, perguntar o que o autor tenciona comunicar por esta palavra! Algumas das palavras mais comuns levam alguns dos significados mais importantes e dos maiores desafios. Isto é certamente verdadeiro em relação à pequena palavra *de*, que pode ser usada de muitas maneiras diferentes. Como preposição, ela sempre ocorre com outra palavra, e juntas criam uma expressão – como “da fé”. E nos deparamos com o mesmo desafio na *expressão*, como acontece no uso da palavra individual. Locuções podem ter significados diferentes, dependendo de como são usadas numa sentença ou num parágrafo. Por isso, sempre que vemos a palavra *de*, precisamos determinar qual de seus possíveis significados o autor tenciona.

Considere o uso da expressão “da fé” por Paulo. Por si mesma, a expressão não leva nenhum significado claro ou definido. Precisamos vê-la em conexão com outras palavras. Duas vezes na carta aos Romanos, Paulo conecta a expressão com a palavra *obediência* – “obediência da fé”.

Pelo qual [Cristo] recebemos a graça e o apostolado, para a *obediência da fé* entre todas as gentes pelo seu nome, (Rm 1.5 – ARC).

O mistério... que se manifestou agora e se notificou pelas Escrituras dos profetas, segundo o mandamento do Deus eterno, a todas as nações para *obediência da fé* (Rm 16.25-26 – ARC).

O que significa a expressão de três palavras “obediência da fé”? Depende do significado da palavra *de* (ou, no grego, do significado do caso genitivo). Isto não é fácil porque as possibilidades são muitas. Paulo usa a palavra *de* em várias maneiras:

- Obra de fé (1 Ts 1.3; 2 Ts 1.11), significando talvez “produzida pela” fé.
- Escudo da fé (Ef 6.16), significando provavelmente “composto de” fé.
- Família da fé (Gl 6.10), significando talvez “caracterizada por” fé.
- Palavra da fé (Rm 10.8), significando provavelmente “sobre” a fé.
- Justiça da fé (Rm 4.13), significando talvez “declarada pela” fé.

Os candidatos mais prováveis para o significado de “obediência da fé” parecem ser (1) “obediência que *consiste em* fé” – ou seja, crer é obedecer; ou (2) “obediência que *procede da* fé” – ou seja, a fé dá origem e capacita a obediência. Não quero privá-lo de seu próprio privilégio de “olhar para o peixe” (Agassiz!). Mas, após haver olhado tão atentamente quanto possível no contexto imediato em busca de sugestões a respeito de qual destes significados Paulo tenciona, sua concordância o levará a Romanos 10.16, que diz: “Nem todos *obedeceram* ao evangelho; pois Isaías diz: Senhor, quem *acreditou* na nossa pregação?” Essa conexão entre obediência e crença pode nos inclinar a dizer que Paulo as usa de modo intercambiável aqui e, portanto, talvez em Romanos 1.5 e 16.26.

Mas, depois, a concordância pode levá-lo a um texto correlato muito mais próximo de Romanos 1.5, ou seja, a Romanos 15.18: “Não ousarei discorrer sobre coisa alguma, senão sobre aquelas que

Cristo fez por meu intermédio, para conduzir os gentios à *obediência*, *por palavra e por obras*”. Isto parece resolver a questão. Se a obediência que Paulo buscava entre os gentios era “por palavra e por obras”, então, é mais do que fé. Inclui outras “obras” concretas de obediência. Portanto, a expressão “obediência da fé” talvez signifique “obediência que vem da fé”. Mas há um possível problema. O que a expressão “por palavra e por obras” modifica? Acima, eu presumi que modifica “obediência”. Mas, é realmente isto? A maioria dos comentadores dizem “não”; ela modifica o ministério *de Paulo*. Ele levou os gentios à obediência por meio *de sua própria* palavra e obras.

Um método que nos força a “olhar para o peixe”

Deixarei o assunto com você nesta altura e apenas esboçarei mais uma implicação para os tipos de perguntas que fazemos quando lemos ativamente. Já vimos que fazer um acordo com o autor significa descobrir como ele usa suas palavras para lhes dar significados definidos. E acabamos de ver que devemos também discernir a relação entre as várias partes das sentenças do autor, como a relação que a expressão “por palavra e por obras” tem com as outras palavras na sentença de Paulo. Ela modifica o ministério de Paulo ou a obediência dos gentios?

Há um método para analisarmos sentenças bíblicas que nos força a levar a sério todas estas relações e decidir como pensamos que um autor está usando todas as suas palavras e expressões. Talvez você usou este método, tal como eu o usei no meu período escolar. É chamada *diagramação de sentença*. Nem todos tinham a minha experiência. Mas não cesso de agradecer a Deus pela Sra. Adams, que nos conduziu por diagramas de sentença durante um ano inteiro – pelo menos, isso é o que lembro. Eu o achava tão empolgante quanto assistir a histórias de detetives. Tentar descobrir como todas as peças de uma sentença se encaixam para torná-la um todo coerente era muito satisfatório para mim. É claro que nem todos eram empolgados desta maneira.

Meu alvo não é ensinar-lhe a habilidade de diagramar sentenças, e sim recomendar o método a você como extremamente proveitoso em formar o hábito de observação, que coloca cada parte de uma

sentença em relação às outras, conforme intencionado pelo autor. Isto tem de ser feito, se não em papel, de maneira intuitiva em sua mente. Do contrário, as sentenças simplesmente flutuam sem propósito claro. Você mesmo pode julgar se vê estas relações de modo intuitivo ou se alguma prática em diagramação de sentenças poderia ser proveitosa.

Um dos lugares em que o método de diagramação de sentença está apresentado completa e proveitosamente é no capítulo 5 do livro *Interpreting Pauline Epistles* (Interpretando as Epístolas Paulinas), de Thomas Schreiner.⁷ Schreiner admite que você pode ver o significado de um texto sem diagramar as sentenças. Mas ele está certo ao insistir em que você não pode ver o significado, se não conhece os hábitos gramaticais que guiaram um autor a arranjar suas palavras da maneira como o fez. Por que, então, você deve considerar a prática de diagramar as sentenças? Schreiner responde:

Comecei a ver que diagramar me forçava a pensar na relação sintática de cada palavra, expressão e cláusula na sentença. Diagramar me impeliu a fazer perguntas e achar respostas que, do contrário, eu nem sempre faria, como... Que palavra ou expressões a oração adjetiva modifica?

Um dos grandes valores de diagramar é, portanto, que ele compele o intérprete a ir devagar e a pensar atentamente em cada elemento do texto... Diagramar é proveitoso também porque estrutura o texto visualmente. Esse esquema mostra imediatamente a oração principal, o verbo principal, objeto(s) direto(s), objeto(s) indireto(s), modificadores, orações subordinadas (se houver) e outras partes gramaticais importantes.⁸

Em outras palavras, diagramar sentenças nos força a sermos persistentemente atentos. Obriga-nos a ficar na mesa com o peixe de Agassiz e ficar no museu olhando para *Menino com um Esquilo* (ver capítulo 23).

Observação cuidadosa, não regras de memorização

Exemplos de palavras e expressões como as que consideramos podem ser multiplicadas às centenas. E, em cada uma delas, algo levemente diferente desafiaria a nossa mente. Esta é a razão por que não é aconselhável oferecermos regras para cada desafio de interpretação. Elas são todas diferentes em pequena ou grande

maneira, e a chave está em sermos observadores cuidadosos e não em memorizarmos regras incontáveis. Quanto mais textos analisarmos com atenção persistente, tanto mais hábeis nos tornaremos em interpretar outros.

Meu principal alvo neste capítulo foi conduzi-lo em direção a alguns tipos de perguntas que devemos fazer sobre as palavras e expressões de um autor. Minha esperança é encorajá-lo a formar e a aprofundar o hábito de coração e mente, que ama olhar demorada e atentamente para as Escrituras, e ser jubilosamente confiante de que essa atenção persistente compensa o esforço.

No capítulo seguinte, iremos para além de palavras e expressões, e abordaremos o tipo de perguntas que devemos fazer sobre como as cláusulas e proposições se relacionam entre si. Em minha própria experiência, este é o nível de observação e análise que produz abundantes discernimentos transformadores de vida.

1 John Piper, *Uma Glória Peculiar: Como a Bíblia se Revela Completamente Verdadeira* (São José dos Campos, SP: Fiel, 2017).

2 Mortimer Adler e Charles van Doren, *How to Read a Book*, rev. ed. (New York: Simon & Schuster, 1972), 66-113.

3 Ibid., 107.

4 E. D. Hirsch, *Validity in Interpretation* (New Haven, CT: Yale University Press, 1967), 76-77.

5 Caso você tenha um smartphone, um tablete, ou um computador, os softwares de Bíblia oferecem muitas ferramentas úteis para uso de concordância. Há muitos programas bons. Assegure-se de ter um programa que ofereça o recurso de pesquisa de qualquer palavra em toda a Bíblia. É realmente proveitoso que o recurso de pesquisa possa limitá-la a autores e livros específicos da Bíblia. Este recurso é a sua concordância virtual.

6 Leon Morris, *The Gospel according to Mathew*, Pillar New Testament Commentary (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1992), 553.

7 Thomas Schreiner, *Interpreting the Pauline Epistles*, 2nd ed. (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2011), 69-79.

8 Ibid., 69-96.

Isto significou para mim uma nova abordagem completa à leitura da Bíblia. Nunca mais eu apenas li e memorizei versículos – coletando pepitas. Também procurei entender, memorizar e aplicar argumentos.

JOHN PIPER

Aqui foi onde as luzes brilharam mais intensamente para mim. Paulo não estava amarrando pérolas. Estava forjando elos.

JOHN PIPER

PROPOSIÇÕES: COLEÇÕES DE PEPITAS OU ELOS NUMA CADEIA?

“Onde falava ousadamente, dissertando e persuadindo...”

Como aprendi a ler aos 22 anos de idade?

No capítulo 23, comecei a contar a história de como os anos de 1968 a 1971 foram explosivos em minha descoberta do que significa ler. Em um sentido, eu disse, aprendi a ler quando tinha 22 anos de idade. Meus encontros inesperados com Daniel Fuller, Mortimer Adler e E. D. Hirsch mudaram minha vida. Hirsch me convenceu de que interpretações só podem reivindicar validade, se o significado é definido em relação ao que um autor queria comunicar por meio de suas palavras. Adler me mostrou quão passiva era a minha leitura e o que significa usar a mente, enquanto estou constantemente fazendo perguntas e tentando respondê-las. Fuller me tomou pela mão, por assim dizer, durante três anos e me guiou por dezenas de textos bíblicos, forçando-me a colocar em prática as disciplinas de atenção persistente .

Aprendi realmente a ler quando tinha 22 anos? Tive realmente de esperar até meu primeiro ano no seminário para descobrir o que significa ler a Bíblia? Você julga. A descoberta mais frutífera que fiz sobre como ler foi que os autores da Escritura *argumentam* . Eles desenvolvem argumentos – linhas de pensamentos inter-

relacionados que levam a algum lugar. Até àqueles dias, eu lia a Bíblia principalmente para coletar *pepitas*. Pepitas doutrinárias. Pepitas devocionais. Pérolas. Isto era maravilhoso. Não me ressinto dos anos de coletar e amarrar pérolas. Serviram-me muito bem. Eu os amei. Acho que me levariam fielmente para o céu.

No entanto, numa questão de dias, num curso de hermenêutica baseado no livro de Filipenses, comecei a ver que Paulo não amarra pepitas; ele forja cadeias. Isto é o que foi novo para mim. Não culpo ninguém de meu passado por não me mostrar isso. Podem ter me mostrado, mas eu simplesmente não estava pronto para recebê-lo. Não é uma questão de culpar. É uma questão de alegria da descoberta. Ou talvez deva chamá-lo despertamento. Os pensamentos de Paulo não são pepitas. *São elos. Se isto sempre foi óbvio* para você, que está dizendo: “*É claro !*”, então, eu digo: louve a Deus. No meu caso, aconteceu aos 22 anos, com a força de um furacão. Fui envolvido numa maneira de leitura que era nova, *árdua* e altamente recompensadora. Nós a chamamos “arqueamento”.

Daniel Fuller desenvolveu este procedimento de identificar as cláusulas ou proposições de um texto, descobrindo como elas se relacionam umas com as outras no argumento emergente e, depois, rotulando-as com abreviações sob os arcos que conectamos com arcos cada vez maiores, à medida que vemos como as peças do argumento se encaixam. Voltarei a isto e o ilustrarei em breve, porque você pode estar achando difícil visualizar o que estou querendo dizer.

As raízes do arqueamento

No entanto, parece justo e também encorajador ressaltar que Fuller havia passado por seu próprio despertamento hermenêutico no final dos anos 1940 no Seminário de Princeton, sob a orientação de Howard T. Kuist. Justin Taylor conta esta história em sua dissertação de doutorado.

Um dos professores de Princeton foi Howard T. Kuist (1895-1964), professor na cadeira Charles T. Haley de Teologia Bíblica para Ensino da Bíblia Inglesa, um defensor pioneiro do método de estudo bíblico indutivo. (A referência para sua coleção de manuscritos em Princeton pode ser vista online em <http://manuscripts.ptsem.edu/collection/195> [acesso em 16 de julho de 2014]) Kuist enfatizava a *observação*, definida

como “a arte de ver as coisas como elas realmente são”. Pregadores, ele argumentava, têm somente uma quantidade limitada de tempo para preparação do sermão, e, por isso, a maior parte do tempo deveria ser gasto no próprio texto, não em literatura secundária. Comentários devem ser consultados apenas para mostrar *fatos* , não conclusões.

Kuist procurou convencer seus alunos a abandonarem todos os sistemas e pressuposições hermenêuticos – incluindo quaisquer sermões, credos ou lições que haviam aprendido antes – e deixarem a Bíblia falar por si mesma, como se estivessem se aproximando da Bíblia pela primeira vez. “Esse discurso”, Fuller relata, “foi um momento que mudou minha vida. Desde então, eu mostro a tendência de descrever minha vida com esta ideia cumprindo um papel crucial no que fiz e em como tenho pensado desde aquele tempo”. (Daniel Fuller para Justin Taylor [1º de janeiro de 2011], em posse do autor.) Minha própria opinião é a de que o esforço de Kuist para “abandonar todos os sistemas e pressuposições hermenêuticos – incluindo quaisquer sermões, credos ou lições que haviam aprendido antes” não é possível. A maneira como eu diria isso é que todos os leitores da Escritura deveriam estar cientes de suas concepções e deveriam orar e trabalhar em direção a um tipo de vontade de aprender que os torna dispostos a mudar nossas opiniões, se a Bíblia exigir isso.)

Kuist dedicava a maior parte do tempo da aula em “treinar os alunos em como assimilar o significado tencionado do autor a partir dos *símbolos verbais num texto* ”. (Daniel P. Fuller, “*How I Became a Berean*”, http://documents.fuller.edu/ministry/beran/i_became.htm [acesso em 30 de outubro de 2013]). A Bíblia era o principal texto deles. Kuist também fazia seus alunos lerem dois textos breves. O primeiro era o capítulo de Mortimer Adler intitulado “Chegando a Um Acordo”, de *Como Ler um Livro* (Mortimer J. Adler, *How to Read a Book: The Art of Getting a Liberal Education*, 1st. ed. [New York: Simon & Schuster, 1940], 185-208). O segundo texto era o testemunho do entomologista e paleontologista Samuel Scudder (1837-1911) sobre seus dias como aluno de Louis Agassiz (1807-1873), fundador do Museu de Zoologia Comparativa de Harvard...

Fuller relata: “Esta história produziu a mais profunda mudança em minha estratégia para estudar a Bíblia. Fez-me compreender quão diligentemente eu deveria examinar uma passagem da Bíblia para ver apenas o que está lá e tentar esquecer o que eu ouvira anteriormente sobre aquela passagem”. (Fuller, “How I Became a Berean”.) ¹

O nascimento do método

Em 1953, como um novo professor no Fuller Seminary, Daniel Fuller começou a converter todos que haviam aprendido sobre o

estudo indutivo da Bíblia, ensinado por Kuist, ao procedimento que ficou conhecido como arqueamento. Taylor continua a história:

Desde março até maio daquele semestre (1953), Fuller ensinou a matéria de Pesquisa no Novo Testamento para Wilbur Smith, que estava em seu ano sabático (sétimo ano de existência da escola). Este curso exigia o ensino de todo o Novo Testamento em 38 aulas de 50 minutos. Por isso, um livro como Romanos teria de ser resumido em apenas três aulas.

Enquanto Fuller estudava indutivamente o livro a fim de preparar-se para a aula, o começo do processo de “arqueamento” nasceu. Ele via certas unidades sendo abrangidas por unidades maiores e começou a empregar um sistema de representar unidades de pensamentos, por traçar um arco sobre um conjunto de proposições. Eventualmente, todo o texto de Romanos 1 a 8 estava abrangido sob um único arco, a partir do qual um esboço podia ser elaborado. Os alunos recebiam o esboço, com espaço para anotações, em vez de uma palestra. Os alunos responderam muito positivamente ao ensino de Fuller, que por fim o levou a ser contratado por tempo integral. Fuller continuou a desenvolver o método de arqueamento como um meio de acompanhar a cadeia de pensamento de um autor, por discernir as relações entre as várias proposições numa passagem. (Para obter mais explicações sobre arqueamento, ver o capítulo “Tracing the Argument” (Rastreando o Argumento), de Thomas R. Schreiner, em seu livro *Interpreting the Pauline Epistles*, 2nd ed. [Grand Rapids: Baker Academic, 2011], 97-124; John Piper, *Biblical Exegesis: Discovering the Meaning of Scriptural Texts* [Minneapolis: Desiring God, 2002] e o website <http://biblearc.com>).²

Sinto-me profundamente emocionado e cheio de gratidão por causa da fidelidade e da providência de Deus que me colocaram numa linha geracional caracterizada por este tipo de atenção rigorosa às Escrituras.

Proposições: blocos elementares de construção do pensamento

Neste capítulo, eu gostaria simplesmente de oferecer-lhe uma amostra do que para mim foi tão revolucionário no arqueamento.³ Ao fazer isto, espero ressaltar de novo que *fazer perguntas é a chave para entender* e que algumas das perguntas mais frutíferas são a respeito de como proposições se relacionam umas com as outras. Implícito no capítulo anterior, estava o fato de que palavras e expressões não transmitem um significado claro e definido,

enquanto não são vistas como partes de uma proposição. Por exemplo, a expressão “por pecadores” não tem significado definido por si mesmo. Nem “morreu”. Nem “Jesus”. Mas, quando as juntamos para formar uma proposição de acordo as regras da gramática, todas elas assumem seus significados distintos: “Jesus morreu por pecadores”. Portanto, proposições são os blocos elementares de uma cadeia de pensamento.

Uma proposição é uma afirmação sobre algo. “Jesus chorou” é uma proposição. Tem um sujeito e um predicado (um verbo e seus modificadores), e estão arranjados de um modo que formula uma afirmação. Para entendermos as proposições, precisamos saber pelo menos os rudimentos de gramática e sintaxe da língua que estamos lendo – ainda que o conhecimento seja intuitivo e não autoconsciente. Proposições têm significado apenas porque são compostas de palavras e expressões colocadas juntas de acordo com regras estabelecidas. Não podemos comunicar algo se desobedecemos a todas as regras. “Paulo leva a cesta” e “A cesta leva Paulo” são duas proposições que usam *exatamente as mesmas palavras*, mas transmitem significados bem diferentes. Há uma regra gramatical que nos diz que o sujeito (quem faz a ação) desse tipo de oração *precede* tipicamente o verbo. Essa é a razão por que estas duas proposições, com as mesmas palavras, têm significados diferentes. Um novo conjunto de regras tem de ser aprendido quando queremos ler grego ou hebraico. Se estamos lendo grego, hebraico ou português, devemos prestar atenção às regras gramaticais apropriadas das proposições, se temos de entender as proposições do autor.

A relação entre as proposições

Até aqui disse apenas o que eu já sabia quando lia a Bíblia para coletar pepitas. Agora vem o novo discernimento – embora pareça evidente. Depois de entender a estrutura gramatical de uma proposição e reconhecer as palavras e expressões nela, *podemos ainda não entender seu significado*. Por quê? Porque, assim como palavras e expressões derivam seu significado de seu uso numa proposição, assim também a proposição deriva seu significado preciso de seu uso em relação com outras proposições. Elos numa

corrente dependem dos outros elos de uma maneira que pepitas num saco não dependem .

Por exemplo, em Colossenses 2.21, Paulo diz: “Não manuseies isto, não proves aquilo, não toques aquilooutro”. Consideradas sozinhas, estas três proposições sugeririam que Paulo está prescrevendo certas regras de comportamento. Isso seria um entendimento completamente errado. A proposição anterior – a pergunta retórica do versículo 20 – diz: “Por que... vos sujeitais a ordenanças?” (Perguntas retóricas são perguntas feitas sem uma resposta expressa, porque o autor presume que podemos entender o que está sendo afirmado – “Não vos sujeiteis a essas regulações!”) Portanto, o que Paulo realmente quer dizer é o oposto do que as proposições do versículo 21 dizem, quando isoladas de seu contexto. Ele quer dizer: acautelai-vos de regulações como: “Não manuseies, não proves, não toques”.

A importantíssima palavra Porque

Outro exemplo é Filipenses 2.12: “Desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor”. Esta proposição não será entendida corretamente se não for vista em relação à cláusula seguinte: “Porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade” (Fp 2.13). Uma teologia inteira depende de como relacionamos essas duas proposições. Se fizéssemos da segunda cláusula o resultado da primeira, estaríamos dizendo: “Desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor, *para que* Deus efetue em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade”. Estaríamos dizendo que a ação de Deus na santificação depende de nós agirmos primeiro.

No entanto, se fizéssemos da segunda cláusula *a base* da primeira, estaríamos dizendo: “Desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor *porque* Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade”. Estaríamos dizendo que *nossos* esforços em direção à santidade são iniciados por *Deus* e são possíveis apenas porque ele está operando em nós. Paulo não deixa lugar para dúvidas sobre qual destes sentidos ele tenciona comunicar. Paulo deixa isso explícito por unir as duas cláusulas pela conjunção *porqu* ê. “Desenvolvi a vossa salvação com temor e

tremor; *porque* Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade” (Fp 2.12-13). O agir de Deus em nós é a *base* e a capacitação do nosso desenvolver. Teologicamente, poucas coisas são mais importantes do que esta linha de argumentação correta.

O fluxo de pensamento de um autor

O objetivo de vermos proposições em relação umas com as outras não é meramente elucidar o significado de cada proposição, mas também ajudar-nos a assimilar o fluxo de pensamento do argumento de um autor. Aqui foi onde as luzes brilharam mais intensamente para mim. Paulo não estava amarrando pérolas. Estava forjando elos numa cadeia. Lembro-me dessa lição na aula de hermenêutica, quando ela me impactou. Estávamos considerando Filipenses 1.6-8, onde Paulo escreveu:

Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus. Aliás, é justo que eu assim pense de todos vós, porque vos trago no coração, seja nas minhas algemas, seja na defesa e confirmação do evangelho, pois todos sois participantes da graça comigo. *Pois minha testemunha é Deus, da saudade que tenho de todos vós, na terna misericórdia de Cristo Jesus*.

Eu havia lido a Epístola aos Filipenses muitas vezes desde a minha infância. Minha Bíblia, que meus pais me deram quando fiz 15 anos (e que tenho agora diante de mim), está marcada abundantemente de caneta, em azul e vermelho. As palavras “Alegria Suprema” estão escritas ao lado do título. Mas, sete anos depois, quando eu tinha 22 anos, alguém me perguntou pela primeira vez: “Você notou a palavra *pois* no começo do versículo 8?” Sim. Vejo isso. “O que ela lhe diz sobre a relação entre os versículos 7 e 8?” Que o versículo 8 é a razão, a causa ou a base do versículo 7. “Certo. Agora, como esse argumento funciona? Como a saudade de Paulo pelos filipenses na misericórdia de Cristo é uma *base* para a confiança de Paulo de que Deus completará neles a obra que começou?” Essa pergunta me deixou totalmente perplexo. Esse é o tipo de pergunta que tenho feito a mim mesmo nestes últimos quarenta anos. Esse é o mais frutífero tipo de pergunta: como o argumento funciona?

A conclusão dessa discussão foi algo assim: se Paulo ama realmente os filipenses com a misericórdia de Cristo – ou seja, se a própria misericórdia de Cristo por eles é o que Paulo sente por eles – então, o compromisso de Paulo com eles é realmente o compromisso de Cristo com eles, e isso é um sinal seguro de que Cristo os preservará até ao fim. Eles perseverarão. Eu jamais tivera um pensamento como esse. E a razão por que não o tivera é que nunca havia feito essa pergunta sobre como o argumento dos versículos 7 e 8 funciona. Fazer essa pergunta me obrigou a pensar em maneiras que jamais havia pensado. Multiplique este tipo de descoberta milhares de vezes e lhe será evidente por que eu me sentia como se tivesse acabado de aprender a ler .

De coletar pepitas para forjar cadeias

Isto significou, para mim, uma abordagem completamente nova em relação à leitura da Bíblia. Nunca mais eu apenas li e memorizei versículos – coletei pepitas. Procurei também entender, memorizar e aplicar *argumentos* . Isto envolveu achar o ponto principal de cada unidade literária e, depois, observar como as proposições se encaixavam para revelar e apoiar o ponto principal.

Para realizar este tipo de análise de proposições de uma maneira estendida, precisamos de duas coisas. Primeiramente, precisamos saber os tipos de relações que podem existir entre as proposições. Se não sabemos como os pensamentos se relacionam uns com os outros, isso é um grande obstáculo ao entendimento de como as proposições formam unidades complexas de significado. Se temos apenas uma vaga ideia de como duas proposições se relacionam, estamos obstruídos porque, embora deduzamos intuitivamente a relação correta, não saberemos como expressar nosso entendimento em palavras. Precisamos de uma lista de possíveis relações lógicas, com nomes descritivos, para que as usemos quando discutimos o significado de um texto.

Em segundo, precisamos de algum tipo de método ou recurso que nos ajude a manter em nossa visão mental um argumento longo ou complexo. Para a maioria de nós, é impossível manter diante de nossa mente as inter-relações complexas de um argumento desenvolvido no começo de um parágrafo, enquanto labutamos para

ver como as proposições de dez versículos posteriores se encaixam nesse argumento. Pode acontecer que o argumento mais anterior tenha a chave para o posterior. Portanto, devemos achar uma maneira de preservar, em curto espaço, as inter-relações da linha de argumentação de um autor. Do contrário, será quase impossível assimilarmos a totalidade e a unidade do que ele tenciona que seu parágrafo comunique.

O arqueamento provê isso

O *arqueamento* provê estas duas coisas, que precisamos para seguir o fio do pensamento de um autor. A *arqueamento* é um meio de *ver* e *preservar* o intrincado desenvolvimento do pensamento de um autor em sua complexidade e unidade. No apêndice, ofereço uma ilustração e uma explicação mais detalhada do processo de *arqueamento*. A melhor maneira de aprendermos este método de ler a Bíblia é em parceria com outros que já estão adiante de nós. Esta é a razão por que o Bethlehem College & Seminary criou o website biblearc.com. Este é o melhor lugar para aprender e praticar *arqueamento*. Eu o uso em meu próprio estudo, bem como no ensino do estudo de livros no Bethlehem College & Seminary.

Se você não tem os recursos de um computador para visitar e usar este website, a introdução que ofereço no apêndice deste livro é suficiente para alguém começar. Eu fiz *arqueamento* por 40 anos com caneta e papel, antes de serem desenvolvidas as oportunidades do computador. Então, não permita que nada o pare. O segredo não está na tecnologia, nem mesmo na técnica. O segredo está na observação rigorosa, boas perguntas e ter suas respostas com base nas conexões apresentadas no texto – tudo isso regado de oração em favor da iluminação de Deus (capítulos 11-13).

Questione o texto

O argumento deste capítulo foi que palavras e expressões têm seu significado definido pela maneira como são usadas em uma proposição, e as proposições obtêm seu significado da maneira pela qual estão conectadas com outras proposições na construção de uma cadeia de pensamento. Portanto, o hábito mental de fazer perguntas sobre como proposições funcionam em relação umas com as outras

tem sido para mim a maneira mais frutífera de ler. Mas ainda não terminamos no que diz respeito às nossas sugestões sobre que perguntas devemos fazer quando questionamos o texto. Perguntas sobre proposições e suas relações são importantíssimas. Mas perguntas sobre paradoxos, deleites e vidas transformadas também são cruciais. Isso é o que consideraremos no capítulo seguinte.

1 Justin Gerald Taylor, “John Piper: The Making of a Christian Hedonist”, PhD diss., the Southern Baptist Theological Seminary.

2 Ibid.

3 Neste capítulo, faço uso de meu ensaio não publicado ao qual Justin Taylor se referiu: John Piper, *Biblical Exegesis: Discovering the Meaning of Scriptural Texts* .

Logo que a Palavra de Deus se torna conhecida de você, o Diabo o afligirá, fará de você um verdadeiro doutor e o ensinará, por suas tentações, a buscar e a amar a Palavra de Deus. No que diz respeito a mim mesmo... devo a meus papistas muitos agradecimentos por me atacarem, pressionarem e amedrontarem, pela fúria do Diabo, de tal modo que me tornei um teólogo razoavelmente bom.

MARTINHO LUTERO

Quão doces são as tuas palavras ao meu paladar! Mais que o mel à minha boca.

SALMO 119.103

QUESTIONANDO O TEXTO SOBRE PARADOXOS, DELEITES E UMA VIDA TRANSFORMADA

*“As tuas palavras são em tudo verdade...
e cada um dos teus justos juízos dura para sempre.”*

Não consegui o trabalho

No capítulo anterior, recomendei um método de leitura ativa chamado *arqueamento* (ver também o apêndice). É uma maneira de identificar as proposições de um texto, discernir suas relações e preservá-las em forma esquemática, que nos ajuda a identificar o ensino principal de um texto e determinar como todas as partes se harmonizam, com a finalidade de esclarecer e apoiar esse ensino. Meu alvo não é converter você em um adepto do arqueamento, e sim convencê-lo de que ver um texto desta maneira e fazer estes tipos de perguntas vale todo esforço que você puder dedicar. Talvez você seja tão perspicaz que possa fazer intuitivamente aquilo que alguns de nós, para consegui-lo, temos de depender do arqueamento. Há olhos nos arcos.

De fato, certa vez estava sendo entrevistado para um trabalho de professor, e um dos membros da comissão de entrevista me perguntou: “Esse negócio de arqueamento não é apenas uma

muleta?” Não hesitei e disse: “Com certeza. Eu sou mentalmente capenga e preciso de toda ajuda que puder conseguir. E penso que a maioria de meus alunos também precisa da mesma ajuda”. Não consegui o trabalho. Mas essa foi, provavelmente, uma das mais agradáveis negativas que o Senhor já realizou em meu favor.

No entanto, admito que são os princípios, as perguntas e o pensar árduo em volta do arqueamento que fazem a diferença, não a técnica real de criar a forma esquemática. Desenvolver hábitos mentais que o arqueamento exige é o mais importante.

Fazer perguntas sobre relações em toda a Bíblia

Se estendemos o princípio de arqueamento a um livro inteiro na Bíblia ou a toda a Bíblia, vemos que tipos de perguntas precisamos fazer. O alvo, se vivermos por tempo suficiente, é assimilar o que todos os autores da Bíblia tencionavam comunicar. Portanto, continuamos a fazer perguntas sobre como cada parágrafo se relaciona com os outros, até que assimilamos o ponto principal de cada livro. O *ponto principal* é o ponto apoiado por todos os outros pontos, mas não apoia nada. É o alvo supremo do autor naquilo que ele escreveu. Todas as outras partes do texto servem para explicar e argumentar o ponto principal. E, quando vemos os pontos principais dos livros, fazemos perguntas sobre como as mensagens dos livros se relacionam umas com as outras. Desta maneira, prosseguimos em direção à principal mensagem de toda a Bíblia.

Visto que cremos que Deus é o autor supremo, que inspirou os autores humanos com o que ele tenciona comunicar, também cremos que a Bíblia demonstrará ser coerente. Ela não se contradirá. Pessoas que acreditam estarem constantemente esbarrando em contradições na Bíblia privam-se de muito discernimento. Discernimento é o fruto de pesquisa e investigação persistentes nos textos, a fim de acharmos aquilo que forma a aparente contradição – o paradoxo – uma unidade profunda. Não realizar este processo de investigação por descrença na unidade da Escritura é uma perda trágica para aqueles que desistem tão rapidamente.

No entanto, para aqueles que cremos na unidade inspirada da Escritura, arraigada no Deus da verdade, que não fala um sim e não contraditório e final (2 Co 1.17-22), o labor é demorado, e o fruto é

glorioso. Quando fazemos perguntas, um dos hábitos mais frutíferos é indagarmos como o significado de uma passagem se harmoniza com outras passagens que parecem contraditórios ou incoerentes. Nunca penso que a Bíblia é incoerente. Meu pensamento é que não estou vendo tudo que preciso ver. Eis um exemplo do tipo de pergunta que tenho em mente – e um exemplo sobre como ponderar os paradoxos é um dos atos mais frutíferos de meditação nas Escrituras.

Deus ama ou odeia o ímpio?

Em Romanos 5.8, Paulo diz: “Deus prova o seu próprio *amor* para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda *pecadores*”. No entanto, o Salmo 11.5 diz: “O SENHOR prova o justo, mas *a sua alma aborrece o ímpio* e o que ama a violência” (ARC). Então, por um lado, Deus nos *ama* quando ainda somos pecadores. E, por outro lado, Deus *odeia* o ímpio

Isto é bom. Vimos com atenção persistente que há uma tensão entre Romanos 5.8 e Salmo 11.5 – o amor de Deus por pecadores e seu ódio por pecadores. Por isso, começamos a fazer perguntas. Por fim, a nossa pergunta é: como estes textos se harmonizam de uma maneira que Deus é revelado como glorioso e não esquizofrênico? Cremos que há unidade aqui e que ambos os textos são verdadeiros. Agora precisamos ver como ambas são verdadeiras em relação mútua. Você pode ver que este é o tipo de pergunta que o *arqueamento* nos treinou a fazer, embora não estejamos desenhando qualquer arco numa página, ou na tela do computador, entre Romanos e os Salmos. Em vez disso, de certa maneira, estamos pensando, treinados pela disciplina de fazer perguntas, em como os textos se relacionam mutuamente.

Para lhe dar uma ideia de como isto pode funcionar, aqui estão algumas das perguntas que faço a mim mesmo quando medito em como o amor de Deus por pecadores se relaciona com seu ódio por pecadores. Estas perguntas são como ideias que você testa para verificar se alguma delas será esclarecedora.

- Dois grupos diferentes estão sendo referidos nos termos “pecadores” e “ímpios”?

- Os pecadores que Deus ama não estão incluídos nos pecadores que ele odeia?
- Há uma diferença entre “pecado” e “impiedade”, de modo que Deus não ama realmente os ímpios ou odeia os pecadores?
- Algo mudou entre o Antigo e o Novo Testamento, de modo que Deus não odeia os ímpios hoje como o fazia naquele tempo?
- O que, mais especificamente, o ódio de Deus envolve?
- O que, mais especificamente, o amor de Deus envolve ?
- O ódio que ele tem pelos ímpios exclui a possibilidade de que possa também amá-los?
- Que diferentes tipos de ódio Deus pode ter?
- O intenso repúdio do coração de uma pessoa ímpia é um tipo de ódio?
- O propósito de destruir é outro tipo de ódio?
- O repúdio poderia estar presente sem o propósito de destruir?
- Se isto é verdade, Deus poderia amar aqueles que detesta por almejar resgatá-los da condição de repúdio e do seu ódio?
- Que outros textos eu deveria examinar que me ajudariam a responder estas perguntas?

Estes tipos de perguntas fluem na mente quando duas passagens em tensão são colocadas juntas com o alvo de descobrirmos como se harmonizam. Este processo de fazer perguntas e tentar respondê-las é o que eu chamo *ponderar* . Quando feito com humildade e confiança na ajuda prometida de Deus, é um ato de obediência às palavras de Paulo: “*Pondera* o que acabo de dizer, porque o Senhor te dará compreensão em todas as coisas”. Esse mandamento se aplica a toda a revelação bíblica.

Não é meu objetivo aqui solucionar o problema de amor e ódio de Deus. Estou apenas tentando ilustrar como a disciplina de *arqueamento* treina nossa mente a buscar coerência em toda a Bíblia. Ela nos treina a fazer perguntas sobre como tudo se relaciona com tudo. Por isso, acabamos identificando a tensão entre Romanos 5.8 e Salmo 11.5.

No entanto, como proposta de solução, eu farei a seguinte sugestão. O ódio de Deus pelos ímpios tem dois significados, dependendo do contexto. Um significado é uma forte desaprovação da horrível condição da alma ímpia. O outro é uma justa e santa

resolução de punir. Por outro lado, o amor de Deus tem os mesmos dois tipos de significado, mas num sentido positivo. Por um lado, o amor de Deus significa uma forte aprovação da linda condição da alma justa. Por outro lado, o amor de Deus significa uma graciosa e misericordiosa resolução de salvar. (Esses discernimentos resultaram de ponderar muitos textos bíblicos sobre o amor e o ódio de Deus.) Notar estes dois tipos de amor e ódio levanta a possibilidade de que o amor e o ódio de Deus possam ser *ambos* verdadeiros em direção à mesma pessoa, ao mesmo tempo. Deixo que você pondere isto até ao final.

Meu argumento aqui é que aprendemos muito por meio deste hábito de fazer perguntas sobre paradoxos em várias partes das Escrituras. No que diz respeito ao conhecimento de Deus, poucas coisas tornam uma pessoa mais rica e mais profunda do que este hábito de perguntar humildemente como textos são coerentes na realidade, quando, a princípio, parecem não ser. ¹

Quando a aplicação é parte da interpretação?

O alvo dos escritores bíblicos é não somente que saibamos coisas, mas também que façamos coisas e as façamos de certa maneira. Portanto, parte de nossa resposta à Escritura é formarmos o hábito de fazer perguntas sobre a aplicação – para nós mesmos, para nossa igreja e outros cristãos, para nossos relacionamentos, para a nossa cultura, para os incrédulos e para as instituições do mundo. Há milhões de maneiras pelas quais um texto pode ser aplicado a milhões de situações e relacionamentos.

Comumente, perguntas sobre a aplicação não são vistas como parte do processo de *achar* o significado de um texto, e sim de *usar* na vida o significado de um texto. Há uma diferença entre o *significado* de um texto e sua *significância*. Tenho considerado o significado de um texto como *aquilo que um autor tencionava comunicar*. Sua *significância* é o uso que fazemos dele nas centenas de maneiras pelas quais ele pode afetar a vida e a cultura. O *significado* de um texto pode ser: mostre misericórdia. E a *significância* culturalmente subsequente pode ser um limite de velocidade de 50 km/h num bairro repleto de crianças.

No entanto, quero argumentar algo que é frequentemente esquecido – fazer perguntas de aplicação, associado do esforço real para colocar um texto em prática, traz muitas vezes esclarecimento ao *significado* do texto e não apenas à sua significância. Precisamos ver o significado antes que façamos qualquer reivindicação de aplicá-lo ou obedecer-lhe. Por outro lado, quando fazemos a tentativa de aplicar o texto ou obedecer-lhe, podemos descobrir aspectos do significado que deixamos de ver. A experiência de vida real não é apenas um crisol para aplicação, é uma escola para entendimento mais profundo .

O seminário de sofrimento de Martinho Lutero

A base bíblica para isto se acha em Salmo 119.71: “Foi-me bom ter eu passado pela aflição, para que aprendesse os teus decretos”. A experiência de sofrer não somente requer uma aplicação dos estatutos de Deus, mas também oferece discernimentos sobre esses estatutos. Martinho Lutero escreveu, talvez mais do que ninguém, sobre a necessidade de sofrimento em fazer de alguém um bom intérprete da Bíblia. Ele disse:

Quero que você saiba como estudar teologia da maneira correta. Tenho eu mesmo praticado este método... Aqui você encontrará três regras. São propostas frequentemente no Salmo [119] e são estas: *oratio*, *meditatio*,

tentatio (oração, meditação, provação). ²

E Lutero chamava as provações de “critério”. Provações, ele escreveu, “nos ensinam não somente a saber, mas também a experimentar quão correta, quão doce, quão amável, quão poderosa, quão reconfortante é a Palavra de Deus: sua sabedoria é suprema”. ³ Ele mesmo provou o valor das provações, repetidas vezes, em sua própria experiência:

Logo que a Palavra de Deus se torna conhecida de você, o Diabo o afligirá, fará de você um verdadeiro doutor e o ensinará, por suas tentações, a buscar e a amar a Palavra de Deus. No que diz respeito a mim mesmo... devo a meus papistas muitos agradecimentos por me atacarem, pressionarem e amedrontarem, pela fúria do Diabo, de tal modo que me tornei um teólogo razoavelmente bom, conduzindo-me a um alvo que eu nunca teria atingindo. ⁴

Do lado de fora, para muitos, Lutero parecia invencível. Entretanto, aqueles que lhe eram íntimos conheciam a *tentatio* . Ele

escreveu para Melanchthon do castelo de Wartburg, em 13 de julho de 1521, enquanto possivelmente trabalhava na tradução do Novo Testamento,

Estou sentado aqui, em tranquilidade, insensível e frio – orando pouco, afligindo-me pouco pela igreja de Deus, ardendo muito nos vigorosos fogos de minha carne indomada. A situação é esta: eu *deveria* estar queimando no espírito; na realidade, estou queimando na carne, com cobiça, indolência, ociosidade e sonolência. E, talvez porque vocês todos pararam de orar por mim, Deus se afastou de mim... Nestes últimos oito dias, não escrevi nada, não orei, nem estudei, em parte, devido a autoindulgência, em parte, devido a outra inconveniência vexatória [constipação e pílulas]... Eu não posso mais aguentar isso... Ore por mim,

eu lhe rogo, pois, em minha reclusão, estou submergido em pecados. ⁵

Estas foram as provações que Lutero disse o tornaram um teólogo. Tanto estas experiências quanto o seu léxico de grego fizeram parte de seus labores exegéticos. Muito frequentemente, sou tentado a pensar que pressões, conflitos e frustrações são apenas distrações do negócio de estudar e entender. Lutero (e Salmo 119.71) nos ensina a ver tudo de outra maneira.

Obedecer ao texto mostrou-me o que ignorei no texto

Apresentarei um exemplo de meu próprio ministério. Os presbíteros da igreja e eu havíamos estudado Mateus 18.15-17. Esta passagem fala sobre como devemos agir na igreja quando um membro peca contra outro:

Se teu irmão pecar [contra ti], vai argui-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão. Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça. E, se ele não os atender, dize-o à igreja; e, se recusar ouvir também a igreja, considera-o como gentio e publicano.

Eu pensava que tinha uma ideia clara sobre como proceder e como lidar com as pessoas na realização desse processo. Mas, em determinado momento, entramos na dolorosa e complicada realidade de colocar o texto em prática. No meio deste processo de *aplicação*, compreendi que não tinha observado que algum período de tempo pode se passar entre tomar duas ou três testemunhas para confrontar um irmão impenitente e o passo seguinte de levar o seu

caso a toda a igreja. Isto foi simplesmente uma questão de eu não ter perguntado enquanto lia o texto: quanto tempo pode se passar entre estes passos em direção à reconciliação ou à disciplina? Por isso, também não perguntei como um irmão impenitente deve ser tratado entre o confrontá-lo com duas testemunhas e o levar seu caso à igreja .

Em palavras simples, o esforço para aplicar textos bíblicos e obedecer-lhes regularmente (eu diria *usualmente*) traz esclarecimento ao *significado* desses textos. O esforço para aplicar o significado de um texto nos ajuda frequentemente a fazer sobre o texto perguntas que não fizemos. E estas perguntas revelam coisas que não tínhamos visto.

Uma das implicações disto em como lemos a Bíblia é que não nos tornamos artificiais em distinguir os processos de interpretação, por um lado, e de aplicação, por outro lado. Eles estão entrelaçados. Outra implicação é que, enquanto lemos, uma das maneiras pelas quais vemos mais da intenção de um autor é imaginarmos a nós mesmos colocando o texto em prática. Em outras palavras, saia e viva a aplicação em sua mente, e o resultado será que você fará ao texto muitas perguntas que, do contrário, não teria feito. E isto produzirá muito fruto em ver o que está realmente lá.

Como o significado se relaciona ao deleite – e outras emoções?

Outro tipo de pergunta que fazemos quando estamos tentando assimilar o que um autor tencionava comunicar é: que tipo de emoções devemos experimentar em resposta à revelação do autor? Antes de indagarmos sobre os tipos de emoções que os autores da Escritura podem despertar pelo que escreveram, somos informados de que os próprios escritos são um deleite. “O seu *prazer* está na lei do SENHOR , e na sua lei medita de dia e de noite” (Sl 1.2). “Bem-aventurado o homem que teme ao SENHOR e *se compraz* nos seus mandamentos” (Sl 112.1). “São mais *desejáveis* do que o ouro, mais do que muito ouro depurado; e são *mais doces* do que o mel e o destilar dos favos” (Sl 19.10). “Quão *doces* são as tuas palavras ao meu paladar! Mais do que o mel à minha boca” (Sl 119.103).

Portanto, eu concluo que parte da intenção de Deus para sua Palavra é que ela seja o nosso deleite. Se chegamos à Palavra e, com o passar do tempo, não achamos que, como um todo, ela é nosso deleite, não estamos vendo o que está lá pelo que ela realmente é – melhor do que o ouro, mais doce do que o mel. Isto faz parte do significado do texto?

Eu propus no capítulo 20 que devemos definir o *significado* de um texto para incluir a intenção do autor que *sentimos*, de certa maneira, sobre o que ele está revelando. Enfatizei que os *pensamentos* de um autor e o nosso esforço para *entendê*-los são fundamentais. As emoções que tem o valor de honrar a Cristo estão arraigadas na verdade. Portanto, as emoções que um autor bíblico almeja compartilhar são transmitidas por nosso entendimento do que ele pensa – por pensarmos os próprios pensamentos do autor. Podemos, então, discernir desses pensamentos se parte da intenção do autor é que também compartilhemos da emoção que ele expressa sobre esta verdade.

Com base em muitos textos, é claro que a intenção dos autores da Escritura é que não somente *entendamos* o que eles dizem, mas também que *nos arrependamos*, *creiamos*, *esperemos* e *nos regozijemos*. De fato, parece claro para mim que os autores bíblicos *nunca* são indiferentes ao que seus leitores sentem em resposta ao que eles dizem. Se lhes perguntássemos, eles nunca diriam: “Não faz parte da intenção deste livro que pessoas se sintam quebrantadas por causa do pecado, ou agradecidas por causa da misericórdia, ou confiantes nas promessas, ou pacíficas na justificação, ou esperançosas do céu”. Pelo contrário, eles sempre diriam que sua intenção era comunicar a verdade de uma maneira que a *mente* entenda e o *coração* responda com a emoção apropriada.

Portanto, quando tentamos *assimilar o que os autores tencionaram comunicar*, devemos sempre fazer perguntas sobre os tipos de emoções que o autor está tentando despertar. A evidência mais clara de que autores tencionam provocar as afeições de nosso coração é que eles nos *ordenam* tê-las. Por exemplo, todas estas emoções são ordenadas:

- gratidão (Sl 100.4)
- esperança (1 Pe 1.3)

- alegria (Fp 4.4)
- tristeza (Tg 4.9)
- longanimidade (Cl 3.12)
- temor (Rm 11.20)
- contentamento (Hb 13.5)
- misericórdia (1 Pe 3.8)
- ira (Ef 4.26)
- espanto (Jr 2.12)

Portanto, não seria surpreendente que os autores da Escritura tencionassem que nós sentíssemos emoções apropriadas em resposta a tudo que eles revelam sobre Deus, o homem, o pecado, a salvação, a santidade e o céu. A Bíblia lida com as maiores realidades do universo. Nada é insignificante quando relacionado a Deus. Por conseguinte, tudo na Bíblia tem o propósito de comover-nos. Sermos comovidos é parte do que a Escritura tenciona .

E se não sentimos o que deveríamos?

Mas, infelizmente, muitos leitores da Escritura ficam aquém disto. Eles veem, em algum grau, o valor e a beleza de Deus e de seus caminhos na Escritura, mas seu coração fica para trás. Eles não sentem coisa alguma que se aproxime das afeições confirmadas pelo que leem. O que deve ser feito? Há alguma maneira, sem nos tornarmos hipócritas, pela qual podemos levar nosso coração a responder apropriadamente? Penso que há. Parece-me que há uma seção no livro de Provérbios que tem o propósito de lidar com este problema e dar-nos ajuda.

A seção vai de Provérbios 22.17 a 24.22. Em Provérbios 22.20, esta seção é identificada como “excelentes coisas” (“Não te escrevi excelentes coisas?”). Estas coisas excelentes se acham em Provérbios 22.17-24.22, em grupos de versículos. Começam no versículo 17, que diz: “Inclina o ouvido, e ouve as palavras dos sábios”. E estas coisas são chamadas frequentemente de “as palavras dos sábios”.

O que é muito relevante para nós aqui é que os primeiros dois versículos desta seção são escritos precisamente para responder à pergunta: como ouvimos os provérbios apropriadamente e sentimos apropriadamente a realidade por trás deles?

Inclina o ouvido, e ouve as palavras dos sábios, e *aplica o teu coração* ao meu conhecimento. Porque é coisa agradável os guardares no teu coração e os aplicares todos aos teus lábios (Pv 22.17-18).

Observe duas coisas: a primeira linha diz “Inclina o ouvido, e ouve as palavras dos sábios”. Então, claramente, o ensino é: palavras estão sendo faladas, e devemos curvar-nos. Devemos *prestar atenção. Focalizar-nos! Inclin*ar o ouvido. Ficar mais perto. Fazemos isso com nossa atenção. Se estamos lendo palavras, ou ouvindo palavras, e as palavras estão apenas passando, o sábio nos diz: não deixe as palavras passarem. Pegue-as com sua consciência. Focalize-se. Preste atenção! Estas palavras moldarão o conhecimento de sua mente.

A segunda linha diz – e isto é a chave para a nossa pergunta – “*aplica o teu coração* ao meu conhecimento”. As palavras dos sábios estão prestes a ser faladas. Elas comunicarão o conhecimento de algo valioso, precioso ou importante – algo sábio, útil e belo. Então, lemos que o efeito desse conhecimento será “*agradável*”. E eu suponho que o coração, ao qual ele acabou de se referir, é o órgão de agradabilidade ou de prazer. Portanto, ele está agora abordando o assunto que temos diante de nós. Como eu posso experimentar deleite neste conhecimento? Como eu posso experimentar um admirar, um valorizar, um estimar, um amar, uma adotar, um gozo e uma satisfação apropriados no que percebo por meio das palavras dos sábios? E, para responder, ele diz que a maneira pela qual fazemos isto é *aplica o teu coração*.

Portanto, o homem sábio está respondendo a nossa pergunta. Estamos perguntando: quando não sentimos o que deveríamos em resposta ao conhecimento bíblico, há algumas coisas que podemos fazer? A resposta do sábio é sim. Ele diz: *aplique o coração* ao que você ouve e ao conhecimento que está se formando em sua mente. O que isso significa?

A palavra hebraica traduzida por aplicar significa simplesmente “colocar”, “estabelecer” ou “localizar”. Então, pegamos nosso coração e o *colocamos*. Nós o *colocamos* no que temos visto com os olhos e ouvido com os ouvidos. Colocamos todo o coração na beleza do conhecimento. Se o coração não está sentindo qualquer coisa, nós lhe dizemos: *coração, acorde!* Assumimos o controle do coração e *aplicamos*. Nós o *empurramos*. Nós o *colocamos* no

conhecimento. Se não temos experiência de fazer essa coisa intencional com nossas emoções, devemos aprender disto uma coisa nova. É por isso que ela está aqui.

Saboreando filé e vendo folhas

Eis uma analogia. Suponha que você gostaria de saborear um filé. Você pode ouvi-lo chiando na grelha lá fora. Então, você vai para fora, e seus olhos *veem* o filé chiando na grelha. E, se você ficar bem próximo, poderá *sentir o cheiro* do filé na grelha, mas ainda não há o sabor do filé em sua boca. Há algo que você possa fazer?

Essa é a pergunta. Há algo que você possa fazer com o filé da Palavra de Deus? Você sabe que a resposta é sim. Você pega uma faca e corta um pedaço, coloca-o em sua boca e mastiga lentamente; e, depois, o engole e o saboreia. Da mesma maneira, você diz ao seu coração: coma, coração! Coma. Prove e veja que o Senhor é bom (Sl 34.8).

Outra ilustração: estou caminhando para a igreja. É outubro em Minneapolis – o mês mais belo do ano. As folhas das árvores em minha vizinhança estão incrivelmente brilhantes, com amarelo e laranja, o sol está resplendente, e a temperatura está mais amena do que o normal, por volta de 16 graus. As folhas estão tremulando, e o cenário é totalmente espetacular. Mas estou caminhando para uma reunião de oração, um pouco atrasado. Não estou observando nada. Meus olhos estão vendo, mas eu não estou vendo.

É desta maneira que lemos frequentemente a Bíblia. O que tem de acontecer? Eu paro. A graça de Deus me faz parar. Olho para uma árvore no jardim dos apartamentos vizinhos. Continuo olhando. Inclino-me e digo: “Coração, aquilo é laranja. Aquilo é amarelo. Elas eram verdes, agora são laranja, amarelo e dourado; e o sol está fazendo-as brilhar. Estão tremulando com a brisa, e Deus está tentando ganhar sua atenção. Coração, a glória de Deus está brilhando aqui. *Olhe*, coração! Prove! Sinta!” E colocamos todo o coração na beleza da árvore.

Você faz a mesma coisa com a Palavra de Deus. Um diamante lhe é oferecido. Você vê o diamante, mas não vê o diamante e, então, diz ao seu coração: “Coração, examine este diamante; olhe para

aquele lado do diamante; depois, olhe para este lado do diamante. Coração, isto é lindo!”

Falando com o coração e com Deus

Quando uma pessoa nascida de novo faz isto – ou seja, quando aplica seu coração ao conhecimento, de acordo com Provérbios 22.17 – ela não pode deixar de transformar isso em oração. Quando estamos pregando para o nosso coração e dizendo-lhe: “Vamos, coração, desperte. Vamos, coração, olhe para isto. Sinta isto! Isto é lindo! Acorde!”, nos vemos falando não somente com o nosso coração, mas também com Deus. Entretanto, você fala realmente com o seu coração (Sl 42.5). Você está *colocando -o, estabelecendo -o, aplicando -o*, dizendo-lhe aonde ir e o que fazer. E também está orando: “Deus, me ajude. Deus, abra meus olhos. Deus, faça-me sentir o valor e a beleza de sua verdade”.

Alguns de vocês podem suspirar e responder: “Tenho procurado fazer isso, mas não funciona”. Ou alguém pode dizer: “Isso é tão estranho para mim. Nem mesmo sei do que você está falando”. Eu insisto com você – até mesmo apelo – não diga que não tem a capacidade de sentir a beleza do conhecimento de Deus na Bíblia. Provérbios 22.17 é a Palavra de Deus para você. “*Aplica o coração!*”

Concluo, portanto, que devemos sempre perguntar, quando lemos a Bíblia: “Que tipo de resposta emocional este autor quer que seus leitores tenham para com a verdade que ele está apresentando?” A Palavra de Deus é honrada não somente por ser *entendida* corretamente, mas também por ser *sentida* corretamente. Uma resposta indiferente do coração à verdade gloriosa é uma resposta deficiente à Bíblia. É uma falha em *assimilar o que o autor tencionava comunicar*.

Estou sendo mudado por este significado?

À medida que nos aproximamos do final deste livro, será bom lembrar-nos do quadro geral. Propus na parte 1 que o alvo supremo de ler a Bíblia é que a dignidade e a beleza infinitas de Deus sejam exaltadas através da adoração fervorosa e eterna da noiva de Cristo, comprada por sangue, formada de pessoas procedentes de todo

povo, língua, tribo e nação. Desenvolvi algumas das implicações, ou seja, que adoração fervorosa se realizará por meio de *ver*, *desfrutar* e ser *transformado* pela glória de Deus na Escritura. Argumentei na parte 2 que estes *ver*, *desfrutar* e ser *transformado* são humanamente impossíveis. Somente uma obra sobrenatural de Deus, em e por meio da leitura, realizará isso.

Na parte 3, comentei e descrevi *o ato natural de ler a Bíblia de modo sobrenatural*. O âmago deste ato natural é uma atenção persistente alimentada por perguntas constantes e vigoroso esforço mental para respondê-las com base nos próprios textos. Essas perguntas lidaram com palavras, expressões, proposições, paradoxos e deleites. Se você é realmente um leitor atento, pode ter notado que estas perguntas nos levaram, em sequência, de *ver* a *desfrutar* e a *ser transformado*. Isto é o que consideramos agora no final deste capítulo e quase no final do livro – perguntas sobre se e como estamos sendo transformados pelo que lemos.

Você também deve ter notado que, ao tocarmos em emoções, afeições e deleites em resposta ao que lemos, entramos no território de mudança pessoal. O despertar das emoções para com Deus – temor, amor, admiração, deleite, esperança, estima, exultação – é o maior desafio que pode acontecer na alma humana. E argumentei que estas emoções são parte do que os autores da Escritura tencionavam que experimentemos quando escreveram.

No entanto, é bom deixar explícito aqui, no final, que uma parte da leitura ativa, quando lemos a *Palavra de Deus*, tem de ser o hábito de perguntar: estou sendo transformado por estes textos da maneira que os autores tencionavam que eu fosse transformado? Lembre o importante texto da Escritura sobre como a nossa transformação se realiza, 2 Coríntios 3.18:

Todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito.

Há muitas maneiras pelas quais a Bíblia descreve o processo de nos tornarmos santos como Deus é santo. Há muitas maneiras bíblicas de descrever como os motivos para santidade operam. No entanto, este versículo de 2 Coríntios é fundamental a todas elas: “*Contemplando... a glória do Senhor, somos transformados*”. Contemplar é a essência. Ver. Não qualquer ver. Mas o ver que

procede da remoção do véu de cegueira pecaminosa (2 Co 3.14-17). O ver que contempla a glória de Deus na face de Cristo como ela realmente é (2 Co 4.6). O ver que conhece e sente intuitivamente o infinito valor e beleza da glória de Deus. Portanto, um ver que é *inseparável de desfrutar*. E este ver e desfrutar o valor e a beleza de Deus, acima de todos os outros prazeres, é o que nos muda de maneira profunda e duradoura – “de glória em glória”. E este brilho de glória à semelhança de Cristo resplandece, por sua vez, como uma luz num lugar escuro, “para que [outros] vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está no céu” (Mt 5.16; 1 Pe 2.12).

Portanto, quando lemos a Bíblia, devemos sempre perguntar: *estou sendo mudado de uma maneira que se conforma ao que este autor tencionava comunicar?* Talvez, mais do que todas as outras perguntas que temos de fazer quando lemos, esta nos prostrará em oração pela obra sobrenatural de Deus. E, sem dúvida, é assim que toda hora gasta na leitura da Bíblia deveria começar e terminar.

1 O apóstolo Pedro afirmou que algumas coisas na Escritura são “difíceis de entender” (2 Pe 3.16). John Owen expressou este fato à luz das intenções mais amplas de Deus: “Há na Escritura... algumas coisas que são ‘difíceis de ser interpretadas’; não por causa da natureza das coisas reveladas, e sim por causa da maneira da revelação. Essas coisas são muitas alegorias, parábolas, histórias místicas, alusões, profecias e predições não cumpridas, referências aos costumes da época, pessoas e lugares, computação do tempo, genealogias, o significado de algumas palavras raras ou usadas apenas uma vez na Escritura, os nomes de vários pássaros e animais desconhecidos para nós... O que foi anunciado em algum lugar, se era importante sabermos e crermos, até ao fim da revelação divina, está manifestado e claramente declarado em algum outro lugar ou lugares; para que digamos disso o que os discípulos disseram ao nosso Salvador: ‘Agora é que falas claramente e não empregas nenhuma figura’. Não pode haver nenhuma instância de qualquer lugar ou passagem obscura na Escritura, sobre a qual um homem possa supor ou conjecturar racionalmente que há qualquer verdade doutrinária que exige nossa obediência contida nela, que não seja

explicada em outra passagem... Algumas coisas estão apresentadas na Escritura com o propósito de que homens maus, perversos e orgulhosos tropecem e caiam nelas ou sejam mais endurecidos em sua incredulidade e obstinação”. John Owen, *The Works of John Owen*, ed. William H. Goold, vol. 4 (Edinburgh: T&T Clark, n.d.), 196-98.

² Ewald M. Plass, comp., *What Luther Says: An Anthology*, vol. 3 (St. Louis, MO: Concordia, 1959), 1, 359. Estou emprestando estes pensamentos de John Piper, *The Legacy of Sovereign Joy: God’s Triumphant Grace in the Lives of Augustine, Luther, and Calvin* (Wheaton, IL: Crossway, 2000).

³ Plass, *What Luther Says*, 1, 360.

⁴ Ibid.

⁵ E. G. Rupp e Benjamin Drewery, eds., *Martin Luther: Documents of Modern History* (New York: St. Martin Press, 1970), 72-73.

Disse-me o SENHOR : Viste bem, porque eu velo sobre a minha
palavra para a cumprir.
JEREMIAS 1.12

CONCLUSÃO

Minha oração é que nosso grande e misericordioso Deus use este livro imperfeito para levar muitos às glórias de seu livro perfeito, a Bíblia. Você pode até perguntar como um livro escrito durante vários séculos, com diferentes tipos de literatura, por muitos autores, pode ser chamado *perfeito*. Às vezes, quando o lemos, podemos desejar que tivesse sido escrito de maneira diferente, de acordo com nossas preferências, com mais disto e menos daquilo.

Entretanto, pare e pense como Deus planejou que seu livro fosse o livro de todas as pessoas do mundo e não apenas nosso. Ele queria que a Bíblia fosse entendida e vivida em toda cultura e todo grupo étnico do mundo, durante todas as épocas da história. Se temos nossa preferência quanto ao tipo de literatura na Bíblia que é mais proveitosa para nós, pense como uma tribo a mais de 15.000 km e a mais de dez séculos de distância de nós poderia ter preferências e necessidades diferentes. Será que Deus sabia exatamente o que estava fazendo quando inspirou todos estes diferentes autores e escritos que temos neste único livro inspirado? Isso é o que eu creio.

Permitamos que John Owen expresse isso de maneira maravilhosa. Ele estava respondendo a algumas pessoas que, em seus dias, reclamavam que a Bíblia não era bastante sistemática em sua apresentação da verdade divina. A resposta de Owen começa com uma crítica e, depois, exulta no que Deus nos oferece gloriosamente nas Escrituras:

Deus não coloca tanto valor nos *métodos acurados* dos homens como eles podem imaginar que merecem... Sim, quando muitas vezes, como supõem, apresentam verdades na *mais estrita propriedade da expressão*, eles perdem tanto seu poder quanto sua glória. Por isso, o mundo está cheio de muitas declarações artificiais, *insípidas, sem vida e sem graça* da verdade divina nos *eruditos* e outros. É mais fácil espremermos água de uma pedra-pomes do que uma gota de refrigério espiritual desses homens.

Mas quantos milhões de almas têm recebido luz e consolação divina, adequadas à sua condição, naquelas ocorrências ocasionais da verdade

que encontram na Escritura, o que nunca teriam obtido nas disposições sábias e artificiais delas que alguns homens poderiam conjecturar!...

Na escrita e composição da santa Escritura, o Espírito de Deus respeitou os vários estados e condições da igreja. A santa Escritura não foi dada para o uso de uma única geração ou época, e sim para todas as gerações – para ser um guia na fé e na obediência, desde o começo até ao fim do mundo.. .

O objetivo principal da Escritura é de outra natureza. É produzir fé, temor, obediência e reverência a Deus na mente dos homens – torná-los santos e justos; na mente daqueles que têm em si mesmos fraquezas, tentações e inclinações para o contrário, que devem ser impedidas e subjugadas. Para este objetivo, cada verdade está disposta na Escritura como deveria estar...

Nesses vaus e aparentes baixios deste rio de Deus onde a ovelha pode vaguear, o elefante pode nadar. Tudo na Escritura é tão claro que o menor dos crentes pode entender tudo que diz respeito a seu dever ou que é necessário para sua felicidade; no entanto, nada é tão simples que o mais sábio de todos eles não tenha razão para adorar as profundezas e as

reservas da sabedoria divina na Escritura. ¹

Amém. “Cada verdade... na Escritura [está] como deveria estar.” As ovelhas podem vaguear, e os elefantes podem nadar. Cada crente pode conhecer seu dever. E os sábios podem explorar as profundezas de Deus pela eternidade.

Por isso, sim, minha oração é que muitos se voltem de meu livro para o livro de Deus, com novo zelo por atenção persistente e por leitura ativa. Desejo que este zelo seja arraigado num profundo entendimento bíblico do glorioso chamado para seguirmos *o ato natural de ler a Bíblia de modo sobrenatural*. Deus realizou um ato sobrenatural por inspirar linguagem natural. Nós realizamos o milagre, em reverso, quando confiamos em Deus quanto a ajuda sobrenatural no ato natural de lermos. Ajudá-lo a experimentar este encontro sobrenatural com a Palavra de Deus foi o alvo secundário deste livro .

A razão para este alvo secundário é que o alvo supremo de Deus depende dele. Deus fez do ato natural de ler a Bíblia de modo sobrenatural o meio indispensável de atingirmos o alvo supremo do universo. Este foi o argumento da parte 1. O alvo supremo de ler a Bíblia é que a dignidade e a beleza infinitas de Deus sejam exaltadas através da adoração fervorosa e eterna da noiva de Cristo, comprada por sangue, formada de pessoas procedentes de todo

povo, língua, tribo e nação. A Bíblia não é eventual, periférica ou opcional no propósito supremo de Deus para a história de redenção. É essencial. É necessária. Se ela não realiza seu desígnio, então, o supremo propósito de Deus falhará.

Mas os propósitos de Deus não falharão. Ele não estabeleceu sua Palavra para flutuar sem rumo no mar do capricho humano. Em vez disso, como ele disse por meio do profeta Jeremias: “Eu velo sobre a minha palavra para a cumprir” (Jr 1.12). Deus não vela por sua Palavra para ver se ela se tornará realidade. Ele vela por sua Palavra para que ela se torne realidade. Portanto, não há dúvida sobre o resultado.

Eu sou Deus, e não há outro, eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim; que desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade (Is 46.9-10).

O propósito de Deus para a Bíblia não pode falhar. E esse propósito é *revelar* a dignidade e a beleza infinitas de Deus como a excelência e o valor supremos no universo; abrir os olhos de seu povo para *verem* essa glória nas Escrituras, para que *desfrutemos* a excelência de Deus acima de todos os tesouros criados e, por contemplarmos a Deus e sermos satisfeitos nele, sejamos *transformados* de glória em glória, até que a noiva de Cristo – a família de Deus em todos os séculos e culturas – esteja completa em número e beleza para a adoração fervorosa de Deus, para sempre e sempre.

Deus comprou e garantiu esta grande salvação por meio do Filho de Deus encarnado, que viveu uma vida perfeita, morreu em lugar de pecadores e ressuscitou dos mortos para governar o mundo. Para manter e realizar este grande plano de salvação, Deus inspirou e preservou as Escrituras cristãs. E agora está realizando este plano, à medida que milhões de pessoas seguem *o ato natural de ler a Bíblia de modo sobrenatural*. Convido você a unir-se a nós. Este é o único caminho para sua vida ser de serviço duradouro para o mundo, sua obra manifestar a glória de Deus e sua alma ser totalmente satisfeita para sempre.

¹ John Owen, The Works of John Owen, ed. William H. Goold, vol. 4 (Edinburgh: T&T Clark, n.d.), 189-93.

Apêndice

ARQUEAMENTO

No capítulo 26, sugeri que Biblearc.com é o melhor lugar para aprender e praticar o método de análise textual que chamamos “arqueamento”. O Bethlehem College & Seminary mantém este website como um ministério para encorajar, explicar e facilitar o tipo de leitura da Bíblia que recomendei neste livro. Tudo que apresentamos em seguida é explicado mais completamente e ilustrado interativamente, com vídeos, em Biblearc.com.

Os benefícios do arqueamento

Estou incluindo um resumo do processo de arqueamento para que você possa ter uma fonte imediata quanto ao que precisa fazer, se não tem acesso a computador. Mencionei no capítulo 26 que precisamos de duas coisas para seguir um argumento desenvolvido por um autor bíblico. Primeiramente, precisamos saber os tipos de relações, com alguns nomes descritivos, que podem existir entre as proposições, para que possamos reconhecê-las e falar sobre elas.

Em segundo, precisamos de algum tipo de esquema para representar visualmente a linha de pensamento emergente do autor, de modo que, à medida que sua complexidade aumenta, possamos lembrar e ver rapidamente o ponto principal do texto e como todas as outras partes explicam-no e apoiam-no. “Ponto principal” não significa a realidade mais importante no parágrafo. Significa o ponto que tudo mais apoia, mas ele mesmo não apoia coisa alguma naquela unidade. Isto pode não ser a realidade mais importante.

Por exemplo, eu posso dizer: “Levei minha Bíblia para a escola, porque ela é a Palavra de Deus”. Temos duas proposições: “Levei minha Bíblia para a escola” e “ela é a Palavra de Deus”. Qual é a realidade mais importante nestas duas proposições? Evidentemente,

a afirmação de que a Bíblia é a Palavra de Deus é muito mais importante do que o fato de que levei minha Bíblia para a escola. Mas qual é o ponto principal? O ponto principal é: “Levei minha Bíblia para a escola”. Por quê? Porque é *apoiada* pela oração-razão: “Porque ela é a Palavra de Deus”.

Isto é frequente na Escritura – as razões, as causas ou os fundamentos para as afirmações se referem a realidades maiores do que as afirmações que elas apoiam. Não há desrespeito implícito em dizer que a realidade maior está apoiando uma afirmação menor – assim como não há desrespeito num valioso pedestal antigo que você usou como lugar para colocar seu chá ao servir convidados. Em valor, o chá não tem comparação com o pedestal. Mas o pedestal está apoiando o chá .

Dois grandes grupos de relações entre proposições

Portanto, uma unidade de texto bíblico tem um “ponto principal”, e o restante das proposições na unidade são coordenados com o ponto principal ou umas com as outras ou são subordinadas ao ponto principal e, possivelmente, umas às outras. Relações coordenadas não são vistas comumente como argumentando ou explicando umas às outras. Cada uma delas faz sua própria contribuição, mas sem relação explanatória ou argumentativa com as outras.

Entretanto, nas relações subordinadas, as proposições *explicam* e *argumentam* . Chamamos isso, geralmente, de “apoio”. Logo, uma proposição pode apoiar outra por explicá-la ou por argumentar a seu favor, de alguma maneira. Quando eu ilustrar os tipos de relações que existem em cada um destes grupos, darei os nomes das relações e as abreviações que uso para designá-las, quando traço os “arcos” que representam as proposições.

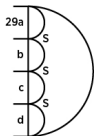
Relações coordenadas (proposições que não apoiam)

Serie

Definição : cada proposição faz uma contribuição independente para um todo.

Conjunções : e, além disso, além do mais, nem, etc.

Exemplo : “O sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento, e os poderes dos céus serão abalados” (Mt 24.29; ver também Mt 7.8; Rm 12.12).



Progressão

Definição : como a série, mas cada proposição é um passo adicional em direção a um clímax.

Conjunções : e, além disso, além do mais, etc.

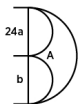
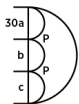
Exemplo : “E aos que destinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou” (Rm 8.30; ver também Mc 4.28; 1 Pe 1.5-7).

Alternativa

Definição : cada proposição expressa uma possibilidade diferente que surge de uma situação.

Conjunções : ou, mas, enquanto, porém, etc.

Exemplo : “Houve alguns que ficaram persuadidos pelo que ele dizia; outros, porém, continuaram incrédulos” (At 28.24; ver também Mt 11.3; Jo 10.20-21).



Relações subordinadas (proposições que apoiam)

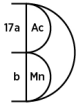
Apoio por reafirmação

AÇÃO-MANEIRA

Definição : a relação de uma afirmação de uma ação e outra afirmação que indica a maneira ou modo pela qual a ação é realizada.

Conjunções : visto que, por meio de, etc.

Exemplo : “Deus não deixou a si mesmo sem testemunho, *visto que* vos deu chuvas do céu e estações frutíferas” (At 14.17 – tradução do autor; ver também At 16.16; 17.21; Fp 2.7).

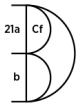


COMPARAÇÃO

Definição : a relação entre duas afirmações que expressam mais claramente uma ação, uma ideia ou um estado de coisas por mostrar ao que se assemelha.

Conjunções : assim como, como, qual, etc.

Exemplo : “Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio” (Jo 20.21; ver também 1 Co 11.1; 1 Ts 2.7).

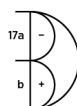


NEGATIVA-POSITIVA

Definição : a relação entre duas alternativas, das quais uma é negada para que a outra seja reforçada. É também a relação implícita em afirmações contrastantes.

Conjunções : não... mas, etc.

Exemplo : “Não vos torneis insensatos, mas procurai compreender qual a vontade do Senhor” (Ef 5.17; ver também 5.18; Hb 2.16; como exemplo de contraste, ver 1 Co 4.10: “Nós somos loucos por causa de Cristo; e vós, sábios em Cristo”).

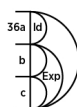


IDEIA-EXPLICAÇÃO

Definição : a relação entre uma afirmação original e uma afirmação que esclarece seu significado. A proposição esclarecedora pode definir uma única palavra da proposição anterior.

Conjunções : isto é, etc.

Exemplo : “Já duas vezes me enganou: tirou-me o direito de primogenitura e agora usurpa a bênção que era minha” (Gn 27.36; ver também 1 Co 10.4).

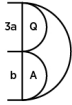


PERGUNTA-RESPOSTA

Definição : afirmação de uma pergunta e a resposta a essa pergunta.

Conjunção : ponto de interrogação ou estrutura gramatical que significa uma pergunta.

Exemplo : “Que diz a Escritura? Abraão creu em Deus...” (Rm 4.3; ver também Sl 24.3-4; Rm 6.1).



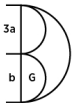
Apoio por afirmação distinta

RAZÃO (oração principal-oração causal)

Definição : a relação entre uma afirmação e o argumento ou razão para a afirmação (a proposição apoiadora ocorre em seguida).

Conjunções : pois, porque, visto que, etc.

Exemplo : “Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus” (Mt 5.3; ver também 1 Co 7.9; Fp 2.25-26).

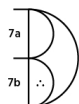


INFERÊNCIA (oração principal-oração inferencial)

Definição : a relação entre uma afirmação e o argumento ou razão para a afirmação (a proposição apoiadora precede).

Conjunções : portanto, por isso, consequentemente, etc.

Exemplo : “O fim de todas as coisas está próximo; sede, portanto, criteriosos e sóbrios a bem das vossas orações” (1 Pe 4.7; ver também Mt 23.3; Rm 6.11-12; 1 Pe 5.5b-6).

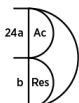


AÇÃO-RESULTADO (oração principal-oração de resultado)

Definição : a relação entre uma ação e uma consequência ou resultado que acompanha essa ação.

Conjunções : de modo que, de sorte que, que, etc.

Exemplo : “Sobreveio no mar uma grande tempestade, de sorte que o barco era varrido pelas ondas” (Mt 8.24; ver também Jo 3.16; Tg 1.11).

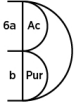


AÇÃO-PROPÓSITO (oração principal-oração propósito)

Definição : a relação entre uma ação e a outra que *tenciona* ser um resultado.

Conjunções : a fim de que, para que, que, com vistas a, etc.

Exemplo : “Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, *para* que ele, em tempo oportuno, vos exalte” (1 Pe 5.6; ver também Mc 7.9; Rm 1.11).

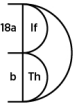


CONDICIONAL (oração principal-oração condicional)

Definição : é semelhante a Ação-Resultado, exceto que a existência da ação é somente potencial ou condicional.

Conjunções : se... então, contanto que, etc.

Exemplo : “Se sois guiados pelo Espírito, não estais sob a lei” (Gl 5.18; ver também Jo 15.14; Gl 6.1).

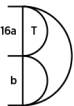


TEMPORAL (oração principal-oração temporal)

Definição : a relação entre uma proposição e a ocasião em que ela acontece.

Conjunções : quando, sempre que, depois, antes, etc.

Exemplo : “Quando jejuardes, não vos mostreis contristados” (Mt 6.16; ver também Lc 6.22; Tg 1.2).



LOCATIVA (oração principal-oração locativa)

Definição : a relação entre uma proposição e o lugar em que ela acontece ou é verdadeira.

Conjunções : onde, onde quer que, etc.

Exemplo : “Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles” (Mt 18.20; ver também Rt 1.16; 2 Co 3.17).

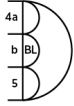


BILATERAL

Definição : uma proposição bilateral apoia duas outras proposições, uma anterior e outra posterior. (É uma decisão subjetiva que determina se a proposição apoiadora do meio pode ser arqueada primeiramente junto com a proposição seguinte, se, por exemplo, entre elas houver uma relação de Ação-Propósito; e, depois, esses dois arcos, agora unidos como um só, seriam arqueados com a primeira das três como um apoio.)

Conjunções : pois, porque, portanto, assim, etc.

Exemplo : “Alegrem-se e exultem as gentes, pois julgas os povos com equidade e guias na terra as nações. Louvem-te os povos, ó Deus” (Sl 67.4-5; ver também Rm 2.1b-2).



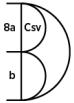
Apoio por afirmação contrária

CONCESSIVA

Definição : a relação entre uma cláusula e uma afirmação que permanece válida, *apesar de* uma afirmação contrária. (O símbolo da afirmação concessiva [Csv] identifica a afirmação que é superada para que a outra permaneça válida.)

Conjunções : ainda que, embora, contanto que, posto que, mas, etc.

Exemplo : “Embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu” (Hb 5.8; ver também 1 Co 4.15; 9.13-15).



SITUAÇÃO-RESPOSTA

Definição : a relação entre uma situação em uma cláusula e uma resposta em outra (Esta relação está incluída na categoria “Apoio por afirmação de contraste” porque, quando uma pessoa responde de uma maneira não tencionada pela situação que outro cria, a situação se comporta como uma cláusula concessiva. Sugiro que você use esta relação frugalmente em seu arquetipo de literatura não narrativa. A razão é que, em algum sentido, quase toda relação pode ser vista com uma resposta a uma situação e lhe diz muito pouco sobre a relação. Use a possível relação que comunica o máximo ao entendimento do texto.)

Conjunções : e, etc.

Exemplo : “Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo de suas asas, e vós não o quisestes!” (Mt 23.37; ver também Jo 7.21).



Uma ilustração com base em Romanos 12.1-2

Vamos ilustrar o processo de relacionar proposições umas com as outras pelo uso de Romanos 12.1-2. Primeiramente, eis a minha tradução do texto:

Portanto, eu vos rogo, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis vosso corpo a Deus como sacrifício vivo, santo e agradável, que é o vosso culto de adoração espiritual. E não vos conformeis com esta época, mas transformai-vos pela renovação de vossa mente, a fim de que aproveis qual é a vontade de Deus, ou seja, a boa, a agradável, a perfeita .

Eu vejo quatro proposições ou asseverações neste parágrafo. Note que é crucial numerar as proposições, de modo que cada uma receba um número, mesmo quando um único versículo tenha várias proposições, como o versículo 2.

12.1 Eu vos rogo irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis vosso corpo a Deus como sacrifício vivo, santo e agradável, que é o vosso culto de adoração espiritual.

12.2a *E* não vos conformeis com esta época,

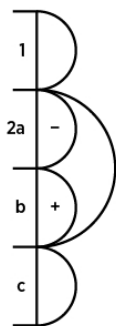
12.2b *mas* transformai-vos pela renovação de vossa mente,

12.2c *a fim de que* aproveis qual é a vontade de Deus, ou seja, a boa, a agradável, a perfeita.

Podemos simbolizar cada uma destas proposições com arcos, desta maneira:

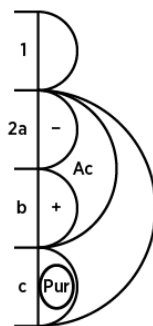


A relação mais fácil de ser vista é entre 2a e b. Elas ordenam quase a mesma coisa, uma de maneira negativa, a outra, de maneira positiva. “Não vos conformeis com esta época, mas transformai-vos.” Podemos simbolizar esta relação com um arco mais amplo, assim:



Quando o arco mais amplo é traçado, consideramos o que está incluído nele como afirmando uma coisa principal, neste caso: “Seja uma pessoa transformada, com uma nova mente e, portanto, diferente desta época!”

Em seguida, Paulo deixa claro como 2ab se relaciona com 2c, porque ele as conecta com a conjunção “a fim de que” (no grego, *eis to* + o infinitivo). Portanto, 2c é o *propósito* de 2ab, que é a *ação* ou o meio. Esta relação pode ser simbolizada assim:



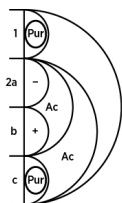
Circulei o Pro (= propósito) porque isso é primário na mente de Paulo; é o alvo, o ponto principal de Romanos 12.2. (As únicas relações em que um símbolo tem de ser circulado são Aç-Pro, Aç-Res e Sit-R). O versículo 2ab é apenas o meio necessário para realizar o propósito de 2c. Parafraseando: “Sejam transformados para que, com a mente renovada, possam pensar como Deus pensa e aprovar o que ele aprova. O pré-requisito necessário para conhecer e abraçar as coisas santas é uma mente renovada”.

Agora vem a relação final. Como o ponto principal do versículo 2 (2c) se relaciona com a proposição do versículo 1? Para responder isto, precisamos ter alguma ideia do que o versículo 1 está afirmando. Conforme minha tradução, Paulo diz: “Eu vos rogo irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis vosso corpo a

Deus como sacrifício vivo e agradável, que é o vosso culto de adoração espiritual”.

O que esta imagem de apresentar-nos a nós mesmos como um sacrifício significa é esclarecido pela passagem correspondente de Romanos 6.13 (tradução do autor): “Não apresenteis vossos membros como instrumentos de injustiça para pecarem, mas apresentai-vos a vós mesmos a Deus como vivos dentre os mortos e os vossos membros como instrumentos de justiça de Deus” (ver 6.19). Não há razão alguma para pensarmos que Paulo quer comunicar em 12.1, quando diz: “Apresenteis vosso corpo a Deus”, algo diferente do que faz em 6.13, quando diz: “Apresentai vossos membros a Deus”. Isto faz muito sentido no contexto de Romanos 12.1-2; e a mesma palavra traduzida por “apresentar” é usada em ambas as passagens. Romanos 12.1 não é um mandamento para o não convertido se submeter a Deus, e sim um mandamento para os crentes honrarem a Deus em seu corpo .

Parafraseado, Romanos 12.1 significa algo assim: “Em vista de quão misericordioso Deus tem sido para com vocês, estabeleçam como alvo, em todo o viver diário e toda a existência física de vocês, fazerem o que honra a Deus; adorem a Deus por fazer a vontade dele no corpo de vocês” (ver 1 Co 6.20). Agora estamos preparados para relacionar os versículos 1 e 2. Conhecer e aprovar a vontade de Deus (v. 2c) é um meio de fazermos a vontade de Deus em nosso corpo (v. 1). A ligação entre o versículo 1 e o versículo 2c é evidente na repetição da palavra “agradável”. *Aprovar* o que é agradável (v. 2c) é o pré-requisito de apresentar o corpo a Deus em vida diária como um sacrifício agradável (v. 1). Portanto, eu simbolizo a relação como Propósito (v. 1) para Ação [meio] (v. 2).



Desta maneira, chegamos à interpretação de Romanos 12.1-2: a mudança mais básica que tem de acontecer no crente é que ele pare de pensar como esta época pensa e, em vez disso, pense com uma mente nova, com novos sentimentos, prioridades e valores. Com

esta mente nova, ele é capaz de julgar e avaliar o que é santo, bom e agradável. Ele pode não somente avaliar essas coisas apropriadamente em sua mente nova, mas também aprová-las e se deleitar nelas. Isto leva necessariamente a uma vida física entregue a Deus, para cumprir seus propósitos. As realizações diárias do corpo se tornam atos de adoração, porque demonstram o grande valor que atribuímos à misericórdia de Deus. Por meio disto, cumpre-se o mandamento de nosso Senhor de que devemos deixar as nossas luzes brilharem, para que os homens vejam nossas boas obras e glorifiquem o nosso Pai, que está no céu.

Observe a estrutura do arqueamento final. Há agora um arco sobre o todo, e isso significa que obtivemos um vislumbre da principal tese desta unidade. Sob este único arco, há dois arcos relacionados como ação-propósito. Sob o mais amplo destes, há outros dois arcos relacionados como ação-propósito. Sob o mais amplo destes, há dois arcos relacionados como negativo-positivo. Em outras palavras, os arcos menores são agrupados gradualmente em unidades mais amplas que, depois, são relacionadas a outras unidades, até que haja um único arco sobre o todo. Podemos, então, ver como as proposições menores funcionam para ajudar a comunicar o ponto principal. Não podemos determinar de antemão que unidades devemos arquear juntas primeiramente. Isto procede de prática direcionada.

Problemas especiais em achar as proposições

Antes de podermos fazer qualquer arqueamento, precisamos dividir um texto em suas proposições significativas. Nem sempre isto é fácil, visto que uma sentença pode ter várias proposições e que proposições podem ser ocultadas em diferentes tipos de frases. Discutimos anteriormente a natureza das proposições e definimos uma proposição como uma afirmação (que tem um sujeito e um predicado).

É claro que isto está simplificado demais. A linguagem pode ser muito complexa, e os escritores podem fazer afirmações em muitas maneiras diferentes, que podem não parecer com a afirmação padrão: “Jesus chorou”. Nestes pontos, uma sensibilidade aguçada é necessária, e, às vezes, proficiente para com a intenção do autor,

para dizer se determinada construção gramatical deve ser interpretada como uma proposição. Não há regras rígidas para fazermos estas decisões. Há apenas orientações gerais. Note os exemplos seguintes.

Perguntas

Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante? De modo nenhum! Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos? (Rm 6.1-2)

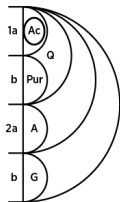
O princípio que devemos seguir em lidar com perguntas é que, ao ser dada uma resposta, deixemos a pergunta e a resposta ficarem como proposições separadas e as relacionemos como P-R. Juntas, elas podem fazer uma afirmação, geralmente achada na resposta. Em Romanos 6.1-2, a primeira pergunta é respondida com “De modo nenhum!” A segunda pergunta não é respondida. Quando perguntas não são respondidas, o autor está afirmando indiretamente alguma coisa. Ele espera que nós mesmos formulemos a resposta de uma maneira que manifeste sabermos que ele está afirmando algo. Portanto, devemos sempre reafirmar estas perguntas como afirmações indicativas. A pergunta “Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos?” está realmente afirmando que é impensável para nós, que morremos para o pecado, continuarmos vivendo no pecado. A relação entre o primeiro conjunto de pergunta-resposta e a segunda pergunta se torna evidente. A segunda é a base (B) para a primeira. E esquematizamos as proposições desta maneira :

1a Permaneceremos no pecado

b *para que* seja a graça mais abundante?

2a *Resposta:* De modo nenhum!

b *A razão é que* nós os que morremos para o pecado não podemos continuar vivendo no pecado.



Note: a primeira pergunta é realmente duas proposições; e cada uma delas tem seu próprio sujeito e seu próprio predicado. 1a se

relaciona a 1b como ação e propósito; ou seja, 1b é o propósito de 1a.

Orações relativas

A oração relativa começa usualmente com *que*, *quem* ou *o qual*. Funciona geralmente para definir alguma pessoa ou coisa na sentença. Portanto, como modificador, uma oração relativa não é interpretada como uma proposição distinta, embora tenha um sujeito e um predicado. (Observe como a oração relativa foi considerada lá atrás, em Romanos 12.1).

Por exemplo, observe em Romanos 6.2 a proposição “Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos?” Dentro desta proposição, há uma oração relativa: “os que para ele morremos”. Seu predicado é “para ele morremos”. Seu sujeito é “os que”. A função desta oração relativa é modificar “nós”, o sujeito da oração principal. Portanto, não lhe deu o status de proposição separada.

Mas, quando paramos para considerar a lógica de Romanos 6.2b, torna-se evidente que esta oração relativa poderia receber um status de proposição separada. Paulo está realmente dizendo: *visto que* morremos para o pecado, o *resultado* é que não podemos continuar vivendo no pecado. No aspecto lógico, isso significa que a oração relativa está funcionando como a causa de nossa descontinuidade no pecado. Se resolvêssemos esquematizar as proposições desta maneira, elas ficariam assim:

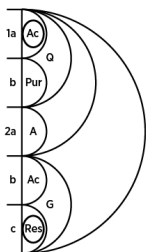
1a Permaneceremos no pecado

b *para que* seja a graça mais abundante?

2a *Resposta*: De modo nenhum!

b A razão é que morremos para o pecado

c *com o resultado de que* não podemos continuar vivendo no pecado



A diferença entre este arqueamento e o primeiro que fizemos de Romanos 6.1-2 é que este é mais detalhado. Ambos são corretos. Em última análise, você deve decidir se uma oração relativa é tão crucial que exija sua própria proposição. Um exemplo de uma oração relativa que sempre deve receber seu status como proposição está em João 1.12-13: “Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome; *os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus*”. Neste versículo, o meio de tornar-se filho de Deus é apresentado numa oração relativa: “os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus”. Isto é crucial ao argumento e deve ser arqueado como uma proposição distinta.

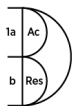
Observe: aquilo que Romanos 6.1-2 está dizendo no versículo 2a é “Não continuem pecando” (imperativo). Este imperativo é apoiado pelo indicativo em 2c: “Vocês não podem continuar pecando”, que, por sua vez, é apoiado por 2b: “Vocês morreram para o pecado”. Todo o alvo do arqueamento é achar a coisa principal que cada unidade literária está dizendo e descobrir como o resto da unidade funciona para apoiar ou desenvolver essa coisa principal.

Orações participiais

Uma maneira comum de fazer uma afirmação (em especial, no Novo Testamento grego) é pelo uso de um particípio. Um exemplo disto é Romanos 5.1: “Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo”. “Justificados” é uma oração participial. Nós a chamamos oração porque, embora não tenha um sujeito expresso, ela faz uma afirmação. Você pode expressá-la como uma afirmação: “Nós fomos justificados pela fé”. Então, cabe a você, o intérprete, descobrir como esta afirmação está relacionada com a outra afirmação de Romanos 5.1: “Temos paz com Deus”. Eu sugiro a seguinte relação:

5.1a *Visto que* fomos justificados pela fé

1b *o resultado é que* temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo

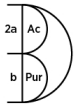


Infinitivos

Às vezes, infinitivos, com seus objetos e modificadores, funcionam como proposições. Por exemplo, João 14.2: “Vou preparar-vos lugar”. Aqui as palavras “preparar-vos” poderiam ser parafraseadas como “*a fim de que* eu prepare um lugar para vocês”. Este infinitivo, com seu objeto, faz uma afirmação sobre a ida de Cristo. Mostra o propósito. Por isso, podemos esquematizar as proposições assim:

14.2a Vou

2b *a fim de que* eu prepare um lugar para vocês.



Observe: nem todos os infinitivos fazem afirmações cruciais e distintas como este. Portanto, nem todos receberão o status de proposições separadas. Mas fique atento em relação àqueles que afirmam realmente algo crucial.

Você achará frequentemente problemas peculiares em tentar determinar as proposições de um texto. Mas espero que estes poucos exemplos lhe deem uma ideia do que está envolvido. É um trabalho extremamente recompensador, porque na labuta para desembaraçar a lógica de uma passagem desta maneira, seu significado se torna cada vez mais claro.

AGRADECIMENTOS

O tipo de gratidão que uma pessoa sente aos 70 anos não é totalmente o mesmo que sente aos 40 anos. É mais óbvio agora que cada minuto da vida é um dom. Cada momento sem dor é um dom. Cada recordação de alguma coisa lida ou ponderada, mais um ano de emprego proveitoso, energia renovada a cada dia, amigos que ainda não morreram nem se mudaram, ouvir a campainha, ver palavras numa página, mais um outubro espetacular das árvores de Minneapolis, bem no lado de fora de minha janela – todos são dons.

É claro que sempre foram dons. Entretanto, quanto mais perto estamos de dizer adeus a um amigo, tanto mais precioso ele parece. Não me entenda errado. Meus pensamentos são orientados para o futuro. Ainda não estou morto. De fato, aproximar-me do fim me faz sentir mais vivo, e não menos. Isso talvez se deva ao aroma do céu que sopra neste mundo. Pois o céu é um lugar de vida. Ou talvez se deva à adrenalina da urgência, porque temos menos e menos tempo para fazer mais e mais coisas.

Em qualquer caso, sou grato por todos os dias e todos os dons. Amo estar vivo. Amo escrever. Algumas coisas você acha que nasceu para fazê-las. Suponho que foi isso que Eric Liddell quis dizer em suas palavras: “Deus me fez veloz. E, quando corro, sinto o seu prazer”. Não sou veloz. De fato, a lista de competências que não tenho é dolorosamente longa. Escrever não diz respeito a ser grande. Diz respeito a fazer algo. Escrever é minha carpintaria, minha alvenaria, minha culinária, meu pintar, meu esculpir, meu entalhar, minha jardinagem, meu tricotar, meu crochê e meu bordar, meu colecionar moedas.

Escrever diz respeito à alegria de criar – como Dorothy Sayers dizia – de compartilhar “a Mente do Criador”. Que coisa maravilhosa: exaltar o Criador por fazer como o Criador! Por isso, sou grato pelo chamado, pela liberdade e pela pressão para escrever.

Sou grato pelo ministério Desiring God, onde trabalho de tempo integral e onde pessoas esperam que eu escreva. Elas me pagam para escrever. E esperam que eu escreva o que é verdadeiro e belo. E me sustentam para isso.

Que dom! Toda a equipe é preciosa para mim. E David Mathis, editor-executivo, se destaca, porque lê tudo que escrevo, e suas sugestões o aprimoram. Agradeço a Deus pela liderança de David sobre uma valiosa equipe de escritores no Desiring God – Jon Bloom, Tony Reinke e Marshall Segal. Como alguém não pode escrever com alegria quando está rodeado de tais pensadores e escritores?

Em um sentido, publicar é secundário à minha atividade de escrever. Se ninguém quisesse ler o que escrevo, eu ainda escreveria, porque é assim que vejo as coisas e como experimento a realidade. É assim que aprendo. Mas o fato é que Deus me abençoou com uma maravilhosa parceria com a Crossway. Amo a visão deles, que têm se mostrado dispostos a publicar meus livros. Isto é uma dádiva para mim. É mais do que um arranjo comercial. É uma camaradagem em Cristo e sua causa mundial de glorificar o Pai.

No lar, os filhos cresceram e seguiram seus caminhos. Ficamos somente Noël e eu (e o cachorro). E isso deixa apenas Noël a ser celebrada neste parágrafo. E que bênção ela tem sido! Ela tem me apoiado neste chamado para escrever, desde o começo. Ela mesma é uma boa escritora. Está trabalhando numa biografia de um missionário que serviu ao Senhor na China. Deus tem sido bom para comigo em me dar tão admirável esposa. Não posso imaginar o que a vida teria sido sem Noël. Disse-lhe outro dia: “Sou realmente feliz pelo fato de que você está aqui para se encontrar comigo no final do dia”.

Sem dúvida, acima de todos estes dons, está o Doador. Agradeço a Deus por Jesus, por me amar nele, por me dar seu Espírito e cobrir todos os meus pecados. Noël e eu olhamos para ele e dizemos:

O Senhor, nosso Deus, nossa força será,
E na terra nos concederá vida tão longa
Quanto lhe aprouver, e fará nossos pés,
Como cervo montês, subirem e fixarem

A vereda estreita para homem e mulher
Que íngreme se eleva e à vida conduz.



O Ministério Fiel visa apoiar a igreja de Deus, fornecendo conteúdo fiel às Escrituras através de conferências, cursos teológicos, literatura, ministério Adote um Pastor e conteúdo online gratuito.

Disponibilizamos em nosso site centenas de recursos, como vídeos de pregações e conferências, artigos, e-books, audiolivros, blog e muito mais. Lá também é possível assinar nosso informativo e se tornar parte da comunidade Fiel, recebendo acesso a esses e outros materiais, além de promoções exclusivas.

Visite nosso site

www.ministeriofiel.com.br